ALMANAQUE
D'O TICO-TICO
1955
Miguel H

"ARTE DE BORDAR"

UTEIS E INDISPENSAVEIS AO LAR

"O LAR, A MULHER E A CRIANÇA"

ÁLBUM N.º 239

O Trio que representa a vida feliz... com todas as peças que se fazem para uso pessoal e para o arranjo doméstico! Um mundo formidável de modêlos encantadores para O LAR, A MULHER E A CRIANÇA.

PREÇO CR$ 30,00

"O FILÉ"

ÁLBUM N.º 2

OS mais lindos motivos para centro de mesa, adôrno de colchas, barras para toalhas de jantar, toalhas para altar, paninhos, panos para móveis, podendo os modêlos ser executados também em crochê.

PREÇO CR$ 15,00

"RISCOS PARA BORDAR"

ÁLBUM N.º 236

COMO é possivel reunir tanta coisa útil, atraente e bonita. Modêlos pessoais e para o lar, apresentados em dimenções para execução. Um álbum que as mulheres não podem e não devem dispensar!

PREÇO CR$ 30,00

"CAMA E MESA"

ÁLBUM N.º 242

OS mais encantadores e distintos modêlos, para a senhora demonstrar seu senso de dona de casa e de espôsa caprichosa no arranjo do lar, estão nas páginas de "Cama e Mesa", álbum repleto de sugestões notáveis.

PREÇO CR$ 30,00

"A LINGERIE"

ÁLBUM Nº.249

MODÊLOS que se ajustam, flexivelmente, à plastica feminina, são apresentados nas páginas dêste finissimo álbum. Corte, costura e bordados primorosos duma elegância muito distinta!

PREÇO CR$ 30,00

"ENXOVAL DO BEBÊ"

ÁLBUM N.º 245

FAÇA, a senhora mesma, as adoráveis obras-primas que envolverão seu amado filhinho! Tudo quanto é confôrto e bem-estar em roupinhas, a senhora encontra no "Enxoval do Bebê" — um sonho côr de rosa...

PREÇO CR$ 30,00

"DECORAÇÕES, ARRANJOS E UTILIDADES PARA O LAR"

ÁLBUM N.º 232

UM dos álbuns mais querido de toda mulher — solteira ou casada! Sugestões, ensinamentos, modêlos, medidas para execução, maneiras de dispôr as coisas... Páginas que constituem a mais preciosa amiga e conselheira do belo sexo.

PREÇO CR$ 25,00

"GUIA DAS NOIVAS"

ÁLBUM N.º 235

PARA o enxoval. Para a grande e inesquecivel data. Para o seu futuro lar! Aplique as úteis sugestões, belas e originais, que lhe oferecem as páginas empolgantes de "Guia das Noivas"! Sonhos que se realizam...

PREÇO CR$ 30,00

"LENÇÓIS ARTÍSTICOS"

ÁLBUM N.º 243

OS desenhos dos riscos, de grande originalidade, são apresentados em grande fo mato, com minunciosas explicações, tornand a execução do trabalho muito fácil. Maravil de desenhos magníficos! O mais perfeito bum no gênero.

PREÇO: CR$ 30,00

TODOS estes albuns são editados pela biblioteca de "Arte de Bordar" Procure nas livrarias e jornaleiros. Faça seu pedido acompanhado da respectiva importancia, ou pelo serviço de reembolso postal. Pedidos á S. A. O MALHO - Rua Senador Dantas, 15 - 5º and. Caixa Pol. 880 Rio.

Parabens para você
nesta data feliz...
Visitando a nossa SEÇÃO FESTIVAL encontrará sugestões para as suas mesas de festas de aniversário, batisado, comunhão etc., tornando-as mais encantadoras e alegres.
Variado e lindo sortimento de enfeites, toalhas, copos, pratos e guardanapos de papel e muitas outras miudezas próprias para festivais.
MATRIZ:
RUA RAMALHO ORTIGÃO, 24
Telefone: 43-4929
Casa Mattos
ARTIGOS PARA DESENHO E PINTURA
A AMIGA NÚMERO UM DOS ESTUDANTES DO BRASIL
FILIAIS:
RUA MARIZ E BARROS, 210 — TELEFONES: — 28-0722 e 48-9228.
RUA VISCONDE DE PIRAJÁ, 84-A — (Praça General Osório) Telefone: 27-8292.
RUA VISCONDE DE PIRAJÁ, 134/136. — Telefone: 27-0450.

NÚMERO
AVULSO
5
CRUZEIROS

Estudantes de ambos os sexos encontram em suas páginas ensinamentos preciosos ao lado de narrativas amenas, passatempos, concursos e jogos atraentes.

A "REVISTA
DIFERENTE"

Inteiramente colorida, para os "Tiquinhos da gente".

Os mais engraçados heróis, em historietas escolhidas para os pequeninos que não sabem ler.

NÚMERO AVULSO 5 CRUZEIROS

ESTÁ NAS
LINDAS
PÁGINAS
de

QUE OFERECE TAMBÉM AO PROFESSORADO ÓTIMOS TEMAS E SUGESTÕES PARA ENTRETENIMENTO DOS SEUS ALUNOS

•

NÚMERO AVULSO 3 CRUZEIROS

A REVISTA
DAS MENINAS

FEITA ESPECIALMENTE
PARA ELAS!

CIRANDINHA

28 páginas de bom gôsto todas coloridas por Cr$ 5,00

Poesias, testes, pensamentos, receitas caseiras, modelos, trabalhos manuais, figurinos, passatempos, contos, charadas, etc.

Edições da S. A. "O MALHO" — Rua Senador Dantas, 15 - 5.º andar — Rio de Janeiro

SÃO SEBASTIÃO

O dia vinte de Janeiro é a festa de São Sebastião, cujo martírio é um dos mais célebres. Sebastião nasceu em Narbone no século três. Sua fé cristã o encaminhou a servir no Exército Romano para fazer aí prosélitos. Suas qualidades o fizeram em breve conhecido até na Côrte Imperial. Ali se tornou um dos favoritos do imperador Diocleciano que o nomeou chefe da primeira coorte da Guarda Pretoriana.

Sebastião continuou a propagar a fé cristã entre os soldados, um dos quais o traiu.

Trazido diante do imperador, disse-lhe Diocleciano: — "Eu te cumulei de favores, resides em meu palácio e és inimigo do imperador e dos Deuses ?"

Sebastião não fraquejou: — Tenho sempre suplicado a Jesús Cristo a vossa salvação e a conservação do Império e também tenho, todos os dias, adorado o Deus do Céu"

Esta resposta exasperou o imperador.

— "Que seja entregue aos arqueiros ! — diz êle, e que o crivem de flechas".

Assim foi feito e o corpo, crivado delas, foi abandonado, por morto, no chão ensanguentado.

Mas uma viuva cristã, Irene ou Lucilia, aproximou-se de seu corpo agonizante, pensou seus ferimentos, e lhe dispensou cuidados até que êle se curasse.

Uma vez restabelecido, Sebastião se foi postar um dia no caminho do imperador.

Diocleciano, ao passar, ficou estupefato por ver aquele que julgava morto.

— Como ! — disse êle — "És Sebastião, que eu ordenei fizessem perecer a golpes de flechas ?"

E Sebastião respondeu:

— "O Senhor me salvou, a fim de protestar, perante todo o povo, contra a injusta perseguição com que oprimes os cristãos, que são os melhores e os mais fiéis cidadãos do Império."

O TRUQUE DO PAPAI

— Bem... Agora Coruja Cega vai meditar um pouco, sôbre o destino que dará a Kid Mocinho... Tá ?

Foi, então, conduzido pela segunda vez ao suplicio, e açoitado até à morte. Era a 20 de Janeiro do ano 288. Seu corpo foi lançado no grande esgôto de Roma, "Cloaca Máxima", de onde alguns fiéis o tiraram para sepultar numa catacumba que traz seu nome.

Transportaram-no em seguida à Basilica elevada em sua honra, perto da porta Capene. Uma parte do corpo foi dada, em 828, pelo Papa Eugenio II, à Abadia de Saint Médard de Soissons.

Alguns anos depois da sua morte o papa Caius nomeou Sebastião "Defensor da Igreja".

Sebastião é invocado contra as doenças contagiosas. Ele é o Patrono da Cidade do Rio de Janeiro, que lhe comemora a festa a 20 de Janeiro, cada ano.

O Canário

OS pássaros que têm o bico em forma de cône, têm o nome de **conirostros**. O canário, que é um dêsses, pela ciência é chamado "Serinus serinus canarius".

Serinus significa sedoso, e canarius... Bem; o nome canário também tem sua explicação.

As ilhas Canárias têm êste nome não porque tivessem muitos canários e sim porque lá havia muitos cães. Já vêem vocês as voltas e reviravoltas que as palavras dão. Dêste modo o cão veio a ser o padrinho de batismo de um arquipelago, de seus habitantes e dêsse pássaro cantor, pois o canário é originário daquelas ilhas.

"Um grande casulo de sêda que canta" — disse alguém referindo-se ao canário.

A comparação é, aliás, muito bem feita, pois a côr dos canários varia tanto como a dos casulos de sêda. Desde os canários quase brancos até os quase verdes, há numerosos tons de pulmagem.

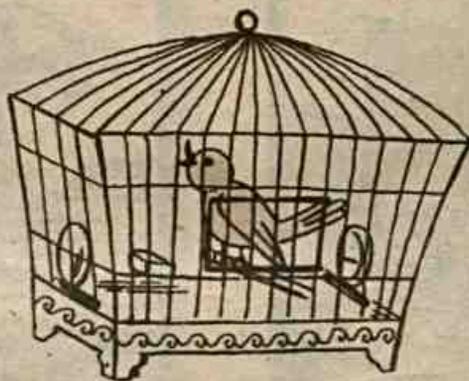
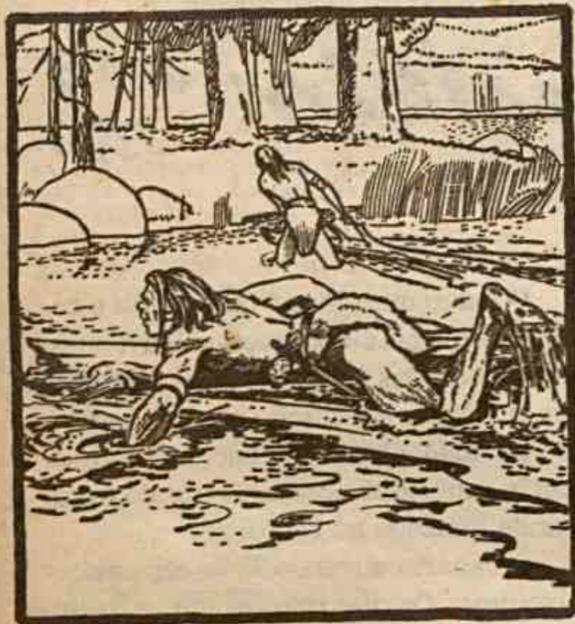
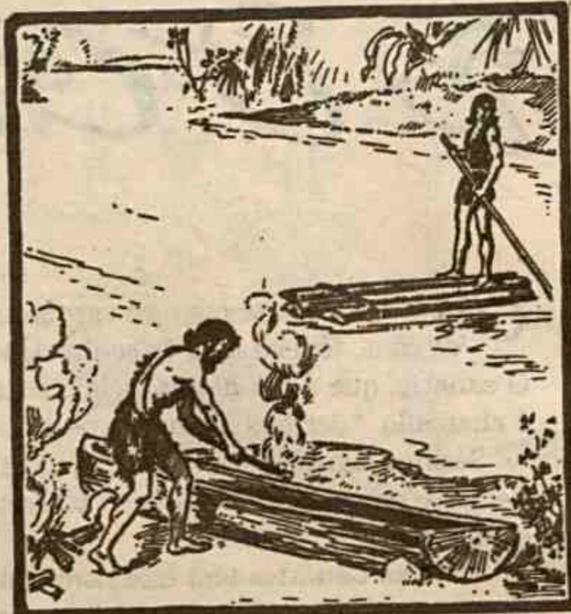
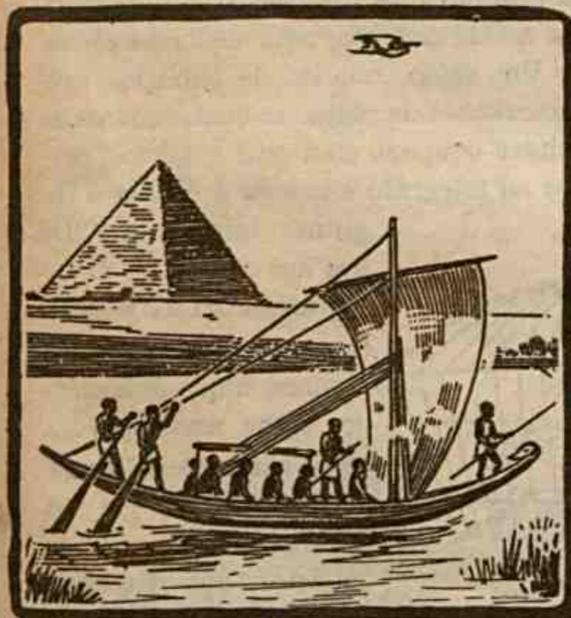
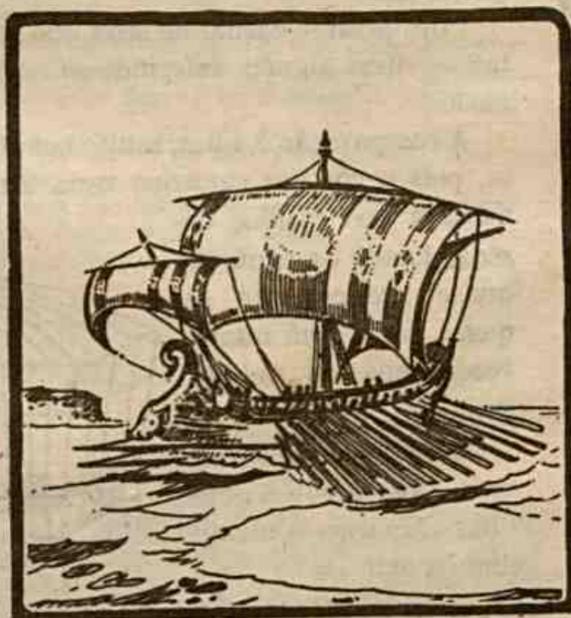
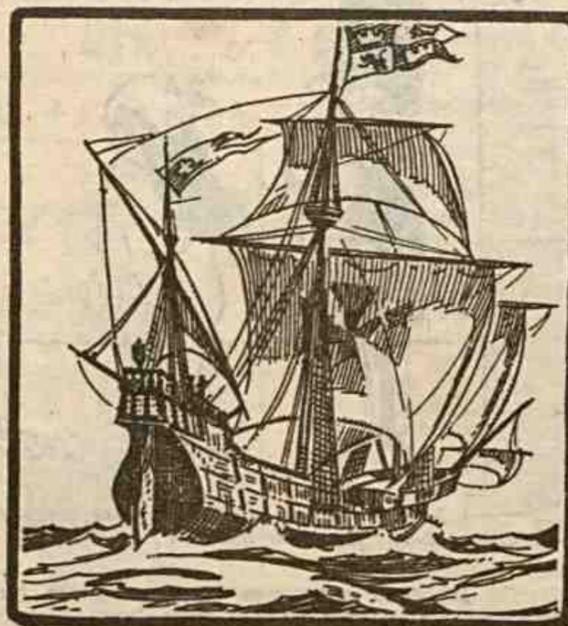
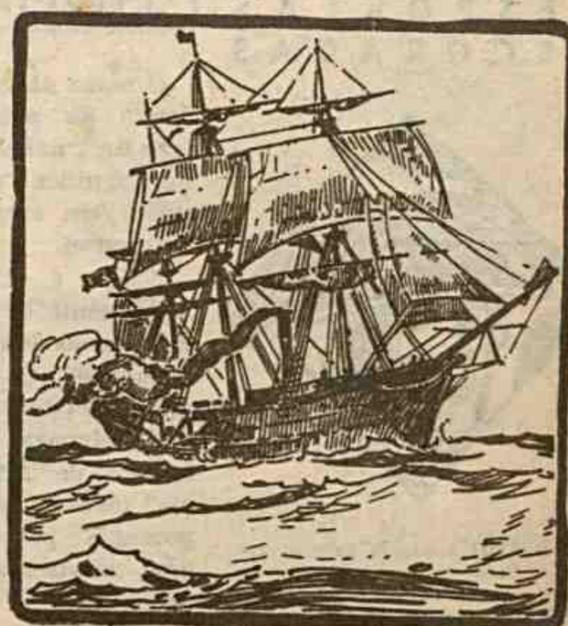
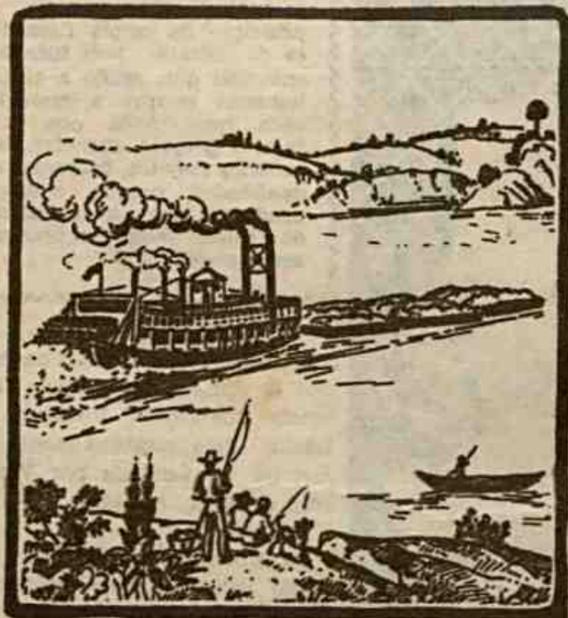
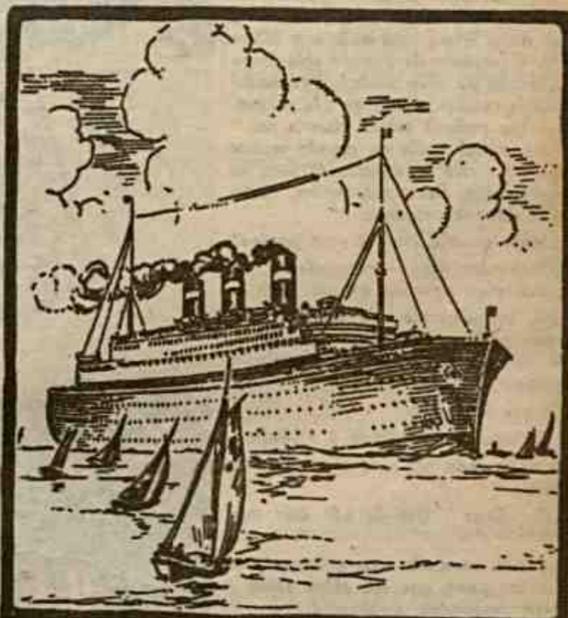
Os canários vivem livres nos bosques das ilhas Canárias e outras ilhas próximas.

Quando os espanhóis conquistaram as Canárias, o lindo pássaro foi levado à Península, onde foi muito apreciado e estimado. Os gatos têm pelos canários um apetite terrível e sempre estão espreitando as gaiolas, na esperança de uma oportunidade para devorá-los.

Contam que entre os espanhóis o canário alcançou altos preços. Houve mesmo a moda das senhoras ricas andarem com um canário pousado no dedo indicador da mão direita. Sendo um animal bom, o canário se acostuma a tudo e cria grande amizade ao seu dono.

O canário silvestre é de côr amarelo-verdosa. Os que nascem em cativeiro têm outras cores, conforme o cruzamente. Criar canários é uma arte difícil e poucos o conseguem. É preciso ser especialista em medicina, cirurgia e higiene canareira, e, principalmente, gostar dessas avesinhas. Para demonstrar como os criadores de canários dão importância a êste assunto, aqui vai uma prova.

Um sábio, criador de canários, teve necessidade de viajar e, quando mais se achava ocupado com seus negócios, correu ao telegráfo e passou à esposa o seguinte telegrama: "Dê ovo aos canários". O telegrafista olhou para êle como se encara os loucos. É que êsse criador tinha uma variedade de canários aos quais alimentava com gema de ovos cosidos e se os canários não tivessem aquele alimento, poderiam morrer...

Só pelo carinho que se dedica a uma avesinha, justifica-se mantê-la presa em uma gaiola. Mas, então, todos os carinhos lhe devem ser ministrados, sem o que, seria crime condenável, privar da liberdade uma criatura de nosso Senhor.

A HISTÓRIA DA NAVEGAÇÃO

Deve ter havido um dia, célebre entre muitos, na história do homem primitivo, em que êste descobriu que certas coisas, postas sôbre a superfície das águas, não iam para o fundo como sucedia a tantas outras. Nesse dia nasceu a navegação. Depois, observando com as aves aquáticas "remavam", com as suas patinhas membranosas, devem os nossos antepassados ter ideado a maneira de remar, utilizando as mãos espalmadas.

Na ânsia de melhorar sempre, que tem caracterizado o homem desde seu aprecimento sôbre a face da Terra, os primitivos começaram por juntar vários paus, atando-os, e surgiu a balsa, ou jangada. E já utilizava remos feitos de madeira, e varas, para se impulsionar sôbre as águas. Mais tarde lhe veio a idéia de escavar os troncos das árvores, com instrumentos ou com o fogo, e nasceram as canoas.

Foi também um dia grandioso, decerto, aquele em que os homens descobriram que podiam utilizar o vento, para impulsionar seus botes e outras embarcações. As velas primitivas eram feitas de junco, vime, palhas, atadas juntas, peles de animais, e, porteriormente, de tecido. Botes a vela, como o da ilustração acima, eram usados pelos egípcios, em tempos muito anteriores à era cristã. Já então os homens sabiam utilizar um leme, em seus barcos.

Aqui está uma galera. Embarcações dêste tipo foram as usadas pelos gregos, que, além de se servir das velas, não despresavam os remos, até porque os remos de suas embarcações eram acionados por braço escravo. Algumas galeras tinham até cem remeiros. De galera nos veio o têrmo "galé", para os condenados a trabalhos forçados. Na prôa, a galera levava uma cabeça de animal Os gregos diziam: "Nossos barcos devem ver seu caminho, através das ondas".

Mais tarde passaram os armadores — assim se chamavam os construtores de embarcações, nome conservado, aliás, até hoje — a construir barcos de grande calado e envergadura. Os mais importantes eram as caravelas. Foi em caravelas que Colombo conduziu seus homens na aventura do descobrimento do Novo Mundo. A figura nos mostra a "Santa Maria", caravela que levava a insignia de Colombo. As outras eram "Pinta" e "Niña".

Já então os homens começavam a querer mais velocidade nos mares. Queriam furtar-se ao cativeiro dos ventos, de que dependiam para suas viagens. E com a descoberta da máquina a vapor, foi construido o "Savannah", primeiro barco a vapor que atravessou o oceano. Mas, por causa das dúvidas, o "Savannah" levava ainda suas velas... Nada custava e... podiam as máquinas falhar, na hora do regresso...

Outros tipos de embarcação, com novas formas de propulsão, foram sendo idealizados. Fizeram-se barcas com pás laterais, ainda hoje usadas no rio Mississipi, do tipo dos "ferry-boats" que serviam entre Rio e Niterói. Outros tipos, tinham as rodas propulsoras na pôpa. Os "gaiolas", do Rio São Francisco, são tipos antiquados dessas embarcações, mas presstam excelente serviço à navegação fluvial. Se as canoas primitivas são ainda usadas, por que não êles também ?

Os navios modernos são verdadeiras cidades flutuantes. Têm piscina, quadras de tênis, pistas para patinação, e todos os confortos de que não se sabem privar os ricos, nem mesmo quando viajam... Conduzem milhares de pessoas e têm o comprimento de um quarteirão. O "Savannah" levou vinte e cinco dias para atravessar o Atlântico. Os navios de hoje o fazem em cinco, apenas. Posteriormente o homem aprendeu a viajar por sob os oceanos, nos submarinos. Mas... isso é já outra historia, não acham ?

AS TRÊS RESPOSTAS DECORADAS

FREDERICO o Grande tinha o costume de interrogar pessoalmente os soldados de sua célebre guarda, fazendo sempre estas perguntas características quando os interpelava:

1.ª — Que idade tens?

2.ª — Quanto tempo faz que estás ao meu serviço?

3.ª — Recebes regularmente teu sôldo e teu uniforme?

Um jovem francês conseguira entrar para a guarda real daquele soberano, porém não conhecia uma só palavra do idioma alemão. Assim mesmo fôra aceito, porque tinha ótima aparência e a altura exigida. O capitão da guarda solucionou a dificuldade do novo soldado ensinando-lhe as três respostas para as três perguntas que lhe poderia talvez fazer o rei.

Chegou afinal o dia da grande revista e então Frederico se dirigiu, de fato, ao soldado francês. Desta vez, porém, começou pela segunda pergunta:

— Desde quando estás a meu serviço?

— Vinte e um anos — *respondeu o soldado, pensando tratar-se da sua idade.*

O rei, considerando sua aparência jovem, não podia compreender que êle estivesse há tanto tempo em sua guarda, e, maravilhado, indagou:

— *E que idade tens?*

— Um ano — *respondeu o soldado.*

Frederico, cada vez mais surpreendido, exclamou:

— *Por Deus! Um de nós dois está louco!*

O soldado, tomando estas palavras pela terceira pergunta, que era sôbre sôldo e uniforme, respondeu, impassível:

— *Os dois, majestade.*

— *É a primeira vez que me chamam de louco diante de todo meu Exército — disse o rei, com cara de poucos amigos.*

O soldado, que tinha esgotado tôda a sua provisão de alemão, mantinha-se silencioso, e quando o rei, voltando-se novamente o interrogou para esclarecer o caso, confessou, em francês, que não sabia mais que aquelas frases em alemão.

Frederico soltou uma gostosa gargalhada e, enquanto se afastava, aconselhou ao soldado que aprendesse a língua que se falava em seu país.

ETIÓPIA

O nome Abissínia deriva da palavra árabe "habesch", que significa "multidão" em acepção despresível.

Etiópia é, etimologicamente, o "país das pessoas de rosto queimado". Os geógrafos da Grécia antiga designavam pelo nome de "Aithiopia" todos os países povoados por negros, na vizinhança do Egito.

A mitologia fala em Diana "aithiopia" (Diana da tez queimada).

Não lhe causa mal-estar, êsse gôrro com tanto cabelo? Deve ser quente!!

Os primeiros automóves que apareceram foram legalmente classificad : como "máquinas a vapor".

A duração média da vida humana é maior na Noruega do que no resto do mundo. Atribui-se isso ao fato de ser ali a temperatura fria e uniforme o ano todo.

NOSCE TE IPSUM

Esta expressão — conhece-te a ti mesmo — era o princípio da escola filosófica de Sócrates. Esse filósofo entendia que, sendo a alma humana sempre a mesma, cada qual devia observar bem o próprio caracter, os próprios defeitos, fraquezas e qualidades, porque, conhecendo-se bem, seria capaz de julgar com segurança seus semelhantes.

*

A mais antiga farmácia da América do Sul é a denominada "Farmácia Conceição", instalada em Recife. Esse estabelecimento comercial foi fundada por Vicente José de Brito, em 1815.

*

Na Birmânia o juramento é utilizado para quaisquer negócios e substitue escrituras, sêlos e firmas reconhecidas, garantias adotadas pela civilisação ocidental. Lá, para proceder à venda de qualquer objeto, seu proprietário faz solene juramento diante de testemunhas, colocando a lâmina do sabre sôbre a cabeça e dizendo: "Se não cumprir minha palavra, que os tigres me comam e que meu corpo não encontre descanso, nem vivo nem morto".

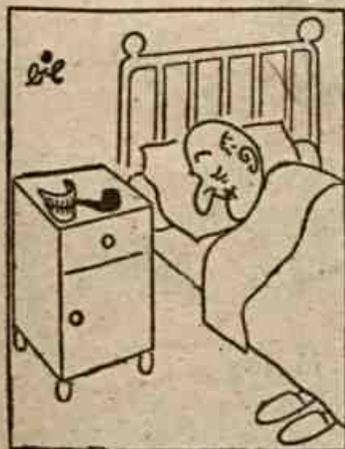
PARA VOCÊ RIR

O FILANTE

— *Posso virar a página?*

ACERTOU!

— *Que tempo cachorro!*

O uso do cachimbo...

CURIOSIDADES

A bandeira do exército dos Andes era de sarja branca e azul turquesa, e seu custo foi 40 pesos fortes. Três damas de Mendoza, Laureana Ferrari, Margarita Corvalán e Mercedes Alvarez, e a dama chilena Dolores Prat de Huisi, tiveram a seu cargo bordar o escudo dêsse pavilhão histórico.

*

Os quimbayas constituíam uma tribu indígena que habitava nas costas da atual república do Equador. Especializaram-se em trabalhar o ouro com grande perfeição fazendo vasos, colares, ícones, etc. Muitos dêsses objetos são conservados em diversos museus.

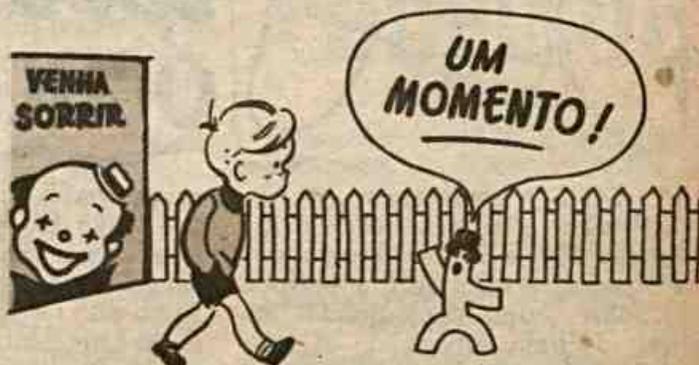
*

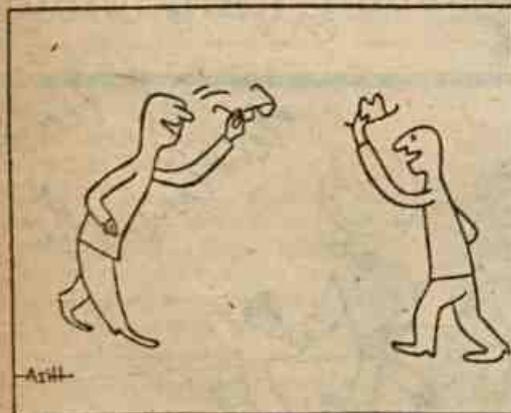
Harvey, o célebre médico inglês que descobriu a forma como é executada a circulação do sangue no organis- humano, faleceu a 8 de Junho de 1868, vaticinando descobertas que se deram pouco depois, para alívio dos males da humanidade.

*

E' espantosa a velocidade das gotas de chuva. Ao desprenderem-se das nuvens, as gotas precipitam-se com uma rapidez que vai sempre aumentando, até que o aumento da resistência oposta pelo ar é igual ao peso das gotas. A partir dêste instante, atingem a velocidade máxima.

Estando a velocidade da gota em íntima relação com o seu diâmetro, alcança a velocidade de quatro metros por segundo e uma gota de dois decímetros, alcança com o máximo de velocidade, cinco centímetros por segundo!

Está provado que o diâmetro das gotas de água varia geralmente de um décimo de milímetro a seis milímetros, o que é notável.

QUANDO começaram os homens a usar óculos? A invenção dos óculos, é dessas como a bússula, a imprensa, a pólvora — sôbre cuja paternidade há mais de uma suposição. A História dos óculos está diretamente ligada à História do cristal, e muitos séculos já tinham se passado desde que o homem começara a usar lentes com armações, para compensar algumas deficiências da vista, quando foi descoberto um sistema eficaz de fundição de vidro ótico satisfatório à indústria dos opticistas.

ENGANO

Alô! Bom dia!

A preparação do cristal comum era do conhecimento das primeiras civilizações do Oriente e do Mediterrâneo; atribui-se geralmente aos fenícios a invenção do vidro, mas há historiadores que afirmam que aquela arte não era privilégio dos engenhosos "filhos de Moloch". Sabe-se que 4.000 anos antes de Cristo conheciam os egipcios uma técnica de, em alta temperatura, transformar o cristal em massa vítrea a fim de o empregarem na manufatura de vasos, garrafas, objetos de adôrno pessoal e outros artigos de vidro. Não há, porém, notícia de que êles obtivessem a fusão do cristal para usos óticos. Sòmente no ano de 1800 da nossa éra o suíço Luís Guinand descobriu um modo de preparar grandes blocos de cristal próprio para lentes de óculos, fundindo-os (os blocos) homogeneamente. Aos trabalhos de Guinand seguiram-se os do alemão Utzschneider, em 1806, e a indústria ótica quase chegou à perfeição com as experiências de Joseph Fraunenhofer — o inventor do espectômetro.

Fraunenhofer discriminou os sete elementos químicos contidos no vidro e que eram apenas suspeitados pelos cientistas antigos: oxigenio, sódio, alumínio, silício, potássio, cálcio e chumbo.

A fundição científica do vidro tambem não deve pouco às pesquisas e trabalhos práticos de um sarcedote inglês de nome Hacout.

CONSTA que quando Marco Polo visitou a China em 1269, admirou-se ao ver os súditos de Cublai-Cã, suprindo com vidros adequados certas anomalias oculares. Parece mesmo que em época mais remota, aí pelo 5.º século a. C., os contemporâneos de Kon-fug-tse já usavam óculos, rudimentaríssimos, é de crer-se, para melhoria da visão. Mas, as toscas lentes dos chinêses estavam longe de prestar o auxílio requerido realmente pela vista, e seus óculos, ou como se chamassem, tinham principalmente caráter de amuleto.

Na Europa, fizeram os óculos sua entrada pelos fins do XIII século; e o grande sábio inglês Roger Bacon, ao falecer, em 1294, legou à civilização, entre seus muitos escritos, preciosas informações sôbre lentes de aumento. No entanto, no terreno prático, considera-se "Pai dos óculos" o italiano Salvino D'Armato. Comprova êsse assêrto uma lápide existente na igreja de Santa Maria Maior, em Florença, com a seguinte inscrição, em italiano: "Aquí jaz Salvino D'Armato, dos Armati de Florença, inventor dos óculos. Deus lhe perdoe os pecados. Faleceu em 1317." Na mesma época, viveu em Pisa, no Convento de Santa Catarina, um frade dominicano chamado Alexandre de Spina; foi também um dos primeiros construtores de óculos, conforme atestam antigas crônicas que relatam sua morte, em 1313.

Nascido na Itália, passou o invento para a Alemanha, situando-se em Nuremberg o centro ir-

GAIATO

— *És bem parecido comigo...*

radiador do fabrico de óculos; multiplicaram-se os artífices e, ao findar a Idade Média, a profissão de fazedor de óculos era tão comum como a de ferreiro ou carpinteiro, especialmente na Holanda e na Inglaterra, onde, em meados do 17.° século, se fundou a primeira Real Sociedade de fabricantes de óculos.

Não será exagêro dizer-se que a êsses modestos obreiros muito deve a Astronomia, pois os modernos instrumentos astroscópicos, de certo modo, são o resultodo das observações, casuais ou propositadas, feitas por aquêles constantes manuseadores de lentes e cristais; e, direta ou indiretamente, os atuais telescópios-gigantes prendem-se aos experimentos dêsses bem antigos fabricantes de óculos.

No pricípio do século XVII vivia na pequena cidade de Midelburg, Holanda, um polidor de lentes, Hans Lipershey. Conta-se que um dia, deixando abandonada a oficina, nela entraram seus dois filhos pequenos, um casal. Mexe aquí, mexe acolá, os dois curiosos garotos, ao acaso pegaram duas lentes: uma que, refratando as imagens, dimiuia-as; outra que as aumentava. Olhando pela janela através dessas lentes unidas, os meninos notaram que a tôrre da igreja distante se aproximava — como se a igreja se achasse à metade da distância real. Quando Lipershey chegou, as crianças descreveram-lhe o novo passatempo; Hans levou em consideração a descoberta dos filhos e tanto estudou o assunto que acabou inventando uma luneta telescópica. Lenda ou história verídica? O fato é que foi essa luneta a avó dos formidáveis instrumentos de hoje, como o de Mount-Wilson, nos Estados Unidos. Lipershey construiu a sua luneta em 1608, tendo recebido preciosas lições do matemático Adrius Metius durante a feitura. O inventor presenteou com seu óculo os Estados Gerais e logo em seguida aprontou outro aparêlho, êste binocular.

Coevo de Hans Lipershey é o ótico Zacarias Jansen, que também merece lugar de relêvo entre os primeiros construtores de telescópios. Houve mesmo, durante certo tempo, dúvidas sôbre qual dos dois tinha a primazia na invenção; sabe-se hoje, porém, com certeza, que se deve ao primeiro a autoria do invento.

A invenção de Lipershey divulgou-se na Holanda, na França e na Itália; sua descrição chegou até aos ouvidos de Galileu Galilei, naquela época em Pádua (1609). Baseado nos mesmos princípios do holandês, Galileu construiu, em um dia, um rudimentar telescópio e, ao observar com êle pela primeira vez os céus, descobriu três dos satélites de Júpiter. (1610).

De lá para cá, tanto os óculos como os mais instrumentos óticos vêm sofrendo contínuas modificações. Em vez dos pesados, duros e grossos cristais usados remotamente pelos orientais, empregam-se hodiernamente blocos de vidro, brancos ou de côres, segundo o destino e seus componentes são mais ou menos os seguintes: ácido silícico, carbonato de sódio, carbonato hidratado de potassa, carbonato de cal, óxido de chumbo, óxido de alumínio, hidratado, ácido bórico, óxido de zinco e nitrato de bário.

Há ainda os outros elementos e compostos, segredos dos fabricantes para melhorarem seus produtos, porque o interêsse das fábricas é sempre conseguir melhores lentes, para atenderem ao crescente uso de óculos.

A. D. LINO

O ENGANO DO OCULISTA

— Como que não vê nada?! Mas tem que ver! Olhe bem!! Puxa! O amigo está bem ruizinho!!

O PAI DA CIRURGIA

AMBRÓSIO PARÉ

Naquela época, em que os médicos só possuiam, revestida de frases gregas e latinas, uma ignorância extrema, Ambrósio Paré oferece quase o aspecto de um revolucionário. Os doutores em medicina desdenhavam os cirurgiões, que eram, para êles, simples "sangradores" e barbeiros, e eis que, num cúmulo de audácia, Ambrósio Paré, de humilde origem, servindo sob as ordens de um desses barbeiros, arvorava-se a entendido na matéria, e sem saber escrever em latim!

Por ter abandonado velhas rotinas e graças a uma longa experiência de sessenta anos, Paré fez importantes e decisivas descobertas e, ao passo que seus ferrenhos detratores jazem hoje esquecidos, sepultados nos seus alfarrábios latinos, e "pai da cirurgia" é nome atual, sempre citado e sempre respeitado.

Foi Ambrosio Paré quem ousou praticar a primeira desarticulação do cotovelo, e os cirurgiões modernos lhe devem a prática da ligadura das artérias, feita por êle, pela primeira vez, em pleno campo de batalha. Não podendo usar o cautério, então em voga, talvez porque lhe faltassem no momento meios materiais, Ambrósio Paré teve a idéia de ligar as artérias. E o êxito foi absoluto.

Ainda hoje é usado êsse processo de estancamento de hemorragias. Ambrósio Paré foi um lutador. Para receber o título de doutor, teve de empenhar-se em tenaz campanha. Na idade de 44 anos, após vinte anos de prática, defendeu tese. Nos relatórios da Faculdade, em Paris, lê-se a indignação que causou o seu latim, e consta que "sòmente em consideração ao rei", êle foi aceito. Foi-lhe, todavia, imposta uma condição: tinha que estudar o latim, tinha que se aperfeiçoar.

Naquela época, médico que não falasse, receitasse e escrevesse em latim, não era médico...

A posteridade ignora se Paré estudou, mesmo, o idioma de Ovídio, Cícero e Virgílio. Sabe, contudo, que seu nome é respeitado como um símbolo e acatado por todos aqueles que têm feito da cirurgia, hoje tão adiantada, sua honrosa profissão.

Ambrósio Paré foi cirurgião titular dos reis Henrique II e de seus três filhos, que se sucederam no trôno da França: Francisco II, Carlos IX e Henrique III.

NÃO ERA OUTRA TARTARUGA

CURIOSA ILUSÃO ÓTICA

Propomos ao leitor que diga, observando os pontos brancos que há nas cabeças dos pássaros, aqui ao lado, qual deles está mais perto de B: se o ponto A ou o ponto C.

Para ver como se enganou, tome o seu compasso e compare as distâncias...

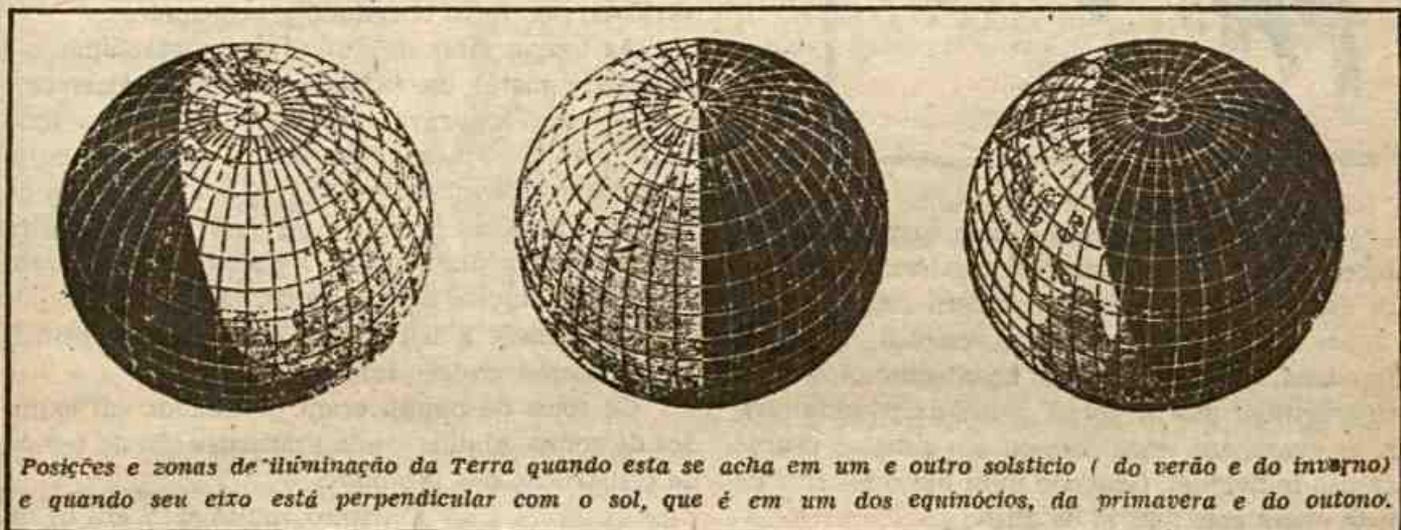
Nunca se fie nas aparências!

AS ESTAÇÕES DO ANO

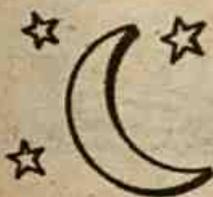
A Terra, girando, como todos sabem, em tôrno do Sol, toma, em relação a êste, diferentes posições e por isso experimenta variações de temperatura, que constituem as estações do ano.

Como êste movimento de translação da Terra se completa no decurso de um ano, durante o qual esta toma quatro posições especiais, divide-se o ano em quatro estações, que são: — Primavera, Verão, Outôno e Inverno.

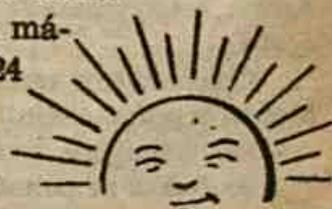
A 21 de Junho, o sol se dirige novamente para o equador, onde chega a 22 de Setembro. Durante êsses três meses o hemisfério do norte tem recebido grande quantidade de calor: é o **Verão**, estação quente.

A 22 de Setembro, dia do outro equinóxio, o Sol se dirige então para o hemisfério do Sul até chegar ao trópico de Capricórnio: é o **Outôno** para o hemisfério do norte e a **Primavera** para o nosso hemisfério.

Posições e zonas de iluminação da Terra quando esta se acha em um e outro solstício (do verão e do inverno) e quando seu eixo está perpendicular com o sol, que é em um dos equinócios, da primavera e do outono.

Se o Sol se achasse sempre sôbre o equador, isto é, se a Terra, em seu movimento anual, não tomasse diferentes posições em relação ao Sol, aconteceria que só teríamos uma única estação. Mas, como o Sul parece se achar ora no mesmo plano do equador, ora parece que se dirige para o hemisfério do norte até ao trópico de Câncer e daí voltar para o equador, e ora parece que vai do equador para o hemisfério do sul até ao trópico de Capricórnio, donde volta novamente para o equador, acontece que as diversas partes da Terra não são igualmente aquecidas pelo Sol.

A 21 de Março de cada ano o Sol está no equinóxio, isto é, no ponto em que a eclíptica corta o equador; dêsse dia em diante êle se dirige para o hemisfério do norte até que chegue ao solstício, em 21 de Junho, dia em que tem atingido o trópico de Câncer; é a **Primavera**, nesse hemisfério.

A 21 de Dezembro o Sol se torna a dirigir para o equador, onde chega a 21 de Março, dia do primeiro equinóxio; durante êsses três meses o hemisfério do norte, que tem recebido poucos raior solares, se acha frio: é o **Inverno** para êle; mas, como o nosso hemisfério tem recebido grande soma de raios solares, e se acha bastante aquecido, nós temos o **Verão**.

Cada estação do ano dura três meses.

As estações são opostas nos dois hemisférios; quando nós, americanos do Sul, temos o verão, os americanos do norte e os europeus têm o inverno e vice-versa. Os povos que habitam as regiões que se acham debaixo da linha equinoxial têm sempre os dias iguais às noites em duração. Para todos as outras regiões da Terra, são as noites e os dias desiguais. Nas zonas glaciais há dias e noites máximos que podem ir de 24 horas a seis meses, conforme a aproximação dos polos.

ENTRE os leitores dêste Almanaque muitos haverá, decerto, que não sabem quais foram os antecedentes do papel, isto é, do material em que o livro está impresso. Grande número estaria longe de supôr que, em tempos muito remotos, os nossos antepassados, para fixarem acontecimnetos, leis, ensinamentos, que a frágil memória poderia olvidar, os gravaram na rocha, ou em simples pedras para uso individual. Gravado num bloco enorme de diorite negra com 2,25 m de altura e com um perimetro de base de 1,9 m está o célebre código caldeu de Hamurábi, de que todos têm ouvido falar e que é anterior ao ano 2000 antes de Cristo.

Outro material de escrita foi o barro. O documento conhecido mais antigo foi encontrado na Caldeia. Data de 4.000 antes do nascimento de Cristo e encontra-se presentemente no Museu Britânico. Livros de barro cozido ou argila escritos em Babilônia, capital da Caldeia, mais de 2.000 anos antes da nossa era, chegaram vários até nós. Estes livros originais eram compostos de placas ou tijolos que se guardavam em potes de barro ordenados em prateleiras como os livros nas estantes.

A descoberta da mais antiga livraria que se conhece deve-se ao inglês H. Zayard. Desenterrou-a de 1849 a 1854. Pertenceu ao rei Assurbanipal, da Assíria, e compunha-se de cêrca de 3.000 placas de argila.

Omoplatas de carneiro, bocados de cerâmica, o bronze, a prata, o ouro, serviram para recolher inscrições, mensagens, memórias ou lendas.

As folhas de palmeira foram muito usadas na Índia. Os Gregos, nas assembleias do povo, inscreviam os votos em lâminas de barro. De Mahomet se diz que escreveu o Alcorão em omoplatas de carneiro.

O uso do papiro trouxe uma revolução à confecção do livro.

As folhas de papiro eram feitas de tiras muito finas do caule da planta do mesmo nome. Colocavam-se lado a lado as tiras, de forma a constituirem uma página, sobre uma mesa inclinada que se regava com água do Nilo. Em cima destas tiras lançavam-se outras formando cruz. Desta maneira se obtinha uma folha. As folhas eram em seguida prensadas e sêcas ao sol. Coladas depois várias folhas umas às outras obtinham-se fitas de comprimento variável, por vezes chegando a cem metros.

As longas fitas de papiro eram enroladas em hastes de metal ou madeira fixas nos extremos e que o leitor segurava enquanto lia. Segura uma haste com a mão esquerda, com a direita desenrolava o livro à medida que ia lendo, enrolando-o ao mesmo tempo em tôrno da vára segura por esta mão. (Convém dizer que os Egípcios escreviam em colunas da direita para a esquerda).

Terminada a leitura fazia-se voltar o princípio da obra à posição inicial.

Os rolos de papiro eram guardados em canudos de couro. Alguns ainda existentes são do tempo da construção das pirâmides.

O papiro, muito caro, era de difícil aquisição, pois o Egito, único produtor, exportava fracas quantidades. Houve necessidade, para o substituir, de recorrer a tabuinhas com escavações que se enchiam de cêra. Sobre esta escrevia-se com estiletes de ponta aguçada.

Os livros obtidos com tabuinhas enceradas tinham aspecto idêntico aos atuais. Constavam de várias tabuinhas quadradas ou retangulares presas umas às outras por cordéis ou correias passando por furos abertos nos bordos. Como as ardósias de hoje, serviam aos escolares para apontamentos. Eram muito práticas, pois o texto fàcilmente se apagava quando desnecessário. Livros de cêra ainda se fabricavam na Europa no século XIII da nossa era.

A carestia do papiro determinou o rei de Pérgamo, na Ásia Menor, a lançar mão das peles de animais, muito abundantes na região. Assim apareceu o pergaminho, material que

substituia com vantagem o frágil papiro. Na verdade o pergaminho podia dobrar-se e ser escrito em ambas as faces, o que não acontecia com o papiro. O seu uso prolongou-se por muitos séculos. No século XVIII ainda era usado em documentos, já quando o papel feito de trapos, de custo muito inferior, se generalizara.

Estava reservado ao papel bater em definitivo todos os materiais de que falámos. O seu uso vem de longa data, embora tardiamente fosse introdu-

— *Isto seria um ótimo pêso para papeis, se o papel já tivesse sido inventado!*

zido na Europa. Na China o seu uso estava generalizado no primeiro século antes da era de Cristo. Diz-se que o fabrico do papel, à base de pasta de trapos, de fibras de bambu e de cascas de árvore, foi descoberto por Tsai Lun. Revelado aos Árabes em 704 por alguns chineses feitos prisioneiros em Samarcanda, a indústria do papel depressa se espalhou por várias regiões. O seu conhecimento foi auxiliado pela expansão árabe.

A Europa o ficou devendo às invasões árabes.

O apetite das andorinhas

Conhecido ornitologista divulgou que um casal de andorinhas caça insetos durante dezesseis horas por dia. Cada ave leva aos filhos biscatos à razão de dez insetos de cada vez. Isso acontece 40 vezes por dia, o que dá 20 biscatos por hora. O consumo diário de insetos é enorme, porque um casal de andorinhas destroi nesse período 6.400 insetos para os filhos e outros tantos para si.

Se forem exatos esses algarismos, os insetos das regiões onde há andorinhas estão mal de vida...

AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO ANTIGO

PIRAMIDES DO EGITO. A primeira, pròpriamente, mede 147 metros de altura. Trabalho de Queops. Elas foram túmulos. Aliás, a palavra pirâmide significa túmulo, em grego.

JARDINS SUSPENSOS DA BABILÔNIA. A rainha era da Média, país montanhoso. Babilônia era plana. A rainha sentiu falta das montanhas de sua terra. Então, Nabucodonosor mandou fazer os jardins suspensos, para ela recordar as montanhas natais. À margem oriental do Eufrates, construiu soberbo palácio real; e, ao sul do mesmo, os jardins.

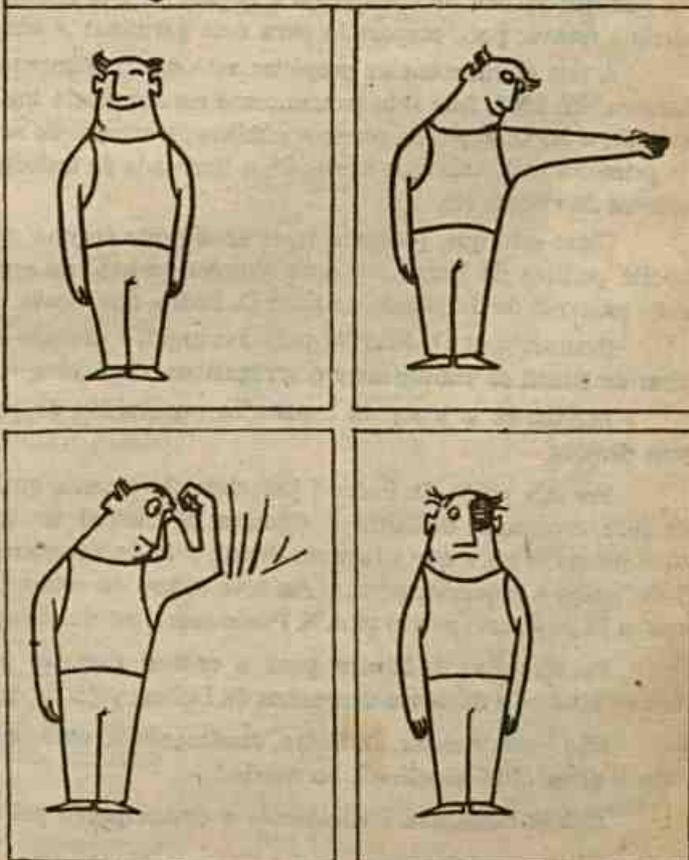
ESTÁTUA DE JÚPITER, ou de Zeus, pai dos deuses e dos homens. A estátua foi colocada num templo erguido em Olimpia, em honra do citado deus. Marfim e ouro. 18 metros de altura.

COLOSSO DE RODES. Enorme estátua de Apolo, de bronze, escarranchada no pôrto de Rodes, olhando em direção do Egito.

TEMPLO DE DIANA EM ÉFESO, cidade da Ásia Menor. Foi incendiado por Eratóstenes, que assim julgava tornar-se famoso. No templo, a estátua da deusa, toda de ouro. O templo era de 18 ms. de altura, todo de ouro e mármore branco.

TÚMULO DE MAUSOLO EM HALICARNASSO, cidade de Cária, na Ásia Menor. O rei Mausolo morreu; sua espôsa, Artemísia, ficou tão sentida que, em sua memória, mandou erguer o mais deslumbrante e rico túmulo. Daí vem o nome de mausoléu.

FAROL DE ALEXANDRIA. Erguido, por Alexandre, na ilha de Faros, perto da praia egípcia. Uma tôrre de 137 metros de altura, com trinta andares. Todo de mármore.

OLHEM SÓ QUE MUQUE!

Sete de Setembro

VINHAM de longe as tendências de emancipação política, manifestadas pelos filhos do Brasil. A colônia, reconhecendo a própria opulência e obedecendo ao inato sentimento americano, acabára por julgar intoleráveis os processos administrativos da mãe-pátria e pagára já com seu sangue generoso mais de uma tentativa de independência. O terreno estava, pois, preparado para nele germinar a semente da liberdade.

A tais circunstâncias propícias veio dar incremento notável a transferência da côrte portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808. Êste fato trouxe como consequência lógica a abertura dos portos do Brasil ao comércio das nações amigas, a organização de serviços públicos, a criação de academias, bibliotecas e bancos, o estabelecimento de tribunais de primeira instância e de apelação, a liberdade de indústrias até então coibida por decretos vexatórios, os melhoramentos de viação, etc.

Claro está que, passados treze anos neste regime, em 1821, quando D. João VI regressou para Portugal, a autonomia política do Brasil era uma simples questão de oportunidade. O próprio rei manifestou êste pressentimento em suas palavras de despedida ao filho D. Pedro, que ficava como seu lugar-tenente.

Retirando-se D. João VI para Portugal, e abrindo as Côrtes reunidas em Lisboa uma campanha tenaz para retirar ao Brasil as vantagens e prerrogativas adquiridas, era inevitável a reação.

Aceitou-se a ideia da separação no espírito do povo, e os mais atilados políticos viram que ela se devia fazer sem demora.

Por sua parte, D. Pedro I percebeu claramente qual o melhor caminho que lhe ditava o interêsse. A 9 de Janeiro de 1822, o príncipe declarou à Câmara Municipal do Rio de Janeiro que desobedecia à ordem de regresso expedida pelas Côrtes, e que ficava no Brasil; a 15 de Fevereiro embarcou para a Europa a divisão portuguesa auxiliadora; a 5 de Março a esquadra portuguesa teve ordem de voltar imediatamente para o reino. Pouco depois foi D. Pedro a Minas; a 14 de Agosto partiu para S. Paulo com o intuito de apaziguar dissensões que ali haviam surgido.

Foi ao voltar de Santos para a capital daquela província, junto ao Ipiranga, a 7 de Setembro de 1822, que recebeu os últimos e decisivos despachos de Lisboa, pejados de azedumes e de intimação.

Não havia hesitar. D. Pedro, obedecendo à convenção entabolada, arancou do chapéu o tope lusitano e pronunciou o grito: **Independência ou morte!**

Estava declarada oficialmente a emancipação política do Brasil.

CURIOSIDADES

A planta do trigo negro ou sarraceno dá flores rosadas, e seus frutos são de côr cinzento-prateada. O grão contém 5 por cento de farinha, que, misturada à do trigo branco, se emprega para preparar um pão de inferior qualidade. Geralmente o trigo sarraceno é dado como alimento ao gado e a certas aves.

Muitos nomes escocêses têm a palavra "Mac" no princípio, como, por exemplo, Mac Clure, Mac Pherson, Mac Kinley, etc. Essa palavra significa filho.

UM GRANDE SÁBIO

FOUCAULT

Nasceu Jean Bernard Léon Foucault, famoso físico francês, em Paris a 19 de Setembro de 1819, e morreu na mesma cidade a 11 de Fevereiro de 1868. Atraído pela Física, a princípio se ocupou em aperfeiçoar o invento de Daguerre, a fotografia, e depois, auxiliar numa cátedra de microscopia médica, trabalhou junto ao famoso sábio.

Todos os inventos de Foucault tiveram, acima de tudo, grande originalidade. Entre êles citaremos o regulador para o arco voltaico e a determinação experimental da velocidade da luz, modificando-se com isto algumas teorias óticas.

Essas descobertas valeram a seu autor numerosas distinções e recompensas.

Quando menino, sua saúde era muito delicada, e isto o obrigou a renunciar a jogos ao ar livre; então, revelou suas disposições para a mecânica. Numa pequena oficina improvisada em sua casa e com ferramentas quase de brinquedo, construiu barcos de diversos tipos, telégrafos óticos e um motor.

Ingressou depois na Faculdade de Medicina, mas não tardou a deixar êstes estudos, começando a ampliar seus conhecimentos em física e especialmente em ótica e mecânica. Construiu u'a máquina fotográfica, de acôrdo com o invento de Daguerre, e com ela conseguiu obter fotografias de objetos pequeníssimos.

Sua sensacional teoria, provada experimentalmente em 1850, de que a luz se propaga mais ràpidamente no ar do que na água, deu-lhe renome universal.

Um ano mais tarde realizou experiências para provar a rotação da Terra sôbre seu eixo, no interior do Patheon de Paris, onde comprovou que o pêndulo pendente da cúpula do edifício se deslocava, por causa do movimento da mesma cúpula, levada pela Terra em seu movimento de rotação.

Deve-se ainda a Foucault o aperfeiçoamento dos grandes telescópios. Realizou isto junto ao astrônomo Le Verrier, ao ser nomeado físico do Observatório de Paris.

Ideou o giroscópio, e ainda se lhe devem muitos inventos notáveis.

A GRANDE AMEAÇA

— *Vamos, pessoal! Se não eu começo a tocar!!*

KANTUTA

A kantuta, flor simbólica da Bolívia, é um arbusto que cresce em certa região do país e que resiste tanto às baixas temperaturas como aos grandes calores.

Suas fôlhas são tão pequenas que é impossivel distinguí-las a pequena distância.

As flôres são uma espécie de campânulas brancas, vermelhas e amarelas, e se agrupam em grandes cachos.

A kantuta floresce todo o ano. Os incas a tiveram como flôr de sua predileção, e foi emblema da realeza. Por isso, em muitos objetos daquela época se vê representada a kantuta.

O criador da tragédia

O dramaturgo grego Tespis nasceu em Itchia, perto de Maratona, em 580 a. C. É considerado o criador da tragédia. Modificou a fórma tradicional dos contos trágicos da época, introduzindo o recitativo. De sua obra chegaram até nós apenas fragmentos. Dos dramas que lhe foram atribuidos, muitos não eram autênticos.

Mandamentos CÍVICOS

SÃO de autoria do grande escritor patrício Coelho Neto, os dez princípios básicos de civismo que constituem o decálogo do bom brasileiro, aquele de que a Pátria só terá motivos para se orgulhar.

Maravilhosa síntese de qualidades e virtudes, os Mandamentos Cívicos devem ser decorados e seguidos por todos os bons brasileiros.

I

HONRA a Deus amando a Pátria sôbre todas as coisas por no-lo haver Êle dado por berço, com tudo o que nela existe de esplendor no céu e de beleza e fortuna na terra.

II

Considera a bandeira como a imagem viva da Pátria, prestando-lhe o culto do teu amor e servindo-a com todas as fôrças de teu coração.

III

Honra a Pátria no passado: sobre os túmulos dos heróis glorifica-a no Presente: com a virtude e dedicação, que é a fôrça da Fé.

IV

Instrue-te, para que possas andar por teus passos na vida e transmite a teus filhos a instrução que é dote que se não gasta, direito que se não perde, liberdade que se não limita.

V

Pugna pelos direitos que te confere a Lei, respeitando-a em todos os seus princípios, porque, da obediência que se lhe presta, resulta a ordem, que é a fôrça suave que mantém os homens em harmonia.

VI

Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem disciplina não pode haver equilíbrio. Quando sentires o tentador, refugia-te no trabalho, como quem se defende do demônio na fortaleza do altar.

VII

Previne-te na mocidade, economisando para a velhice, que assim prepararás de dia a lâmpada que te há de iluminar à noite.

VIII

Acolhe o hóspede com agasalho, oferecendo-lhe a terra, a água, e o fogo, sempre, porém, como senhor da casa; nem com arrogância que afronta, nem com submissão que te humilhe, mas serenamente sobranceiro.

IX

Ouve os teus, que têm interêsse no que lhes é próprio, reservando-te com os de fora. Quem sussurra segredos, é porque não pode falar alto, e as palavras cochichadas nas trevas são sempre rebuços de idéias que se não ousam manifestar ao sol.

X

Ama a terra em que nasceste e à qual reverterás na morte. O que por ela fizeres, por ti mesmo farás, que és terra e a tua memória viverá na gratidão dos que te sucederem.

A todos os seus leitores, como a tôdas as crianças do Brasil, o "Almanaque d'O TICO-TICO", que êste ano aparece em sua 48.ª edição, apresenta votos sinceros e cordiais de boas festas e de um feliz 1955, desejando que no ano novo cada um possa vêr realizadas as suas aspirações.

FAÇA ESTA MÁGICA

Arregace a manga, como fazem os mágicos de verdade. Depois, agite as mãos, movimente a bengala... com cuidado para não haver nenhum desastre.

E, segurando-a como indica a figura A, sem que os "espectadores" o percebam, é claro, deixe a *turma* de queixo caído, ao exibir a bengala aparentemente sôlta, mas apenas aparentemente, é bem de ver.

E' assim que os mágicos trabalham.

A fôrça de truques que, não sendo percebidos, causam sempre sucesso.

A VIDA DE GRANDES HOMENS

Eis a duração da vida de alguns homens notáveis: Montesquieu, 86 anos; Voltaire, 84; Vitor Hugo, 83; Corneille, 78; Luís XIV, 77; Pasteur, 73; Renan, 60; Cervantes, 69; Camilo Castelo Branco (suicida) 65; Luís XV, 64; Comte, 59; Dante, 56; Camões, 53; Descártes, 54; Napoleão, 52; Shakespeare, 52; Molière, 51; Luís XVI (guilhotinado), 39; Pascal, 39; Rousseau, 36.

Barbudo e inteligente

O PRIMEIRO CANHÃO

O primeiro canhão de campanha foi fabricado segundo os planos do rei Gustavo Adolfo, da Suécia.

Era constituido por um tubo de bronze, reforçado por cordas enceradas e por sua vez cobertas por espessa capa de couro.

Essa peça era bastante leve para acompanhar a infantaria por tôda a parte e atirava de preferência metralha.

Foi utilizado pela primeira vez em 1611 e em 1632 copiado pela Holanda e pela Alemanha; mais tarde, durante a guerra dos Sete Anos, pela França.

EDUARDO GRIEG

Eduardo tinha sete anos, quando seu professor pediu, um dia, aos alunos, durante a aula, a propósito de uma leitura, o nome de algum compositor famoso que fosse conhecido por êles. Só o jovem Grieg se levantou e nomeou Mozart. Esta resposta lhe valeu os ditos jocosos de seus condiscípulos, que o batisaram de "Mozart".

Aos nove anos êle já compunha e o grande violinista Ole Bull, tendo-o ouvido, aconselhou sua família a enviá-lo ao conservatório de Leipzig.

Aos vinte anos, como manifestasse o desejo de desposar uma prima, Mina Hagesup, sua mãe protestou:

GRIEG

— Mas tu nada possuis, para manter um lar, meu filho! — objetou ela. Apenas escreves músicas, que ninguém aprecia.

O célebre cantor Steinberg, que assistia a essa cena, tranquilisou a mãe:

— Não se aflija, senhora Grieg; Eduardo será famoso algum dia.

E Eduardo Grieg justificou plenamente a profecia de Steinberg.

Como seus amigos o censurassem — na velhice, passados os sessenta anos — de não mais compôr, êle replicou sorrindo:

— Quando Pégaso não quer avançar, é tão teimoso quanto um burro qualquer. E eu não quero dar maus exemplos, chicoteando-o, porque sou membro da "Sociedade Protetora dos Animais".

A dois de Setembro de 1907, declarava a seus parentes:

— A vida tem a aparência de um banquete. E eu já cheguei à sobremesa.

Faleceu dez dias depois.

O SANTO
QUE SE DIZIA O MAIOR PECADOR DO MUNDO

Entre os santos varões cuja memória se venera, pela obra realizada em benefício da Humanidade, ocupa lugar destacado o fundador da Ordem dos Dominicanos.

Domingos de Gusmão nasceu em 1170, em Calleruega, na velha Castela. Conta-se que sua mãe, antes de Domingos vir ao mundo, teve algumas visões que prenunciaram a santidade do filho, a magnitude de sua obra de benemerência e santidade. E, realmente, Domingos foi, como S. Francisco de Assiz, um dos maiores santos do século.

Ainda muito jovem, Domingos de Gusmão manifestou uma grande piedade. Levava verdadeira vida de asceta, jejuava continuamente, não bebia vinho — coisa usual e hábito arraigado em sua terra, mesmo nos meios mais pobres — e dormia no chão duro do quarto,

como maneira de penitenciar-se. Sua grande humildade o levava a proclamar-se "o maior pecador do mundo".

Devotado à caridade, Domingos nada queria possuir, nada desejava para si. Distribuía tudo o que tinha, com os deserdados da fortuna, no maior desapêgo aos bens materiais. Um dia, não tendo de seu sequer um único *maravedí* (moeda gótica que teve curso, por longo tempo, em Portugal e Espanha), viu chegar junto a si uma pobre mulher muito chorosa, que lhe pediu dinheiro, para resgatar o irmão, que estava prisioneiro dos mouros.

Domingos contemplou sorrindo a pobre mulher e lhe disse:

— Não tenho dinheiro, nem outra qualquer riqueza, para te dar. Mas há uma solução. Leva-me contigo. Toma-me e entrega-me aos mouros, em troca do teu irmão. Ficarei prisioneiro, de bom grado, para que êle possa ser libertado.

Atribuem-se a São Domingos numerosos milagres, notadamente a ressurreição de mortos. No curso de suas viagens, seus companheiros de peregrinação puderam notar que a chuva nunca o atingia, nunca o molhava. Certa vez, seu saco de viagem, contendo livros de orações, caiu no rio, e as águas o depuseram à margem, absolutamente sêco.

Tendo adoecido, teve uma visão. Apareceu-lhe São Jacques, o Maior, e, embora seu estado fosse grave, curou-se ràpidamente.

Domingos deixou a Espanha e se dirigiu à França, acompanhando o Bispo Diego de Azevedo, na época em que a heresia dos Albigeois estava no auge. Foi chocado pela miséria em que as guerras religiosas tinham mergulhado as regiões do Meio Dia. E resolveu consagrar sua vida ao apostolado.

Depois de uma visita a Roma, reuniu-se aos legados enviados pelo papa Inocencio III, para converter os hereges. O Bispo Diego morreu, o legado Pierre de Castelnau foi assassinado e Domingos ficou sòzinho. Fundou, em 1203, em Pouille, um primeiro convento para mulheres. O papa lhe ofereceu vários bispados, porém recusou aceitar sempre, inclusive o de Béziers, e reuniu em Toulouse, com o concurso do Bispo Foulques, seis companheiros que se destinaram à pregação.

Foi êsse grupo de seis missionários, a célula de que se originou a Ordem dos Irmãos Pregadores, ou Ordem Dominicana.

Quando já havia recrutado mais dez companheiros para sua obra, sendo, portanto, ao todo, 16, dividiu-os em pequenos grupos e enviou-os a pregar a Fé em tôdas as direções.

Em 1220, tendo ido a Roma, para obter do Papa a aprovação da Ordem que havia fundado, conheceu outro santo varão, Francisco de Assiz, mais jovem que êle doze anos. Tinham vindo ambos com igual desejo, à capital italiana, trazidos pela bondade, a caridade e a fé. Ligaram-se, então, por fraternal amisade, que devia durar até o fim de seus dias ..

Sob a influência de Francisco de Assiz, que havia renunciado a todos os bens mundanos para seguir a vocação, Domingos transformou sua Ordem em Mendicante.

Dez anos mais tarde a Ordem havia recrutado numerosos adeptos, divididos por oito Províncias.

Domingos morreu em Bolonha, em 1221, cinco anos antes de Francisco de Assiz. Foi canonizado em 1234. A Ordem que êle fundou, devia contar, entre outras figuras notáveis da Igreja, o grande Tomás de Aquino, o imortal Fra Angélico, além de uma figura pouco simpática, que foi o célebre Torquemada, cujo nome está ligado à crônica da Inquisição.

J. ANTÔNIO DURAN

OS DOIS CAMINHANTES

VOCÊS já imaginaram o quanto nos facilita viver, se soubermos nos sobrepôr às dôres e lutas e, com decisão e energia, seguir o caminho que nos foi destinado? Para que tenham uma idéia disto, leiam a história dos dois caminhantes.

Isaac e Jacob eram muito amigos e certo dia decidiram ir até uma cidade distante, fazer alguns negócios, que lhes seriam lucrativos. Eram ambos negociantes, honrados e cumpridores dos compromissos que assumiam.

O inconveniente da viagem era que, para chegarem àquela cidade, tinham que ir a pé, uma vez que não havia transporte. O caminho era escabroso, tortuoso, sendo em diversos trechos coberto de lama, o que dificultava devéras a caminhada, fatigando os dois amigos.

Sairam ao amanhecer. O dia estava ótimo. Como a distância a percorrer era muito grande êles levavam frutas, pão, bolachas, para se alimentarem nas diversas paradas que seriam obrigados a fazer para descansar.

Andaram, andaram, no princípio muito satisfeitos e dispostos, até que Jacob exclamou:

— Ai ! não posso mais ! Estou cansadíssimo !

— Já? ! — indagou

Isaac. — Só andamos três horas ! ! Não acredito que a fadiga te tenha vencido tão cêdo !

Jacob sentou-se à beira do caminho e continuou a gemer:

— Ai de mim ! Como me dóem as pernas !

— As minhas também dóem ! — redarguiu Isaac, — mas se me deixo vencer por êste natural cansaço, não chegarei à cidade. Vamos ! — continuou. — Animo, amigo ! Domina a fadiga, pois ainda temos muito que andar.

Jacob levantou-se e começou a caminhar; mas, pouco tempo depois sentou-se novamente, dizendo:

— Por favor, vamos descansar, Isaac ! Não aguento mais ! É impossível seguir-te ! Não posso mais ! . . . Sinto que, se insistir, cairei.

Isaac, porém, nem parou para ouvir o amigo. Sabia que Jacob exagerava, pois era forte e sadio. Podia andar perfeitamente mais algumas horas. O cansaço e as dores podiam ser suportados. O que faltava ao amigo era fôrça de vontade para dominar aqueles males inevitáveis em viagens semelhantes. Continuou andando. Chegou à cidade e realizou bons negócios.

Ao cabo de dois dias regressou e Jacob ao inteirar-se de que o amigo havia feito negócio rendoso, indagou:

— E como o conseguiste?

— É fácil explicar: todo o tempo que perdeste em lamentações eu o empreguei em fazer os negócios. Se não tivesses desistido em meio do caminho, estarias agora, como eu, satisfeito com os resultados.

ESTA história, tão simples, é boa demonstração do que foi dito no comêço. Saber sobrepujar as dores, trabalhos e canseiras, é condição para obter êxito na vida.

Os que desanimam fracassam.

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

A MENINA MADELON

NOS tempos em que os franceses ocupavam o Canadá, os colonos viviam em contínuas lutas com os índios Iroqueses.

O comandante de um pequeno destacamento às margens do rio S. Lourenço, tinha uma filha chamada Madelon, de treze anos, dona de compridas tranças muito bonitas.

Havia tempos que os índios não apareciam por àquelas paragens, e o comandante francês decidiu fazer um reconhecimento, subindo o curso do rio,com seus comandados. Na feitoria ficaram apenas as mulheres e crianças, sob a guarda de um velho sargento.

Certa manhã, indo ao rio com o sargento, Madelon avistou canôas numerosas, conduzindo uns cinquenta ou sessenta selvagens. em indumentária de guerra.

O sargento propôs que se ocultassem, a fim de escapar ao possível assalto dos iroqueses.

— Mas êles vão surpreender o acampamento da Feitoria — disse a menina. As mulheres e crianças serão barbaramente trucidadas! É preciso ir avisá-las!

— Não é possível! Antes de chegarmos lá, seremos vistos e êles nos matarão.

Madelon, porém, não quis ouvir nada. Resolvida a salvar as companheiras, empreendeu a corrida até à Feitoria, onde deu o sinal de alarme.

Mal haviam entrado pelo portão do forte, que o sargento fechou sòlidamente, os índios, vendo frustrado o ataque de surpresa, começaram a soltar seus gritos característicos de guerra. disparando nuvens de flechas. E começou o sítio do reduto. Durante dois dias os sitiados se defenderam valorosamente, animados por Madelon, que dava o exemplo, fazendo fogo contra os índios, armada com um pesado mosquete.

Na manhã do terceiro dia os atacantes afrouxaram o cêrco e se foram emboscar nas margens do rio. Pensavam em atacar de surpresa o destacamento do capitão, quando êste regressasse. Decerto algum espião já os tinha avisado do regresso do destacamento.

Era preciso prevenir o comandante, ou seriam todos trucidados. Quem, porém, poderia fazê-lo? Madelon, movida pelo amôr filial e pelo seu espírito de abnegação de verdadeira patriota, decidiu tentar a arriscada empresa.

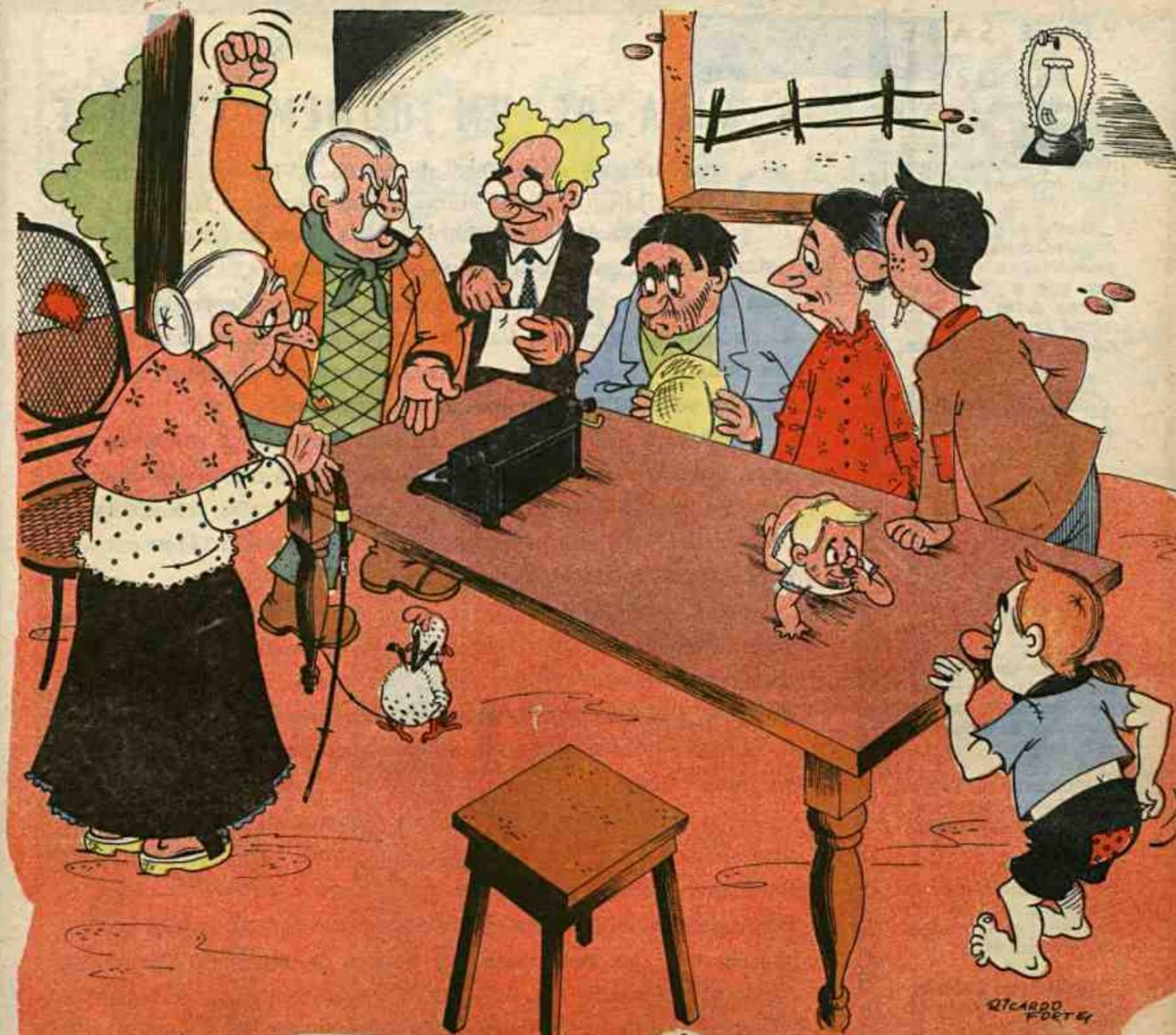
Saindo furtivamente do forte, pelo lado oposto, e realizando um grande desvio pela floresta, alcançou afinal a margem do rio. Vinham apontando os dois batelões transportando a tropa que seu pai comandava. Estava ela a uns quinhentos metros da praia onde êles deviam desembarcar, e onde seriam atacados. Correndo, Madelon começou a gritar e a fazer sinais, para os alertar e prevenir do perigo.

Furioso por verem seus planos burlados, os indios dispararam contra a menina inúmeras e certeiras flechas. Atingida no ombro, ela perde as fôrças e cái. Mas os soldados, desembarcando em ordem, logo conseguem desbaratar os assaltantes. O ferimento de Madelon era leve e ela em breve se restabeleceu.

Há séculos que isso aconteceu, mas o heroísmo de Madelon não foi esquecido. Perto de Quebec, no Canadá, existe um monumento que a representa, pequenina, de trancinhas, na atitude de carregar de novo um pesado mosquete. Madelon é a heroína dos franco-canadenses.

O CASO DO "CORONEL"

NARBOR FERNANDES

CERTA vez um "Coronel",
mandou buscar na Cidade
u'a máquina de escrever
como a maior novidade
"dêste mundo de meu Deus!...
E, pondo tudo a tal jeito,
chamou a família tôda
impondo grande respeito,
e disse com todo orgulho:
—Vejam só que coisa boa!...
e, batendo nos teclados,
a barulhada ressôa
na sala cheia de gente,
cada qual mais espantado,
enquanto o tal Coronel,
que nada escreveu, coitado...
pára e manda o secretário,
com toda diplomacia,
ler bem alto aquela carta,
vêr tudo o que alí dizia.
Mas o rapaz, muito calmo,
recebendo o tal papel,
diz baixinho, sorridente,
no ouvido do Coronel:
—Perdão, Coronel... Perdão!
Isto assim nunca dá certo!
(E depois, um tanto serio:)
—Isto aqui não tem conserto!
Não é só bater aqui,
nas teclas deste aparelho!
É preciso, meu patrão,
seguir aquele conselho...
Sim, meu patrão, estudar!
Estudar para vencer!
Para vencer e um dia
bater aqui e escrever!
É preciso que o senhor,
aprenda a ler e a escrever,
para aqui bater e, então,
um resultado obter...
E, assim, o pobre homem
envergonhado não fala!
Olhando fica, tristonho
para as paredes da sala.
Depois, risonho, responde
ao secretário bondoso:
—Não é que eu fui iludido
pelo "sabido" Veloso?!
Pois ele disse, e eu repito:
"Põe-se o papel neste rôlo,
e, aqui, vai-se batendo
o que surge do miolo..."
Depois, já não mais risonho,
levantou-se e disse, sério:
—Tudo até parece um sonho!...
Parece até um mistério
a questão de se escrever...
Pensei que fosse preciso
sòmente aqui se bater...

VOCÊ SABE ISTO?

O emblema dos conquistadores franceses do Maranhão era um navio governado por mão feminina.

*

O sitio de Troia nunca se realizou. E o próprio Homero reconheceu que a "formosa" Helena devia ter pelo menos 60 anos quando Páris se enamorou dela.

*

O dr. Albert Niemann isolou a cocaina em 1860.

*

Data de 1835 a primeira tentativa oficial de se fomentar a construção de estradas de ferro no Brasil.

*

Frei Vicente do Salvador, na primeira História do Brasil escrita por um brasileiro, registra a existência, em 1627, de 230 engenhos de açucar no país.

*

A patente de Selden para automóveis a gasolina foi conseguida em 1879.

*

A maquina para fabricar papel foi inventada pelo francês Robert em 1799.

*

Koch descobriu o bacilo da tuberculose em 1882.

*

Pinheiro Machado foi assassinado no dia 8 de Setembro de 1915.

*

A pulga é um hematófago, pois se alimenta de sangue.

*

O nome verdadeiro de Anatole France era Jacques Anatole Thibault.

*

Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes, faleceu a 7 de julho de 1920.

*

Morse, em sua primeira mensagem pelo telegráfo de seu invento transmitiu: "O que Deus criou".

*

Cerca de 60% do total do rebanho de gado vacum puro sangue, dos Estados Unidos, é composto da raça Holandesa.

A VIDA DE UM HOMEM CÉLEBRE

O mais insigne naturalista do século XVIII foi, sem dúvida, Carlos Lineu, nascido numa aldeia sueca, em Maio de 1797. Seu pai, pastor em Roeshult, queria fazer do filho padre protestante e, por isso, enviou o pequenino Carlos à cidade de Vixioe para aprender o latim. Lineu, adorando as flôres, depressa esqueceu as riquezas da lingua de Vergilio e entregou-se às correrias através dos campos, o que irritou sobremodo o pastor de Roeshult, que logo resolveu pôr o filho como aprendiz de sapateiro.

Rothman, médico afamado, ao conversar com a simpática criança, reparou na sua notável tendência para o estudo das ciências naturais; meteu-a em casa dum dos mais eminentes professores da Universidade de Lund. Pouco tempo depois o jovem Lineu entrava para a velha Universidade de Upsala.

Pobre, servia-se do latim para angariar a subsistência, e bastas vezes teve de ser sapateiro para os versos de Goethe e Schiller, então seus condiscipulos. Olaus Celsius, que muito admirava o talento de Lineu e a sua força de vontade, conseguiu que êle fosse diretor do jardim botânico de Upsala, e isto representou a primeira vitória do grande sábio.

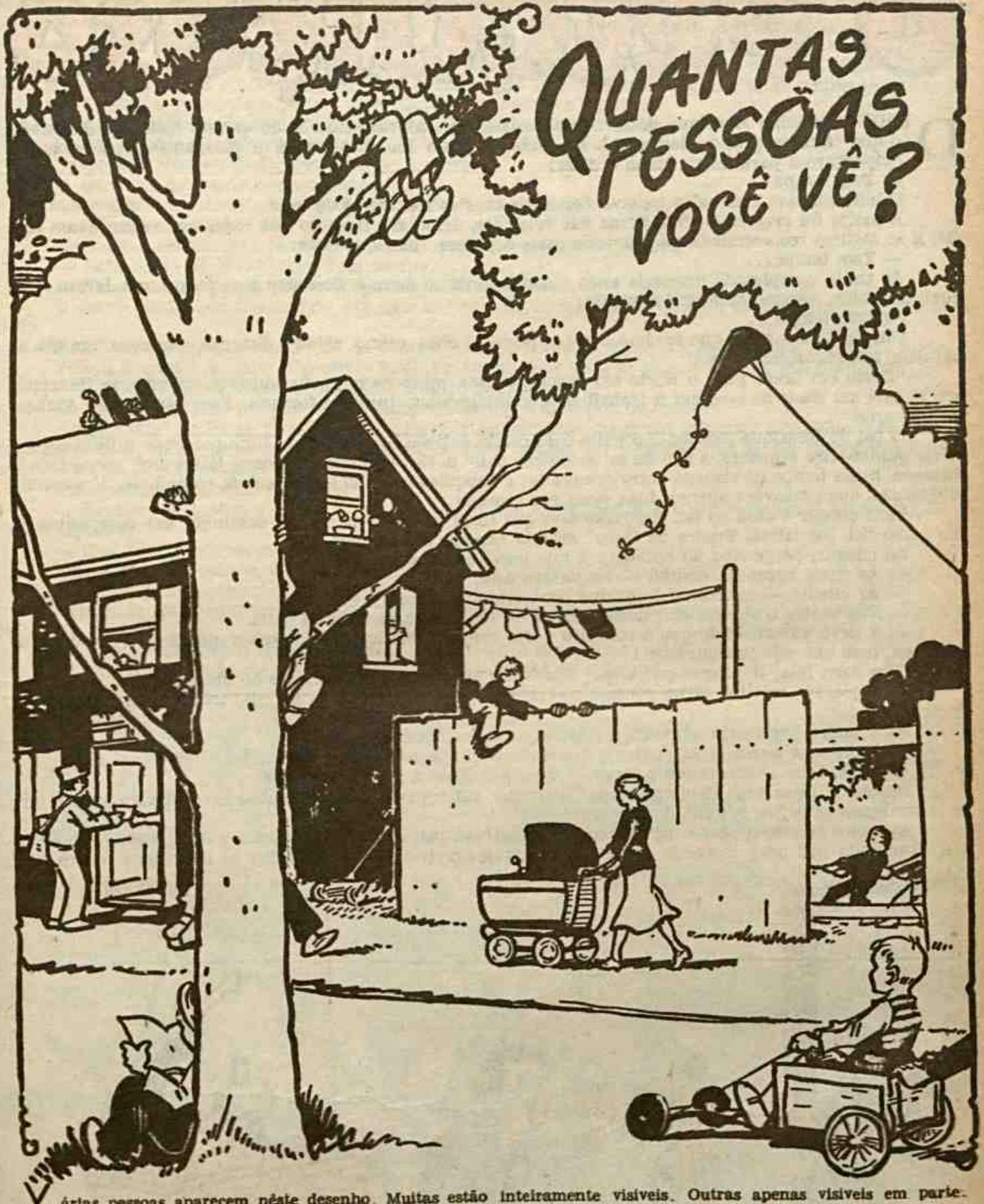
Ei-lo então a percorrer a Lapônia norueguesa, em busca de plantas; visita a Finlândia e as Ilhas de Aland; vai à Holanda, onde Boerhaave o obriga a permanecer três anos, e, neste país, obtém os necessários materiais para algumas das suas obras de maior nomeada. Escreve, com raro saber: "O sistema da Natureza", "Flora da Lapônia", "Filosofia da Botânica", "Fundamento da Botânica" e "Núpcias das plantas". Estas obras consagraram-no.

Depois de se tornar célebre, ensina botânica em Estocolmo, é nomeado médico do Paço e vê-se feliz no seio da família, com uma esposa que o adora e cinco filhos que o estimam e admiram.

Morreu com 71 anos. O rei da Suécia, Gustavo III, quís que se decretasse luto nacional, e a Universidade de Upsala ainda hoje venera a memória de Lineu.

— Pai, se o leão fugir da jaula e te comer, que bonde eu tomo pra ir pra casa?

PENSAMENTO DE UM SÁBIO CHINÊS

As ações por nós praticadas no passado são como a nossa sombra — seguem-nos sempre: umas vezes para o bem, outras para o mal, conforme a sua natureza.

Várias pessoas aparecem nêste desenho. Muitas estão inteiramente visiveis. Outras apenas visiveis em parte. E outras, ainda, apenas indicadas, através das suas atividades, isto é, de algo que estão fazendo. Conte-as, cuidadosamente. E confira o resultado com o que damos em uma página do fim do Almanaque.

*** *Não é tudo a liberdade, mas é o primeiro passo para que tudo se alcance; é a primeira condição de tudo que é justo e santo. — ANTERO DE QUENTAL.*

A LIBERDADE

*** *O amor da liberdade torna os homens indomáveis e os povos invencíveis. — FRANKLIN.*

*** *Todos os homens têm direito à liberdade de pensamento e de expressão e todos foram criados à imagem de Deus. — HARRY TRUMAN.*

O PREGUIÇOSO

DESDE pequenino Henrique demonstrou lentidão nos movimentos. Tudo quanto fazia era demorado, o que causava grande desgosto a sua mãe. Quando lhe mostravam a mamadeira, por exêmplo, empurrava-a para longe, como a dizer:

— Tem tempo...

O leite esfriava e êle só o tomava depois de muitas tentativas da mãe.

E assim foi crescendo. Nas horas das refeições, demorava mais do que todos que se sentavam com êle. E se alguém recomendava que comesse mais depressa, Henrique dizia:

— Tem tempo...

Já tinha completado dezesseis anos e continuava no mesmo. Se acaso seus pais o mandavam fazer qualquer coisa, respondia, invariàvelmente:

— Tem tempo...

Um tio de Henrique que se chamava Leonardo, e vivia numa cidade distante, escreveu um dia ao pai dele, nos seguintes termos:

"Parto em breve para o Norte em busca de uma mina de ouro. Se quiseres, manda-me Henrique, que já está em idade de começar a trabalhar. Conquistaremos juntos a fortuna. Fico esperando. Abraços do Leonardo."

O pai de Henrique recebeu o convite com muita satisfação e preparou tudo para que o filho seguisse na quinta-feira seguinte, a fim de se encontrar com o tio, que residia, como já foi dito, numa cidade distante. Nesse tempo as viagens eram demoradas e complicadas. Não havia ônibus, como hoje. Só existiam diligências, que passavam apenas duas vezes por semana.

Para chegar à casa do tio, Henrique teve que fazer a cavalo parte do caminho, em companhia de um servo fiel. No "Hotel Flecha de Ouro" deveria esperar a diligência.

Ao chegar, perguntou ao hoteleiro a que horas sairia a diligência.

— Às cinco horas da manhã — respondeu êste.

— Às cinco! — exclamou Henrique contrariado — É muito cêdo!

— Não sou eu o organizador dêsse serviço. — retrucou o gerente do hotel.

— E devo advertí-lo de que o cocheiro é um verdadeiro relógio. Não espera ninguém depois da hora marcada, nem que seja um ministro!

Com cara feia, Henrique pediu que reservasse uma passagem para êle no dia seguinte.

— É notável, esta! — dizia consigo ao retirar-se para o quarto. — A gente tem que ter muita paciência!...

Para maior segurança, chamou o criado que o acompanhara e pediu:

— Acorde-me amanhã às quatro e quarenta e cinco, sem falta.

— Muito bem — concordou o servo — Eu o acordarei à hora combinada.

Depois de fazer uma demorada ceia, Henrique subiu para o quarto, sentou-se na cama e pensou que seria conveniente fechar a mala de véspera.

A lareira estava apagada; um vento frio penetrava pelas frestas das portas e das janelas. O quarto, mal iluminado por uma lâmpada fraca, apresentava horrível desordem. Sôbre as cadeiras e outros mó-

veis havia livros, papeis, roupas, diversos objetos de uso pessoal. Uma hora antes êle tinha tirado tôdas as coisas da mala para procurar a carteira de notas, deixando tudo espalhado pelo aposento.

— Agora, se fosse arrumar tudo isso eu morreria de frio — disse consigo — Amanhã, bem cêdo, o farei. Deitou-se e dormiu mal. Sonhou com imensos relógios, cujos ponteiros marcavam, implacavelmente, quatro e quarenta e cinco, e depois uma procissão de cocheiros que faziam estalar o chicote, gritando:

— Quatro e quarenta e cinco! São quatro e quarenta e cinco!...

Sonhou também que um dos cocheiros lhe batia no peito dizendo:

— São quatro e quarenta e cinco!

Despertou sobressaltado, mas tornou a ouvir:

— Quatro e quarenta e cinco, senhor!...

Reconheceu a voz do criado e, então respondeu mal-humorado:

— Não há necessidade de gritar tanto!...

— Como o senhor não respondia... São quatro e quarenta e cinco!

— Está bem! Já levantarei. Tem tempo...

— Não temos tempo a perdêr. Nem um minuto siquer...

O servo continuou chamando até que o rapaz abriu a porta do quarto. Tranquilizado, então, se retirou.

Henrique começou a sentir dor de cabeça. Tornou a fechar a porta e se recostou um pouco mais.

Voltou o criado, e como não ouvia nenhum barulho no quarto, chamou outra vez, dizendo:

— Não durma outra vez, senhor, são quatro e cinqüenta!

— Sim, sim! Tem tempo! — resmungou Henrique, pulando da cama.

Acostumado a não se lavar quando estava atrasado, ocupou-se em arrumar a maleta, introduzindo nela, às pressas, tudo que ia encontrando disperso pelo quarto. Ao verificar que tinha também guardado uma toalha do hotel, esvasiou a mala.

Uma pancada ressoou na porta.

— Senhor! — gritou o criado. — São quatro horas e cinqüenta e cinco minutos! A carruagem já está à espera!

— Que espere um momento. Já vou!

Não podia, entretanto, fechar a mala, por estar mal arrumada.

— Tanto pior — disse. — Eu a amarrarei.

Depois de resolver o problema da mala foi calçar-se. Procurou as meias. Não as achou. Tinha-as guardado na mala!....

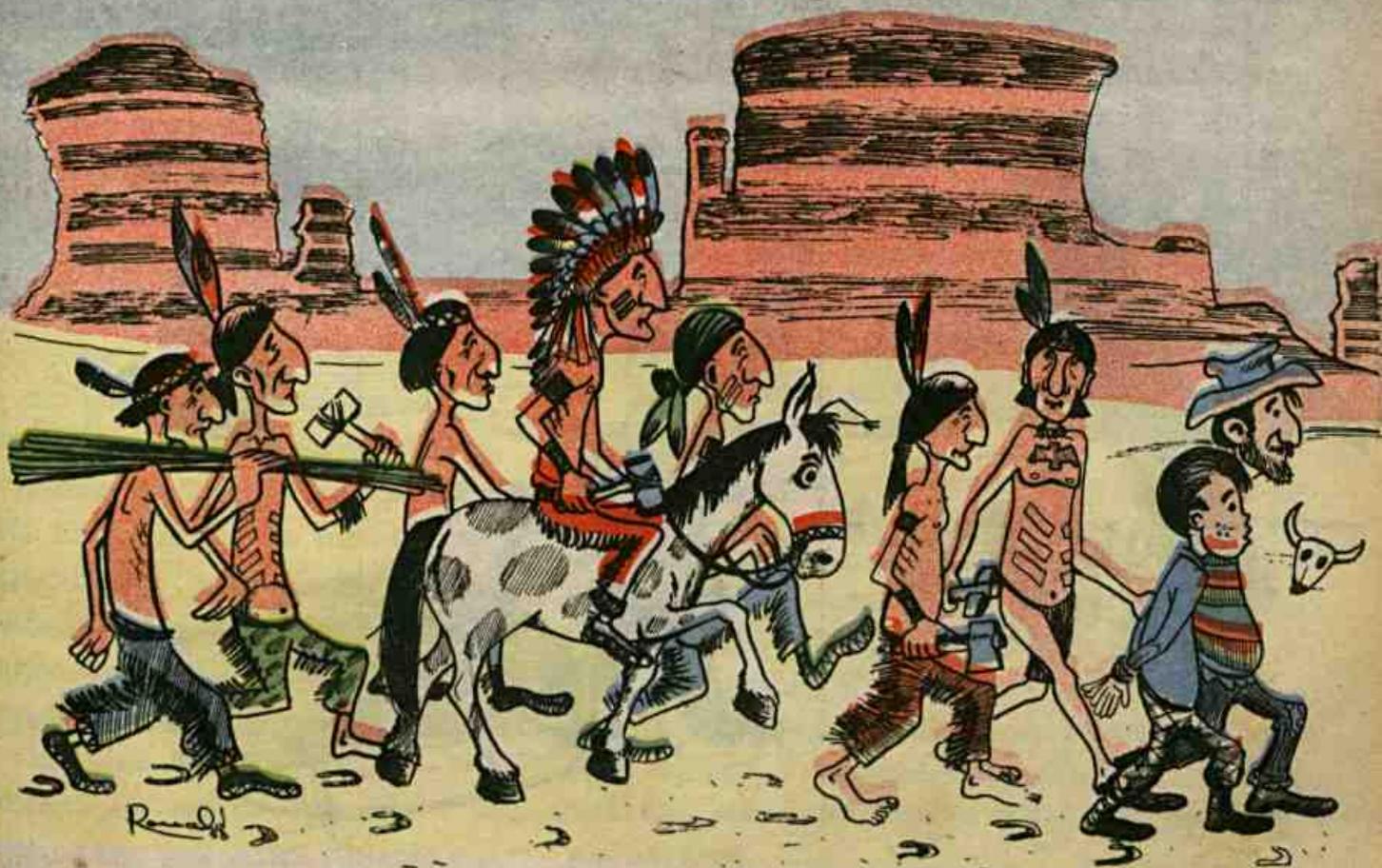
Enquanto desatava a correia da mala, outra pancada soou na porta.

— Senhor o cocheiro já vai partir!... Escute o estalo do chicote!

— Já vou! Já estou pronto! — gritou Henrique. Só me falta calçar as botinas.

Já calçado, deu alguns passos pelo quarto.

Ao ver o criado, aparecer, disse:

— Já terminei! Pega a mala.

— A diligência já foi embora, senhor !

Como? Já foi? Isto é uma beleza ! Está bem. Vou deitar-me novamente.

E o jovem se atirou na cama.

Devia, agora, esperar três dias por outra diligência. Desta vez conseguiu tomá-la graças a um ardil do servo, que o despertou antes da hora. O cocheiro estava de bom-humor nêsse dia e, esperou uns três minutos. Henrique saltou para o estribo quando a diligência já se achava em movimento.

Finalmente, chegou ao povoado onde residia o tio, porém lhe deram a desagradável notícia de que êle já tinha partido, sòzinho para a região do Norte, quando não vira aparecer o sobrinho na primeira diligência. Julgara que Henrique tivesse renunciado à viagem.

Como possuia dinheiro, Henrique resolveu embarcar para encontrar o tio, mas sem se apressar. Por isso quando chegou ao pôrto o vapor já havia partido.

Dentro de uma semana não sairia outro vapor. Êsse atrazo não o aborreceu, em absoluto. Não podia viajar? Então, ia conhecer a cidade.

Na viagem seguinte, conseguiu tomar o vapor, chegando ao seu destino sem maiores contra-tempos.

Nessa altura, já sem dinheiro, Henrique, para poder prosseguir viagem, não teve outro recurso senão procurar um emprêgo. Depois de muitas dificuldades conseguiu trabalho em um sanatório, onde tinha de varrer o chão e lavar os pratos. Vendo os enfermeiros tratar de ferimentos aprendeu êsse ofício.

Conseguiu manter-se um ano nêsse emprego, mas depois foi despedido porque não varria debaixo das camas e quebrava muita louça.

Tomou o trem para o Canadá para atravessar em seguida o deserto, onde acampavam os peles-vermelhas. O trem em que viajava foi atacado pelos índios, que fizeram muitos prisioneiros, inclusive Henrique.

Tristes idéias tomaram conta do seu cérebro. Estaria condenado a sofrer os suplícios mais atrozes e talvez a morte, mesmo ! No dia seguinte desamarraram-no e o obrigaram a carregar pesados volumes, pois os Peles-Vermelhas se puseram em viagem com o fim de voltar para suas terras.

Antes do pôr do sol fizeram uma parada, mataram uma vaca, assaram-na e comeram. Depois, deitaram-se, para dormir. Henrique aproveitou essa oportunidade para fugir. Já de manhã, encontrou alguns vendedores ambulantes. Pediu-lhes e obteve permissão para acompanhá-los em suas andanças.

A viagem prosseguiu, assim, durante muitos dias. Chegaram finalmente ao Lago dos Ursos, onde encontraram esquimós que já haviam aprendido a ser caritativos. Seu chefe acabava de receber um ferimento durante uma caçada. Henrique, recordando o que vira fazer no sanatório, curou-o.

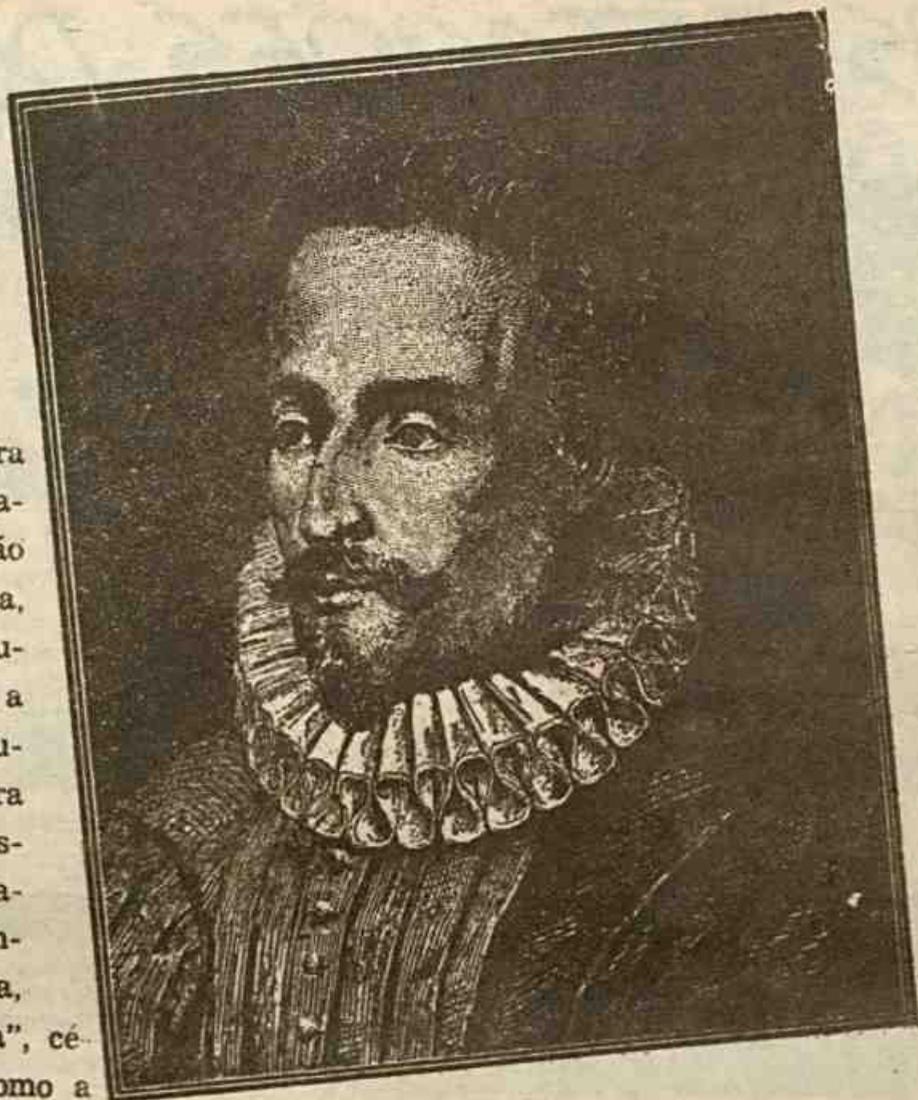
Agradecido, o chefe perguntou ao rapaz o que poderia fazer para lhe ser útil.

— Dê-me um guia e um trenó — disse Henrique. — Quero ir ao Alaska.

Depois de várias semanas de viagem chegou às margens do rio Yukon. Lá, soube que seu tio acabava de morrer deixando tudo que possuia para seu sócio, Samuel, um jovem canadense que o acompanhara em lugar do sobrinho.

Henrique apenas pôde conseguir a importância necessária para regressar à pátria.

(*Continúa no fim do Almanaque*)

O AUTOR de D. QUIXOTE

MIGUEL de Cervantes Saavedra nasceu em Alcalá de Henares, na Espanha, em data que não se póde estabelecer com certeza, porém foi batisado a 9 de Outubro de 1547 e faleceu em Madrid a 23 de Abril de 1616. Admirável autodidata, sua vida aventureira oferece muitos episódios novelescos. Escreveu poesias, obras de teatro, as famosas "Novelas exemplares" repletas de graça e beleza, e "Don Quixote de La Mancha", célebre livro que o consagrou como a maior glória das letras espanholas e um dos maiores gênios da literatura universal.

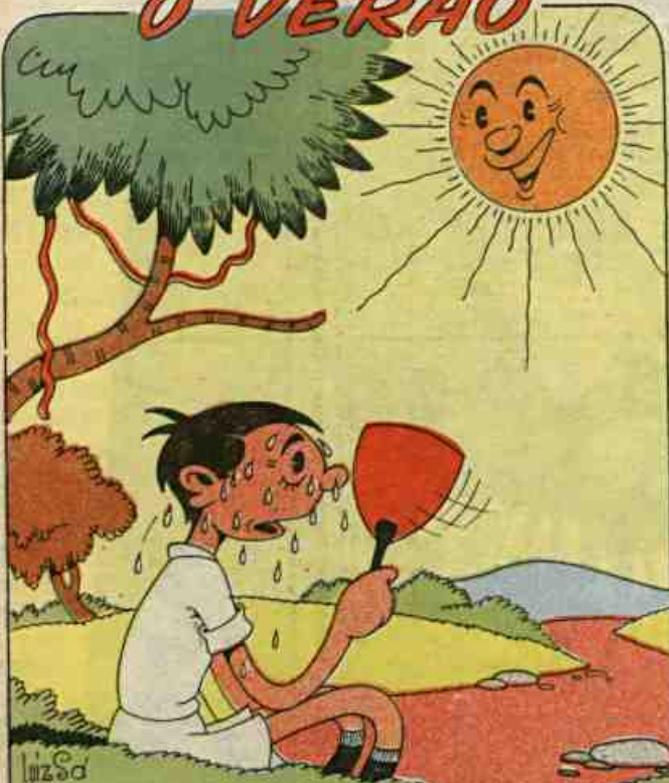
Miguel descendia de família humilde. Segundo sua própria confissão, seus primeiros estudos foram realizados em um colégio de jesuitas, não tendo sido provado se posteriormente seguiu cursos em alguma Universidade. Era um ledor ávido e infatigável. Tomou parte na batalha naval de Lepanto, travada em 7 de Outubro de 1751. Nessa luta, em que os turcos foram completamente derrotados, Cervantes saiu ferido na mão esquerda, ficando aleijado. Vem daí o apôdo de "Manco de Lepanto" com que é conhecido.

Em uma de suas viagens pelo Mediterrâneo, sempre em busca de solução para sua dificil situação econômica, caiu prisioneiro dos mouros. Permaneceu em um cárcere de Argel durante cinco anos, suportando tôda sorte de penurias. Em 1580 foi resgatado pelos padres Trinitarios.

Regressando a seu país, dedicou-se às letras, escrevendo sua obra imortal. A primeira parte de Don Quixote apareceu em 1605 e a segunda, dez anos depois. A obra constituiu vardadeiro êxito, esgotando-se rapidamente as edições e multiplicando-se os seus leitores.

Os principais personagens dessa obra, admirável pelo estilo, linguagem e profundeza de idéias, são o fidalgo cavaleiro Don Quixote, idealista maravilhoso e seu fiel escudeiro Sancho Pança, que, não obstante seu espírito prático, acompanhou o amo em suas perigosas aventuras. Entretanto, sôbre as andanças de ambos, Cervantes soube traçar não só uma crítica aos romances da cavalaria, como também uma obra cujas virtudes se destacam com o passar dos anos.

AS ESTAÇÕES DO ANO

O VERÃO

O OUTONO

O INVERNO

A PRIMAVERA

A HISTÓRIA DO COLAR

O uso do colar remonta à época mais remota, aquela em que provàvelmente a mulher teve o seu primeiro sentimento de faceirice.

A idéia que têm as mocinhas, de dependurar cerejas às orelhas, à guisa de brincos, não é inspirada nessa mesma faceirice feminina?

Nos tempos pre-históricos os homens usavam colares, e êstes representavam um sinal honorifico.

Os primitivos colares, encontrados em túmulos e escavações, à volta do pescoço de esqueletos (ih! que medo!) eram feitos de pequeninos frutos enfiados em tripa de peixe, que eram os fios daquela época.

Mais tarde vieram o bronze, o ferro, o âmbar, o ouro, a prata e todas as pedras conhecidas.

O colar foi insígnia de comando, de chefia, e alta recompensa militar.

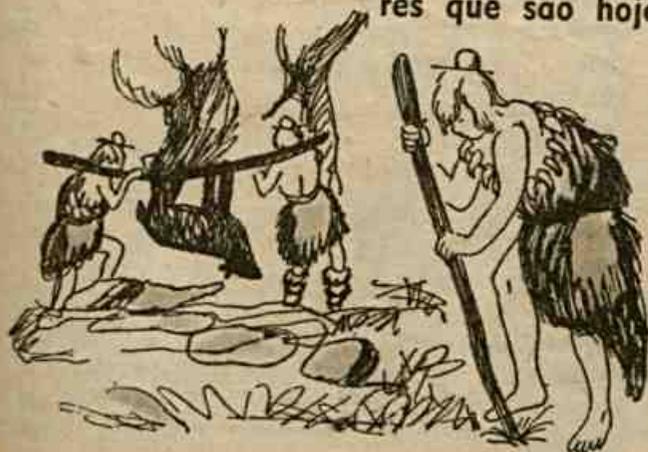
Dessa espécie são os "collares" dos legionarios romanos, os "torquis" e tantos outros. Eram feitos de grandes medalhas de ouro ou prata lavrada.

Distinguiam-se assim os reis cativos e os escravos da antiga Roma, que levaram colares de anéis de ferro. Na idade média persistiu o uso dos colares honoríficos. Tais são, por exemplo, os colares da Ordem do Espirito Santo, e do Velocino de Ouro.

As mulheres egípcias, cujas vestes deixavam descoberta tôda a parte superior do busto, usavam colares feitos de tubos de louça, de âmbar, de placas com pedras encrustadas, colares que são hoje encontrados

nas múmias e têm imenso valor.

O "colar de Maria Antonieta", de que tanto se fala, deu lugar a um processo famoso, que foi funesto à realeza na França e precipitou a Revolução de 1789. Tratava-se de um colar que, naquela época, era avaliado em 1.600.000 francos!

Foi comprado aos joalheiros da Corôa pelo Cardial de Rohan, em nome da Raínha Maria Antonieta.

O TEMPO QUE VIVEM ALGUNS ANIMAIS

O tempo médio de vida do homem conhece-se com exatidão e não é difícil de obter, porque as datas do nascimento e da morte são obrigatòriamente registadas em todos os países civilizados.

Quanto aos outros animais já não se podem fornecer, porém, números tão rigorosamente exatos. Há, é certo, alguns animais famosos que merecem também do homem as honras de registo escrito.

E' o caso dos cavalos de raça para corridas ou dos cães reservados para exposições, cujas idades constam de documentos tão sérios como as nossas certidões passadas nos cartórios. Mas dos que vivem em estado selvagem não é tão fácil saber o tempo médio de vida. Graças aos estudos feitos sôbre a existência dos animais, muito se conhece hoje, no entanto, a tal respeito.

O prêmio da longevidade cabe à tartaruga, que, segundo se calcula, pode viver, em boas condições, entre 300 a 400 anos. Em 1906 morreu uma num jardim zoológico, que se disse que devia ter, pelo menos, 350 anos de idade. O crocodilo, vivendo à vontade no seu ambiente selvagem, pode ir até aos 300 anos.

Se acreditarmos em certas histórias inverosímeis, devíamos dizer que o sapo vive muito mais do que isto, pois houve quem afirmasse que este batráquio póde conservar-se encerrado numa rocha, numa árvore ou num pedaço de carvão e aí viver, como prisioneiro, durante milhares de anos.

O elefante leva muito tempo a crescer e, por isso, também tem direito a viver mais. Bem tratado, poderá ser centenário. Esta é a idade que se supõe em geral que a águia pode alcançar igualmente, mas muita gente atribui-lhe a possibilidade de chegar aos 200 anos.

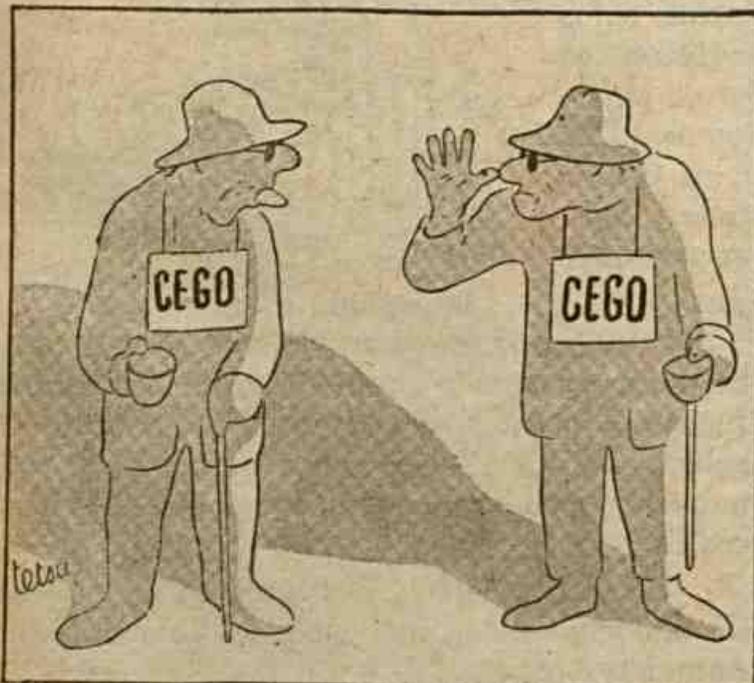
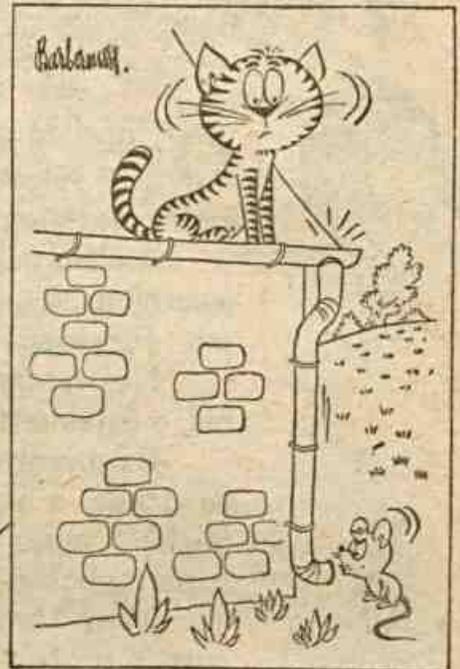
Sabe-se pouco acêrca da idade máxima que a baleia pode atingir, pois raramente se terá conseguido conservar alguma em cativeiro. Chegou a supor-se que as baleias poderiam viver 500 e mesmo 1.000 anos, mas parece, na realidade, que não passam dos 100.

Publicamos a seguir uma tabela com os números de anos que alguns animais mais conhecidos vivem, segundo os cálculos mais dignos de crédito.

AVES

Galinha	14
Pintassilgo	15
Perdiz	15
Faisão	15
Rouxinol	18
Pombo	20
Canário	24
Pavão	24
Ganso	50
Pelicano	50
Papagaio	60
Garça	60
Cisne	100
Águia	100

ANIMAIS

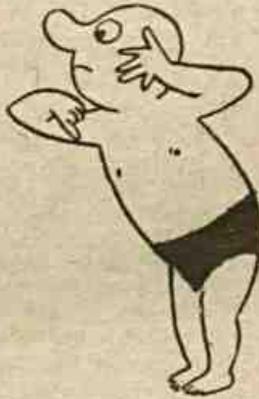
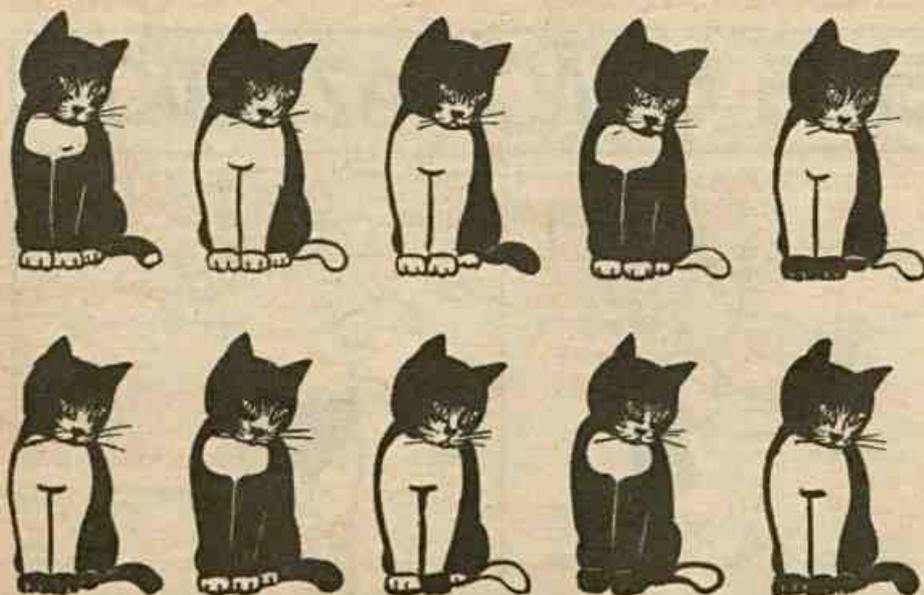
Coelho	5
Ovelha	12
Gato	13
Cão	15
Cabra	15
Vaca	25
Porco	25
Cavalo	30
Camelo	40
Leão	40
Elefante	100
Baleia	100
Crocodilo	300
Tartaruga	350

A voz de além túmulo

O RATO (com voz fanhosa): — Quem te fala é aquele pobre ratinho que mataste no ano passado . . .

IMPLICÂNCIA DE CEGOS

QUE É QUE ÊLES ESTÃO FAZENDO?

(Ver a solução exata no fim da revista).

(Ver a solução exata no fim da revista).

Bil

Apenas dois gatinhos, dos dez que aqui estão, são iguais. Você sabe quais são?

BOA LIÇÃO

Swift era conhecido como sóbrio e pouco generoso com os que lhe serviam.

Um dia um amigo lhe mandou de presente um lindíssimo peixe. O criado encarregado de entregar a dádiva, e que já outra vez havia ido à casa de Swift levar-lhe presentes de seu patrão, sem receber uma gorgeta, desta vez jogou de mau modo o pacote em cima da mesa, enquanto dizia: — Aqui está o peixe que meu patrão mandou.

Swift sentiu-se ofendido com o gesto mal educado do criado e, então, fazendo-o voltar, disse-lhe:

— O' rapaz, as encomendas não devem ser entregues desta maneira. Venha cá e eu ensinarei a você um pouco de educação. Troquemos por um instante os papéis. Você senta em minha cadeira, como se fosse eu. E eu farei o papel de criado. Procure aprender bem a lição.

Dito isto, Swift estacou respeitosamente em frente do criado (que estava sentado em seu lugar) e, simulando oferecer o pescado, lhe disse:

— Senhor, tenho o prazer de apresentar, por parte de meu amo, seus melhores votos de saúde e rogar-lhe que receba este pequeno obséquio.

— Muito bem, muito bem! — respondeu com seriedade o criado, assumindo um ar austero. Agradeça de minha parte a seu patrão e tome este escudo para recompensar o seu trabalho...

E fez menção de por-lhe a moeda na mão.

Swift ficou perturbado ao ver que quem estava recebendo a lição era êle. Em seguida, deu-lhe várias moedas e o despediu.

O USO DO CACHIMBO...

... faz o bigode torto.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

O introdutor da cerejeira na Europa foi o general Lúculo, famoso pelas suas festas.

*

Vitus Behring foi o descobridor do Alaska. Era dinamarquês ao serviço de Pedro, o Grande, da Russia.

*

A palavra "furacão" é derivada do nome "Kurakan", que os índios caraíbas davam ao deus da tempestade.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Dois pingüins, apenas, desta ninhada, são iguais. Quais serão êles, na sua opinião?

COISAS ANTIGAS

No Egito, há mais de três mil anos, já existiam piscinas. E muitas delas maravilhosas. Isto nos jardins dos nobres, dos potentados. O banho possuia alta significação social. E também religiosa. Um nobre do reinado egípcio de outrora, conforme documentos de arquivos do ano 129 AC., cita, e com orgulho, que seus filhos tomavam aulas de natação. Juntamente com os filhos do rei.

●

Nos Jogos Ístmicos, que se realizavam de três em três anos, e mais tarde de cinco em cinco anos, no Istmo de Corinto, ou na Península desse nome, em homenagem a Poseidon, o deus dos mares, consta ter havido competições de natação, cujo prêmio consistia numa corôa de pinheiros.

Durante muito tempo, o aniversário do nascimento de Jesús Cristo foi comemorado em datas diferentes. Mas o papa Julio I, no século quarto, assinalou o vinte e cinco de Dezembro como data fixa para tal acontecimento.

Ela não é unanimemente observada por todos os países, mas todos, apesar dos costumes diferentes, rendem sua homenagem, nessa data, a Jesús.

Na França, esta foi, durante muito tempo, sobretudo na Idade Média, a maior festa do ano. A ceia que se seguia à missa de meia-noite, dava ensejo a colossais banquetes.

O costume de armar o presépio vai-se perdendo gradualmente naquele país, mas é conservado ainda tradicionalmente em certas regiões, notadamente na Provença.

Nesta província a festa do Natal é também a festa dos "santinhos", curiosas e pequenas estatuetas que entram na composição dos presépios e cuja disposição origina, por vezes, verdadeiras obras de arte.

Na Alsácia, outra província, não se podem descrever os ritos do Natal, uma vez que são numerosos. Os habitantes convidam-se mùtuamente para cear. Cada um leva para a mesa comum uma iguaria suculenta ou uma garrafa de vinho. Não que a amizade esteja esmorecendo, mas as dificuldades e o alto custo da vida é que a estão condenando a isso.

Na região montanhosa do Jura, no dia de Natal, tem-se o hábito de interrogar o Destino, como fazemos, aqui, pelo São João. Com êste fim, joga-se dentro da água fria chumbo fundido e, conforme os desenhos que formar o chumbo, ao se solidificar novamente, pode-se saber se o ano seguinte será ou não nefasto. Mas, certamente, é preciso ser artista especializado na arte de decifrar a significação ao chumbo resfriado.

Na Córsega, igualmente perscruta-se o futuro nêste dia, mas trata-se de saber como serão os futuros esponsais.

Para isto, sôbre a placa de um fôrno aquecido coloca-se um grão de trigo a dois centimetros de um grão de milho. O primeiro é para o namorado e o outro para a jovem. Sob o efeito do calor os grãos vão se agitar. Se saltam um para perto do outro, o casal terá dias felizes. Mas se se separam..., serão desagradáveis os presságios.

Na Suécia, papai Noel, com receio sem dúvida de sujar a brancura imaculada de seu roupão, não se serve do caminho da chaminé para levar às crianças o conteúdo do saco.

Distribui seus presentes em botas de couro, que lança no interior das habitações pelas janelas abertas, o que deve representar para êle o dispêndio de uma soma considerável de fôrça muscular.

Na Noruega constata-se hábito idêntico, porém a festa se complica com outras manifestações curiosas. Diante das residências são fixados grandes mastros, no cimo dos quais pendem belos apanhados de trigo. Assim, os passarinhos podem, êles também, celebrar a Natividade sem ser obrigados a mergulhar os pèsinhos na neve.

Nas fazendas, o assoalho da sala de refeições desaparece sob espêssa camada de palha. Depois da tradicional ceia, esta palha será distribuida ao gado. Ela terá o poder de o tornar gordo e vigoroso durante todo o ano vindouro.

Outrora, nesta mesma data, na Noruega se desenrolava um outro cerimonial encantador: a anunciação da vinda de Cristo à Terra...

Era uma jovem que se encarregava da mensagem. Um feixe de palha sob os braços e sôbre a cabeça uma coroa de velas acesas, ela ia de casa em casa anunciando a feliz novidade.

Entretanto êste costume tem tendência também a desaparecer, uma vez que aconteceu uma jovem se queimar, antes da última guerra...

Na Itália as moças romanas vão jogar pequeninas moedas na fonte de Miguel Angelo. Elas esperam que êste gesto lhes proporcione um ano de felicidade e um esposo.

Nos países de lingua inglesa o Papai Noel é chamado São Nicolau. Sua festa não poderá ter lugar sem que tenha sido suspensa no salão da ceia um galho de agárico sôbre as pessoas que se abraçam.

Na Europa Central é São Nicolau quem faz o papel de Papai Noel. Nas casas espanholas êle é substituido pela figura tríptica dos Reis Magos, que enchem os sapatos de presentes, trazidos adiantados porque, uma semana antes, a 25 de Dezembro, as crianças exprimem seus desejos em cartas introduzidas em caixas esciais.

Na Polônia, antes de pôr a toalha de mesa para a ceia, a dona de casa toma o cuidado de recobrir a mesa com uma camada de palha bem fina.

No fim da refeição cada um tira um talo dessa palha, haste essa que determina, segundo seu comprimento, a longevidade, maior ou menos, daquele que a tirou.

Na Finlândia e na Bélgica, as crianças são mais favorecidas que seus amiguinhos do estrangeiro, porque no primeiro dêstes países o Papai Noel passa a trinta de Novembro e a vinte e cinco de Dezembro. Mas se a primeira destas datas é reservada aos regosijos, a segunda é exclusivamente de caráter grave e religioso.

Na Bélgica, São Nicolau traz os presentes a seis de Dezembro e Papai Noel o imita a vinte cinco.

TRADUÇÃO DE IEDDA LUIZA

A CRUZ

OBJETO de veneração dos cristãos, a cruz foi primitivamente, instrumento de suplício. Justamente, por ter sido ela o instrumento em que padeceu e morreu Jesús Cristo, tornou-se o emblema da fé de todos os povos que puseram no Filho de Deus a esperança de uma vida melhor.

Formada de duas peças de madeira, atravessada uma sôbre a outra, era a cruz o lugar onde se prendiam os criminosos, a-fim de serem supliciados.

Assim, entre os egípcios, cartagineses, persas e, mais tarde, na Grécia e em Roma, ela representava o mais doloroso castigo reservado aos escravos e aos grandes criminosos. Por esta razão, era a cruz o emblema da vilania, do desprêzo, da deshonra. Condenar ao suplício da cruz um cidadão romano era o maior atentado. Convém saber, porém, que êste suplício só foi adotado pelos judeus no tempo de Herodes.

Expressiva no seu formato, a figura da cruz constituiu, na antiguidade, um dos muitos elementos decorativos, o que se encontra ainda nas ornamentações antigas. Assim, combinada com o círculo, aparece-nos nos mais remotos tecidos orientais, como também numa infinidade de objetos que datam das diferentes idades do bronze, em todos os países.

Comenda da ordem do Cruzeiro do Sul.

Quando seus braços se dobram em Z, constitui a "swastica", encontrada nos

Cruz com alça ou asélha — Cruz Grega — Cruz Latina — Cruz em T, ou de Santo Antônio — Cruz Gamada ou Swastica — Cruz de Santo André

velhos objetos da arte escandinava, como nas da arte indiana e chinesa.

Na India, porém, ficou como um sinal simbólico religioso do fogo sagrado, tomado como origem do poder superior e da vida, representando as duas peças da cruz os dois pedaços de madeira que eram friccionados para produzir o fogo. Os nazistas tomaram a cruz "swastica" como emblema, mas, infelizmente, não a souberam aproveitar na sua alta significação.

Os egípcios, nos tempos remotos, davam à cruz alada o símbolo da imortalidade da alma.

Os primeiros cristãos que, em Roma, se reuniam, nas catacumbas, tinham, como se tem até hoje, grande respeito pela cruz, usando-a junto ao peito.

É bom que se saiba, porém, que êsse emblema da fé e da redenção só apareceu nos monumentos, igrejas e procissões, do século V em diante, embora já figurasse a cruz nos monumentos funerários etruscos (povos da Etrúria, região que compreendia grande parte da Itália central), como emblema, ainda, do paganismo.

Na Idade Média a cruz surge nos manuscritos e documentos como "sinal" gráfico. Assim, colocada no comêço do texto, exprimia invocação, pedido, súplica, no fim do texto, representava a assinatura. Esteve, dessa forma, em uso, até o fim do século XV, para substituir a assinatura dos que não sabiam escrever.

Colocada no fim das atas, tornava-se o sinal dos tabeliães apostólicos.

Também foi uso dos normandos, os ingleses e franceses pôr no peito dos mortos placas de chumbo grosseiramente recortadas em cruz, onde gravavam fórmulas latinas de absolvição.

Apresentou-se a cruz sob diversas formas, atendendo ao modo por que passava uma haste pela outra. Assim, tomavam o feitio de um T, X ou Y:

Cruz de Malta — Cruz de Lorena — Cruz Floretada — Cruz Potentea — Cruz Ancorada — Cruz Papal

Adotada pelos povos para indicar-lhes a origem, tornou-se a cruz peça heráldica, variando de formas e atributos. Entre as muitas que figuram em brasões e símbolos nacionais, convém citar: a grega, cujos braços têm o mesmo tamanho; a latina, que tem o ramo inferior mais comprido

que o outro, a de Santo André, em forma de X, a de Santo Antonio, em forma de T, a de Lorena, ou dupla cruz, além de outras.

Muitos países adotaram a Ordem da Cruz, com que distinguem seus filhos ilustres e estrangeiros amigos. O Brasil teve a "Ordem da Cruz do Sul", ou "Cruzeiro do Sul", instituida em 1822, mas que desapareceu com a proclamação da República.

Hoje está restabelecida sob o nome de "Ordem do Cruzeiro".

A Grã-Bretanha tem a "Ordem da Cruz Vermelha, ou "Cruz da Vitória", criada em 1883 pela rainha Vitória.

A Bélgica, a "Ordem da Cruz Militar", criada, em 1855, por Leopoldo II.

A Prússia antiga (hoje faz parte da Alemanha), a "Ordem da Cruz de Ferro", instituida, em 1813, por Frederico Guilherme.

Essas ordens diferem umas das outras não só pelo formato como ainda pela côr da fita que as prende.

Emblema de fé, é, hoje, a cruz objeto da maior veneração.

Nas igrejas, nas escolas, nos lares, ela nos lembra o sublime sacrifício de Jesús, e nos incita ao amor a Deus, à fé e à caridade, como um penhor de gratidão Àquele que sofreu castigo infamante para redimir a humanidade.

E quanto ensinamento nos provém da cruz! O povo, sàbiamente, compara seus sofrimentos a uma cruz. Assim, é costume ouvir-se:

"Cada um de nós carrega sua cruz..." "Devemos levar, resignados, a nossa cruz". Isto é, suportar, com resignação, as dores que nos vierem...

COMO OS PELICANOS COSTUMAM PESCAR

VARIOS viajantes e cientistas têm estudado a vida dos pelicanos, especialmente junto aos lagos, e daí o interêsse das suas informações. Formam-se bandos destas aves, e, assim juntas, resolvem apanhar os peixes de que se alimentam. Colocam-se no meio do lago, alinhando-se em semicírculo, e, em seguida, nadam em direção à praia; ao mesmo tempo batem as águas com as asas num movimento que aceleram gradualmente. Cerram fileiras logo que as duas extremidades do semicírculo alcançam a margem do lago, o que lhes permite formar autêntica rêde de pesca.

Os peixes ficam numa situação perigosa, porquanto, presos entre os pelicanos e a margem, de nada lhes serve nadar de um lado para outro, em água pouco funda. Para fugir êles mergulham por baixo dos astutos palmípedes, mas estes, que conhecem os segredos da pesca, metem os bicos dentro da água e, sem fadigas, recebem nas goelas os que tentam escapulir.

— *Podem pular! Está boa!*

Certo milionário lembrou-se de oferecer um banquete a alguns diplomatas.

Terminado o jantar, convidou os presentes a visitarem sua galeria de quadros.

Um apreciador parou defronte dum quadro, exclamando:

— Este quadro é de Rafael!

O ricaço, manifestando agastamento, respondeu:

— Aqui, em minha casa, não há nada do Rafael ou do Francisco. Entendeu? Tudo isto é meu, muito meu!

●

Uma vez um lobo, sendo apanhado numa armadilha, prometeu ao deus dos lobos que nunca mais tornaria a comer carne se se visse livre daquela. Conseguiu, na realidade, libertar-se.

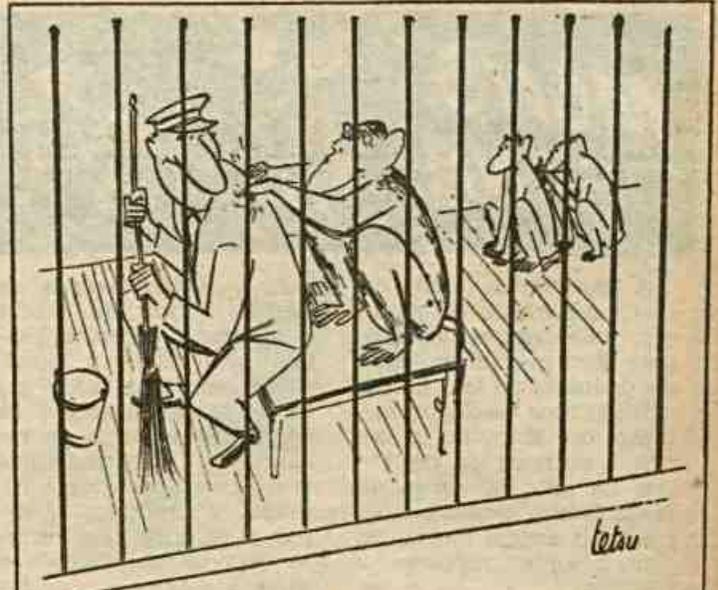
Daí a umas horas, ao penetrar num bosque, avisou um porco que chafurdava numa poça. Lambendo os beiços, atirou-se ao descuidado animal, dizendo:

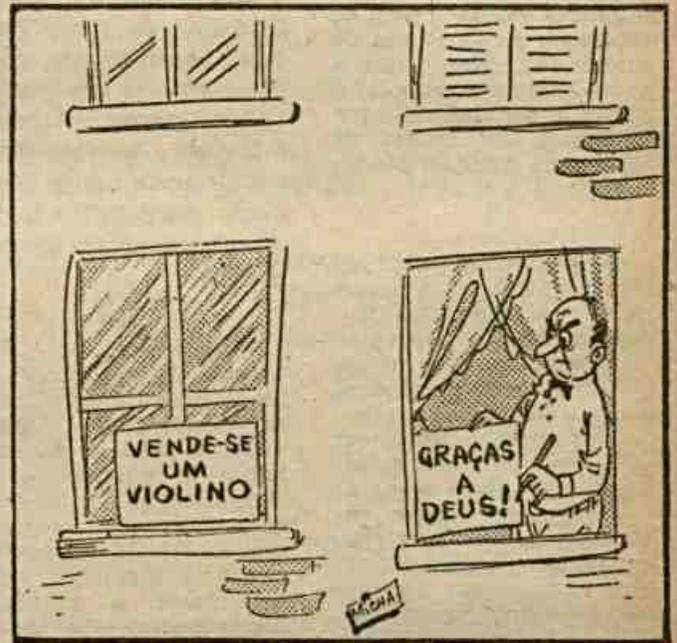
— Que grande peixe! Ainda bem que o encontrei, porque já não me tinha nas pernas, de fome!

●

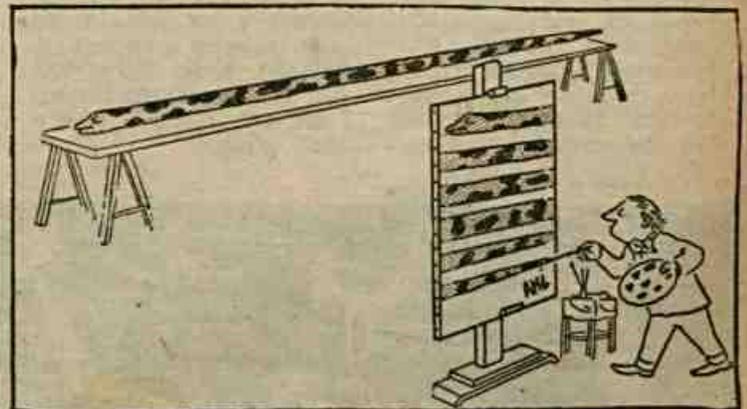
— Ora! dizia êle — Vocês, mulheres, nunca podem escrever uma carta sem *post-scriptum*.

— Isto é que podemos — afirmou ela. —Hei-de escrever-lhe uma e você verá.

Dias depois êle recebeu uma carta dela, e no final vinha: "P. S. Então? Escrevi, ou não?"

— *Mais à direita . . . mais para cima . . .*

JUSTA ALEGRIA

No Jardim Zoológico, um visitante sorridente pergunta a um guarda:

— Estas aves tão bonitas e bem tratadas pertencem à família dos galináceos?

— Não, meu caro senhor... — respondeu o guarda. — Pertencem à Prefeitura.

A TÊLA ERA PEQUENA . . .

A importância atribuida ao conhecimento da natação, nos tempos antigos, para fins guerreiros, pode ser deduzida do fato de ter existido uma escola de natação do Exército, mantida à margem do rio Tibre, no ano 300 antes de Jesús Cristo. Supõe-se que é a mais antiga escola, no gênero, que registra a História.

●

O voleibol, quando surgiu, era algo desprezado porque, diziam, era "desporto para velhos" "ou para mulheres". E "para mulheres velhas". Nem os brotinhos gostavam de praticá-lo. Mas, pouco a pouco, tornou-se popular e passou a ser praticado por elementos de ambos os sexos e de qualquer idade.

●

As primeiras pistas de corridas tinham a forma de "I", ou eram retas. Tomavam muito espaço e não permitiam que os espectadores pudessem vêr a saida e a chegada. Depois apareceu a forma em "U". Para uma boa visibilidade obrigavam a que as arquibancadas fossem enviezadas e não paralelas, em relação às grandes retas. Para melhor aproveitar o terreno para o público, adotaram o sistema em "O" que, com o tempo, se tornou oval. Assim, em qualquer ponto a visibilidade é perfeita.

●

E' crença que em água funda há mais facilidade para nadar. Engano. Experiências feitas na Inglaterra provaram que a profundeza da água não influe na natação.

Já na época clássica, da simples glória de vencer o campeão olímpico passou, sem demorar muito, a ter em suas mãos um dos melhores "negócios" da época. Uma forma de recompensa apreciadissima entre os atletas gregos foi, ainda, o direito do vencedor fazer erigir no recinto sagrado de Olimpia a própria estátua!

●

Uma das praças esportivas mais célebres do mundo, onde se tem realizado notáveis torneios, especialmente de box, é o "Yankee Stadium", de Nova York. Não é relativamente, grande. Comporta sómente ... 68.896. pessoas. Também é famoso o Wembley Park, notadamente devido a notáveis competições de tenis. Comporta 100.000 pessoas.

●

Junto às "palestras" na idade clássica Grega, notadamente em Atenas, existiam piscinas de água fria e de água quente. As "kolymbretas", já nos séculos III e IV, de nossa era, de várias temperaturas, e de grande conforto, denunciam a influência dos romanos nos usos e costumes gregos.

●

Um dos mais notáveis nadadores do mundo, em todos os tempos, foi o norte americano Jack Médica. Chegou a ser detentor de onze recordes mundiais de natação, estilo livre: 200, 300, 400, 500, e 800 metros e 220, 300, 400, 500, 1000 e 1760. jardas.

Na pré-história, o homem exercitava-se na natação como forma de locomoção. E como expressão de defesa contra os animais ferozes. A natação era útil, a julgar pelas gravuras históricas. A maneira de nadar do homem primitivo era parecida com o nado que o vulgo, atualmente, chama de "cachorrinho".

●

Os gregos antigos, em seus desportos, procuravam sempre dificultar o mais possivel a ação dos atletas. Porque o seu desportismo tinha como finalidade o preparo para a guerra. Assim, até nas corridas de carros, as dificuldades eram inumeráveis. Nas curvas, por exemplo, procuravam espantar os cavalos! Havia nelas estátuas de Taraxippo, literalmente "terror dos cavalos" e faziam barulho a seu lado, que aterrorizava os animais. Daí os esbarrões, abalroamentos e veículos em pedaços! Não raro, assim, de dezenas de carros que partiam, em uma disputa, apenas um ou dois chegavam à meta. A pista ficava semeada de destroços, de feridos e até de mortos!

●

Nas corridas de carros, os gregos antigos davam preferência aos cavalos importados da Asia porquanto os helenos nunca se distinguiram como grandes criadores de animais. Na falta dos equideos de procedencia asiática, ou de outros "da terra", os "nacionais", usavam mulas.

Nos sangrentos espetáculos do Coliseu Romano, quando um gladiador caia ferido a multidão bradava: "Habet"! O vencido pedia mercê levantando um dedo, se o público quisesse que êle fosse poupado agitava lenços ou panos brancos no ar. Mas, se achava que o combatente caido não demonstrava bravura, gritava: "Occide! Occide!" (Mata! Mata!). O imperador aprovava. Virava o polegar para baixo. E o gladiador vitorioso matava o vencido. E o público, emocionado, aplaudia!

●

Nas profundezas dos complicados subterrâneos do gigantesco estádio dos Césares, em Roma, onde rugiam as feras, e os gladiadores se armavam para os combates, estudam hoje os jovens engenheiros italianos como é que seus antepassados conseguiram construir essas prodigiosas fileiras de arcos e traçaram êsse gigantesco estádio, com lotação para mais de 50 mil pessoas.

●

Os campeões mundiais de box, peso pesados, até o presente, são em número de 18. Os seguintes: 1.º John Sullivan; 2.º James Jim Corbert; 3.º Bob Fitzsimmons; 4.º James Jim Jeffries; 5.º Tommy Burns; 6.º Jack Johnson; 7.º Jeff Willard; 8.º, Jack Dempsey; 9.º Gene Tuney; 10.º 11.º Jack Sharkey; 12.º Primo Carnera; 13., Max Baer; 14.º James Bradock; 15.º, Joe Louis; 16.º Ezzard Charles; 17.º Joe Walcot e 18.º, Rocky Marciano.

O BANHO DO BARBADO

CONSERVAÇÃO DOS DENTES

Convém observar, para conservar a dentadura, os seguintes preceitos:

Não quebrar corpos duros com os dentes.

Alternar os molares na mastigação.

Evitar alimentos muito quentes ou demasiado frios.

Lavar a bôca após ter-se tomado substâncias aciduladas.

Não exagerar o uso do açúcar ou dos doces.

Escovar os dentes depois da comida.

Não utilizar escovas muito macias ou demasiadamente rijas.

E' vulgar ouvir-se dizer que o camaleão toma a côr dos objetos que o cercam. Esta afirmação merece pouco crédito. Só a luz exerce influência em tais mudanças: exposto ao sol faz-se quase preto; às escuras fica pardo; sujeito à meia luz, cobre-se-lhe o corpo de vários matizes.

O BARBADO BARBEIRO

EXPEDIENTE DE UM DEVEDOR

Um negociante de Altona devia pagar uma letra-de-câmbio, em determinado dia, no Banco de Hamburgo. Não tendo o dinheiro preciso e achando-se, além disso, fora de casa, expediu ao diretor do banco o seguinte telegrama:

"Mateus, cap. XVIII, versículo 26".

O diretor ficou intrigado com tais dizeres. Tratar-se-ia dum dêsses apóstolos que formigam por todo o vasto Universo, que se lembraria de expedir pelos fios as palavras do evangelista?

Aberta uma Bíblia, no ponto indicado, o diretor leu:

"Senhor, tende compaixão de mim, e eu vos pagarei tudo."

Afinal, depois de muito trabalho, apurou-se que o telegrama só podia ter sido expedido pelo negociante de Altona, pois fôra o que deixara de pagar a importância da letra.

A direção do Banco, achando engraçada a partida, usou, efetivamente, da sua misericórdia e esperou que o homem regressasse.

Passados dias o negociante apareceu e com a maior exatidão satisfez o seu compromisso.

Aí está um expediente feliz e que salvou um homem de um grande apuro. Se não recorresse a êle, a letra seria protestada e o seu crédito sofreria um grande abalo.

Assim, a sua lembrança, que foi realmente original, deu-lhe tempo de arranjar a vida e solver os seus compromissos. Para tudo é preciso ter habilidade.

UM dos cabos da polícia marítima, entrando na barraca de Cortwright, exclamou: —

— Alô, amigo! Trago-te uma boa notícia: foste destacado para vigiar a margem do rio, por ordem do capitão Twaites. Prepara-te, imediatamente, para te apresentares ao sargento Richards.

Notando a alegria e a surpresa que se estampavam no rosto do inteligente e alegre rapaz, acrescentou:

— É uma grande sorte para ti, Bob! Eu te felicito! E fazendo continência retirou-se, deixando o jovem meio tonto com a surpresa.

Havendo terminado a tarefa diária, Bob tinha-se retirado para descansar uns minutos em sua pequena barraca do quartel de campanha, onde o surpreendera o cabo, com a agradável notícia.

Tão inesperada era para Bob a determinação do Capitão Twaites que, duvidando ainda, o jovem se precipitou até à porta, tentando distinguir o companheiro que se afastava do destacamento. Não, não era um sonho como pensava no primeiro instante.

A estranheza do rapaz tinha sua explicação: êle era um dos mais novos entre os policiais. Sua tarefa consistia em vigiar as pontes e as pequenas e feias ruas de Simbad. E agora lhe davam a incumbência de guardar a costa por onde se suspeitava estivesse passando contrabando! Apresentava-se, portanto, uma oportunidade de se fazer conhecido e êle trataria de aproveitá-la.

Dias antes havia circulado a notícia de que o comandante Jones, navegando durante a noite, fôra surpreendido por uns disparos de revólver. Embora não havendo mortes a lamentar, era evidente que o queriam atacar, mas não lhe foi possível distinguir de onde tinham partido os tiros.

Desembarcando em Bagdad, aonde fôra no desempenho de suas funções, o primeiro cuidado de Jones foi telegrafar imediatamente ao quartel, comunicando o ocorrido e mandando reforçar a vilância da costa, incumbência que agora era atribuida ao jovem Cortwright.

Uma hora depois de receber a ordem, Bob terminou seus preparativos e se dirigiu à enseada, onde embarcou em uma lancha rumo ao Quartel-general, para se pôr às ordens do sargento Dick Richards, a quem devia auxiliar, apresentando-se sem perda de tempo.

— Oh! É você o jovem Cortwright? — perguntou êste, vendo-o aparecer em seu escritório e observando atentamente a figura do rapaz.

— O capitão Twaits mandou que aqui viesse — apressou-se a explicar o interpelado.

— Muito bem! Então, esta mesma noite iniciaremos o policiamento, pois não há tempo a perder.

As primeiras noites transcorreram sem novidade alguma e Richards e Cortwright já estavam quase sem esperanças de descobrir a causa do atentado ao comandante, quando, na quarta noite, aconteceu um fato que os pôs de sôbre-aviso.

Navegação diante de uma ilha. Da proa da embarcação podiam vê-la banhada pela claridade da lua. De repente lhes pareceu distinguir, a ambos ao mesmo tempo, uma sombra humana recostada contra a estátua que guarnecia a entrada de um edifício baixo.

— Que poderá significar isto? — indagou o sargento Richards, surpreendido.

— Você também viu? — replicou Bob, menos intrigado do que o companheiro.

Decididos a descobrir o que se passava, resolveram ir a terra, tomando tôda a precaução possível para não serem vistos, pois isso poderia prejudicar-lhes a ação.

Logo que desembarcaram encaminharam-se ràpidamente até o edifício. De ambos os lados dêste, haviam grandes pilastras de mármore.

Bob e o companheiro estavam junto a essas pilastras quando um ruído se fez ouvir. Instintivamente ambos pegaram seus revólveres, escutando ansiosamente. Um minuto depois o ruído se repetiu: era uma tosse, que alguém procurava reprimir a todo custo.

Dando volta à pilastra, notaram que um árabe desaparecia no interior do edifício. Correndo ràpidamente, chegaram à porta e viram que havia alí a entrada para um subterrâneo.

— Aonde conduzirá esta passagem? — perguntou Bob em voz baixa e bastante intrigado.

— Já o saberemos — contestou Richards. E, seguido pelo rapaz, foi entrando pelo escuro corredor, que, quatro ou cinco metros adiante, dava volta formando uma grande curva, na qual se notava a claridade quase imperceptível de uma luz.

À medida que avançavam notavam que a claridade ia aumentando e puderam ver, então, que provinha de um compartimento ocupado naquele momento por um grupo de árabes.

O compartimento, que era um amplo salão, achava-se bem mobiliado e custoso tapete cobria o assoalho. A um lado, empilhadas num canto, havia muitas caixas de munições e armas, com a marca de fabricação inglêsa.

Aproximando-se um pouco mais, Bob pôde ver que os árabes, sentados em círculo sôbre o tapete, ouviam atentamente um dos companheiros que, de joelhos, falava em tom solene:

— Acredita-me, oh grande chefe! É verdade o que asseguro. Bem sabes que Abdul, teu fiel servo, vela tôdas as noites para te guardar! E há alguns minutos vi uma lancha parar na ilha. Tem cuidado, senhor! Temo que sejam policiais que venham em busca de tuas armas... Com essa gente nunca se pode estar tranquilo.

— Oh! se é verdade o que afirmas saberemos defender-nos!... — exclamou o chefe.

Bob e Richards, que não perdiam nenhum detalhe da estranha cena, reconheceram, no árabe que os anunciava, o homem que tinham visto junto à estatua, à entrada.

Não tendo mais dúvida de que se achavam em uma guarida de contrabandistas de armas, o sargento aproximou-se do ouvido de Bob e segredou:

— Creio que, diante do que já vimos, o mais conveniente é tomar precauções. Vamo-nos. Não podemos fazer nada, pois somos dois contra vários bandidos; pediremos reforços ao quartel e depois voltaremos. É necessário ter todo o cuidado. Cautelosamente, trataram de sair, porém poucos passos haviam dado, quando ouviram, atrás de si, vozes ameaçadoras.

Compreendendo que os árabes se tinham posto em seu encalço, Bob, ràpidamente, avaliou o perigo que corriam. Que fazer para se livrarem, uma vez que era impossível tentar combatê-los, pois, além de serem muitos, achavam-se bem armados?

Nêsse mesmo instante o olhar de Bob deparou com uma enorme pedra escura, que deveria ter servido, em outros tempos, de pedestal a alguma estátua, e que se encontrava perto da entrada do subterrâneo.

O inteligente rapaz teve então uma idéia salvadora e resolveu pô-la em prática sem perda de tempo.

— Meu sargento, creio que nossa única salvação consiste em remover esta pedra e empurrá-la para a entrada de caverna.

Se esta é a única saída, os contrabandistas, se encontram numa verdadeira armadilha.

— Ótimo, rapaz! — apoiou Richards. — Rápido, então! Mãos à obra... e venceremos!

Ajudado pelo companheiro, Bob tratou de remover a enorme pedra, mas esta era mais pesada do que haviam imaginado e permaneceu imóvel. Com violento esforço. entretanto, conseguiram finalmente fazê-la rodar e, com um forte ruído que repercutiu dentro da caverna, impedir a entrada, obstruindo-a.

Era tempo, pois os árabes desembocavam já pelo corredor.

Uma imprecação seguiu o ruído da pedra ao bater, o que fez Richard pensar que Bob tinha raciocinado bem: a caverna não possuia outra saída além da que acabavam de fechar.

Tinham conseguido, portanto, prender os contrabandistas em seu esconderijo.

Agora tinham que agir ràpidamente, porque êles poderiam empurrar a pedra que bloqueava a entrada.

Richards expôs seus temores a respeito.

— Por êste lado estamos tranquilos — assegurou Bob; — a disposição do corredor da caverna (mais baixa do que o nível da parte externa) faz com que isto seja dificílimo, embora os árabes sejam em número considerável. Não há perigo de escaparem!

Horas depois voltou, reforçada, a patrulha. A pedra foi tirada e a polícia invadiu a caverna.

Em pouco tempo os árabes foram subjugados, algemados e embarcados rumo ao quartel.

Os detidos compunham uma perigosa quadrilha de contrabandistas de armas.

O produto do contrabando foi tirado da caverna e guardado pela polícia.

Nessa mesma noite, quase pela madrugada, o capitão Twaites falou, em seu gabinete, a Bob Cortwright:

— Quero felicitar-te, rapaz, pela façanha desta noite, da qual acabo de inteirar-me.

Deste provas de valor e inteligência, pelo que serás premiado com uma promoção, que, segundo espero, será o começo de uma carreira que honrarás com a melhor dedicação.

Demais será dizer que Bob não pôde, em sua emoção, articular palavra; porém seu semblante foi mais expressivo do que ela: uma grande alegria se estampou em seu rosto.

O CORAL

A extensão da superfície da terra submersa debaixo dos mares é mais árida que os nossos prados e montes, mas também existem lugares pitorescos revestidos de maravilhosa vegetação: algas de mil côres e feitios, conchas brilhantes, árvores de pedra onde trabalham colónias de pólipos e anémonas que parecem cravos a abrir.

Há ilhas de coral quase exclusivamente feitas pelos pólipos. E' de admirar a sua prolífica vitalidade. O pólipo está sempre a digerir pequenos animais.

Quando a prêsa se encontra um pouco distante, o animal projeta os seus tentáculos envenenados e leva-a ao estômago para a comer viva. Cada colônia de corais ter cêrca de 30 cms. de altura.

Os pólipos necessitam para o bom desenvolvimento a temperatura não inferior a 15 graus centígrados. Estão ligados entre si por vasos que frequentemente formam um invólucro contínuo em volta do eixo interno. Assim, o coral parece-se com uma árvore de côr vermelha rosada ou branca.

Supõe-se que a côr dos polipeiros está em relação com as preferências alimentares, isto é, com o paladar dos pólipos!

Os antigos estavam persuadidos de que o coral era uma planta submarina, e atribuiram-lhe muitas propriedades: proteger homens e casas do raio, secar o sangue das feridas, ser adstrigente e tônico. Os médicos empregavam-no para várias moléstias e indisposições, como absorvente dos humores melancólicos..

CUIDADO COM OS SEUS OLHOS...

Seus olhos nem sempre lhe mostram a verdade. Muitas vezes você é enganado por êles. E' preciso cuidado . . . Olhando a figura acima, você é capaz de jurar que o espaço B é maior que A.
Entretanto, se medir . . .

BERLIOZ TEVE MÁS ESTRÉIAS

A "Missa de Requiem" de Heitor Berlioz, representava, para êle, grandes esperanças. Os amigos do autor proclamavam por todos os cantos que eclipsaria o sucesso de "Huguenotes", de Meyerbeer, obra que triunfava então na "Opera".

Quando, em Dezembro de 1837, o "Requiem" foi executado na capela dos Inválidos, o auditório era composto por tôdas as autoridades do mundo político, das letras e das artes.

Esta cerimônia oficial permitiu a Berlioz ganhar algum dinheiro, do qual êle tinha pre-

BERLIOZ

mente necessidade, mas, em razão de seu caracter privado, não conseguiu alcançar o grande público e não deu ao compositor a popularidade que dela esperava.

Para conquistar a afeição das massas, êle fez representar, no ano seguinte, seu "Benevenuto Celini".

Esta segunda prova valeu a Berlioz uma decepção ainda mais forte que a primeira.

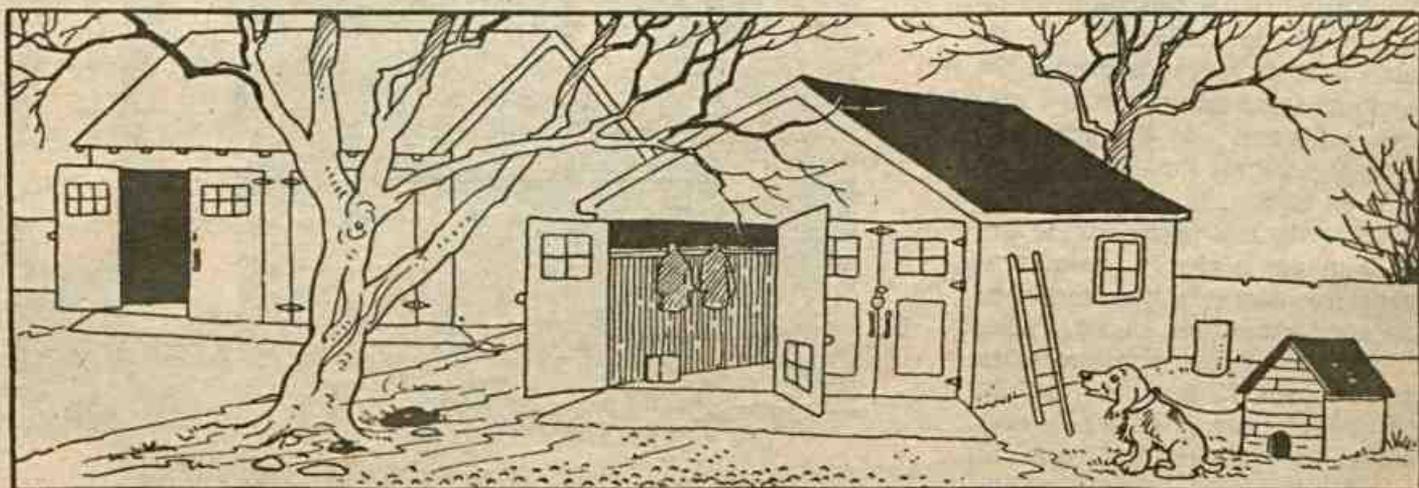
Uma frase de "Benevenuto Cellini": — "Minha bengala e meu chapéu... Terei o ar de um leopardo..." — suscitou na sala louca hilariedade e no fim da representação o nome de Berlioz era objeto de troça geral.

Mais tarde, porém, o renome do compositor se firmou e atravessou um século.

Quebra-Cabeças

O PROBLEMA DAS MEIAS

Dentro de uma gaveta estão 10 meias pretas e 10 meias brancas. Procurando no escuro tirar duas meias da mesma côr, quantas meias terei que tirar até ter certeza de ter um par que combine ?

VEJA AS SOLUÇÕES NO FIM DO ALMANAQUE

Aqui nêste desenho há 7 êrros cometidos pelo desenhista. Você é capaz de os descobrir ?

VOCÊ E' ESPERTO ?

Tirando duas maçãs de três maçãs, quantas maçãs terei ?

●

Tenho 2 minutos para pegar um trem, e a estação fica a 2 km. de minha casa. Se percorrer o primeiro quilômetro com uma velocidade de 30 km. por hora, a que velocidade terei de andar no segundo para chegar a tempo ?

●

O número de ovos numa cesta duplica de minuto em minuto. Em 1 hora a cesta está cheia. Quando estava pela metade ?

●

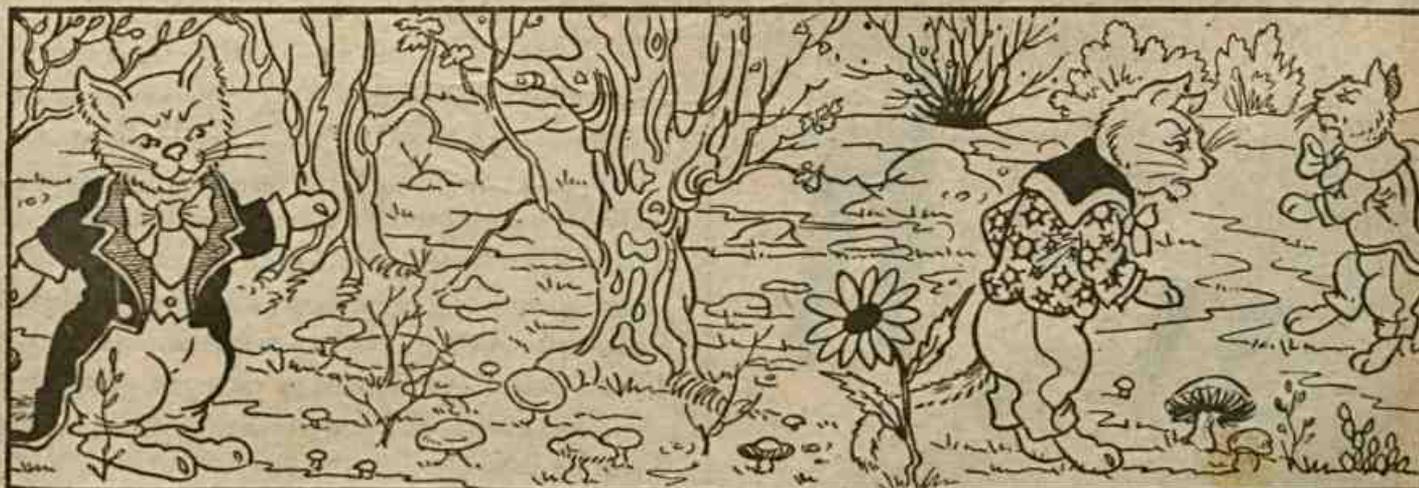
Um pastor tinha 17 ovelhas. Morreram-lhe tôdas menos 9. Com quantas ficou ?

●

Na amurada de um navio está pendurada uma escada de corda de 5 metros de comprimento. Os degraus têm 30 centímetros de intervalo e o último toca na água do mar. A maré sobe à razão de 25 centímetros por hora. Quando estarão os primeiros dois degraus cobertos pela água ?

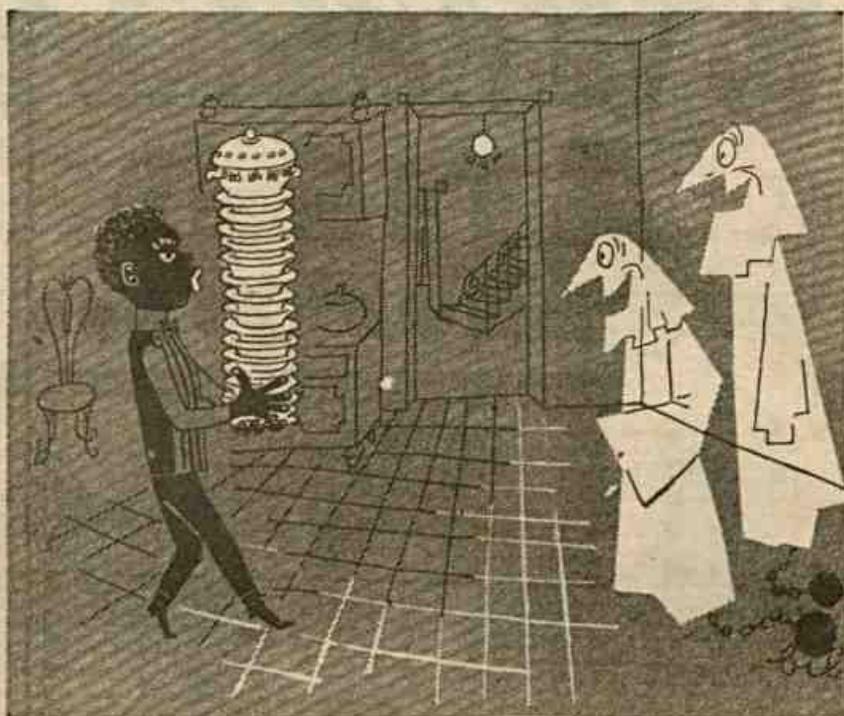
Para adivinhar a idade

Peça a qualquer amigo que escreva em um papel, às ocultas, o ano em que êle nasceu. Mande multiplicar por dois. E somar 5. E multiplicar por 50, somar a própria idade, mais 365. Do resultado, subtrair 615. Peça, então, que êle leia o resultado.

Se as operações tiverem sido bem feitas, o número resultante dará à esquerda o ano em que êle nasceu e, à direita, a idade dele.

Estes três gatinhos estão ocupadíssimos à procura de um belo rato que se escondeu. Se você fôr habilidoso descobrirá onde o rato gorducho e pirata se meteu. Quer tentar ?

O BIG-BEN

A uma altura de 360 degraus, na Torre do Relógio de Westminster, está o célebre relógio a que os ingleses chaman "Big-Ben", que há muitos anos marca o tempo aos habitantes de Londres. De baixo não se pode fazer uma idéia do seu tamanho. Tem 4 mostradores de 7 metros de diâmetro, um de cada lado da torre quadrada. Os ponteiros dos minutos têm 4 metros e 20 cms. de comprimento e os algarismos dos mostradores têm 60 cms. Se observarmos o movimento dos ponteiros de um relógio de algibeira, vemos o ponteiro dos minutos mover-se por pequeníssimos saltos. Mas no "Big-Ben" esse ponteiro salta de cada vez 15 cms. A pêndula pesa 200 quilos. Custa a crer nestas dimensões por que as coisas vistas a grande altura iludem muito, e o "Big-Ben" está a uma altura tal que, para chegar ao meio do mostrador, seriam necessários 80 homens em pé nos ombros uns dos outros.

BRINCADEIRA DE FANTASMAS

— Quando êle nos vir, é que vai ser gozado ! . . .

Lord Raleigh adquiriu o vicio de fumar. Certa vez deleitava-se com seu cachimbo quando um criado novo, que ainda não conhecia a coisa, vendo o patrão a expelir fumaça, atirou-lhe um balde dágua, supondo que o lord estava pegando fogo.

— Mas, doutor.. foi o senhor que pediu: — Bem pelado, aqui em volta !"

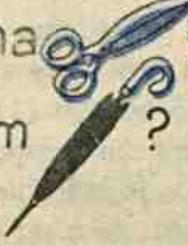
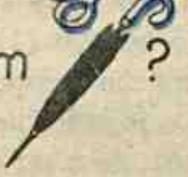
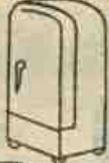
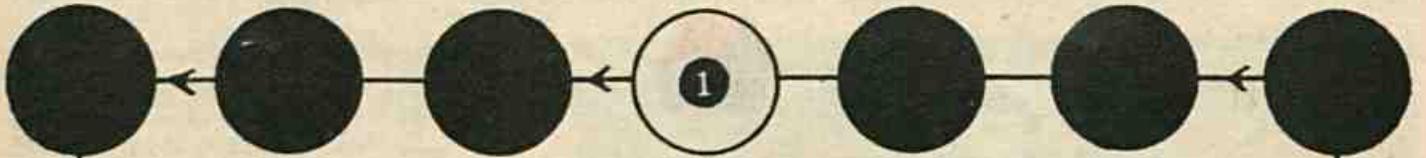
O PERIGO DA PRECIPITAÇÃO

Não se trata de anedota, mas sim dum fato realíssimo. Numa emissão radiofônica dedicada a interesses femininos, havia a habitual seção de "perguntas e respostas"

Uma senhora se encarregava dêsse questionário. Um dia, porém, a senhora, que era bastante meticulosa, como convém a êsse gênero de trabalho, adoeceu.

A substituí-la na seção citada ficou um seu camarada, conhecido por ser extremamente precipitado. Êste, logo no seu primeiro dia de trabalho, distinguiu-se desta forma: uma "assídua ouvinte" perguntava: "Qual o melhor meio de tirar a gordura de um caldo de carne?" Ele, que apenas leu as primeiras linhas, respondeu imediatamente: "Molhe cuidadosamente um pano macio em benzina e esfregue, devagar e pacientemente, até que a gordura impertinente saia de todo".

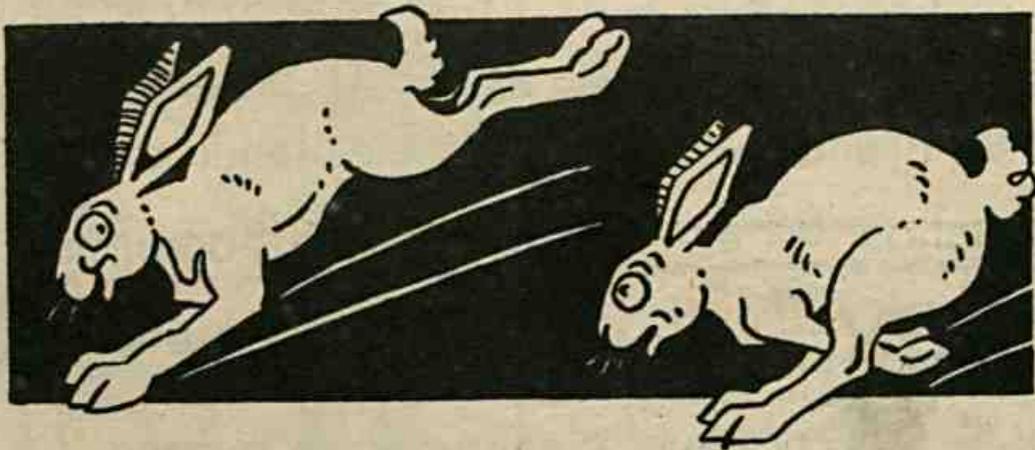
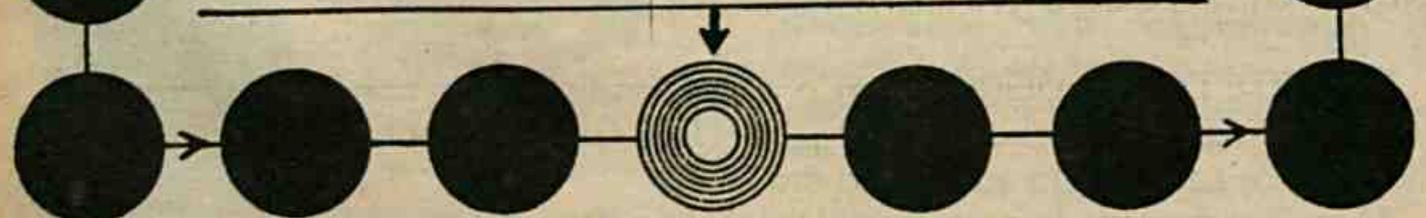
. . . Chama-se a isto o perigo da . . . precipitação . . .

O PRESENTE ACERTADO
Carlinhos saiu de tendo na algum
que levara muito a juntar pacientemente.
Queria comprar 1 presente para a para
colocar ao da .
Enquanto esperava o , pensava no que ha-
via de comprar: uma ? uma ? um ? uma
de feira? um ? um ? um ? um ?
uma ? um bonito?
Êle gostaria de dar uma coisa boa, uma , um
aparêlho de uma ... Mas qual! O que ti-
nha não chegava para tanto...
Dentro do porém, o teve uma idéia!
A sempre elogiava certo preparado, que dizia ser
miraculoso no trata da , acabando com
s, tirando as manchas e evitando os
E Carlinhos foi à rfumaria e comprou
o + acertado que se póde dar a uma
ou porque elas sempre o apre-
ciam e cebem com alegria:
O "LEITE DE COLÔNIA" é um produto tradicional e conceituadissimo dos Laboratórios STUDART & Cia., Manaus e Rio de Janeiro à venda em todo o Brasil.
O melhor preparado para as afecções da pele.
Leite de Colonia
STUDART & C.IA

A CORRIDA DOS COELHOS

Este é um jogo para duas pessoas, e bastante divertido. Cada jogador usa um botão, ou ficha, que representa o seu coelho.

Tira-se a sorte com uma moeda (cara ou corôa) para ver quem sai. Põe êste sua ficha no primeiro disco negro à esquerda do branco (1)

As jogadas são sempre de cara ou corôa com a moeda. Cada vez que o jogador acertar, avança 1 disco. Sempre que acertar, tem direito a ser o novo jogador, e se tornar a acertar, em vez de 1 casa avança 3. (Mas só póde jogar duas vezes a seguir).

O fim visado é dar tôda a volta até chegar EXATAMENTE sôbre o círculo branco outra vez. Se, por acaso, o jogador ultrapassar o disco branco, (por ter jogado 2 vezes e avançado 3 casas), terá que dar tôda a volta novamente, e se o parceiro que vem atrás atingir o branco, êle perderá

Em resumo: ganha o jogo aquele cuja ficha cair no disco branco, de quantas voltas der.

KAXIMBOWN CAÇADOR DE BORBOLETAS

EIS A SUA ÁRVORE DE NATAL!

PARA enfeitar a mesa, para a noite gloriosa do Natal publicamos esta árvore que é muito simples de armar. Cole-se a página em cartolina verde e recorte-se cada figura cuidadosamente. Tomem-se as peças 1 e 2, dobrem-se pelas linhas interrompidas, e calem-se (retirem-se a canivete) as partes brancas numeradas 1, 2, 3, 4 e as ranhuras B, C, D, E, F.

Com a peça 3 se forma um arco que se sustém com a aleta passada através da ranhura. As peças 1 e 2 se unem por meio da estrêla A, cujas duas partes serão coladas prèviamente, e as ranhuras B, C, D, E, se introduzem nas de iguais letras do arco que serve de base.

Perfurem-se os pontos marcados na árvore e nos enfeites, prendendo êstes àquela com fios, na forma indicada pelo modêlo terminado

O EXAME

ESTAVA prestando exame
o aluno Lulu Cardoso,
estudante preguiçoso,
brincalhão e "gazeteiro"
que passara o ano inteiro
achando o estudo "infame"

Da banca, um dos professores
quer o vadio ajudar
e começa a perguntar
coisas fáceis e banais.
Mas Lulu brincou demais
e está respondendo horrores!

— Qual foi o nosso patrício,
pergunta o examinador,
que, com denodo e valor,
sagrou-se herói nacional
por causa de uma mensagem
que deu alento e coragem
aos homens que comandava,
fazendo a todos saber
que a nossa pátria esperava
que cada um deles cumprisse
nada mais que o seu dever?

Lulu Cardoso não pia...
(Nem isso o pobre sabia!)

E, então, para que êle ouvisse,
o professor generoso
soprou-lhe o nome famoso

— Ah! Barroso! Arí Barroso!
responde, alto, o coitado.

— Como é? Que tolice é essa?
pergunta o examinador
furioso e escandalizado.

Lulu hesita um instante
e de novo o professor
amigo torna a "soprar"
para ver se o auxilia.

E, ouvindo o que êste dizia,
numa frase sussurrada,
Lulu corrige, radiante:
— Não, não! Foi o Almirante,
êsse que canta embolada!

GALVÃO DE QUEIROZ

COMO SE DEFENDEM E LUTAM OS ANIMAIS

José Antonio Duran

Escorpião atacando

De todos os animais, é o homem o único que recorre, para se defender de ataques de outros sêres, a meios artificiais, isto é, não apenas àqueles que lhe deu a Natureza para tal fim.

Os demais, por não terem a mesma inteligência que Deus deu ao homem, e a sua capacidade de criação, invenção e imaginação, quando ameaçados de perigos, utilizam-se dos recursos naturais que possuem.

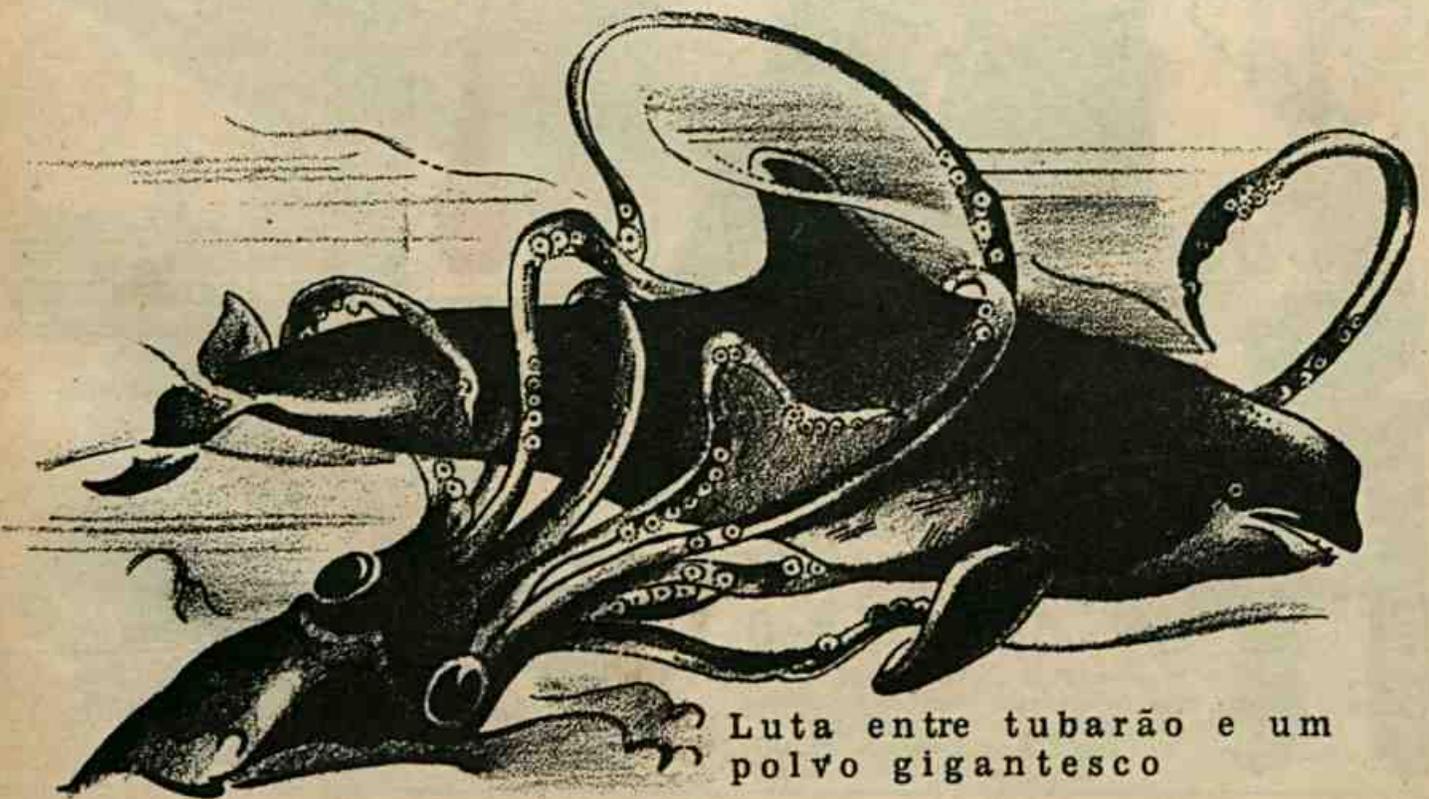
O homem usa as armadas chamadas "brancas", facas, punhais, espadas, lanças, baionetas, e outras como o revolver, o fuzil, a metralhadora, o canhão, o bordão, porrete ou cacete, o "casse-tête" (quebra - cabeças, traduzido para o nosso idioma), a bengala, o escudo (medieval) e a armadura, a cota de malha, dos antigos lidadores, o capacete de aço, dos nossos dias.

Os irracionais, porém, defendem-se hoje como sempre se defenderam, e, se acontece travarem luta, suas armas não vão além dos recursos que Deus lhes deu.

Êsses recursos de defesa são, como veremos, os mais variados, curiosos e interessantes. Alguns valem de muito, outros têm apenas efeito psicológico, isto é, servem apenas para assustar, espantar, surpreender o inimigo.

Uns, são armas de ataque, como a do peixe-elétrico. Outras, armas de defesa, como a substância escura derramada pelo polvo, que turva a água à sua volta e lhe permite a fuga.

Já que falámos no peixe elétrico, ou ginoto, ou poraquê, comecemos por êle. Seu "choque", que alcança às vezes forte voltagem, é a arma com que se defende Êle não anda, dentro da água, distribuindo descargas elétricas por brincadeira. Defende-se, quando sente o perigo, seja de outro habitante do meio líquido, seja do homem que o vai perseguir. Se não o atacarem, será um peixe calmo e bem comportado como qualquer outro. O polvo, já ficou dito, se atacado, defende-se deixando escapar de uma bolsa certa quantidade de tinta escura, que turva completamente a água... e, se lhe fôr, com isso, possivel eludir o combate, muito bem; se não, lutará, mas sem revólver nem bengala, com os muitos braços que recebeu de Deus e as suas potentes ventosas aderentes.

A chamada luta pela sobrevivência, que tanto preocupou Darwin e tem fornecido elemen-

Luta entre tubarão e um polvo gigantesco

tos de estudo a outros sábios, se ampara na capacidade que cada ser irracional tem, para travar o seu combate.

No abismo dos oceanos travam-se batalhas terriveis entre os polvos, as baleias, os tubarões, como também entre peixinhos menores. Conhecem o chamado Maria-da-Toca, ou baiacú?

Quando atacado, incha, fica feio, enorme, e mete tanto medo ao adversário que êste dá o fora.

A arraia tem na cauda um estilete, que é a sua arma de defesa e ataque. Não usa outra. Os crustáceos se defendem com as suas "puãs".

Inimigo bem terrivel é o sirí, é o caranguejo, quando zangados. Nunca se viu caranguejo usar espada: briga mesmo a braços...

Fóra do mar, a variedade de meios de defesa é enorme. Bichos como o ouriço, arrepiam aqueles espinhos, para meter medo aos inimigos. Se nada conseguem, enrolam-se, formam uma bola espinhenta, que nenhum adversário ousa abocanhar. Faz coisa semelhante o tatú: vira bola, e o mais que o inimigo pode fazer é chutá-lo, se gostar de futebol.

A cobra cascavel, atacada, levanta a cauda e faz ressoar os seus guisos, na convicção de que aquilo mete um bruto medo ao inimigo. E' a parte da defesa. Depois, se o inimigo não foge, ataca, com seus colmilhos e seu veneno. O escorpião, que leva o veneno na extremidade da cauda, ataca com o aguilhão, enquanto faz ameaças com as patas dianteiras.

Já repararam como fazem os gatos, quando se aproximam cães? Eriçam os pêlos das costas, tornam-se "feios", ferozes de aspecto, ameaçadores. Muitas vezes, logo depois disso, disparam correndo. Aquilo foi a defesa. Só brigam, mesmo, se a ameaça perdura, se o inimigo não se assusta com as suas caretas e arrepios.

Aí, usam as unhas, como arma de ataque. Arrepiam-se também os galos, quando brigam, os papagaios nas gaiolas, se as pessoas aproximam deles a mão.

Estão se defendendo. Os bois, escarvam, atiram terra para os lados, como se quisessem mostrar que têm bons músculos e bastante disposição...

Costuma-se dizer que "cão que ladra não morde", e o latir do cão já é uma autêntica manifestação de defesa, bem próxima da disposição do ataque, que virá logo a seguir.

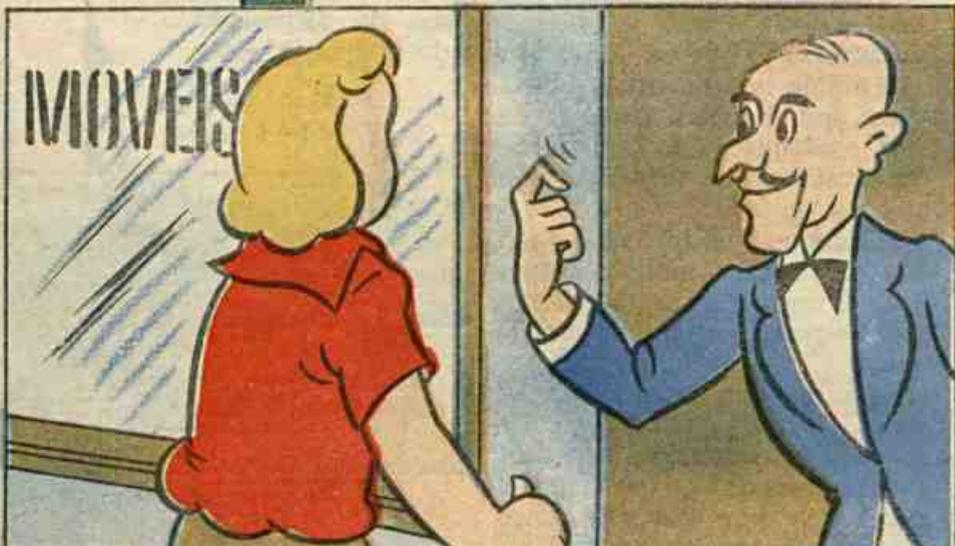
Peixe elétrico

Os esquilos, sabe-se, os caxixes ou caxingulês, se atacados abrem a cauda como verdadeiro espanador, para meter medo. Há animais que, como defesa, deixam escapar de si terrivel maucheiro, como o zorrilho, como a gambá, ou sariguéa.

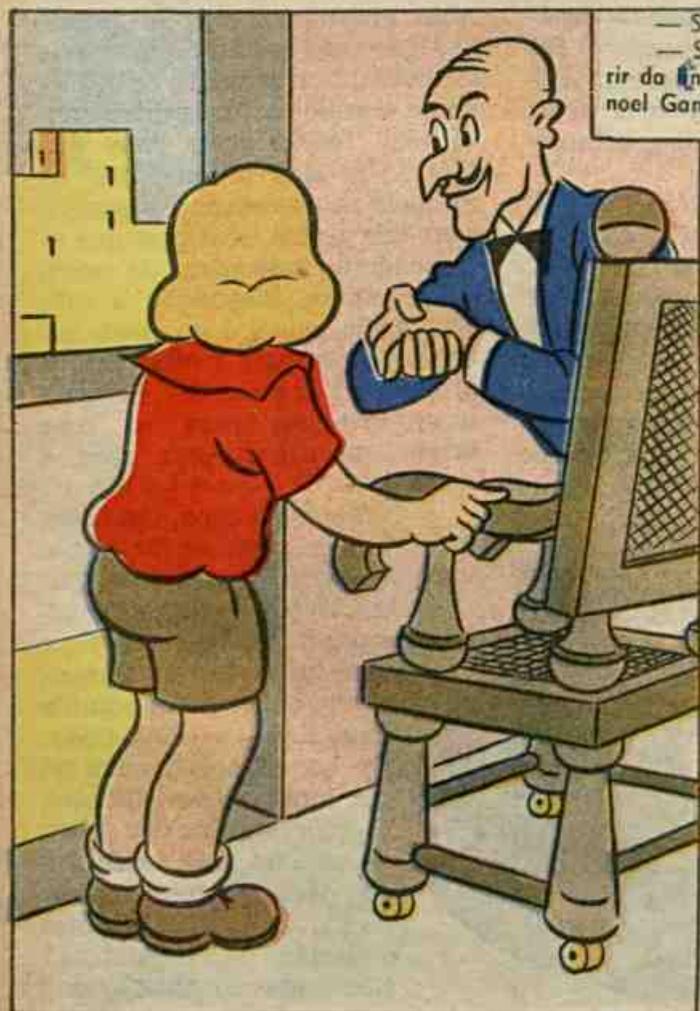
Defendem-se como podem, é bem de ver. Camaleões existem que assumem formas incríveis, incham o papo, como faz o sapo também, para "impressionar" o inimigo.

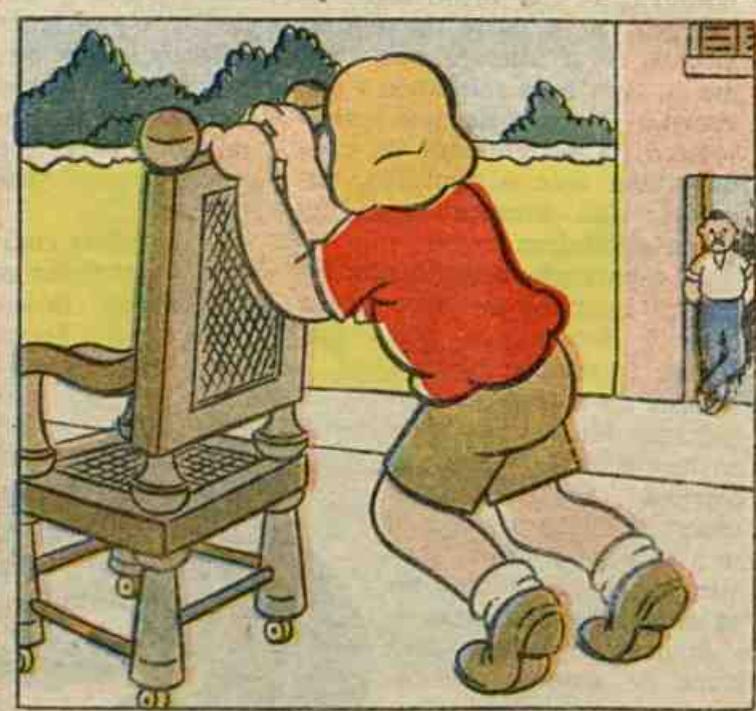
As galinhas com cria, quando as crianças delas se aproximam, arrepiam-se, ficam feias, para meter medo àqueles que pensam que vêm ameaçar sua ninhada. Os cavalos e burros, ameaçados, murcham as orelhas e arreganham os dentes, primeiro, numa espécie de careta com que procuram amedrontrar o adversário, e só depois usam as armas poderosissimas que Deus lhe deu, para o ataque, as patas traseiras com que distribuem coices fenomenais. Quem já não viu um louva-a-deus ficar firme nas perninhas a ameaçar com as patinhas dianteiras, com se quisesse jogar box? Para o homem, tais atitudes dos irracionais, de pequeno ou grande porte, nenhum efeito têm (e, às vezes, bem que têm...). Mas, lá entre êles, os animais se assustam e bastante, com tais gestos, com posturas ameaçadoras indicativas de valentia, coragem, disposição à luta ou... mêdo, quem é que pode saber? De qualquer modo, nem os próprios tigres de Bengala usam bengala, para as suas brigas, nem carregam faca à cinta, nem "lourdinhas" debaixo da capa. Com êles, a luta é leal, se fôr o caso de luta. E, antes de brigar, tratam de acovardar o adversário, para que êste fuja, sem briga haver. Parece, assim, que nos estão dando uma lição, e sábia lição. Por que há de o homem brigar com seus semelhantes, quando Deus lhe deu o dom da palavra e da inteligência, para esclarecer malentendidos, discutir assuntos e acertar suas questões? Não é mesmo uma tolice?

Cobra cascavel

AVENTURAS de Chiquinho

— Ih ! Já estava esquecendo ! — disse Chiquinho. — Tenho que ir à casa de móveis buscar a cadeira que Mamãe comprou, para dar de presente, no Natal, ao Vovô !

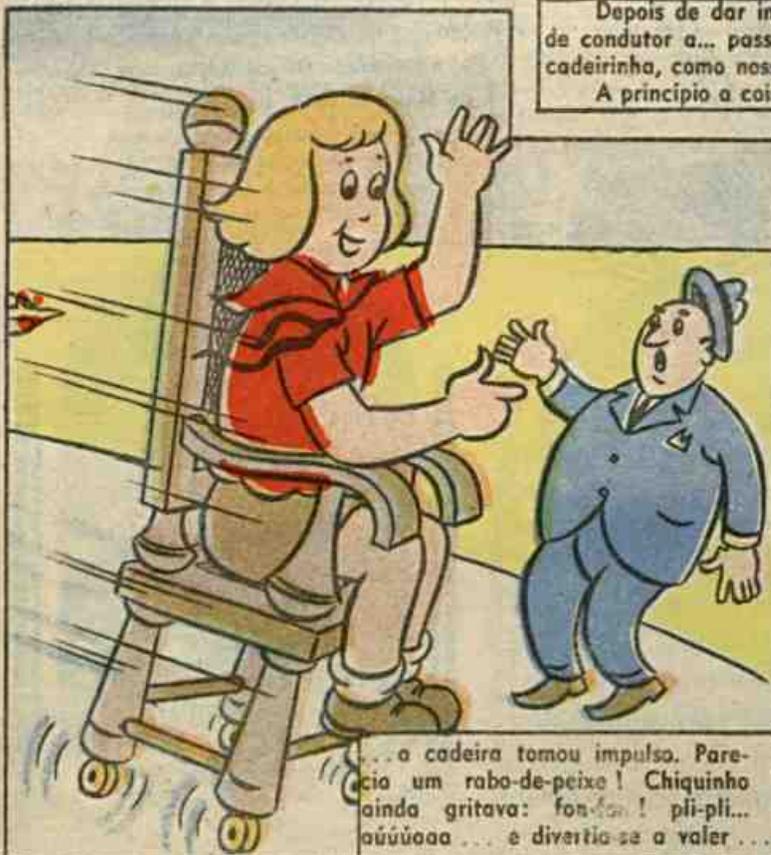
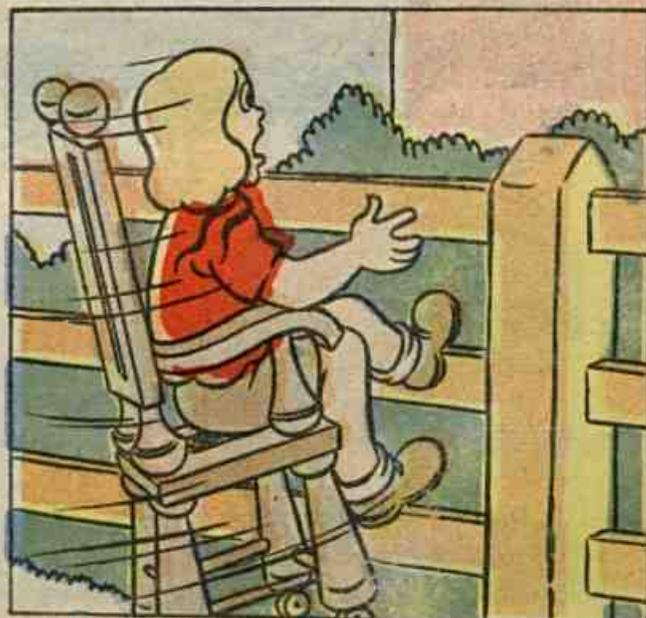
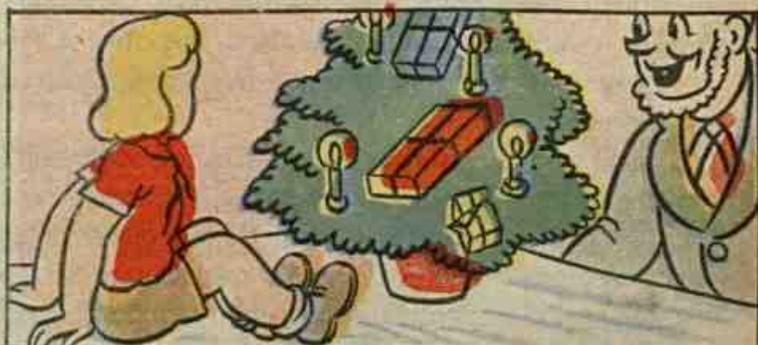
Na mesma hora saiu, subiu a Ladeira do Fulgêncio, no cimo da qual ficava a loja do estofador Manoel Ganchudo, apresentou-se ao dono da casa e explicou o que vinha fazer.

— Entrai, entrai, jovem! — disse o senhor Manoel Ganchudo. — A cadeira vos espera, reluzente, graças ao esforço envernizante dos meus prestimosos auxiliares...

— Sereis vós o condutor da impecável cadeira ? — perguntou, a seguir.

— Sim, serei eu — respondeu Chiquinho, que estava louco de vontade de rir da linguagem afetada e fóra de moda, do complicado estofador. Séo Manoel Ganchudo era mesmo complicado.

Recebendo o móvel — aliás uma bela cadeira, e com rodas ! — Chiquinho, para evitar a despeza com um carregador, decidiu levá-la, êle mesmo, pela rua. Já que era de rodas, rodaria até em casa e o dinheiro do carreto... rodaria para seu cofre, ou serviria para um presente de Natal ...

Dizem que palavra puxa palavra, e é certo. Mas também é certo que idéia puxa idéia. Uma vez que a cadeira tinha rodas, e que a rua era aladeirada . . . Hein ? Quem não vê logo ?

Depois de dar impulso à cadeira, nosso herói, ágil, saltou para ela, passando de condutor a... passageiro. Pela primeira vez, em sua vida, dava um passeio em... cadeirinha, como nossos antepassados.

A princípio a coisa estava boa, pois o declive era fraco. Depois . . .

. . . a cadeira tomou impulso. Parecia um rabo-de-peixe ! Chiquinho ainda gritava: fon-fon ! pli-pli... aúúúoaa . . . e divertia-se a valer . . .

. . . ladeira a baixo ! Quando, porém, chegou em frente ao portão de sua casa, e viu que era hora de parar... onde estava o freio ? — "Benjamim ! Abre o portão !" — gritou êle, como último recurso. Mas, quem disse que o pretinho ouviu ?

E então a cadeira foi "feita" em cima do portão, destrambelhou-se tôda, o passageiro virou de catrâmbias, fez um "looping the loop" (peça ao papai que êle traduz) e ... entrando pela janela, foi cair em cima da mesa, onde o Vovô estava acabando de ajeitar a árvore de Natal...

OS PATRONOS DAS ARMAS DO *Exército*

CAXIAS

O patrono do Exército Brasileiro, Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, nasceu a 25 de Agosto de 1803, filho de tradicional família de militares.

Desde os cinco anos foi, também êle, militar, recebendo as estrêlas de "praça de linha" em cerimonia realizada a 22 de Novembro de 1808.

Sua existência foi tôda dedicada ao Exército, ao serviço da Pátria, à Ordem, à Lei e à Honra.

Foi êle o único Duque do Império. Faleceu a 7 de Maio de 1880.

PÔR em destaque a glória de Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, é situá-lo, devidamente, na galeria dos grandes vultos nacionais. Imortalizado como grande estrategista, fino político e diplomata de escól, dono de imarcescíveis virtudes morais e cívicas, como de excepcionais dotes militares, foi, por tudo isso, o "Condestavel do Império" escolhido para ser o patrono do Exército Brasileiro.

Outros grandes nomes, porém, avultam e integram a valorosa família militar, onde bravos e destemidos soldados têm constituído exemplos de dedicação à carreira que abraçaram.

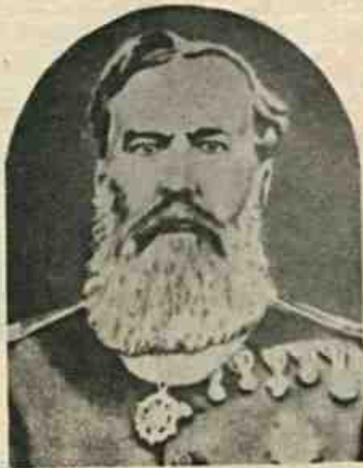
E, mercê da organização peculiar de nosso Exército, muitos deles foram eleitos, também, Patronos das Armas ou Serviços aos quais pertenceram, e pelos quais tudo fizeram com dedicação, sentimento de dever, espírito de sacrifício, bravura, iniciativa e tenacidade.

Vê-se, pois, que o espírito que os animou então, ainda hoje viceja, floresce e frutifica.

Vale como uma afirmação reiterada do nosso culto pelos heróis do passado, esta homenagem que hoje prestamos aos Patronos do Exército do Brasil, exemplos, como Caxias, que os nossos leitores devem ter sempre diante dos olhos, à medida que forem, pela vida a fora, assumindo responsabilidades, enfrentando obrigações mais sérias, no desempenho das tarefas que a cada um caberá, a serviço da grandeza e do progresso do nosso país.

SAMPAIO

PATRONO DA ARMA DE INFANTARIA

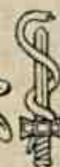
Brigadeiro ANTONIO SAMPAIO, um dos valorosos soldados do Brasil. Filho de família humilde, nasceu a 24 de Maio de 1810, no Ceará. Dedicou-se à carreira das armas, conquistando suas promoções por merecimento ou bravura. Tomou parte na tomada de Paissandú, mas passou à imortalidade com a batalha de Tuiutí, onde combateu com inexcedivel bravura. Retirado do campo de batalha quase sem vida, faleceu a bordo do transporte "Eponina", a 6 de julho de 1866, a caminho de Buenos Aires.

PATRONO DA ARMA DE ARTILHARIA

Tenente General EMILIO LUIZ MALLET, Barão de Itapovy, foi sagrado o artilheiro máximo do Exército Brasileiro, na batalha que foi sua glória: Tuiuti. Nasceu a 1.º de Junho de 1801, em Dunkerque, na França. Não obstante ser estrangeiro, aqui verificou praça, chegando a capitão. Em 1830 licenciado por não ser brasileiro, foi reincorporado em 1852 e continuou com brilhantismo a carreira que soube cobrir de louros. Faleceu a 2 de Janeiro de 1886, no Rio de Janeiro.

PATRONO DA ARMA DE CAVALARIA

Marechal MANOEL LUIZ OSÓRIO. Nascido no Rio Grande do Sul, a 10 de Maio de 1808, assentou praça em 1823. Cavalariano notável, elevou essa arma brasileira ao mais alto conceito. Bravo, possuido pelo espírito audaz do caudilho, o Brasil teve em Osório o tipo clássico de cavaleiro lendário, de lança sempre em riste a comandar esquadrões, regimentos, brigadas e divisões.

PATRONO DA ARMA DE ENGENHARIA

Ten. Coronel JOÃO CARLOS DE VILAGRAN CABRITA. Nascido em 30 de dezembro de 1820, assentou praça em 1840 como cadete de 1.ª classe. Seguiu para a guerra do Paraguai como Major e foi o heroi e martir de Itapirú. O Gen. Mitre, em ordem do dia, em 11 de Abril de 1866, dizia: "Honra e glória aos valentes da ilha em frente ao Itapirú. Honra e glória ao malogrado Ten. Cel. Vilagran que dirigiu com tanto acêrto como energia êste brilhante feito d'armas".

PATRONO DO SERVIÇO DE SAÚDE

General Dr. JOAO SEVERIANO DA FONSECA. Filho de uma família de bravos, nasceu em Alagôas a 27 de Maio de 1836. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ingressou no Exército como Ten. 2.º cirurgião, em 1862. Tomou parte na campanha do Uruguai e na guerra com o Praaguai, em ambas ressaltando suas virtudes de perfeito médico militar. Publicou inúmeros trabalhos cientificos e era membro de várias instituições culturais. Faleceu em 7 de Novembro de 1897.

PATRONO DO SERVIÇO DE INTENDENCIA

Marechal CARLOS MACHADO BITENCOURT. Filho de militar, nasceu a 12 de Abril de 1840, no Rio Grande do Sul. Tomou parte na campanha do Paraguai, distinguindo-se em Tuiuti, Itororó e Avaí. Nomeado Ministro da Guerra, coube-lhe dominar a rebelião de Canudos. Ainda como Ministro da Guerra, interpondo-se entre um fanático e a pessoa do Presidente da República, foi o Marechal Bitencourt assassinado em 5 de Novembro de 1897.

PATRONO DO SERVIÇO DE VETERINARIA

Coronel JOÃO MUNIZ BARRETO DE ARAGÃO. Descendente de tradicional família baiana, nasceu a 16 de Junho de 1874, naquele estado. Nomeado médico adjunto em 1900, Muniz Aragão foi o verdadeiro introdutor da Veterinária no Exército. Chegou-se mesmo a dizer, naquela época, que "a Veterinária no Exército era Muniz Aragão". Criou a Escola de Veterinária e publicou vários trabalhos. Foi eleito Patrono da Veterinária em Dezembro de 1940.

O COELHO SABIDO

O tigre já havia feito tanto mal aos animais que viviam naquela floresta que quase todos tinham desaparecido. Uns morreram e outros fugiram. Só o Coelho ainda estava alí e, todos os dias, burlando a vigilância da féra, dirigia-se aos lugares onde sabia que havia ervas frescas e tenras e fazia sua refeição. Comia até se fartar e depois voltava para a sua casa. Alimentava-se tão bem que estava gordo e luzidio, enquanto que o Tigre estava tão magro que se podiam ver os ossos por baixo do pêlo ralo.

Uma tarde, em que o Tigre não suportava mais a fome que sentia, foi até à casa do Coelho, porém este, ao vê-lo de longe, fechou cuidadosamente a porta.

Então o Tigre, com voz fraca, disse com humildade:

— Não tenhas medo, compadre Coelho, não te farei mal. Abre a porta um instante que eu te quero falar.

— Falar comigo? O que? Não penses que sou tolo — respondeu o Coelho.

— Estou falando sinceramente. Não pretendo fazer-te nenhum mal. Verás.

— Olha, amigo Tigre; o seguro morreu de velho... Sempre ouvi dizer isto. Dize, daí de fóra mesmo, o que queres.

— Está bem, já que não crês em mim, direi daqui mesmo o que é.

— Começa, então, a falar!

— Desejo saber o que comes e onde encontras alimento para estares assim tão gordinho. Sinto-me fraco, pois não encontro alimento em lugar nenhum.

— Isto é muito fácil. Cada um de nós deve procurar comer o alimento melhor para seu organismo e em quantidade suficiente.

— E onde o encontras?

— Em qualquer lugar onde cresça boa erva.

— Erva? Eu não posso comer erva!... — disse o Tigre, desconsolado.

— Entretanto, eu sei onde há um curral repleto de cabritos bem gordinhos! Será êsse o alimento que procuras?

— Naturalmente, compadre Coelho! Nada mais apropriado! E não haverá perigo em pegá-los?

— Nenhum! — disse o Coelho, mostrando convicção. — O proprietário é um homem de paz.

— E tu me acompanharás?

— Com todo prazer! E só para servir a um amigo que faço isto, pois, como sabes, eu não como carne...

— Ficarei imensamente agradecido, compadre Coelho. E não podemos ir agora lá?

— Não, agora não. Amanhã de manhã bem cêdo, quando os primeiros galos cantarem, nós iremos.

O Tigre, em seguida, foi para sua casa. Mandou Dona Tigresa recolher todos os galos e começou a apertá-los para que cantassem.

Depois, voltou à casa do Coelho e bateu, dizendo:

— Vamos, compadre Coelho. Os galos já cantaram.

O Coelhinho pôs-se a rir.

— Não! Não é isto! Só depois que dormirmos esta noite.

— Então, vamos dormir agora mesmo.

— Já, não! Quando se fizer noite completamente. Depois da noite, ao amanhecer. Quando o céu se tornar vermelho, com o romper da aurora.

O Tigre voltou novamente para casa e foi esperar. Logo que se fez noite, saiu, reuniu uns galhos secos de árvores e botou fogo. A fogueira produziu um forte clarão avermelhado e o Tigre, pensando que ainda dessa vez conseguia enganar o Coelho, dirigiu-se à sua casa. Chegou lá, bateu

umas três vezes, mas, como o Coelho estava no bom do sono, não acordou. E o Tigre insistia, gritando:

— Compadre Coelho, venha! Já está na hora! O Céu está avermelhado!

O Coelho respondeu:

— Ainda é muito cêdo. Quando começar a clarear, nós iremos Vou jogar uma agulha aí na fogueira e quando a encontrares já estará na hora de nos pôr em caminho.

E atirando uma agulha no monte de lenha, mandou o Tigre procurá-la. Como estivesse escuro, era dificílimo achá-la. E o Tigre ficou procurando até amanhecer o dia; quando a achou levou-a ao Coelho, que lhedisse:

— Agora, sim. Agora podemos ir.

E os dois puseram-se a caminho. Andaram algum tempo e por fim se encontraram próximo a uma granja. Então, o Coelho disse à fera:

— Espere-me aquí. Primeiro eu quero ver o lugar e depois venho avisá-lo, quando ficar certo de que não corremos perigo

— Está bem, mas não te demores muito.

O Coelho se meteu por um atalho, e sumiu na direção da granja.

O Tigre ficou esperando e já começava a se impacientar quando surgiu o Coelho.

— Que aconteceu, amigo? — perguntou ansioso mal o outro se aproximou — Há algum perigo?

— Não, compadre Tigre Aquilo lá está tranquilo e há mais ou menos uns vinte cabritos gordos e saborosos

— Então, vamos já!

— Vamos — disse o Coelho — porem cada um vai por um caminho Todos dois vão dar ao curral, um na frente e o outro nos fundos. De modo que se os animais fugirem por um caminho, um de nós estará de guarda para cercá-los, compreendes?

— Ótima idéia! — disse o Tigre

E assim se separaram.

A fera foi por um caminho e o Coelho por outro.

O Tigre ràpidamente chegou ao local combinado, pois estava com uma fome louca...

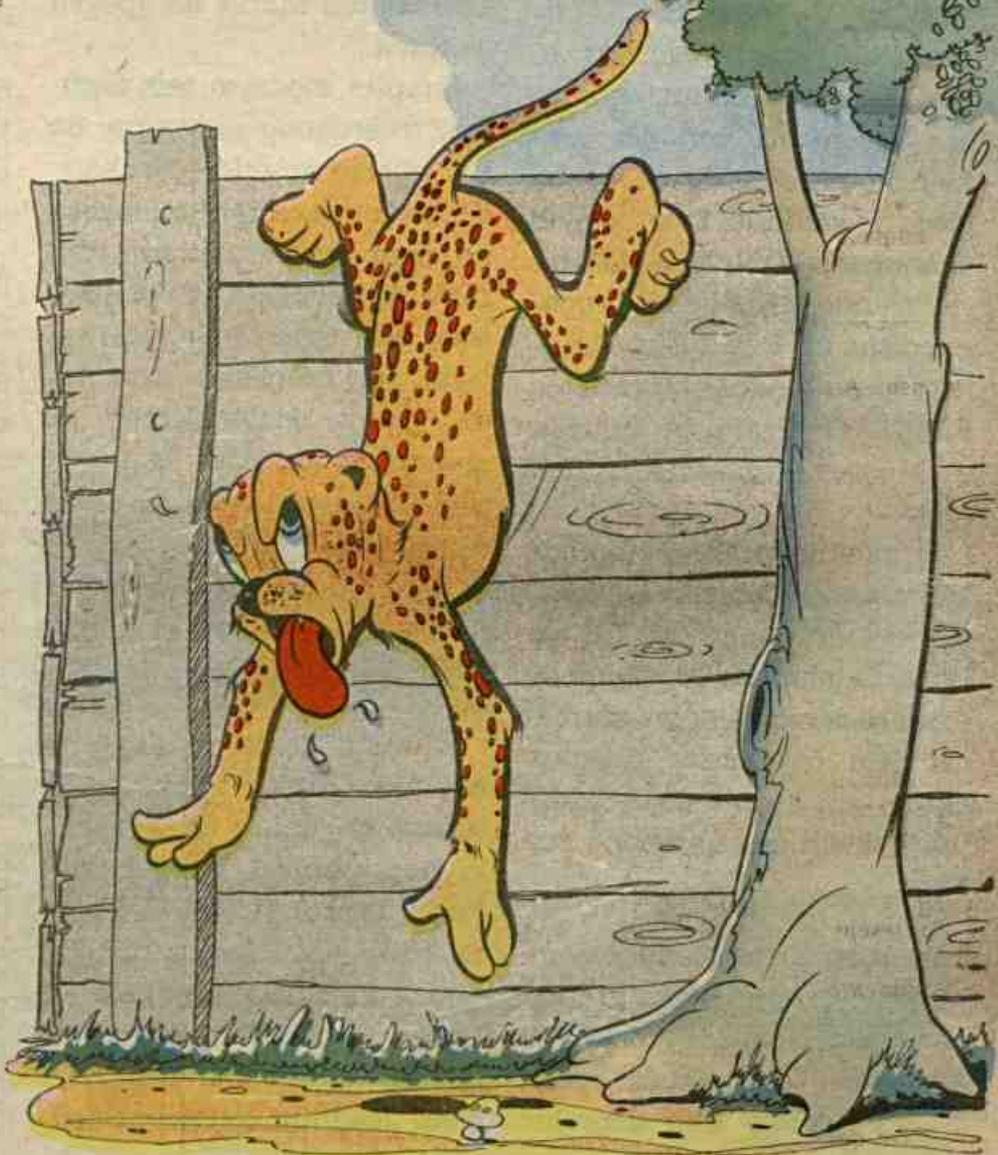
Como o curral era bastante alto, e as tábuas que o formavam eram muito juntas, não dando passagem, viu-se êle forçado a pular a cêrca, para se apoderar dos apetitosos animais.

Armou o pulo, contou até três e zás!

Quando, porém, caiu do outro lado, teve a mais desagradável das surpresas: em vez de cabritos, o que havia era alí a matilha de cães de caça do fazendeiro, que andava organizando uma grande partida com uns amigos

Os cães, assustados, receberam o Tigre como vocês imaginam.

Foi um custo, para êle fugir.

E até hoje vive perseguindo o Coelho, com uma raiva danada, pois não sabe se aquilo se deu por simples acaso, e o Coelho pensava que lá dentro havia mesmo cabritos, ou se foi tudo uma lição que o Coelho lhe quis dar, para o corrigir da sua maldade para com os outros bichos da mata.

UM MENINO pobre QUE CONQUISTOU A GLÓRIA

Machado de Assis

JOAQUIM Maria Machado de Assis, o grande escritor brasileiro, foi um menino pobre. Seus pais não lhe podiam dar nem conforto nem educação. Começou a sua vida sofrendo esse destino. Brincou no môrro do Livramento, como qualquer criança da sua idade, criado ao léu da sorte. Empinou papagaios, vendeu "balas" a outros meninos. Aprendeu, desde cedo, a olhar a vida com tristeza e com filosofia.

Muito moço ainda, teve necessidade de trabalhar. Foi tipógrafo, depois revisor de provas. E, nesse ínterim, estudava. Encontrou, um dia, um homem que se admirou da sua fôrça de vontade. Esse homem chamava-se Quintino Bocaiuva, grande jornalista e propagandista da República. Quintino levou-o para o "Diário do Rio de Janeiro", onde exerceu as funções de reporter no Senado.

O menino pobre e humilde tinha desejo de vencer. Começou a escrever crônicas e artigos. O gênio de Machado de Assis se revelava dessa maneira. Sem frequentar colégios, êle foi um auto-didata, isto é um homem que aprendeu por si.

*

E assim êle foi subindo. Ferreira de Araujo, outro grande jornalista brasileiro, dizia que Machado "conquistara posições e glórias sem acovelar ninguém do seu caminho". Referindo-se à sua infância, Bilac escreveu: "Machado de Assis não odiou ninguém; teve pena de todos, porque teve pena de si mesmo."

Com o correr do tempo, Joaquim Maria foi crescendo na admiração dos brasileiros. Seus livros começaram a aparecer nas livrarias, com raro sucesso. O romancista subia vertiginosamente. Houve uma época em que ele e José de Alencar eram os orientadores da literatura brasileira. Estava Joaquim Maria no apogeu da fama.

Simples, modesto, sem orgulho, recordando-se sempre da sua origem humilde, Machado de Assis nunca foi um cabotino, nem um avèntureiro literário. O seu valor foi conquistado pela tenacidade, pelo estudo, pelo heroismo da vontade, pela contemplação do mundo em derredor de si.

À custa de ler muito e de assimilar muito também, êle tornou-se senhor de um estilo incomparável. Era puro na forma, elegante, sóbrio e correto. Foi um fenômeno que nunca mais se reproduziu no Brasil. Outros homens de imenso valor, como Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Lucio de Mendonça etc., puderam frequentar escolas e colégios e conquistar um título superior. Machado de Assis não o pôde. Isso avulta ainda mais a sua glória.

Entre as obras de Machado de Assis citam-se: "Quincas Borba", "Ressurreição", "Histórias da Meia Noite", Memórias Póstumas de Braz "Cubas", "Papeis Avulsos", "Helena", "Dom Casmurro", "Esaú e Jacob", "Memorial de Ayres", "Yayá Garcia" "Falenas" (poesia) "Crisálidas", (poesia); "Americanas" (poesia); além de peças de teatro.

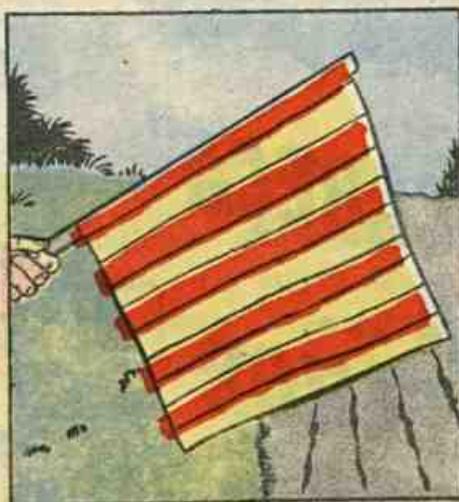
*

Morreu o grande brasileiro no dia 29 de setembro de 1908. Rui Barbosa, em admirável discurso, pronunciou o adeus da Academia. Foi uma peça digna do romancista imortal.

O beija-flor é o pássaro menor que se conhece. Pode voar em todas as direções, mesmo para trás. Uma variedade deles emigra do Alasca para o Brasil, atravessando o golfo do México, fazendo às vezes voos de 800 quilômetros sem descanso. Dizem que a menor espécie do beija-flor se encontra em Cuba, com apenas 3 centímetros de comprimento.

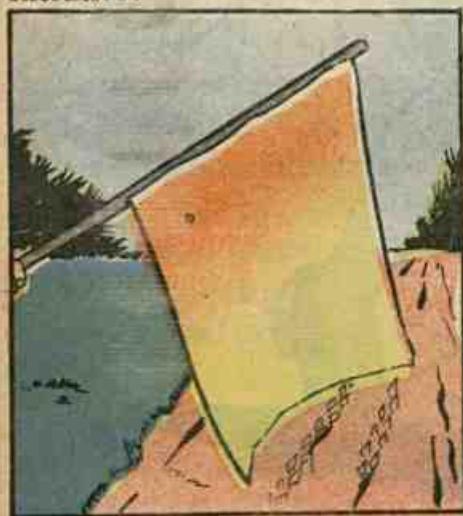
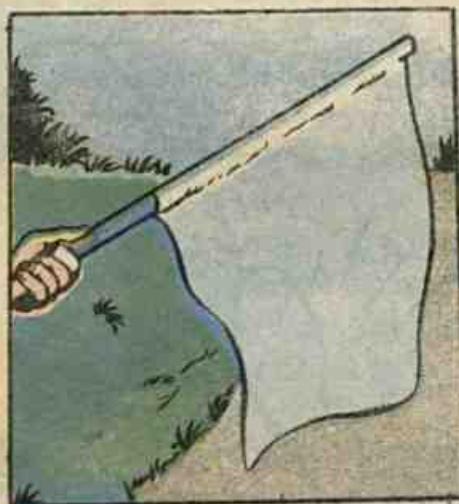
É A "MELHOR CABEÇA" DA ESCOLA... E USA O "MELHOR CALÇADO DO MUNDO"
INSINUANTE
INSINUANTE
insinuante, a maior e melhor sapataria da América Latina, é também uma galeria á sua disposição com água geladinha sempre às suas ordens.
O Brasil fabrica o melhor calçado do mundo e a INSINUANTE vende o melhor calçado do Brasil
CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

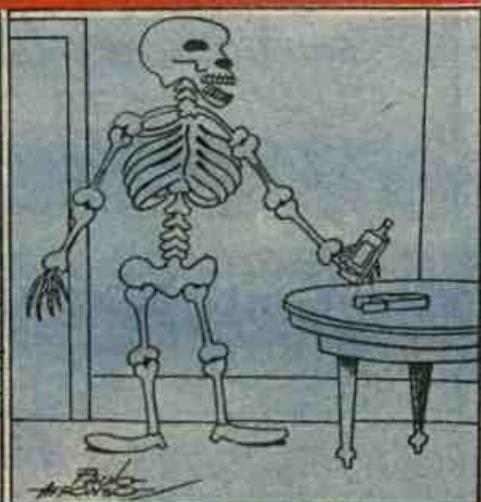
COMO FALAM AS BANDEIRAS

NAS CORRIDAS DE AUTOMÓVEL

Listas amarelas e vermelhas: Atenção! Poça de óleo na pista. Reduza a velocidade!

Azul: — Dê passagem a um carro que lhe quer tomar a frente.

DADA a partida, nas provas automobilísticas, os corredores não têm mais que um meio de ligação com o resto do mundo: a linguagem simbólica das bandeiras coloridas que vão sendo agitadas na pista, à sua passagem.

Que "dizem" essas bandeiras? Nas legendas desta página vocês podem ver traduzidos em palavras os aparecimentos das bandeiras sôbre a pista. Vão aqui os sinais gerais, que todos os competidores conhecem e a que são obrigados a obedecer. Não há nenhum sinal mandando interromper a corrida, pois isso seria anti-esportivo. Além das sinais e das bandeiras gerais, há, e é permitido haver, outros — que com êsses não possam ser confundidos — que os "studs" podem adotar particularmente para seu uso exclusivo.

Amarelo: Atenção! Perigo! (Mas não especifica de que perigo se trata)

Branco: — Cuidado! Veículo estranho à corrida (ambulância etc.) entrou no circuito

Xadrez preto e branco: "Fim da prova". (Usada pelo dirigente da corrida)

O RATINHO E O RATÃO

Era uma vez um ratinho
bem simpático, em verdade.
E era uma vez um ratão
todo cheio de vaidade

Sempre que via o ratinho,
dizia: — "Sou grande e forte!"
Nada receio na vida,
nem sequer a própria morte'"

Mais eis que um dia (a soberba
há de ser sempre punida...)
o gato, ao vê-lo tão gordo,
deu-lhe caça decidida.

De nada valeu ao tolo
quanto fez e quanto disse,
pois a morte foi o prêmio
da sua gabarolice.

Então, o ratinho, ao ver
ratão às portas da morte,
pensou: — "Antes ser ratinho!
Antes quero a minha sorte."

Menina, pensa, medita,
no triste fim do ratão.
Nesta vida, é mais prudente
não chamar muito a atenção...

Charles Darwin, que formulou a lei da seleção natural, tendo escrito "A origem das espécies".

Mendel, que fundou a ciência da hereditariedade, ou genetica, viveu de 1822 a 1824.

A eletricidade teve sua figura máxima em Thomas A. Edison, inventor da lâmpada de filamento.

OS HOMEMS A QUEM DEVEMOS O PROGRESSO DA *Ciência*

O progresso da Humanidade, ou seja o seu aperfeiçoamento no terreno das ciências, das artes, do trabalho proporcionador de confôrto, embora seja contínuo, tem tido no aparecimento e na ação de vários homens os seus pontos de maior relêvo.

A intervalos que são como que "pausas" para meditação acêrca do já conseguido e da maneira mais sensata de seu emprêgo e uso, surgem no seio da massa humana tipos excepcionais que trazem a predestinação de notoriedade.

Homens como Mendel, Charles Darwin, Thomas Alva Edison, Pierre Curie — êste secundado pela espôsa — Alberto Santos Dumont, Albert Einstein, Graham Bell, Louis Pasteur, Guilherme Konrad Roentgen, Henry Ford, Alexander Fleming e outros, aparecem hoje nas páginas da História do Mundo, cada qual com maior destaque.

Uma coisa, entretanto, é digna de menção, e para ela devem atentar os leitores: todos êsses grandes vultos, a cujos nomes a Humanidade rende culto sincero e eterno, foram amigos dos livros, foram estudiosos apaixonados, e só o estudo lhes permitiu alcançar, na vida, as posições de invejável notoriedade a que se ergueram.

Os verdadeiros heróis da Humanidade são, indiscutivelmente, êsses cuja arma foi a inteligência dia a dia cultivada e tornada mais ativa e fecunda. Sem as silenciosas batalhas travadas por êsses cérebros, nos gabinetes, nos laboratórios, nas oficinas, pouco a Humanidade teria progredido.

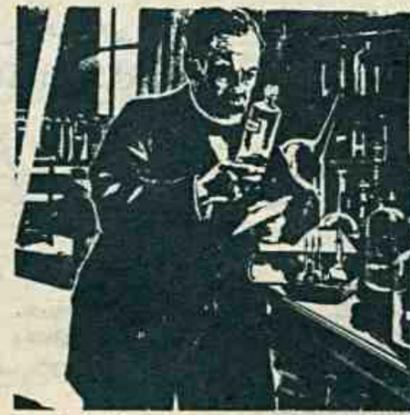
Vejam os leitores que coisa maravilhosa é essa de um homem, em tudo igual aos outros, sòzinho, usando a inteligência, fundar uma teoria, estabelecer um princípio, coordenar causas e efeitos, aprofundar e aperfeiçoar conhecimentos dados como insuperáveis, e receber o acatamento, o apôio, o aplauso, a gratidão, a veneração de milhões e milhões de criaturas iguais a êle, que se curvam diante de sua inteligência, do seu esfôrço e dos frutos do seu amor ao estudo!

Aqui nestas páginas figuram, em síntese, os nomes dos principais homens que tiveram atuação verdadeiramente saliente e preponderante nos últimos 100 anos, sábios, cientistas, homens de negócio, inventores, pesquisadores — concorrendo com o seu saber, sua experiência, sua audácia e determinação, para o progresso de todos.

Pierre e Marie Curie, que conseguiram isolar o radium.

Santos Dumont, o "pai da aviação", nosso patrício, que abriu novos horizontes para a Humanidade.

Albert Einstein, criador da teoria da relatividade, suplantou o próprio conceito de Newton.

Graham Bell que inventou o telefone, abrindo novos horizontes para as comunicações.

Louis Pasteur, que revolucionou a ciência estudando as bactérias e fundando as bases da assepsia.

Roentgen, que descobriu os Raios X, em 1895, estimulou progressos sem conta no campo da medicina, da física e da industria.

Henry Ford, que iniciou no mundo a "produção em massa", provocando uma revolução na vida moderna.

Alexander Fleming, descobridor da Penicilina, primeiro antibiótico conhecido e o mais poderoso.

A bomba atômica, última etapa do progresso, fruto do estudo e trabalho de vários sábios em equipe.

O ESQUILO. UM ANIMAL INTERESSANTE

O esquilo comum, é muito abundante nos bosques da Europa. E' um mamifero roedor, de regular tamanho, de pêlo espesso, tem o pescoço curto, a cabeça arredondada, destacando-se os olhos pela grande vivacidade. As orelhas sempre em pé, terminam por um pincel de pêlos.

A cauda é longa e com abundante pêlo, e quando está em repouso é curva em forma de um grande S. Quando o esquilo salta a cauda lhe serve de leme.

Seus dentes incisivos chamados roedores, são quatro; êle os emprega para roer; é o mesmo que uma ferramenta que se usa, desgastando-se, porém com a vantagem de crescerem continuamente.

As patas posteriores do esquilo têm cinco dedos e são mais compridas e mais fortes do que as dianteiras; estas têm quatro dedos bem desenvolvidos, muito separados e com garras; além disso, possuem um polegar atrofiado.

E' um animal alegre, irriquieto, que passa a vida nos bosques; seu corpo, muito flexivel, leve e agil, lhe permite saltar de uma árvore para outra, às vezes até sôbre ramos bem altos e fracos galgando distancias de quatro a cinco metros de um só impulso.

Alimenta-se, principalmente, de pinhões e nozes, os quais parte e rói com seus dentes incisivos; também come cogumelos, vagens, etc.

Faz seu ninho, geralmente, nos buracos dos troncos das árvores e nos ramos altos.

Este pequeno e simpatico animal é muito perseguido pelas martas e raposas, que são seus piores inimigos, assim como os falcões e corujas. Sua principal defesa está na agilidade e vivacidade dos sentidos.

Passa o inverno escondido em seu ninho, dormindo a maior parte desta estação, mas quando sente fome, dirige-se à sua "despensa", onde durante o verão armazenou alimentos.

O esquilo vermelho da Argentina tem um pelo grosso tirante a roxo escuro; seu corpo tem uns 16 a 18 cms. sem contar com a cauda; vive na provincia de Jujuy.

O esquilo tem o nome de serelepe, no Brasil, sendo ainda conhecido como caxinguelê e caxixe.

Seu pêlo é de côr cinza, suave, espesso e longo. Debaixo do seu pescoço, é branco.

O MAU PICAPAU

Um espertinho

Outro espertinho.

DE QUE TERRAS ÊLES SÃO ?

CADA uma dessas pessoas está vestida à moda do seu país.

Você é capaz de reconhecer a nacionalidade delas, pelos seus trajes?

(Respostas no fim do Almanaque)

O BENDEGÓ

UM dia talvez a Escola que você frequenta faça uma visita de estudo ao Museu Nacional, alí na aprazivel Quinta da Boa Vista, naquele sobradão antigo, que foi residência de D. Pedro II. E você vai deparar, logo no saguão, à entrada do edifício, com uma "pedra" de tamanho considerável.

É conveniente, portanto, estar prevenido de que aquilo não é uma simples "pedra"; mas um aerólito, ou seja, segundo a definição, um bloco mineral solidificado e duro, proveniente dos espaços siderais e que caem sobre a terra produzindo fenômenos luminosos e, por vezes, fortes estrondos.

Convém esclarecer, antes de falar sôbre o importante e valioso bólide — um dos mais valiosos espécimes existentes no gênero, em todo o mundo — que nada se sabe de positivo, até hoje, quanto à origem dos meteoritos. Tudo gravita ainda em tôrno de hipóteses formuladas por cientistas, considerando-os uns como originários de erupções vulcânicas de outros planetas, buscando, outros, explicação na rutura ou fracionamento de astros do nosso sistema planetário.

Mas, vejamos um pouco da história acidentada do nosso mais importante aerólito. E quando digo do mais importante, é porque o Museu Nacional possue mais seis outros meteoritos, todos encontrados em terras do Brasil.

Raymundo Galvão

Corria o ano de 1784, sendo Governador da Província da Bahia, D. Rodrigo de Vasconcellos, quando lhe foi comunicado ter sido localizado nas proximidades do rio Vasa-Barris, em pleno sertão baiano, por Joaquim da Mota Botelho, "uma pedra contendo ouro e prata". A notícia, como não poderia deixar de ser, veio encher de cobiça o Governador D. Rodrigo. E, sem perda de muito tempo, incumbiu Bernardo Carvalho da Cunha, capitão-mór de Itapicurú, de remover o já então propalado tesouro para um pôrto próximo da Capital, de onde fosse possível, talvez, enviá-lo para Portugal.

A remoção do meteorito, porém, foi tarefa muito além das possibilidades de Bernardo da Cunha. Faltaram-lhe ânimo e, sobretudo, recursos para levar avante o empreendimento. Conquanto o tenha retirado do ponto em que fôra achado, deixou-o em local de muito mais difícil acesso, às margens do riacho Bendegó.

Daí adveio o nome por que ficou sendo conhecida a importante peça do Museu Nacional.

Mais tarde, em 1810, em excursão que empreendeu ao nosso país, Mornay dele retirou pequenos fragmentos que, remetidos à Real Sociedade de Londres, foram por Wollaston examinados. E, alguns anos depois, publicava o "Philosophical Transaction" um trabalho dos dois cientistas que concluiam tratar-se, na realidade, de um meteorito cuja constituição era a seguinte: ferro, 91,1%; niquel, 3,9%; e, silicatos, 1 1%; tendo a densidade de 7,731 e o pêso de 5.360 quilos.

Mesmo assim, lá ficou esquecida em pleno sertão e às margens de um pequenino arroio, peça de tão grande valor.

Só em 1887, por proposta do Marquês de Paranaguá, decidiu a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro patrocinar a sua trasladação para o Rio, correndo as despezas por conta do Barão de Guahy.

Encarregou-se da missão, dessa feita, o então tenente e mais tarde Comandante José Carlos de Carvalho, que se fez acompanhar dos engenheiros Vicente José de Carvalho Filho e Humberto Saraiva Antunes.

Dando como iniciados os trabalhos de remoção, fez aquela comissão inaugurar, no dia 7 de setembro daquele ano, às margens do riacho Bendegó, um marco comemorativo.

Carretões especiais foram construidos, estradas foram abertas e pontes levantadas, atingindo-se, após dificílimos lances, a estação de Jacuricí a 4 de maio de 1888 e Lagoínha a 18 do mesmo mês e ano.

Daí para a frente, tudo foi facilitado e, finalmente, a 21 chegava o "Bendegó" à estação de Calçada, na Capital da Bahia, sendo exposto ao público, e dalí partindo a 30, com destino, ao Rio, a bordo do navio "Arlindo".

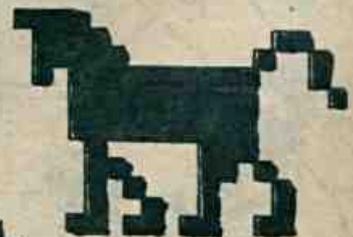
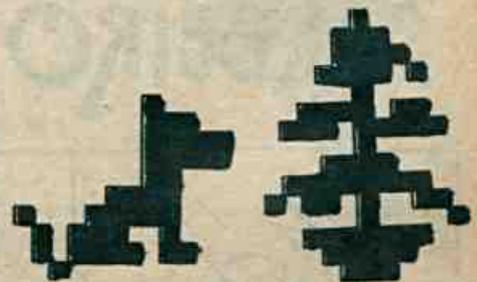
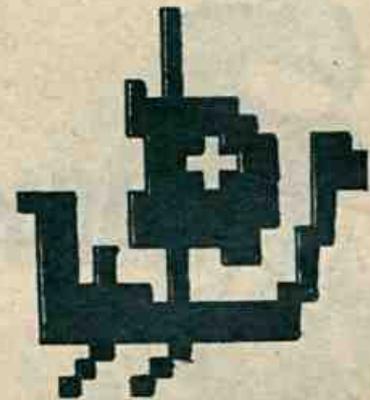
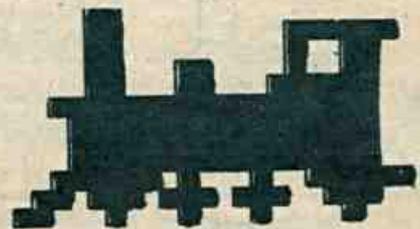
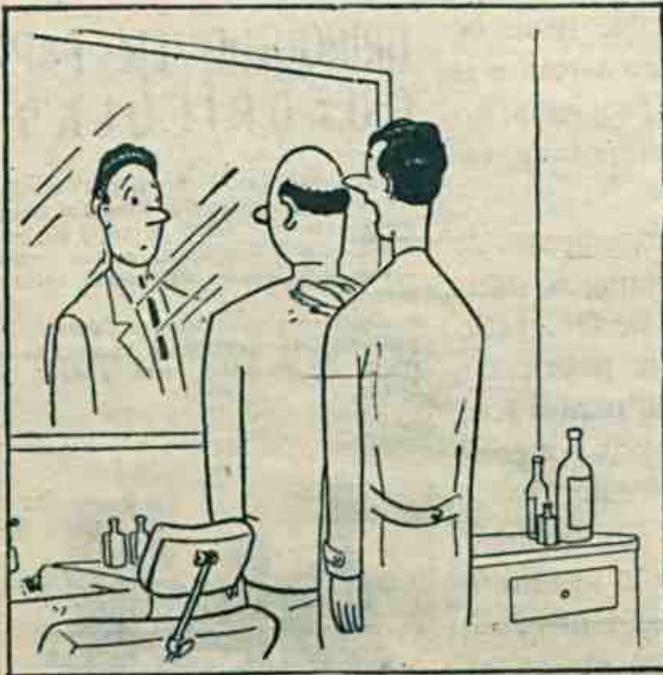
Como vêm os leitores, a par do seu valor histórico e didático, tem o famoso "Bendegó" uma história acidentada e cheia de interêsse, que vale a pena conhecer.

ENTRE JEJUADORES

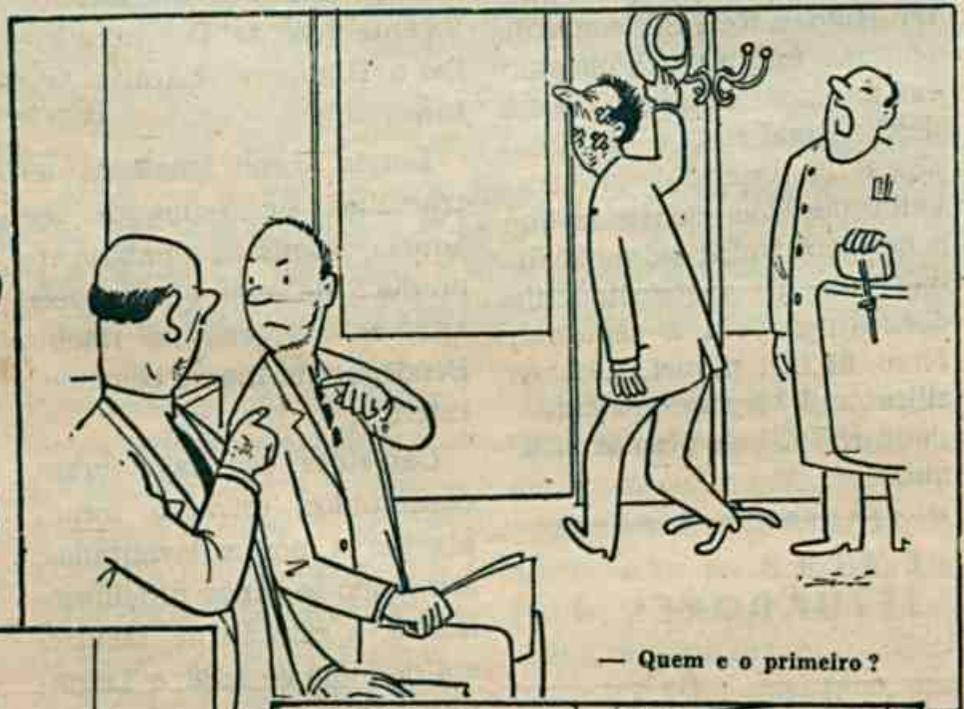
— Olá! Queres ir jejuar lá em casa amanhã?

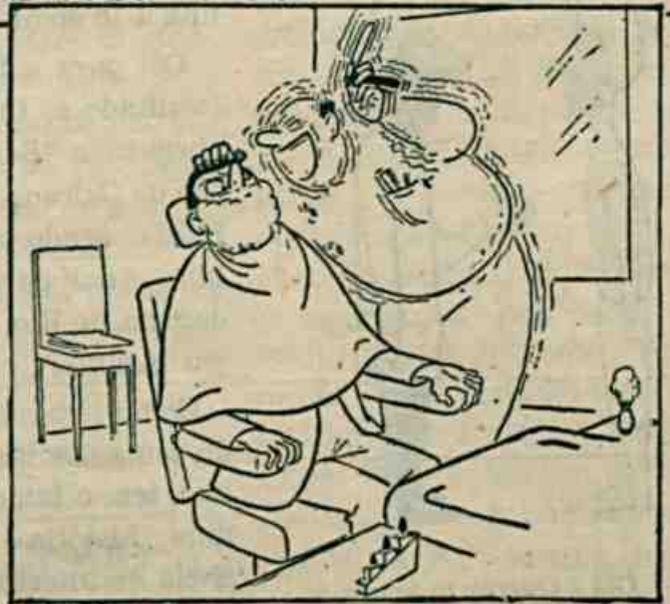
BRINQUEDO EM PAPEL QUADRICULADO

EM uma folha de papel quadriculado, podemos, com um pouco de imaginação, fazer os mais curiosos e pitorescos desenhos, o que constituirá passatempo dos mais interessantes.

Aqui têm os leitores algumas sugestões, que mostram a variedade infinita de desenhos que podem ser feitos.

— Está ao seu gôsto, doutor?

— Entre, doutôr! Estou quase terminando...

5 PIADAS DE BARBEIRO

— Quem é o primeiro?

— Qual dos dois, agora?

— Agora vou lhe contar outra ainda melhor!

ORAÇÃO À VIRGEM

SUA Santidade o Papa Pio XII, é o autor da bela oração à Virgem Santíssima, que aqui oferecemos aos nossos amiguinhos. Trata-se de uma piedosa página de fé cristã, que agradará, por certo, ao espírito de todos os devotos da Mãe de Deus.

"EXTASIADOS pelo explendor de tua beleza celestial e impelidos pelas ansiedades do mundo, lançamo-nos em teus braços, ó mãe imaculada de Jesús e nossa mãe, Maria, certos de encontrar em teu amoroso coração apaziguamento para nossos ardentes desejos e porto seguro contra as tempestades que nos assediam de todos os lados.

Embora degradados por nossas faltas e esmagados por miséria infinita, admiramos e exalçamos a riqueza sem par de graças sublimes de que estiveste repleta, sobre tôdas as demais simples criaturas, desde o mesmo momento de tua conceição até o dia em que, depois de tua ascenção aos céus, Êle te coroou Rainha do Universo.

Ó Fonte cristalina de fé, banha nossos pensamentos com verdades eternas!

Ó lírio fragrante de tôda santidade, cativa nossos corações com teu perfume celestial !

Ó conquistadora do mal e da morte, inspira-nos profundo horror ao pecado, que torna a alma detestável a Deus e escrava do inferno!

Ó bem-amada de Deus, escuta as ardentes preces que se elevam de todos os corações, neste ano dedicado a ti!

Cura, ternamente, nossas dolorosas feridas!

Converte o perverso; seca as lágrimas dos aflitos; conforta o pobre e o humilde; sufoca os ódios; suaviza as asperezas; defende a flor da pureza nos jovens; protege a Santa Igreja!

Faze que todos os homens sintam a atração do bem cristão; que, em teu nome, ressoando, harmoniosamente, nos céus, reconheçam que são irmãos e que as nações são membros de uma família sôbre a qual deve brilhar o sol da paz sincera e universal. Recebe, ó mãe dulcíssima, nossas humildes súplicas, e, sobretudo, consegue-nos que, um dia, felizes em ti, possamos repetir do teu trono o hino que hoje cantamos na terra, em torno do teu altar:

Tu és toda a beleza, ó Maria!
Tu és a glória!
Tu és a alegria!
Tu és a honra do nosso povo!
Amém!"

A COSTUREIRA

(Entra vestida de branco, trazendo nas mãos uma blusa de côr vistosa. e como quem procura qualquer coisa sôbre os móveis).

(FALA): — Não sei onde deixei minha caixinha de costura... Preciso consertar esta blusa que está tôda descosida e não acho as agulhas nem a linha. Essas costureiras são tôdas umas desmazeladas, sem capricho algum naquilo que fazem Imaginem que esta blusa é quase nova: tem sido vestida umas dez ou doze vezes e já está tôda descozida. Eu não sou costureira nem me meto a modista; mas uma cousa que eu côsa... é outra cousa, quero dizer: fica cosida. *(encontrando a caixinha)*:

— Ah ! Felizmente achei a caixinha...

(Tirando da caixinha agulha, dedal e linha, sentando-se e começando a coser apressadamente, de maneira que a blusa fique cosida ou pregada na saia que veste).

— Quando eu prego um botão, por exêmplo, êle fica pregado como se fosse a pregos, ou a parafusos e mais seguro do que o próprio seguro, que morreu de velho.

E' mais fácil cair a blusa do que o botão.

Quando eu faço casas num casaco ou mesmo numa saia, não há uma que não saia tão bem feita como se fosse uma casa de pedra e cal.

(Continua sempre cosendo):

— Um vestido que eu córte, póde-se ver; não dou um córte que não seja certo. Posso cortar um dedo meu, mas não corto um dedo de mais ou de menos na fazenda.

(Finge que fura um dedo com a agulha):

— Ui !... Furei meu dedo ! *(Mete o dedo na bôca)*:

— E' uma coisa que sempre me acontece: tôda vez que costuro, espéto a agulha com o dedo... perdão: espéto a ponta do dedo com a agulha.

(Chamam-na, de dentro):

— Maria ! ... O' Maria ! ...

(Respondendo)

— Já vou ! ... Está na hora de tomarmos o trem e não me posso demorar mais. Felizmente a blusa está costurada ! ...

(Levantando-se e vendo que está com a blusa pregada na saia):

— Oh ! como foi isso ? Já sei: é a pressa ! E agora, como há de ser ?... Não há dúvida. Terei de ir com outra blusa e outra saia !

(Saindo apressada):

— Essas costureiras ! ... Essas costureiras ! ...

EUSTORGIO WANDERLEY

Você Sabe ESCREVER UMA CARTA?

QUANDO se escreve uma carta, deve-se dizer apenas o indispensável para a boa compreensão.

Há pessoas que se alongam em detalhes supérfluos, enredam o assunto num verdadeiro cipoal de explicações, repetindo coisas já sabidas... Essas pessoas não sabem escrever.

Vejamos um exemplo. Certo cavalheiro quer pedir, por carta, ao seu advogado, que o venha ver.

Se fôr dos tais, a carta sairá assim:

"Meu caro Dr. Moreira.

E' meu desejo que, ao receber as presentes linhas, tanto o amigo como sua distinta família estejam gozando a mais perfeita saúde.

Escrevo-lhe esta carta de acôrdo com o combinado com o senhor, pois quando, há dias, o fui consultar em seu escritório de advocacia, sôbre as dificuldades que tinha com o meu vizinho, a respeito do muro que é comum às nossas propriedades, o senhor me disse que, antes de me poder dar uma opinião concreta e exata, dentro dos preceitos legais, precisava ver, com seus próprios olhos, o referido muro, e que a oportunidade boa seria o momento preciso em que o meu vizinho tivesse concluido a sua construção, o que ainda demoraria alguns dias, segundo meus cálculos.

Pois bem: a construção do muro foi concluida por êle, conforme verifiquei pessoalmente ontem pela manhã, tendo-se retirado já os pedreiros, pelo que considero que é conveniente e necessário pôr em prática aquele seu desejo de vir à nossa casa, para vê-lo, podendo, então, em consequência, aconselhar-me sôbre o que mais me convém fazer, segundo seus conhecimentos legais e sua abalisada opinião.

Como o senhor me disse que, na oportunidade em que eu o avissasse, o senhor viria imediatamente até cá, e ajuizaria do que se tratava, assim o faço, agradecendo-lhe antecipadamente a honra que o ilustre amigo me vai dispensar e o incômodo que, por minha solicitação, vai tomar, a fim de apreciar pessoalmente o especto legal do caso que decidi colocar em suas mãos de causidico experimentado.

Fico, pois, à espera de sua muito grata visita e aproveito o ensejo para cumprimentá-lo muito codialmente".

(a) *Fulgêncio Rebordão.*

Vê-se, pelo teor da carta, que Fulgêncio Rebordão é pessoa educada, atenciosa, e que sabe dispensar consideração ao seu advogado. Mas... sofre do gravíssimo defeito de que falámos acima, gastando palavras demais para dizer uma coisa simples. Chama-se, êsse defeito, verborragia, de que, aliás, muita gente sofre. Consiste em um fluxo incontido de palavras, que é desagradável para quem recebe a carta e aumenta o trabalho de quem a escreve, quando não vai complicar mais ainda o assunto. Entretanto, a carta podia ter sido escrita da maneira mais singela:

"Meu caro Dr. Moreira.

Peço-lhe que me venha vêr, conforme ficou combinado. A oportunidade chegou

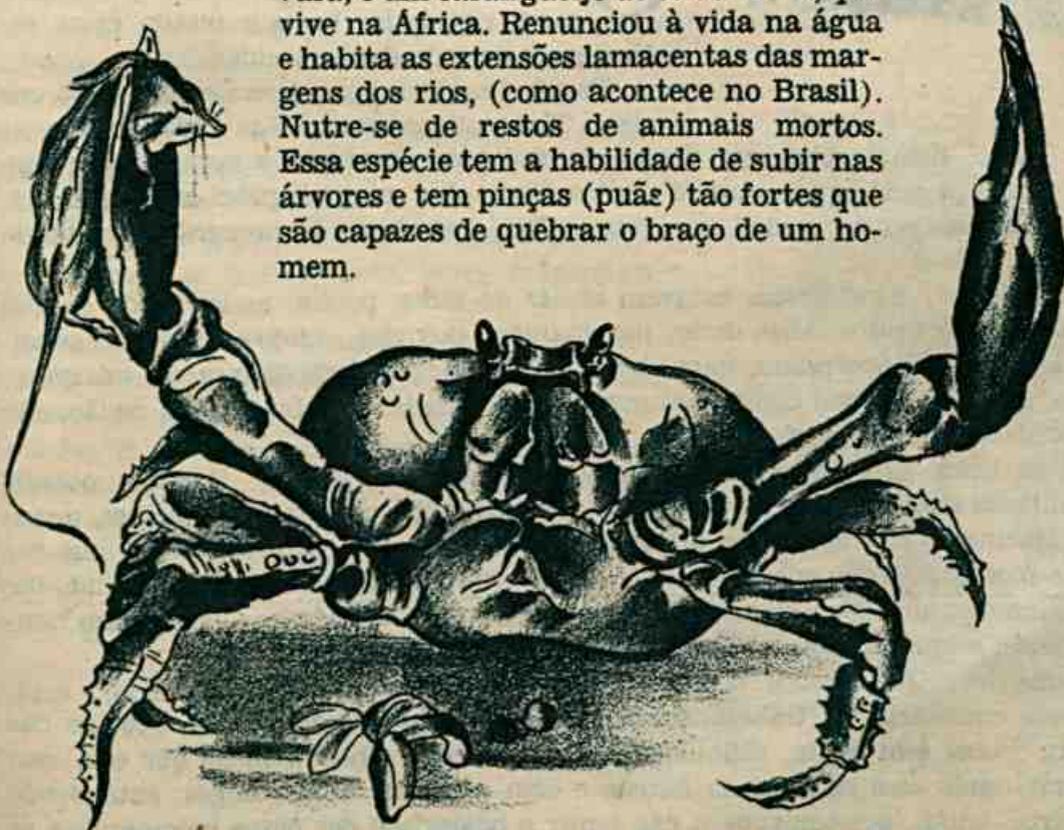
Cumprimenta-o muito cordialmente,

Fulgêncio Rebordão"

Tudo mais, o advogado concluiria por si mesmo

2 ANIMAIS CURIOSOS

NEM todos os carangueijos vivem no mar.

O que aqui está representado na gravura, é um carangueijo de terra firme, que vive na África. Renunciou à vida na água e habita as extensões lamacentas das margens dos rios, (como acontece no Brasil). Nutre-se de restos de animais mortos. Essa espécie tem a habilidade de subir nas árvores e tem pinças (puãs) tão fortes que são capazes de quebrar o braço de um homem.

O elefante é o maior mamifero terrestre que existe em nossos dias. O da ilustração, vive na África. Quem dirá que um animal com êsse porte e êsse aspecto é exclusivamente vegetariano? Suas grandes defesas (colmilhos), que nos dão o marfim, servem para êle arrancar raizes; e com a tromba êle colhe frutos e fôlhas das árvores.

Póde viver até os 100 anos. Por isso é que, nas moedas antigas, era o elefente o símbolo da eternidade.

O BANDEIRANTE

OLAVO BILAC

QUANDO, em 1664, Fernão Dias Pais Leme se embrenhou nos sertões de Minas, raros homens civilizados haviam pisado essas regiões quasi de todo desconhecidas.

Fernão Dias Pais Leme já era nesse tempo um velho. Tinha oitenta anos. Mas a idade não conseguira alquebrar o seu corpo, nem enfraquecer dentro da sua alma intrépida a coragem e a ambição. A terra virgem do Brasil já dava muito ouro e muitos diamantes: mas ninguém arrancara ainda do seu seio as belas e preciosas pedras verdes, que Fernão Dias Pais Leme ia procurar, arrostando todos os perigos.

Perigos de toda a sorte!... As florestas estavam cheias de feras: porém, maior ainda do que a delas, era a ferocidade dos índios brutos. Além disso, nas margens dos rios, reinavam febres assassinas. Com as enchentes, as plantas apodreciam, depositadas nas lezírias, e desfaziam-se em miasmas. E tudo, — féras, selvagens e febres, — tudo conspirava contra os exploradores, defendendo a região, não deixando que a civilização dela tomasse posse.

Mas Fernão Dias Pais Leme só pensava na realização do seu grande sonho. Sonhava possuir as grandes riquezas acumuladas naquelas zonas longínquas. Passavam-lhe por diante dos olhos, quando a febre da ambição o alucinava, rios de pedras preciosas, rolando, rolando, com um brilho que cegava. Já se via senhor de montanhas de pedras verdes... E essa ambição o alimentava, abrasando-lhe o sangue, dando-lhe aos músculos um novo vigor e ao coração uma nova mocidade. Juntou um bando de companheiros decididos, e empreendeu a aventura arrojadíssima.

Eram mais de quinhentos. Quasi todos já tinham explorado outras zonas de território, e estavam habituados àquela rude existência, de trabalhos sem fim, noites pasadas ao relento, debaixo das grossas chuvas torrenciais, riscos sem conta, dificuldades sem número. Eram homens que essa vida tornara semi-bárbaros: convivendo com os animais ferozes e com os índios antropófagos, entendendo e falando os idiomas de várias tribus, acostumados a não temer a odiosidade dos povos indomáveis e as

inclemências da natureza primitiva da América, tinham ficado corajosos como êsses povos, rijos e primitivos como essa natureza.

Quando a sêca abrasava os matos, os bandeirantes, para mitigar a sêde que os agoniava, bebiam o sangue dos animais que matavam. Comiam frutas, cascas de árvores, sapos, lagartos, cobras.

Não tinham bússola, não tinham armas aperfeiçoadas, não tinham remédios. Confiavam na sua boa estrêla, e caminhavam ao acaso. Tinham de vadear torrentes, ladear pântanos, galgar serranias, atravessar florestas virgens. E a ambição e a coragem de Fernão Dias Pais Leme guiavam êsses aventureiros intrépidos.

Dez anos durou a expedição. Enquanto caminhavam, de luta em luta, batalhando contra os índios, os bandeirantes iam, nos arredores do rio S. Francisco, lançando as bases de povoações, que são hoje cidades. Ao cabo dêsses dez anos, outros bandos tinham vindo juntar-se aos primeiros. Oito povoações tinham nascido, com edificações, surgindo como por encanto do solo, ao simples influxo da energia soberana de Fernão Dias Pais Leme. Quantidades fabulosas de arrobas de ouro em pó e de imensos diamantes asseguravam aos aventureiros grande fortuna. E, quanto às esmeraldas que Fernão Dias buscava, apenas uma pequena quantidade delas fôra colhida. E o velho chefe não se separava nunca da sacola de couro, em que guardava o precioso achado. Não era só o valor das pedras o que mais o satisfazia; era o orgulho de ter sido o primeiro a descobrir esmeraldas nas terras da América. Mas, as fôrças o abandonavam. Êsses dez últimos anos de vida tinham alquebrado o corpo do heróico velho. Enriquecido o seu bando de aventureiros, fixadas várias famílias nas povoações que fundara, Fernão Dias Pais Leme recolheu-se a Guaicuí, aldeia que, graças aos seus esforços, se desenvolvia e prosperava.

Aí morreu êle, serenamente, sem imaginar a glória que estava reservada para o seu nome. Antes de expirar, chamou o filho, e confiou-lhe a guarda da sacola das esmeraldas. Recomendou-lhe que tornasse ao litoral, e, em viagem para a metropole, para lá levasse as primeiras pedras verdes fornecidas pelas jazidas do Brasil.

O filho enterrou-o, piedosamente, em plena selva, no meio daquela admirável natureza cujos segredos o seu olhar atrevido fôra o primeiro a devassar. O cadáver do velho **bandeirante** repousa em lugar ignorado hoje. Ninguem sabe em que arredor de Guaicuí, perto das margens fecundas do esplêndido S. Francisco, está a ossada de Fernão Dias Pais Leme, — **o caçador de esmeraldas.** Mas, a memória dêle vive perpétua nas regiões que a sua ousadia desbravou.

O filho do explorador não sabia que decepção o esperava: as pedras verdes eram simples crisólitas sem valor.

Mas o ouro e os diamantes adquiridos, durante os dez anos de expedição, lhe davam uma fortuna capaz de o consolar fàcilmente dessa desilusão. E, se Fernão Dias Pais Leme não teve a glória de descobrir esmeraldas no Brasil, teve em compensação a glória mais alta de ter lançado a semente da civilização nos sertões de Minas Gerais, fazendo oito cidades rebentarem de seu solo inculto.

ALGUNS CÃES FAMOSOS

O cão é, sem dúvida, o animal que mais estima o homem. Inteligente, compreende o dono, num afeto que, muitas vezes, nos parece maravilhoso.

Há cães que adquirem celebridade, e será interessante conhecer-lhes a história.

Ulisses, rei de Ítaca, tinha um cão, que ele costumava afagar ternamente. A Guerra de Tróia, porém, ausentou-o da pátria durante mais de uma dezena de anos, e, quando regressou, o velho amigo felpudo morreu de comoção, como morrem certas pessoas, de coração fraco, incapazes de aguentar súbitas alegrias.

Action é o nome de um portentoso galgo, que salvou a vida de Carlos IX. Um dia ofereceram ao rei um missal envenenado, e logo o cão se atirou, em sanha brava, ao livro das orações, despedaçando-o às dentadas, o que lhe valeu morte quase imediata.

Graziella era a cadelinha turca, meiga e esperta, que Lamartine adorava. Seguia o poeta por toda parte, com invulgar dedicação; quieta e respeitosa, punha-se a contemplar o dono enquanto este se entretinha a escrever ou a conversar com os amigos mais

íntimos. Conta-nos F. Franklin que houve um cão que jogava dominó com o dono ou outros parceiros, sem nunca se enganar, e, uivando, manifestava o seu desagrado perante qualquer êrro.

Os cães São Bernardo são animais industriados pelos monges do mosteiro de São Bernardo, na Suiça, construído à altitude de 2.472 metros, nos píncaros dos Alpes, entre os anos 923 e 1002, por Bernardo de Menthon. Passagem obrigatória entre o norte e o sul do continente europeu, a Montanha de São Bernardo, hoje atravessada pelo caminho de ferro no túnel Simplon, oferecia então as maiores dificuldades aos viandantes, sobretudo quando a neve e as avalanches tapavam os caminhos de tal forma que desorientavam quem por lá se aventurava.

Mas só em 1660 se conheceu a existência dos famosos cães, auxiliares prestimosos dos monges, quando estes, após as grandes tempestades de neve, saíam em procura daqueles que certamente haviam sido surpreendidos em plena tormenta.

Admite-se contudo que a sua primitiva missão teria sido a de cão de guarda e só o fato de auxiliar os seus donos nas pesquisas da montanha os adestrou, a ponto de, sòzinhos e com um barril de aguardente dependurado à coleira, realizarem os mais atrevidos salvamentos de pessoas perdidas ou soterradas.

"Barry", o cão que mais vidas salvou, durante 14 anos livrou da morte cêrca de 40 pessoas.

Hoje, que o caminho de ferro modificou inteiramente o trânsito daquelas altas paragens, os cães São Bernardo são uma reliquia, embora mantendo a sua casta especial, de ótimas qualidades de coragem e sacrifício.

BOM MODO DE DEFENDER!

PRECE PELA ÁRVORE

A árvore purifica e fecunda não apenas o ar e a terra, como também nosso coração.

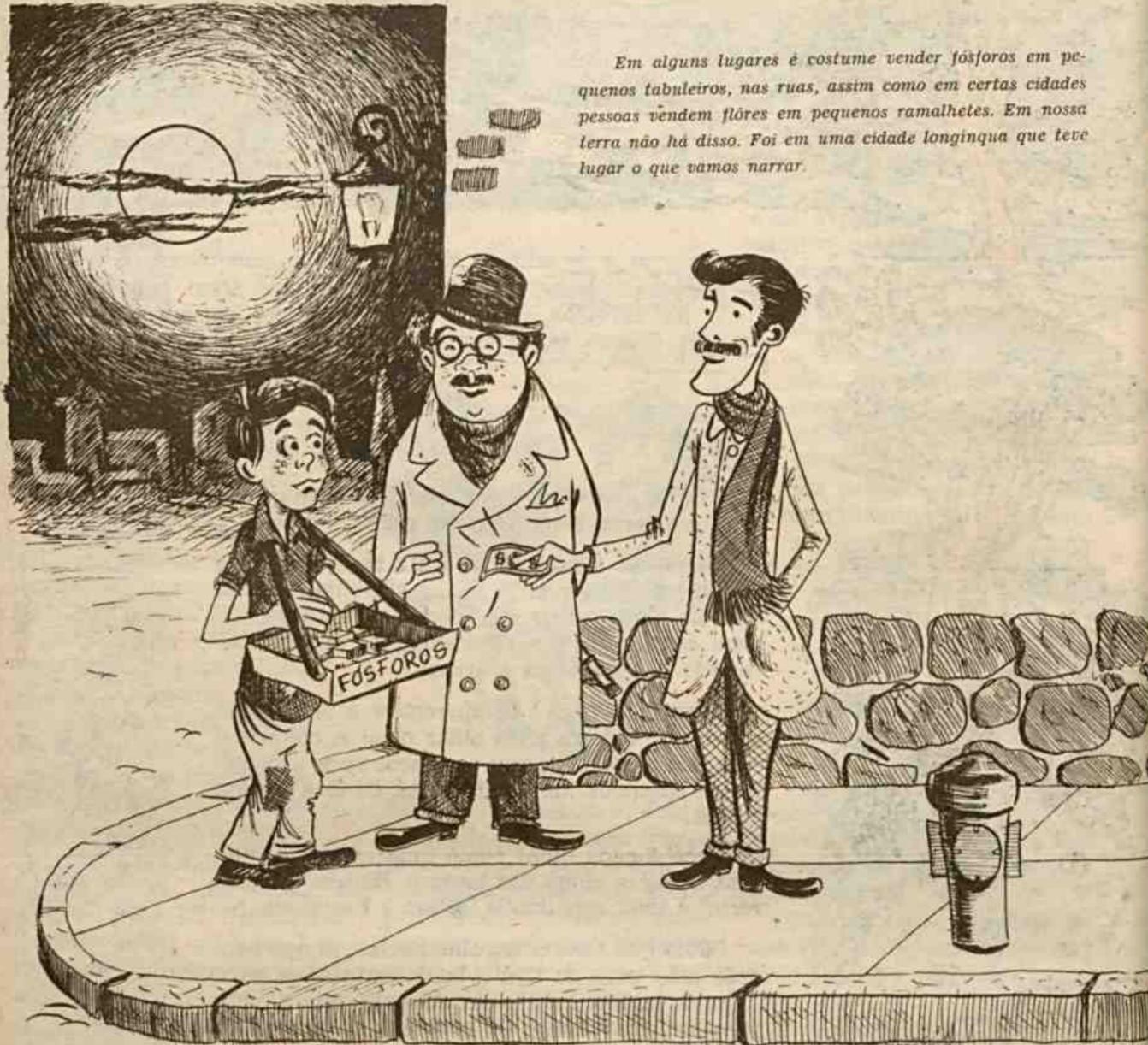
Apóstolo silencioso, prega o bem, prodigalizando-o a tudo quanto se lhe aproxima. Basta olhá-la, para sentir sua doçura; basta tocá-la para sentir sua paz. Está sempre nos aconselhando. Defendamos a árvore!

Amar a árvore é compreender a vida. Saiu ela de sob a terra para olhar o sol e, compadecida dos pássaros, abriu os braços para protegê-los; e, compadecida dos homens, dá-lhes quanto possui.

Recebe cada olhar como uma carícia e cada gôta de água como um tesouro. Síntese do Universo, é tôda serenidade, beleza e harmonia.

Sábio que ensina em silêncio, santo que com cada mão pede ao Céu a bemaventurança para todos, artesão e artista que trabalha dia e noite para se transformar êle próprio em uma prece que suba ao céu!

Aprendamos todos a defender e a propagar a árvore!

CONSTANCIO C. VIGIL

Em alguns lugares é costume vender fósforos em pequenos tabuleiros, nas ruas, assim como em certas cidades pessoas vendem flôres em pequenos ramalhetes. Em nossa terra não há disso. Foi em uma cidade longínqua que teve lugar o que vamos narrar.

O PEQUENO VENDEDOR DE FÓSFOROS

CERTA ocasião em que fazia intenso frio, dois homens achavam-se à porta de um hotel, quando um pobre menino tremendo e batendo queixo, com o corpo coberto por andrajos, aproximou-se e disse:

— Por favor, senhores, comprem uma caixa de fósforos!

— Não precisamos — respondeu um dos homens.

— Custa só quarenta centavos a caixa — implorou o menino.

— Está certo, mas nós não queremos nem uma caixa... — retrucou o senhor.

— Darei duas caixas pelos mesmos quarenta centavos — insistiu, o pobre vendedor.

E tanto o menino pediu — contou o senhor que me relatava esta história — que, para me livrar dêle, resolvi comprar uma caixa de fósforos. Depois, como não tivesse nenhum trocado, disse-lhe:

— Amanhã pagarei...

— Oh! Por favor, senhor, pague-me agora! Eu vou conseguir trôco

Dei-lhe, então, uma nota de cincoenta cruzeiros e êle desapareceu, rápido. Esperei algum tempo mas ninguém aparecia. Já considerava perdido o dinheiro. Entretanto, algo notara no semblante daquele menino que me inspirava confiança. Fui para casa. Já era bem tarde, quando alguém me disse que um menino desejava falar comigo. Era o irmão do vendedor de fósforos, mais pobremente vestido ainda do que aquele. Vacilou um instante e depois de procurar algo entre os míseros trapos, disse:

— Foi o senhor que comprou os fósforos ao Dudú?

— Sim.

— Então aqui está o trôco. Dudú não pôde vir porque está de cama. Foi atropelado e está gravemente ferido. Machucou as duas pernas — concluiu o garoto entre soluços.

Pouco depois eu saía, e fui com êle visitar Dudú. Viviam ambos completamente sós e na maior pobreza.

O infeliz Dudú estava recostado num montão de trapos, e me reconheceu imediatamente:

— Já tinha trocado o seu dinheiro, senhor, e me dispunha a entregá-lo, quando fui atropelado por um carro. Minhas pernas estão quebradas?...

— Ó Rubinho, meu irmão, — disse dirigindo-se ao irmão — tenho certeza de que vou morrer! Quem cuidará de ti? Como vai ser, meu irmão?...

Uma imensa tristeza apertava-me o coração ao presenciar aquele quadro devéras comovedor. Um menino de oito anos tomando ao seu encargo a subsistência do irmão de seis! E com que amargura êle pensava em deixar só no mundo, o irmãozinho!

Então, tomando-lhe a mão, disse-lhe:

— Fique descansado. Eu cuidarei do Rubinho. Nada lhe faltará.

Ele ouviu-me e, pousando em mim os grandes olhos azues, expressivos e cheios de gratidão, apertou-me a mão, agradecido.

Fiquei profundamente comovido com o gesto de honradez e caráter daquele menino e também por ver sua angustia ao pensar na sorte do irmão que, sem êle, ficaria completamente desamparado. Levei os dois para minha casa e tomei conta dêles como se fossem meus filhos. Dudú se restabeleceu, felizmente. A convalescença não foi demorada.

Quando ficou forte, matriculei ambos em um colégio, onde foram sempre os melhores alunos. Seu reconhecimento não tinha limites. Jamais tive ocasião de arrepender-me do bem que praticara aquele dia. Hoje, Dudú, à fôrça de trabalho, soube conquistar uma posição invejável na vida. É comerciante e dirige seu negócio com inteligência e honestidade e seu nome é respeitado por todos. O antigo vendedor de fósforos está a caminho de fazer fortuna... Quanto a Rubinho, é o seu melhor colaborador.

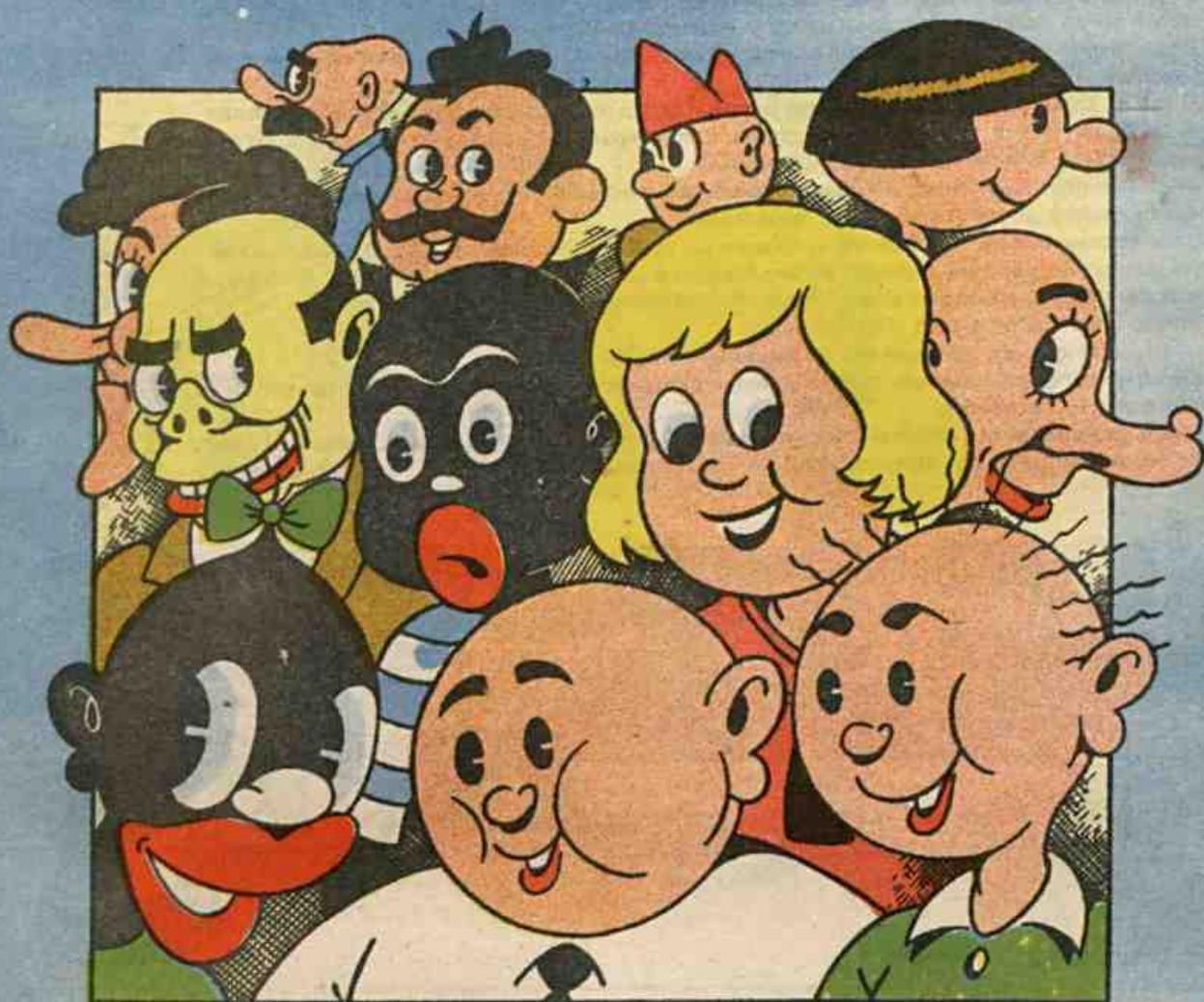
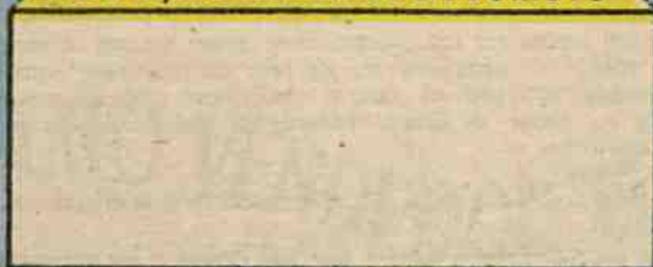
ÊSTE singelo conto é como uma flecha nas mãos de um gigante. Deveria chegar aos corações de todos: meninos, moços e velhos, sem distinção de idades.

Quando estiverem tentados, meus amigos, a dizer o que não devem, a ser pouco amáveis com os seus semelhantes e a tomar o que não lhes pertencem, lembrem-se desta história e, principalmente, dêste menino. Era pobre e, apesar de viver na maior miséria, soube manter-se sincero, fiel e honrado.

Parece que a Providência dirigiu os passos daquele bom homem até Dudú e seu irmão para que os protegesse, levando-os pelo caminho certo e defendendo-os contra as tempestades da vida, que tão a miúdo açoitam nossa existência. E tudo isso a que se deveu?

A um simples ato de honradez daquele menino exemplar. Porque a honradez, sempre, inevitavelmente, recompensa a quem a cultiva e aos seus. Os que são honrados, tarde ou cedo recebem o prêmio de que são merecedores, por seu nobre comportamento.

E, embora êsse prêmio, às vezes, não seja material, sempre existirá o outro que nos dá a nossa própria consciência, êsse severo juiz. Nada há de mais confortante para nos sentirmos seguros e em paz, do que a nossa paz interior, a paz da consciência. A honradez é um dever de todos. E existirá maior recompensa do que a satisfação do dever cumprido?

Calendário d'O TICO-TICO para 1955

ESTE ano o "Almanaque d'O TICO-TICO" oferece aos leitores uma folhinha diferente, que póde ser armada e usada na parede. Cola-se esta página em papelão, recortando o quadrado azul. Recortam-se, "sem colar em cartolina", os meses, da página ao lado, que se colam no quadro acima, no lugar indicado, e conforme as indicações escritas nas aletas de côr. Apenas as aletas devem ser coladas para que as folhinhas fiquem sôltas.

Faz-se um orifício no local indicado no quadro, e está pronto o calendário para 1955.

1955 — Folhinha d'O Tico-Tico — 1955

JANEIRO

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24/31	25	26	27	28	29

Cole aqui a folhinha de Janeiro

FEVEREIRO

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28					

Cole aqui a folhinha de Fevereiro

MARÇO

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Cole aqui a folhinha de Março

ABRIL

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Cole aqui a folhinha de Abril

MAIO

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Cole aqui a folhinha de Maio

JUNHO

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

Cole aqui a folhinha de Junho

JULHO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24/31	25	26	27	28	29	30

Cole aqui a folhinha de Julho

AGOSTO

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Cole aqui a folhinha de Agôsto

SETEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Cole aqui a folhinha de Setembro

OUTUBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24/31	25	26	27	28	29

Cole aqui a folhinha de Outubro

NOVEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

Cole aqui a folhinha de Novembro

DEZEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

O PAPAGAIO AMBICIOSO

Era um vez um papagaio, que nasceu de uma ninhada de quatro ovos, num bosque muito bonito.

Quando os quatro irmãos cresceram, e ficaram verdes como folhas, passaram a fazer parte de um bando de aves da mesma raça, pois papagaio só anda em bando, gritando, gritando, numa algazarra louca. E foi então que acordou no herói desta história um sentimento que é, em geral a perdição dos homens e de todos os seres viventes: a ambição. Tinha êle ouvido falar, entre os papagaios velhos da tribu, da vida folgada que levavam alguns parentes, que tinham sido apanhados pelos homens e domesticados. Moravam em gaiolas, tinham comida farta sem precisar fazer fôrça... Um vidão!

— Como é que se faz — perguntou um dia a um papagaio velho — para arranjar uma vida boa dessas?

— Não se faz nada, meu filho. Não adianta fazer nada. São os homens que vêm atrás de nós, que nos roubam os filhotes, em pequeninos.

* * *

O audacioso louro, porém, estava decidido. E, um belo dia, fugiu do bando, indo postar-se o mais perto que pôde de uma casa onde residia uma família. Logo que viu aparecer a primeira pessoa da casa, começou a fazer algazarra, para chamar a atenção. Imitou pássaros cantando, deu risadas como gente, tocou corneta, e tantas fez que a dona da casa se interessou mesmo por êle: — Gente! Olhe ali um louro!... E parece meio domesticado... Vamos apanhá-lo!

Não foi difícil, logo se vê, apanhar o nosso papagaio, que isso mesmo estava querendo. Foi só pedir "o pé, louro...", e êle deu logo os dois Ai, então, levaram o louro para casa, cortaram-lhe as asas, para não voar, apararam-lhes as unhas, deram-lhe um banho, amarraram-lhe uma corrente no tornozelo e colocaram-no numa gaiola. Ora, na casa havia outro papagaio, e ambos fizeram amisade. E a vida começou a correr mais ou menos bem, para o nosso ambicioso. Comia à farta, divertia as pessoas, aprendeu a dizer coisas, a falar frases em francês, em espanhol, assobiar, cantar, imitar galinha, imitar cachorro, chamar as meninas da casa: — "Ilza! come mais depressa, Ilza! Come mais depressa!..." Estava, porém, privado da sua liberdade, e só agora compreendia que a liberdade é uma grande coisa. Não podia voar. Se tentava fazê-lo, caia e ficava dependurado de cabeça para baixo, no poleiro, com a perna esticada...

Um dia, decorridos alguns meses, entrou-lhe na cabeça uma nova idéia: a de dar o fora dali. A vida era boa, mas estava ficando enjoado.

— Estás louco? — disse o outro papagaio, a quem transmitiu seus projetos.

— Louco, por que? Dizem que em terra de cego quem tem um ôlho é rei. A turma da mata só sabe gritar, gritar, gritar. Eu, agora, sei coisas, sei francês, espanhol, sou um papagaio preparado. Chego lá e "abafo". Vou ser o chefe do bando. Nem tenha dúvida! E, como o nosso papagaio era mesmo decidido, dias depois aproveitou uma oportunidade e escapuliu, mesmo porque havia muito tempo que não lhe cortavam as asas, pensando que êle agora não pensasse mais em fugir.

* * *

Ah! meninos! Que odisséia foi a viagem, a longa viagem de volta! Andou por quintais, fugiu de moleques, teve de se esconder nas árvores, de viajar só à noite, até que conseguiu, afinal, alcançar a mata, de onde tinha vindo. Mas não encontrou mais o seu bando, e sim um outro; onde nenhum papagaio o conhecia. Receberam-no todos com manifesta desconfiança e quiseram saber de onde vinha, quem era, e mais uma porção de coisas. Pensando impressionar, o ambicioso começou a contar vantagens.

Exagerou tudo, a começar pelos seus conhecimentos, descrevendo a vida boa que levava, e da qual dizia estar aborrecido.

— E'? — perguntaram — E deixaste tudo isso, tôdas essas vantagens, para vir morar na mata, outra vez? Essa história está mal contada...

— Aquilo é que é vida... Mas preferi retornar para minha gente — dizia êle. — Estou envelhecendo...

— Por isso mesmo devia ter ficado onde estava! — gritou um papagaio jovem. — Vamos ter, agora, que sustentar você?

— Você não é do nosso bando, ninguém aqui o conhece. Sabe-se lá o que vem você fazer? —sentenciou outro.

E, assim, repelido por todos, o pobre ambicioso se viu abandonado e sòzinho. Estava, realmente, envelhecido. Não sabia mais lutar, porque desaprendêra, como lutavam os demais, pela subsistência. E como ninguém o queria, não pôde acompanhar o bando, nas suas migrações ruidosas pela mata. Os outros partiram e êle ficou, triste, vencido, infeliz, arrependido da sua eterna insatisfação, do seu constante desejo de mudar de vida. Estava a chegar o inverno. Nunca mais ninguém soube que fim levou o ambicioso. Certamente teve um fim bem diferente do que poderia ter tido, se não fosse a sua volubilidade, aquele defeito de nunca estar satisfeito com o que possuia.

O ALPINISTA

PUXA, COMO
É ALTA ESTA
MONTANHA!

JÁ ESTOU
PERTO DO
CUME.

OH!

SOCORRO!!!

!?XXX

AGORA, SIM!
ISTO FAZ
UM BEM...
BEBA
Coca-Cola

O PICA-PAU

POR SEBASTIÃO FERNANDES

PARECIA uma combinação de todos os bichos contra o pica-pau.

Quando chegava o pássaro era logo aquêle zum-zum de caras, focinhos e bicos virados para o outro lado. Uns piscavam os olhos, outros sorriam. E ainda outros sussurravam:

— Já chegou o barulhento!...

E tanto cochichavam e tanto faziam muchocho, que o pica-pau já estava ficando desconfiado.

Que culpa tinha êle de possuir bico afiado e forte, procurar espertamente os troncos verticais e, como púa, ir direto onde larvas, brocas e cupins perfuram a madeira?

Um dia ainda ouviu a censura:

— Isto é falta de educação, fazer tanto barulho para comer!

Não pôde distinguir quem assim desaprovava o seu modo de viver, quando com o bico afiado podia dar uma espetadela para castigar o reclamante.

Voava para onde não havia ninguém e ficava pinicando as árvores em busca de alimento.

Todos podiam fazer barulho de asas, patas e bicos, zunidos, pios, assobios, cricris, mas a implicância contra contra o pica-pau persistia!

A falta de chuva fazia com que os bichos olhassem o céu em busca de alguma nuvem salvadora.

O tempo corria e as chuvas não chegavam.

Um dia o cascudo-da-montanha veio com a novidade:

— Já sabem? O Riacho-Fundo também já está secando.

A cigarra deixou de cantar. O Lago Azul havia secado.

Tanto que as borboletas gostavam do Lago Azul!...

Parecia o fim do mundo.

Noutros tempos, quando se falava em Riacho-Fundo era a imensidade dágua para afundar canôas, homens e bichos grandes.

Quem tinha pipas e moringas bojudas já era olhado com inveja.

Era um sacrifício andar leguas e leguas para conseguir chegar até oo Riacho-Fundo porque era a última salvação.

Os dias e noites chegavam, o céu limpo, sem nuvens e o Riacho-Fundo, estreitando, diminuindo e acabou secando. O sol aparecia todo dia com luz rutilante.

Pela manhã os maribondos, as abelhas, os cascudinhos indagavam do pirilampo e do grilo:

— Choveu esta noite?

— Qual nada! — dizia o pirilampo. Andei a noite inteira de lâmpada acesa e só vi luar e estrelas.

E o grilo muito desolado:

— Nem um chuvisquinho.

O calor aumentava, parecia o Verão, a terra ficava cada vez mais tórrida e as chuvas não chegavam.

Quando um bichinho se encontrava com outro só havia um assunto:

— Que sêca, hein?

— Ah! Tempo bom era aquele em que tínhamos mêdo de chegar às margens do Riacho Fundo.

— Êta! Água bonita correndo, correndo, correndo...

— E o Lago Azul que parecia um pedaço do céu.

O bezouro verde contou que todas as vitórias-régias tinham morrido. E arrematou:

— Não se vê mais um lírio do vale.

Havia bicho que acordava de noite para sondar o céu e procurar alguma nuvem denunciadora de aguaceiro.

— E se vier com trovoada? perguntou o gafanhoto.

— Eu entro no buraco, respondeu a formiga.

O grilo ainda suspirou:

— Quando ronca trovoada ninguem ouve meu cricri.

Parecia o fim do mundo. Todos já pensavam em mudar do lugarejo. Ali acabaria um deserto e todos morreriam torrados pelo sol.

As últimas fôlhas caiam. Nem uma flôr. Nem um fruto.

Só galhos secos. Nunca mais se viu um sapo coaxar.

Teriam morrido todos os sapos?

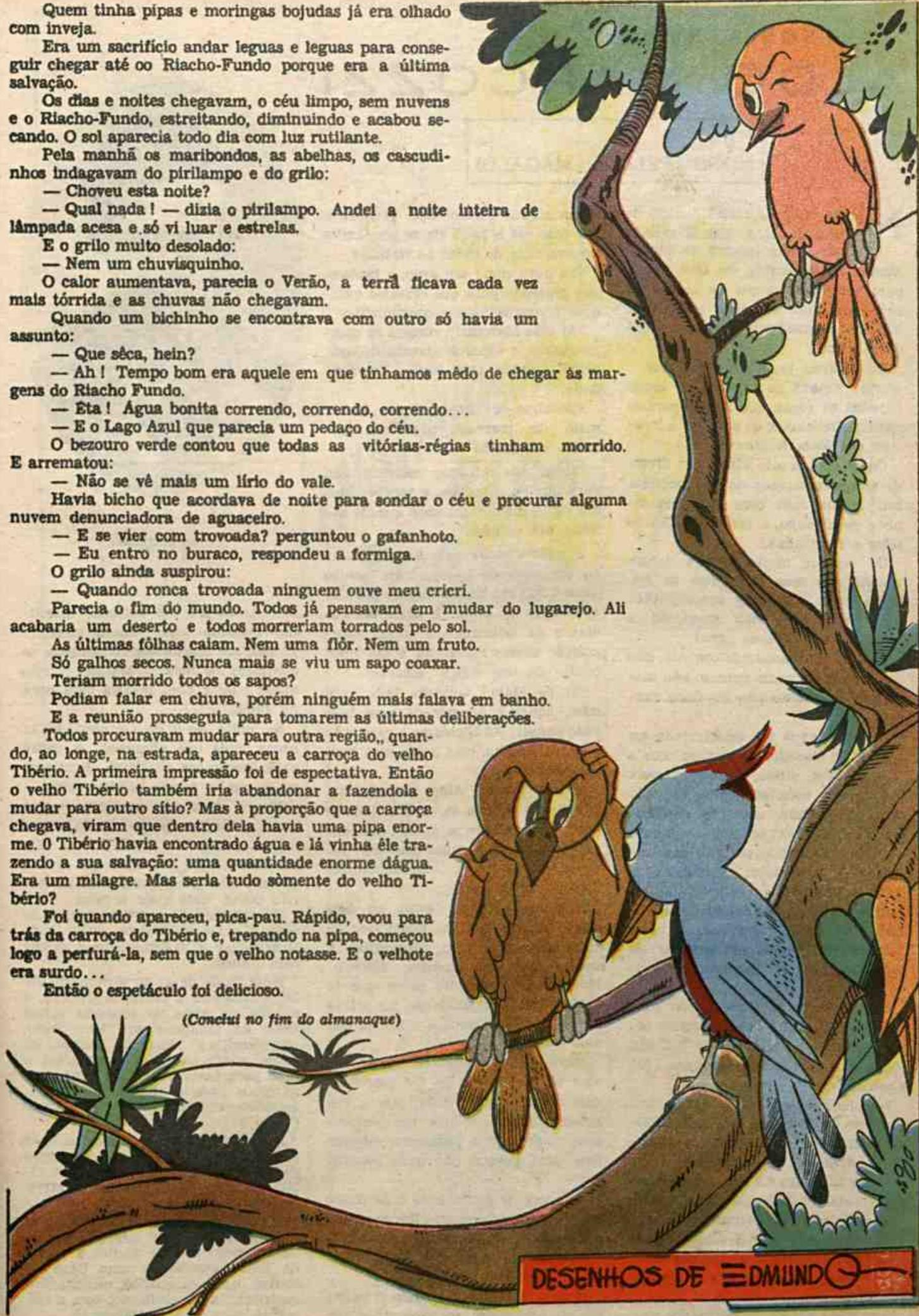
Podiam falar em chuva, porém ninguém mais falava em banho.

E a reunião prosseguia para tomarem as últimas deliberações.

Todos procuravam mudar para outra região,, quando, ao longe, na estrada, apareceu a carroça do velho Tibério. A primeira impressão foi de espectativa. Então o velho Tibério também iria abandonar a fazendola e mudar para outro sítio? Mas à proporção que a carroça chegava, viram que dentro dela havia uma pipa enorme. O Tibério havia encontrado água e lá vinha êle trazendo a sua salvação: uma quantidade enorme dágua. Era um milagre. Mas seria tudo sòmente do velho Tibério?

Foi quando apareceu, pica-pau. Rápido, voou para trás da carroça do Tibério e, trepando na pipa, começou logo a perfurá-la, sem que o velho notasse. E o velhote era surdo...

Então o espetáculo foi delicioso.

(Conclui no fim do almanaque)

MENINOS SANTOS:

ALDO MARCOZZI

Por
MONS. FELICIO MAGALDI

Nasceu Aldo Marcozzi aos 25 de Julho de 1914, último sábado desse mês e morreu no último sábado de Novembro de 1928, quase para testemunhar que da aurora ao ocaso sua vida passou à sombra da Virgem Santíssima, de quem fôra devotíssimo.

Sua oração predileta era a *Ave Maria*. Amava as flôres e de modo especial as rosas, que lhe proporcionavam a felicidade de adornar a imagem de Nossa Senhora.

Conquanto muito vivez, aos divertimentos rumorosos da rua preferia brincar em casa com seus soldadinhos de chumbo, e fazer coleções de sêlos e figurinhas.

De caráter muito vivo e tenaz, mesmo nos seus momentos de ira, tinha uma constante preocupação: não fazer mal, não desgostar a Jesús,, à mamãe e ao papai.

E das traquinadas que cometia, não se cansava de pedir perdão, não sossegando enquanto não lhe fosse concedido.

Aos seis anos foi matriculado na escola. E' classificado sempre com a nota: *bom, ótimo, perfeito*. E' pela sua mestra apontado como exemplo pela compostura, absoluta obediência às menores ordens, constante atenção nas aulas, perfeito cumprimento de todo dever escolar.

Os companheiros o estimam, admiram e amam. Logo depois de terminadas as aulas, volta para a casa, sempre preocupado em agradar ao papaizinho e não desgostar a querida mamãe.

Seu maior cuidado era tornar contentes os pais, e a avó materna especialmente a qual muito influira sôbre a sua formação religiosa. Êle a chamava: a minha santa.

Na idade de seis anos os pais confiam-no ao afamado "Instituto Gonzaga dos Irmãos das Escolas Cristãs", no dia 23 de Outubro de 1923.

Nesse Instituto êle prima pela bondade, pela inteligência, pela diligencia, pela cortezia, segundo atestam seus superiores que o classificaram como ótimo, perfeito aluno, que nunca se apresentou na escola impreparado.

Aos dez anos ainda não tinha feito primeira Comunhão. Suspirava por êsse dia e para êle se preparava no exercicio de tôdas as virtudes.

Era puro como um anjo, e bastava sua presença para que cessasse qualquer conversa menos conveniente.

"Ai vem Marcozzi", diziam os companheiros, e todos mudavam de conversa, quando esta feria a moralidade.

Aproxima-se enfim o dia 11 de maio, dia marcado para sua primeira comunhão

"Jesús me chama, escrevia êle, para que eu o receba, e recebendo-o me torne melhor em casa e mais assiduo nos estudos".

E quer o mais belo traje para ir ao encontro de Jesús, traje bonito como devia ser bonita a alma para se aproximar do altar. E dêste dia radiante de felicidade, e numa composição sôbre: "Qual foi o dia mais bonito da sua vida?" escreve:

"11 de Maio! Que dia feliz para mim, aquele! Ao sair de casa bem cedo pensei: Ao regressar à casa, não voltarei sozinho, mas Jesús será meu companheiro".

E na verdade Aldo, daquele dia em diante, nunca se separará dêsse doce companheiro e amigo, vencendo todos os obstaculos que lhe pudessem impedir a sua comunhão diária.

A mãe, às vezes, devido ao mau tempo ou ao frio, lhe pedia que ficasse em casa para resguardar a saúde. Mas êle insistia, dizendo: Mamãe, deixa-me ir; sabes que te obedeço em tudo, mas não me privas da Comunhão. Jesús é o sol da minha vida".

Mesmo febril quis ir comungar. Mas os superiores do Colégio, fizeram-no logo voltar para casa e êle, a um compnheiro que lhe perguntava como estava passando, respondeu "Mal, porque não pude comungar".

Ao amor de Jesús, unia o de Nossa Senhora. "Tudo quanto lhe peço, me concede", dizia, e dela dependem o bom êxito de seus estudos. Todos os dias rezava o Santo Rosário.

Mas a febre que o colheu e impediu de comungar, foi violenta e fatal. Acometido de infecção intestinal mandou logo chamar o Padre Egidio, seu diretor espiritual, para se confessar. E dizia: — Mamãe, eu não quero passar nem apenas uma hora no Purgatório!

Aldo Marcozzi

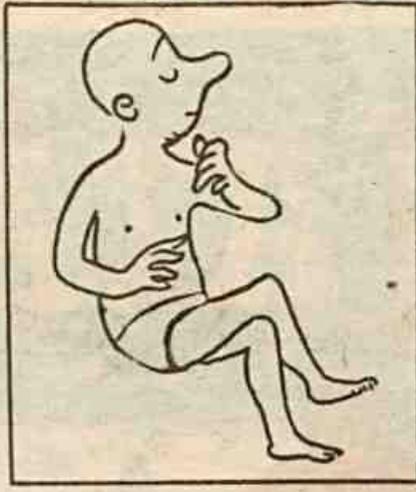
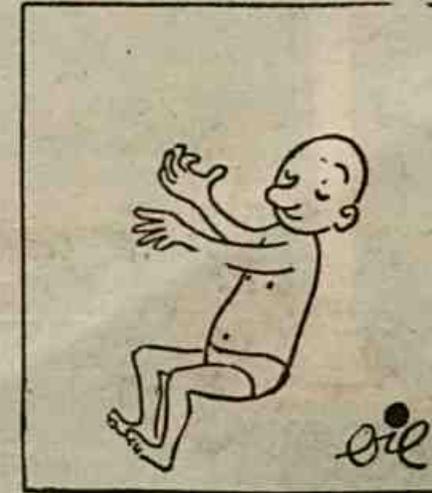
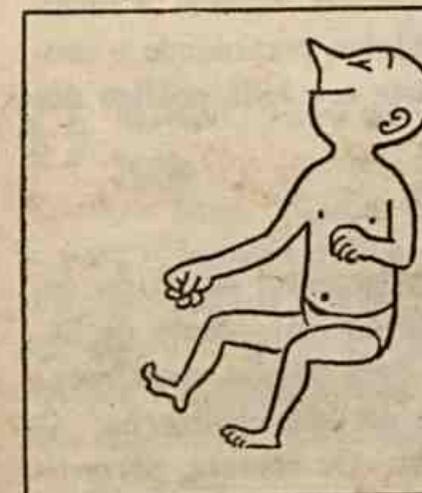
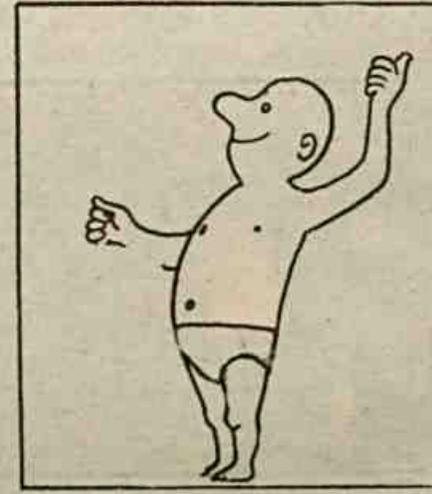
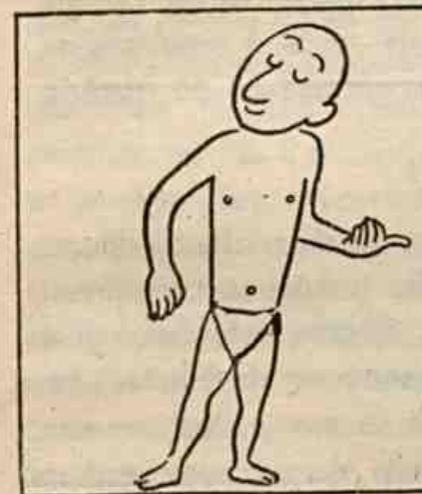
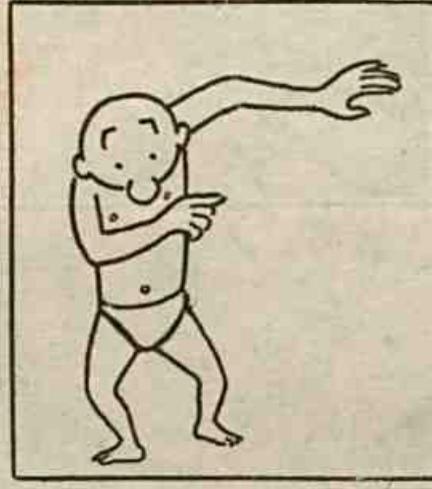
Na noite de 7 de Outubro, às 11 horas, quis que chamasse o padre para lhe trazer o viático. Sentia-se muito mal e queria receber Jesús.

Mas a hora não convinha e não havia razão de alarma. Teria tempo de comungar no dia seguinte. Ele aquiesceu, mas nos dias que se seguiram não pôde mais fazê-lo, por não poder mais abrir a bôca.

Foi um mês de martirio suportado com a mais edificante resignação. O crucifixo e a coroa não o deixaram nunca.

E na tarde de 22 de Novembro, lhe foi ministrada a Extrema Unção, e no dia 24, após ter repetido várias vezes as jaculatórias: "Meu Jesús, misericordia!" "Sagrado Coração de Jesús, confio em Vós!" levantou a mão para fazer o sinal da Cruz, com os olhos para o alto e, docemente, angelicamente sorrindo, voou para o Céu.

Seu enterro foi uma apoteose, após terem ficado três dias expostos seus despojos mortais, continuamente visitados por condiscipulos, mestres, amigos da familia e muito povo.

A fama de suas virtudes percorreu tôda a Itália e sua memória é cultuado como a dum Santo, a ponto de terem construido uma Casa de Retiro, qual magnifico monumento espiritual, a êle dedicado, com o nome de "Vila de Aldo Marcozzi".

QUE INSTRUMENTOS ÊLES TOCAM?

Veja a solução adiante

NATAL

A 25 de dezembro tôda a comunidade cristã universal comemora a sua maior data: o nascimento de Jesús Cristo, "o Cordeiro de Deus que apaga os pecados do mundo", aquele que veio viver entre nós para redimir os nossos êrros e pregar uma doutrina que tinha como lema estas duas palavras: AMAR e PERDOAR.

A Divina Providência escolheu uma das mulheres mais puras da Judéia, para ser mãe do Enviado de Deus: Maria, esposa de um carpinteiro de nome José, descendente da casa de David. O doce mistério do nascimento de Jesús é uma página cheia de poesia e de encantamento da história humana

*

O Natal tornou-se um dia de confraternização humana. Nesse dia trocam-se cumprimentos e votos de felicidade. E' uma data de alegrias e de festas. Os homens esquecem rivalidades para só pensar num momento de paz e de harmonia. Todos os lares se enfeitam. As crianças ganham brinquedos. Armam-se árvores vistosas e iluminadas. Preparam-se presépios, recordando o nascimento do Redentor. Êste é o lado poético das comemorações natalinas.

*

HÁ, porem, o lado fundamental do 25 de dezembro. O episódio da manjedoura de Bethlem — pois o Filho de Deus nasceu numa manjedoura — foi o alicerce de uma civilização. O mundo estava corrompido. Os homens, pervertidos. Ninguem mais ligava às grandes verdades di-

vinas de que Moisés fôra o semeador. Os povos da época esqueceram o nome de Deus e adoravam ídolos. Era a orgia do paganismo. Jesús veio com a missão de pregar a verdade, de reviver e fortificar os ensinamentos das Tábuas da Lei, que são os Dez Mandamentos.

*

TRINTA e três anos depois, os homens o mataram, crucificando-o no Gólgota. Mas o sangue divino selou o futuro da humanidade. Os sermões que Ele pregou deixaram um roteiro luminoso. E os seus discípulos continuaram-lhe missão. Muitos morreram no seu apostolado. Morreram como mártires da Fé. E o cristianismo, apesar de tôdas as perseguições, sobreviveu.

O Natal de Jesús, que se festeja com tanto amor e tanto carinho, foi o alicerce da chamada civilização cristã. Quasi vinte séculos nos separam do dia em que o Menino Deus veio até nós. E cada vez mais aumenta entre os homens a Fé no Ser Supremo que rege tôdas as coisas.

*

Ó Menino Deus é um símbolo. As crianças de todos os povos exaltam êsse Menino. Crianças ricas, crianças pobres, tôdas se alegram. E, para todas elas, o Menino Deus representa alguma coisa sublime e mística, acenando com seu sorriso para uma era de esperanças e de compreensão, em que os homens possam viver em paz, sem ódios, sem rancores e sem misérias.

A. P.

O CORRETO E O INCORRETO À MESA

OLHEM para estas duas meninas. A morena não conhece certas boas regras de educação e civilidade. Porta-se, à mesa, como qualquer carregador ou pessoa de baixa condição. Nada quer com os bons modos.

A loura, ao contrário, é educada, conhece as exigências do bom-tom, póde comparecer a qualquer festa sem fazer papel triste. Sem ser afetada, é educada. Comparem suas atitudes, só por gôsto...

VEJAM como se colocam, ambas, à mesa. A morena de braços abertos, com os talheres espalhados, cada um de um lado do prato — prontos ao "ataque"... Horrivel ! A loura dispõe os talheres convenientemente, à beira do prato. Fica de cotovêlos unidos ao corpo. Vai almoçar, ou jantar, e não batalhar com a comida...

NA segunda figura, a morena está "limpando" o prato com o pão. E com uma força, uma disposição de quem encera assoalho... Muito feio !

A loura espetou o pão no seu garfo e... confessem que sua atitude é muito mais elegante e apropriada.

O! Que horror! Vejam o que a morena está fazendo! Soprando na sopa! Isso não se deve fazer nunca! É uma demonstração imperdoável de nenhuma educação! A lourinha toma a sua calmamente, colher a colher, pois sabe que a sopa, na colher, vai esfriando por si.

A morena, enquanto espera, põe os cotovêlos sôbre a mesa. Sim, é mais confortável. Mas é feio. É errado. O direito é manter-se como a loura: apenas os punhos tocam a borda da mesa. Assim é que fazem as pessoas educadas. Estão vendo bem?

ATRACADA — é o têrmo.: — a um pedaço de pão, a morena parece nem sabemos o que, mordendo-o, arrancando-lhe pedaços com os dentes. É outro êrro comum. E grave. Que denuncia logo a pessoa mal educada — ou que nunca foi educada.

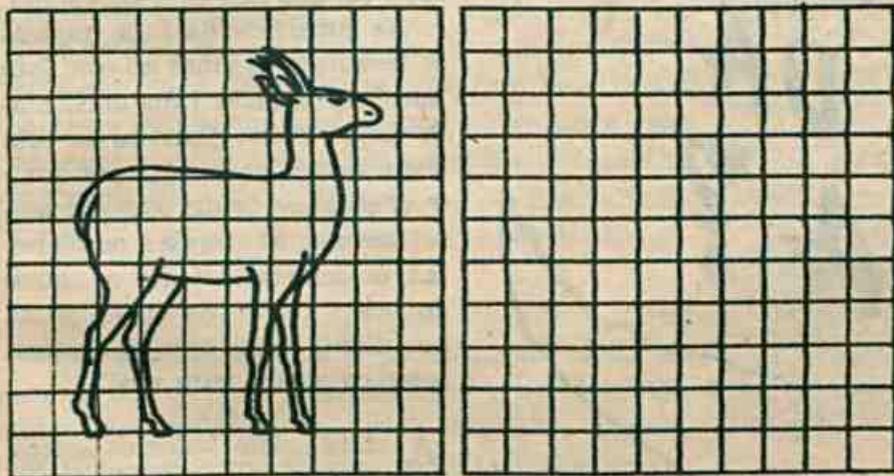
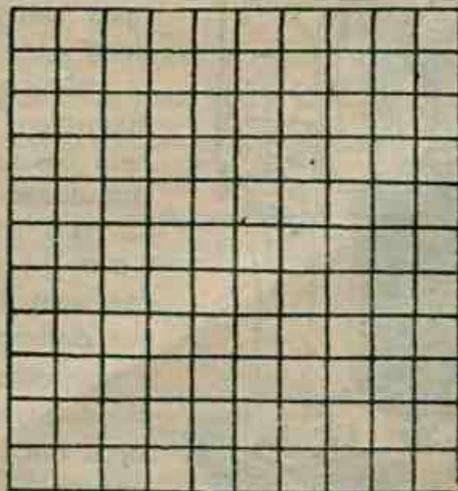
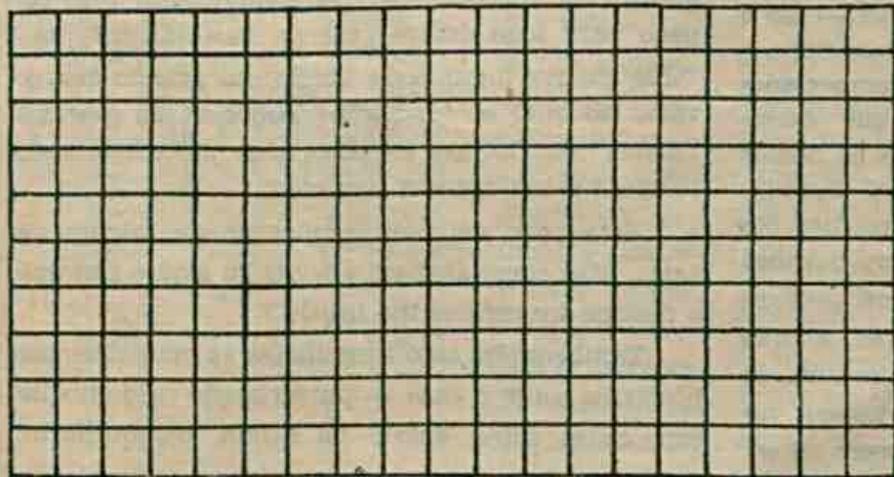
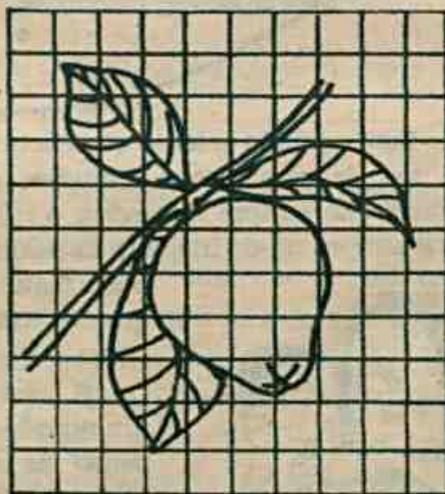
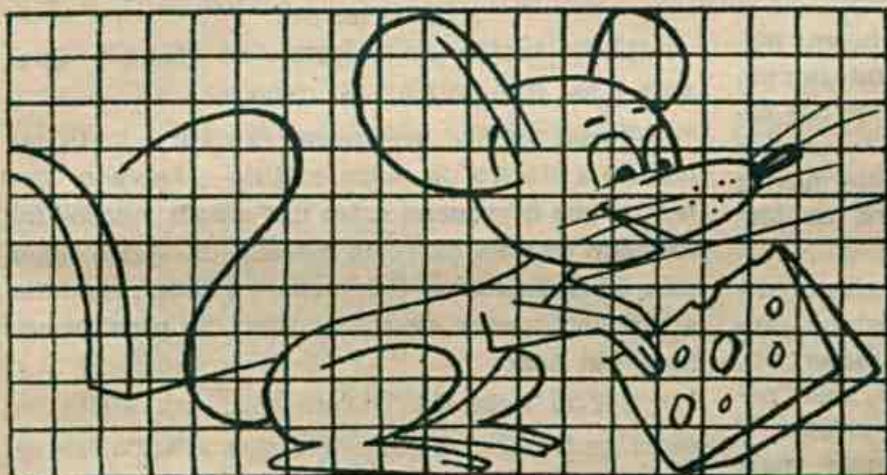
Vejam a lourinha. Tira, "com a mão", delicadamente, os pedaços de pão, que leva à bôca.

A morena — que tristeza! — agarra com a mão as batatas fritas, para comer. Não se deve fazer isso. O direito é imitar a loura, que as apanha com o garfo.

Agora, meninas, escolham o exemplo que desejarem seguir...

PECHINCHA
Giselda
Diabo! Ando com uma fome! Ah! Lá vem o Pechincha com um peixe fresco... Vou ver se o engano e fisgo o pescado...
Bom dia, compadre! Por onde você andou pescando, hein?
Bom dia! Foi lá na lagôa Funda... Por que, comadre Raposa?
Chi, compadre! Depressa! Bote êsse peixe fóra! Essa lagôa está envenenada, não sabia? Quem come peixe dela, morre!
Ela pensa que eu sou bôbo... Vou dar-lhe uma lição...
Ah! É? Ora vejam só! E eu que ia lhe oferecer êste peixe de presente...
...Mas sendo assim... vou então jogá-lo depressa na lata de lixo lá de casa... O presente fica para outra vez, comadre... Adeusinho!...
OH! azar!
Giselda

Pratique no Desenho
SOBRE PAPEL CUADRICULADO

ESTES três desenhos estão convidando você e desafiando suas habilidades... Procure reproduzi-los servindo-se das quadrículas dos espaços em branco que lhes correspondem. E' bom exercício.

Aliás, quadriculando prèviamente qualquer desenho, você o poderá copiar em tamanho igual ou menor, conforme as quadrículas que fizer no papel.

A Lua, o pálido satélite que enche as nossas noites de românticas seduções, é um mundo singular que sempre despertou o interêsse dos sábios e sempre há-de inspirar os poetas e os artistas por mais materialistas que os homens se tornem.

— *Com roupa, ou despido, peso a mesma coisa!! Que é que há?*

É, verdadeiramente, um mundo de sonho, propenso às fantasias dos contemplativos, pois "nenhum globo celeste é mais sereno nem mais puro".

"Não há alí — diz o magnífico Flamarion — nem dessas tempestades tumultuosas que caem, às vezes, sôbre as nossas campinas inundadas, nem dêsses furacões que descem em trombas a mergulhar na profundidade dos mares. Alí não sopra um vento, nem se levanta uma nuvem no céu. Não se vêem alí êsses largos toldos de vapores atmosféricos, nem os cúmulos ameaçadores das trovoadas iminentes, alí nunca a chuva cai, nem a neve, nem a saraiva, nem se manifesta qualquer fenómeno meteorológico".

"Nesse reino de soberana imobilidade, nunca uma leve aragem dobra a espiga dos trigais maduros! O céu conserva-se eternamente adormecido num sono incomparàvelmente mais profundo do que o dos nossos dias calmos, em que não bole uma folha.

'Na superfície da Lua, quando se levantam os olhos ao céu, êste não é encontrado. Uma imensidade negra deixa penetrar-se pela vista, sem a interceptar por qualquer corpo, e, de dia como de noite, vêem-se as estrelas, os planetas, os cometas e todos os astros do nosso Universo. O Sol passa por diante deles sem os ofuscar, como os ofusca para nós".

•

A Lua, como todos os astros, está condenada a desaparecer, pois, visto que teve princípio, há-de ter fim.

Como surgiu ela suspensa no vácuo? Qual será o seu fim, próximo ou remoto?

Várias teorias pretendem explicar, cientificamente, a origem do nosso satélite. Laplace entendia que o pequeno astro dos nossos enlevos foi formado de uma parte da matéria da Terra, como esta foi desligada do Sol, como a mulher, segundo a "Bíblia", nasceu de uma costela do nosso venerável pai Adão.

A Lua teria sido "arrancada", por efeito da fôrça centrífuga, ao globo terrestre, quando êste se encontrava ainda em fusão, ou pelo choque de um gigantesco corpo celeste, vagabundeando pelo espaço para logo desaparecer na vastidão infinita. "Que em seu lugar teria ficado um grande espaço vazio no qual se formaram, supõe-se, as grandes "fossas" do Oceano Pacífico, sem precedentes no resto do nosso sistema oceânico".

Esta pode ser uma explicação da origem da Lua. Mas como acabará ela? Qual será o fim que o destino inexorável lhe impõe?

Também têm sido formuladas as mais diversas hipóteses sobre o caso — pulverização pelo choque com outro astro, desvio da órbita, desequilíbrio, queda na Terra, desaparecimento nos abismos do vácuo, etc.

Temos de admitir, agora, que a Lua se despedaçará por efeito de uma tremenda explosão, tal como já tem acontecido a outros astros longínquos, ante os olhares perscrutadores dos astrônomos, que observam essas empolgantes tragédias através da pupila mágica dos gigantescos telescópios.

A novidade foi transmitida, há pouco, por um cientista de fama internacional — Sir James Jeans, que a comunicou à Real Sociedade de Londres.

Podemos sintetizar assim o interêsse fundamental da comunicação do sábio inglês: a Lua despedaçar-se-à, em consequência de uma formidável explosão, mas, feita em estilhas, os seus restos, atraídos pela Terra, continuarão a gravitar à volta do planeta, constituindo como que um diadema de deslumbrante fulgor, à semelhança dos famosos "anéis", que cingem a fronte do venerável Saturno.

Há uma parte da Lua, como sabemos, que está sempre virada para nós e, por isso, "por se encontrar do nosso lado, é demasiadamente atraída, visto estar mais próxima da Terra, enquanto a outra metade, que se encontra na parte exterior da "viragem", é demasiado, fortemente solicitada pela fôrça centrífuga".

Segundo pensa o referido cientista, "as duas metades tendem, afinal, a separar-se; e, se se conservam ainda ligadas, é devido à resistência interna da Lua, que, por efeito das fôrças que se conjugam para manter o equilíbrio dos astros, está reprimida, embora se vá aproximando, a pouco e pouco, da Terra, aumentando, por isso, a atração".

— O termômetro está alto ou baixo?
— Está descendo . . .

E' essa irresistível aproximação entre os dois corpos planetários que torna iminente a irremediável e pavorosa tragédia.

PARA QUE QUERIA GRAVATA?

— Compre uma, senhor!

— Esta é linda! Compre!

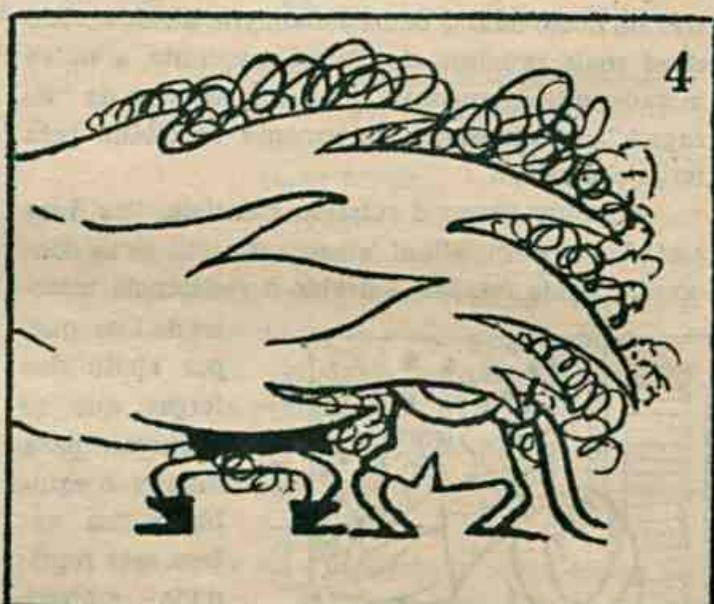
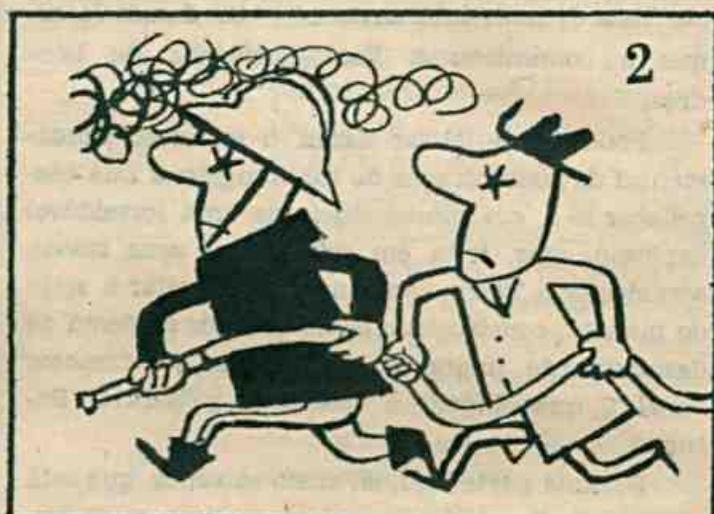
— Escôlha o senhor mesmo! São lindas!

— Para que? Eu boto e ninguém vê...

Ela dar-se-à fatalmente, quando, segundo os cálculos de Sir James Jeans, "a Lua não estiver mais distante da Terra do que uns 20.000 quilômetros. Nessa altura, afigurar-se-à trinta vezes maior e mil vezes mais luminosa do que nos parece atualmente. Vê-la-emos dividir-se, sùbitamente, em dois pedaços, depois em quatro, em oito, em dezesseis e assim sucessivamente, dando, por fim, origem a um magnífico anel de corpúsculos, análogo ao de Saturno".

A Terra, então, oferecerá à contemplação dos outros mundos o mesmo soberbo e estranho espetáculo de Saturno com os seus apêndices luminosos — os célebres "anéis", que constituem, hoje, a mais bela e a mais singular apoteose no magnífico conjunto do nosso sistema solar.

Não sabemos se o delirante espetáculo poderá ser testemunhado por olhos humanos, porque não podemos supor o que se passará neste pobre planeta, quando eclodir a espantosa catástrofe. Mas podemos acrescentar — por assim o ter afirmado Sir James Jean — que esta sublime tragédia só ocorrerá daqui a uns bons quarenta e cinco biliões de anos...

ÊLE QUERIA AJUDAR... E ACABOU POR SE QUEIMAR

CHOPIN

FREDERICO Chopin, o gênio imortal da arte musical, nasceu na aldeia de Zelazowa Wola, nos arredores de Varsóvia, na Polônia. Desde menino, o gosto pela música se revelara nêle.

Foi com dificuldades que pôde estudar rudimentos com o professor Zywny, ingressando, depois, na Escola Central de Música de Varsóvia. Aos 15 anos, sua primeira composição era editada com sucesso. Aos 19 anos, em agosto de 1829, arrebatou a plateia de Viena, num concerto realizado na Opera Imperial. Logo se fez amigo dos maiores vultos da música daquele tempo.

No ano seguinte, Chopin, solidário com seus compatriotas revoltados contra o predomínio estrangeiro na sua terra, entrou em conspirações e, só por milagre, conseguiu sair para o estrangeiro. E' dessa época a "Polonaise", música que exprime tôda a sua revolta e todo o seu sentimento de patriota.

Em París, fez camaradagem com Rossini, Liszt, e outros. Alí conheceu também a famosa escritora George Sand. Já por essa época sua saúde estava debilitada.

Apesar disso, entretanto, êle trabalhava. Esteve repousando na ilha Majorca, ocupando a Abadia de Valdemosa.

Daí foi para Marselha e depois para Nohant, propriedade campestre de George Sand. Aí sentiu-se melhor. Conseguiu, assim, desenvolver seus trabalhos musicais.

Foi em 1849 que sua saúde recebeu duro golpe. Ainda realizou várias "tornées" através da Inglaterra e da Escocia. Mas, o seu fim se aproximava velozmente. Antes de morrer, Chopin pediu duas coisas: que na sua missa fúnebre fosse executada uma partitura de Mozart e que seu coração fosse enviado para a Polonia.

A 17 de outubro de 1849, fechavam-se os olhos do gênio. Seu corpo foi sepultado em París. Assim terminou a carreira admirável de um dos maiores vultos da humanidade.

VOCÊ SABERÁ ISTO?

As borboletas podem voar a uma altura de 4.000 metros.

*

Os únicos homens da terra que não têm dentes cariados são os esquimós.

*

A voz das mulheres e das crianças é de tom mais agudo porque elas têm a laringe menor.

*

Atí era o nome do filho mudo de Creso.

*

Foi São Lino o sucessor de São Pedro.

*

O cisne pode viver 500 anos.

*

Afirma-se que a filha de Shakespeare não sabia ler nem escrever.

*

Em São Francisco (California), foi lançada, recentemente, uma revista semanal que publica exclusivamente anúncios de pessoas que trocam discos.

*

O número de planetas conhecidos é nove.

*

A Basílica de São Pedro, em Roma, é a maior igreja do mundo.

*

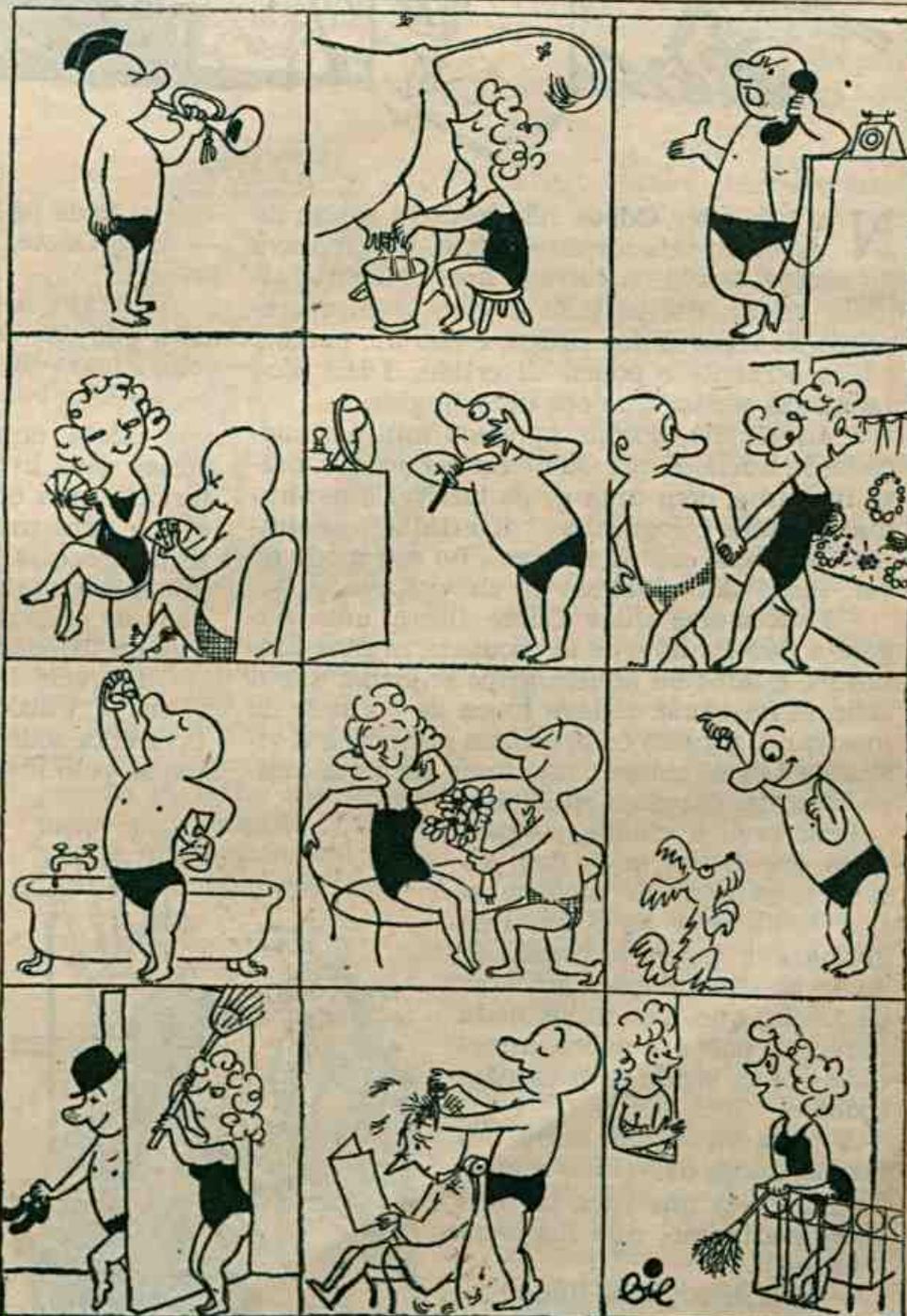
Mozart foi a maior precocidade musical de todos os tempos. Compunha aos 4 anos.

*

Afirmam os cientistas que a água do mar esterilizada constitui ótimo medicamento.

*

O primeiro piano foi construído em 1739 pelo padre Domingos Mera, mas só em 1809 é que Isaac Hawkins, de Filadelfia, o patenteou.

QUE É QUE ÊLES ESTÃO FAZENDO?

(SOLUÇÃO DA PAGINA 37)

NA verdade, Odete não gostava muito da filha do zelador do edifício, que morava no andar térreo. Achava-a horrìvelmente tímida, muito comportada *demais*, sempre receiosa de reparos dos outros, e isso lhe parecia pouco atraente e pouco divertido. Dizia que Lúcia era sonsa. Que era uma fingida...

Aquele dia, porém, apreciou muito a chegada de Lúcia. É que Odete estava doente, presa na cama, com uma gripe terrível e nenhuma das suas coleguinhas "divertidas", nenhuma das "boas companheiras", no seu modo de ver, tinha tido coragem de vir visitá-la.

Poucos dias antes Odete fizera uma viagem a São Paulo e de lá trouxera muitos presentes, e também aquela gripe enjoada, que a retinha na cama. Estava louca de vontade de mostrar a alguém os presentes ganhos, e a visita de Lúcia, embora não fosse ela uma amiga querida, deixou-a satisfeita.

Descreveu a cidade, os passeios que fizera, falou dos parentes, começou depois a mostrar à menina as coisas que ganhára e gozou o prazer de ouvir as exclamações sinceras de Lúcia, que não tinha nada parecido, pois era pobre, à medida que ia vendo os presentes todos.

A certa altura ela abriu um bonito estojo de veludo e mostrou à visita um anel, na verdade lindíssimo, que lhe dera a avó.

— Que lindo! Que lindo! — exclamou Lúcia, sem poder conter sua admiração.

— Póde pô-lo no dedo... Experimente... — disse Odete, sentindo com isso ainda mais prazer.

De fato, a visita enfiou no dedo o bonito anel, que era de ouro com uma grande pedra azul. Ficava-lhe bonzinho!

— Que bonito êle é! — tornou a repetir.

Odete, entretanto queria mostrar outras coisas. Uns livros de histórias lindamente coloridos, uma coleção de fitas para cabêlo, um estojo para unhas, com tudo o que para isso se faz necessário... Não há exagero em dizer que Odete mais se impressionava pela quantidade de presentes, do que mesmo pela sua beleza ou utilidade.

Naquêle instante, porém, pulou sôbre a cama o "Cabôclo", lindo gato que Odete tratava com todo o mimo. Trepou na cama, meteu-se pelo meio dos presentes, deixou cair alguns no chão, porque Lúcia se assustou, mas logo esqueceram o episódio porque vinha chegando a mãe de Odete, e era hora desta tomar uma dose de remédio...

•

Pouco depois, com os bons modos de sempre, Lúcia se ergueu e disse que era hora de ir embora. Antes, porém, fez questão de ajudar a arrumar os presentes. Ajeitou os embrulhos, amarrando cuidadosamente os cordões, fechou as caixas, arrumou os livros e, depois de se despedir e desejar as melhoras da amiga, saiu.

— Viste que ordenada e boazinha é a Lúcia? — perguntou a mãe da doente. — Assim é que eu gostaria que tu fosses... Essa pobre menina deve te servir de exemplo!

Odete, despeitada, nada disse. Deitou-se e fechou os olhos.

•

— NÃO póde ser, minha filha! Não acredito em tal coisa!

— Mas, mamãe, repare! Só podia ter sido ela! Depois que ela veio cá, eu não mais abri o estojo. E, hoje, vou ver e o anel não está dentro dêle! Não foi atôa que ela ficou tão deslumbrada com a jóia!

A verdade era que o anel não estava no estojo. Odete afirmava, teimava, de pés juntos, que fôra Lúcia que o tirara. A bondosa senhora, embora não pudesse contradizer a filha, não queria crêr.

Passou-se mais um dia, em que foram dadas todas as buscas. Revirou-se tudo, no quarto de Odete, mas sem resultado. A menina queria que a mãe desse queixa contra a suposta ladra. Mas, sem ter uma base, sem estar convencida da culpa da menina, a Mamãe não quís, não consentiu.

Os dias passaram, o caso do anel estava quase esquecido, quando chegou o aniversário da menina. Ela e a mãezinha foram fazer a lista das convidadas. E Odete logo advertiu:

— Aquela *ladra* eu não convido!

— Que é isso, minha filha? Para que usar um termo tão duro, tão deprimente, contra uma pessoa que você não tem certeza de que é culpada?!

— Mas eu não a convido!

— Ninguém a obriga a isso, filhinha. O que eu exijo é que você modere a linguagem, não seja assim rude, assim cruel. Póde você provar que ela tirou a sua joia?

— Eu...

— Não! Não póde! E se você está tirando a reputação de honesta a uma pessoa inocente, está também roubando, tirando o que não tem o direito de tirar!

Não convidaram a menina. Lúcia, que de nada sabia, mas que já notara o afastamento de Odete, sentiu imensamente, mesmo porque já tinha até preparado um presente para a amiga, um bonito lenço de cambraia que ela mesma

bordára...

Afinal, chegou a véspera do aniversário. E começaram, então, no apartamento, as arrumações. Puxaram-se móveis que havia muito não saiam do lugar. Odete, animada, ajudava a arrumar, ajudava a limpar. Nunca a tinham visto tão ativa.

Nisto, ecoou pela casa um grito de alegria:

— Mamãe! Meu anel!!

Realmente, num recanto apertadissimo entre o móvel e a parede, onde não alcançava a vista e onde a vassoura não penetrava, tinha estado preso, todo aquêle tempo, o anel desaparecido.

— Como teria êle ido cair alí? — perguntou a mãe de Odete.

— Foi "Cabôclo", mãezinha! Agora me lembro! Nós estávamos vendo os presentes — e Odete corou, talvez por se lembrar das acusações que tinha feito à amiga inocente — quando "Cabôclo" chegou e esparramou tudo pelo chão...

— Estás vendo? Odete, deves agora uma reparação...

— Ah! Mamãe, já sei! Como estou envergonhada, como estou arrependida! — exclamou ela, cobrindo o rosto com as mãos. — Felizmente ainda está em tempo de convidar a pobre Lúcia para a festa...

— Mas nada lhe deves dizer, minha filha, acêrca do anel. Seria humilhá-la...

— Não, mãezinha. Nada direi. Mas hei de ser tão boa, tão amiga dela, que hei de compensá-la por essa enorme injustiça que pratiquei

•

Convidada a tempo, Lucia não faltou à bonita festa oferecida por Odete. E, de então por diante, foi sempre procurada e bem tratada pela outra, cujo arrependimento fez com que passasse a apreciar, e a imitar, as verdadeiras qualidades da amiga.

ANTIGAMENTE era costume os reis manterem, em suas côrtes, indivíduos que tinham o triste ofício de "bobos".

O bobo era quase sempre um deformado. E os anões, ou megalocéfalos, eram aproveitados como elemento de distração de passatempo e até de decoração, segurando as caudas de seda das suas poderosas senhoras.

Desde a antiguidade, serviram para divertir os que os pagavam a pêso de ouro e os vestiam de côres vistosas.

Do Egito a Roma, e de Roma às côrtes requintadas da Renascença italiana, e às dos Duques de Borgonha, o anão fez parte essencial do paço.

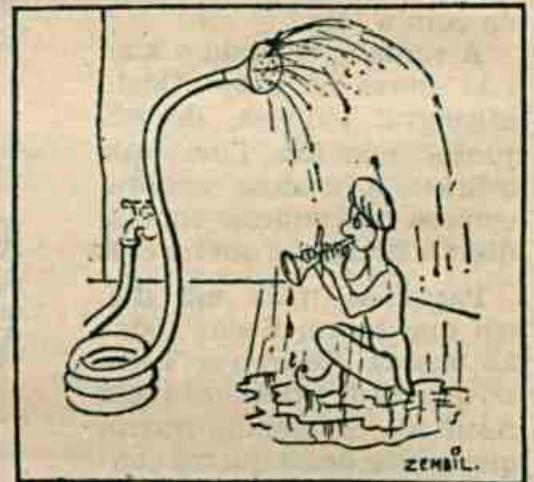
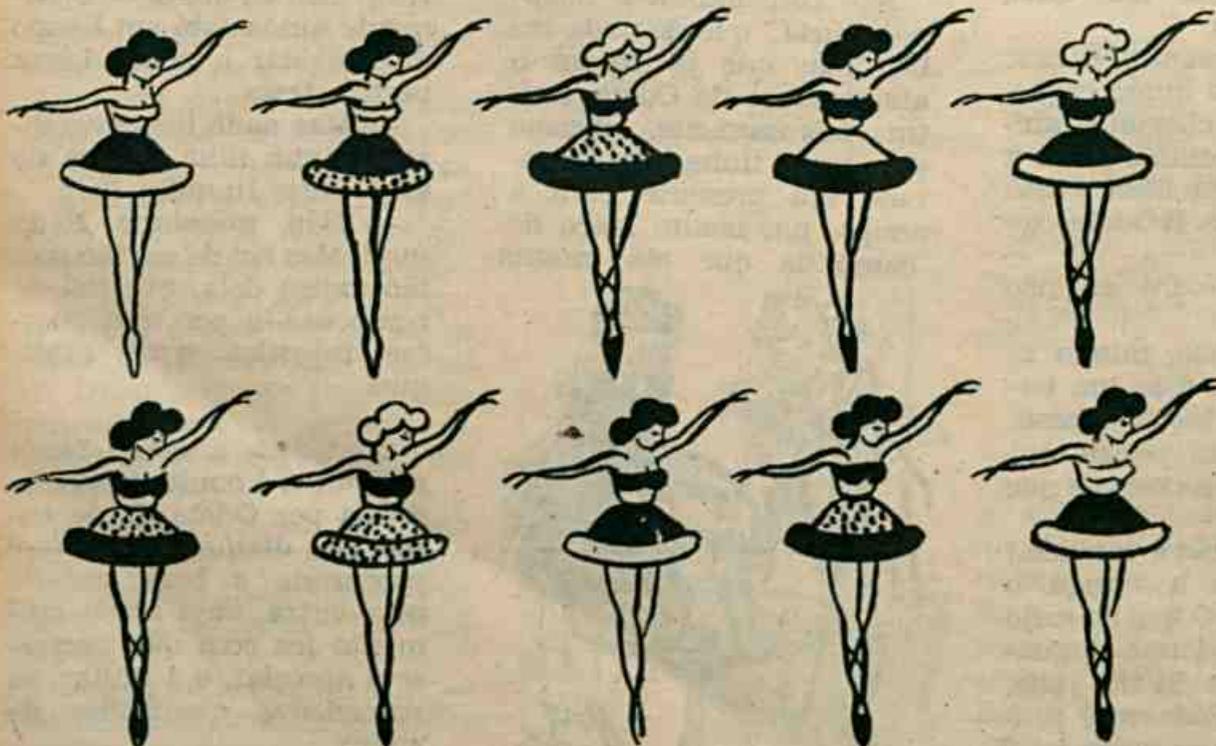
Na célebre colgadeira rerepresentando a conquista da Inglaterra por Guilherme da Normandia, que é tradição ter sido bordada pela Rainha Matilde, aparece, como documento pitoresco, um anão chamado "Turold — cujo ofício, além de bobo, era o de segurar os cavalos da sua ama e senhora.

Isabel de Baviera, em 1380, possuia na sua "ménagerie", além de bufões, macacos, leopardos e outros animais exóticos, — uma anã.

Através da Idade-Média depararam-se-nos anões em muitos palácios e castelos. Ainda os encontramos hoje nas feiras e circos, ou isolados, ou formando sociedades em miniatura, passeando nas suas carruagens, montando nos seus cavalos também minúsculos.

Aproveitando-se da situação, muitos "bobos", que não eram naada bobos, faziam criticas severas aos soberanos, dizendo-lhes verdades que ninguem ousaria dizer a um rei.

*

O BANHO DO FAQUIR

VOCÊ TEM BOM GOLPE DE VISTA?

Se você tem bom golpe de vista, então prove-o. Descubra, no espaço de um minuto, e não mais, quais são, aqui, as duas bailarinas iguais. Só duas são em tudo semelhantes. Quais são elas? Vamos! Diga, em apenas 60 segundos.

Você sabe
como se chega a
"herói em campo"?...
Quantos moços... e você também, não gostariam de ser o melhor homem em campo?! Ser "herói em campo" depende de muitos fatôres e, principalmente, de um: excelentes condições físicas.
Milhares de esportistas do Brasil, e de todo o mundo, devem boa parte de suas notáveis condições de luta a Milo, o alimento-delícia! Além do seu sabor, para o qual você também concederá "Goal"... Milo concentra um poderoso conjunto alimentício, o melhor que se possa encontrar em alimento do seu tipo: leite puríssimo, cereais maltados, açúcar, vitaminas A, B1, B2 e D, fósforo, magnésio e ferro em forma orgânica, fàcilmente assimilável – tudo aromatizado com cacau.
Milo pode ser tomado com leite frio ou quente, ou simplesmente puro como está na lata.
Brinde à sua saúde todos os dias, com um copo de Milo!
MILO
MILO
NESTLÉ
ALIMENTO CONCENTRADO
Adquira forças agradàvelmente, tomando Milo frio ou quente.

TOMAS Duil tinha quinze anos quando ocorreram os fatos que colocaram seu nome em primeiro plano nos jornais da Inglaterra. Vivia com seus pais em uma pequena casa nos subúrbios de Londres.

Tôdas as tardes ia para a escola e durante cinco anos passou por um longo passeio de lajes vermelhas que ia dar no velho castelo que ostentava a silhueta escura sôbre o céu cinzento.

Aquele calçamento vermelho, aquelas grades pretas de ferro, aquele jardim muito verde, aquela linda fonte, coberta de flores aquáticas que tôdas as tardes contemplava parado junto à grade, foram acumulando em sua imaginação estranhas sensações que variavam com os anos, porém sempre deixando em seu espírito um ar de mistério subjugante. As grandes janelas do castelo sempre baixadas, o espaçoso jardim sempre deserto, o enorme portão sempre fechado... Será que ali só vivia aquele ancião que o cumprimentava tôdas as tardes, quando passava de regresso a casa?

Uma tarde — era uma tarde de Julho — ao voltar da escola, observou que alguma coisa extraordinária se passava no velho castelo. O portão e as janelas estavam abertos, no jardim, dois automóveis e muitos homens, como manchas, recortavam sua silhueta sôbre o fundo verde do prado.

Tomás apertou o passo e naquela tarde não se deteve para contemplar a fonte, que, como sempre continuava jorrando água sôbre as plantas aquáticas.

Enquanto ceava, o pai lhe disse:

— Tomás, dizem que desapareceu a neta de Sir Illiwood Field.

Durante tôda aquela noite o menino despertou várias vezes e seu sono foi agitado. À tarde, seguindo o conselho de seu pai, não parou junto às grades do castelo, mas com um rápido olhar percebeu detalhes do que se passava através das grades do jardim.

TRADUÇÃO de MARIA MATILDE

Na escola o assunto da conversa dos meninos e dos professores foi o desaparecimento da menina. Elisabeth, a pequena neta de Sir Illiwood Field.

— Onde estará a menina? Qual seria o homem mau que a raptou? Estará morta?

À noite, dois homens, possivelmente, policiais, conversaram com seu pai:

— Nada se sabe da menina; desapareceu na noite de quarta-feira; na manhã seguinte é que notaram o desaparecimento. Sôbre sua cama encontraram uma carta, que exigia como resgate a soma de dez mil libras. Nenhuma violência havia na habitação. Só o cadeado do portão apresentava vestígios de violação, circunstância que fazia supôr que os raptores eras pessoas estranhas ao castelo.

O porteiro, o jardineiro, o chofér e vários empregados prestaram contas exatas dos seus passos durante a noite de quarta-feira. Seus antecedentes foram examinados cuidadosamente. A polícia não tinha o menor indício que a orientasse para uma solução.

Na tarde seguinte, Tomás observou menos movimento no castelo e tornou a ver o velho porteiro junto ao portão. Ao anoitecer, ao voltar da escola percorreu com passo vagaroso o longo caminho de chão vermelho e, como fazia sempre, sentou-se junto à grade para ver a linda fonte e as plantas aquáticas que cobriam a superfície da água.

E foi então que seus olhos, dilatados pela surpresa, observavam aquele barrote limado na base e curvado, deixando passagem suficiente para uma pessoa.

Com habilidade, as roseiras tinham sido arrumadas ocultando o defeito.

E Tomás sabia que na quarta-feira à tarde aquele barrote de ferro não estava assim.

Voltou para casa a tôda pressa, disposto a contar ao pai o ocorrido, mas, lembrou-se de que naquela noite, como em tôdas as sextas-feiras, êle só voltaria muito tarde. Tomou então uma resolução: atirou os livros sôbre a mesa e dirigiu-se, correndo ao portão do castelo.

— Senhor, senhor, chegue aqui! Quero mostrar-lhe algo que talvez possa ser útil para encontrar a menina. Duas horas depois, saia Tomás do castelo com o espírito inquieto e a mente cheia de suposições.

Durante êsse tempo milhares de perguntas lhe foram feitas; só podendo responder que se chamava Tomás Duil e que frequentava a escola "Maria Tudor", a cinco quadras do castelo, e que na quarta-feira à tarde o barrote da grade de ferro estava perfeito.

Quando os policiais o deixaram, começava anoitecer, as primeiras estrêlas piscavam e já via o retangulo iluminado de algumas janelas.

Maquinalmente Tomás saiu para o jardim e foi sentar-se-se junto á fonte. Não conseguia coordenar as idéias. A violência daquele desusado interrogatório havia ferido profundamente sua sensibilidade de menino.

Olhava sem observar. Alí estavam a grade, as vermelhas pedras do comprido passeio, as plantas aquáticas cobrindo a superfície da água... a mesma paisagem que durante cinco anos se gravara em sua retina. Mas havia um detalhe que não figurava em sua recordação habitual. Alí, na escura superfície da água, não se achava aquela grande e larga fôlha que parecia uma bandeja com uma flôr vermelha na beira. E na quarta-feira passada, alí se encontrava, pois êle se recordava de que também havia atirado pequeninas pedras na áspera e enorme fôlha, como tantas vezes fizera...

Voltou para casa. E a grade e a fôlha, a fôlha e a grade eram o seu constante pensamento. Essas duas palavras martelavam-lhe a imaginação em ritmo acelerado: a fôlha, a grade, a fôlha, a grade...

No dia seguinte comprou um jornal. A notícia fazia referência à sua descoberta, porém não lhe mencionava o nome. Informava que havia vários detidos para averiguações. No entanto a menina continuava desaparecida e os raptores ainda não tinham dado qualquer sinal de si. Durante a aula esteve distraido e o professor o repreendeu por isso várias vezes.

Ao voltar, parou ainda um instante de-

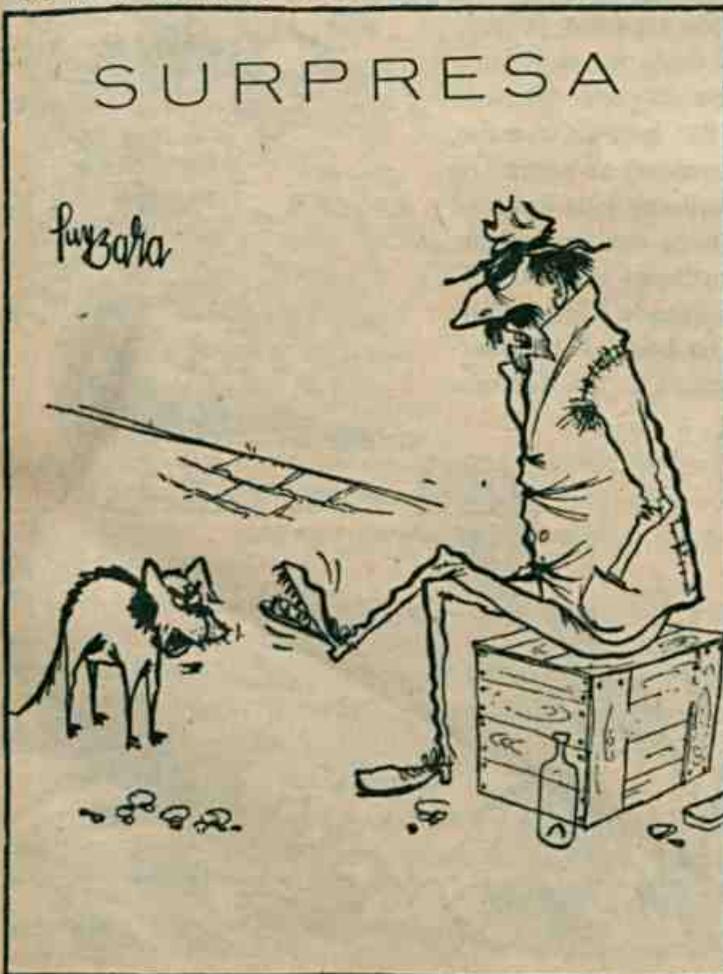
fronte da fonte, e, sem vacilar passou para o outro lado da grade. Sentou-se à margem do lago, mergulhou as mãos dentro dágua, depois um braço e, no fundo tocou na enrugada superfície da fôlha. Fez um esfôrço: algo pesado deslizou entre seus dedos; quando retirou o braço da água, seus dedos seguravam o arco de uma pequena serra. Observou-a. No cabo havia duas letras I. F. e um escudo.

Sua impressionável imaginação ligou aqueles detalhes isolados. A menina desaparecida, o barrote serrado, a serra escondida no fundo do lago. Por que a haviam escondido ali?

A CALMA DA VELHA...

—Tem uma caneta que me empreste, meu filho? Vou ter que encher um cheque...

Por que tinham curvado a grade, se haviam levado a menina pelo portão principal? E o cadeado forçado? Não teriam passado por ventura pela grade torcida? Com certeza, senão o culpado teria ocultado o defeito com a trepadeira de rosas. Para que?

SURPRESA

I. F.: Iliwood Field: a serra fôra, evidentemente, tirada do próprio castelo e Tomás concluiu que os sequestradores eram pessoas que viviam ali...

Quando, na solidão do seu quarto repassava todos êsses detalhes, como uma luz que rasgasse a escuridão, se avivou na lembrança do menino um detalhe que, isoladamente, parecia não ter importância.

— É êle! Só póde ser êle! E a menina está lá, com êle, no casebre à beira do rio. Uma vez, havia vários domingos, Tomás tinha visto o chofér de Sir Illiwood Field conversando com o ébrio irlandês que vivia no casebre.

Tomás tinha ido pescar enguias e, entrando na água até os joelhos, e oculto pelo mato, tinha ouvido, agora se recordava, a voz inconfundível do irlandês què dizia:

— Isto aqui é o melhor lugar. Não precisa ter cuidado. Aqui estará bem...

E as vozes cessaram.

— Nome: Martim. Profissão: pescador...

— Foi êle! E a menina Elizabeth só póde estar lá.

Tomás esperou a noite, saiu cautelosamente de casa e, guiado pela luz da lua que assomava sua face branca sôbre o fundo negro do céu, dirigiu-se até o rio.

Nunca tinha saido de noite, porém uma fôrça interior o impelia. Embora o tamanho enorme das árvores que com a escuridão da noite pareciam maiores e o vento a soprar entre os seus ramos, não sentia mêdo.

Meia hora depois chegou ao rio. Lá estava a casa do irlandês oculta pela escuridão da noite. Tomás movia-se em silêncio. As janelas estavam fechadas. O latido de um cão à distância rompeu o silêncio.

Apanhou um pedaço de pau e conseguiu chegar até junto da parede.

De repente, a porta foi aberta e surgiu o irlandês:

— Maldito espião! — gritou furioso.

E avançou para o menino.

O pau rodopiou no ar e, um segundo depois, o corpo inerte do malfeitor atravessava-se à entrada do casebre.

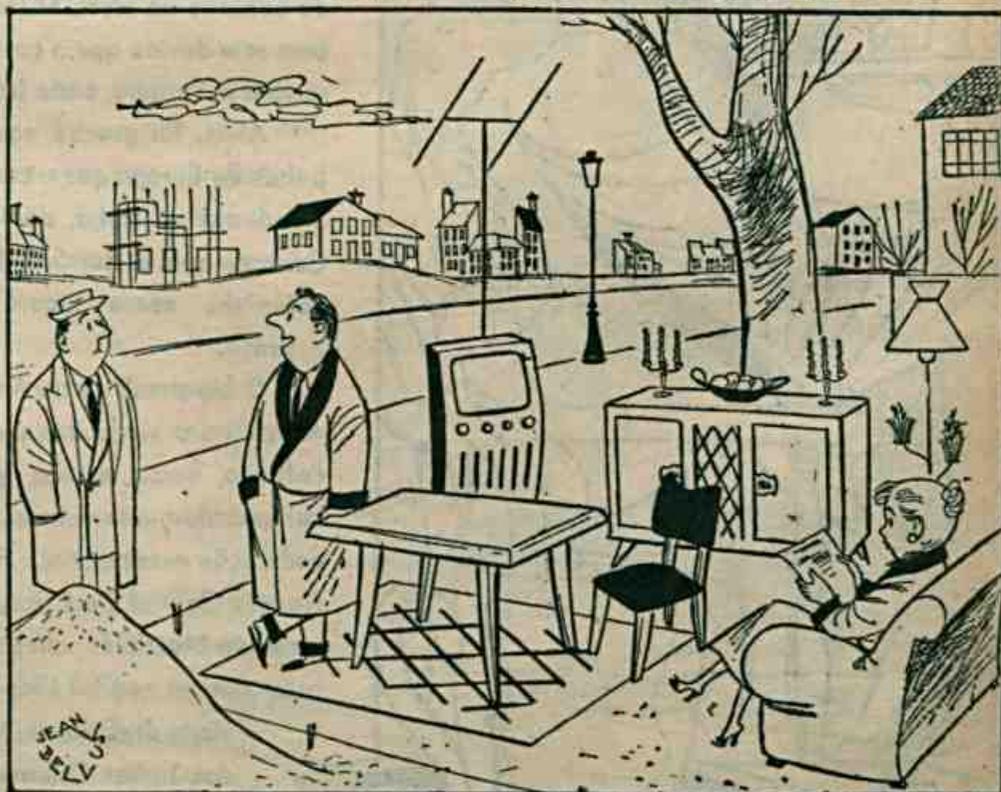
Foi lenta e penosa a volta. Tomás, com a menina nos braços, estava imensamente feliz. Chegando em casa acordou o pai.

★

RAPIDAMENTE as horas se passaram naquele domingo. O chofér e o irlandês foram presos, confessaram, foram julgados e o nome de Tomás Duil apareceu em todos os jornais da Inglaterra.

Meses depois, o valoroso e sagaz menino ingressava como estudante num dos colégios da Universidade de Oxford.

Fazia-o sob a proteção do generoso e reconhecido Sir Illiwood Field, avô de Elizabeth.

QUE CASAL APRESSADO!

— Assim é melhor. Agora é só esperar o construtor e os pedreiros . . .

A VIAGEM do cafèeiro

ÉRICA MAYER

— MAIS um pouco de café, titio? — perguntou Isabel.
— Claro que sim, não há coisa melhor do que um cafèzinho bem gostoso — respondeu o titio Carlos.

Enquanto Isabel enchia novamente a xícara, êle continuou a falar;

— Vocês sabem? Se não fosse o senhor Gabriel De Clieu, (1) nós aquí talvez não conhecêssemos esta bebida bem brasileira que é o café...

— Quem foi Gabriel De Clieu, titio? Algum conhecido do senhor? — perguntaram ao mesmo tempo os sobrinhos Isabel e Roberto.

— Não, meninos, Gabriel De Clieu foi um oficial de Luís XIV, rei da França, que viveu no século XVIII. Também eu só soube dêle pela História, que lhe atribui a introdução do cafèeiro no Novo Mundo, isto é, nas Américas. Vocês sabem sem dúvida que o café é originário da Arábia. Da Arábia passou à Turquia, onde fez um sucesso tremendo.

Aliás, foi graças aos embaixadores turcos nos diversos países da Europa que o café se tornou a bebida das recepções mundanas na Itália, na Inglaterra e, sobretudo, na França. Contam que o Rei Sol, Luís XIV em pessoa, saboreava o cafèzinho numa xícara ricamente incrustada de ouro e prata.

O burgomestre de Amsterdão ofereceu ao rei da França um cafèeiro vindo das plantações holandesas de Java. Êsse cafèeiro, único no seu gênero, foi considerado como uma curiosidade muito valiosa, e o botânico real cuidava dêle com dedicação excepcional. Foi nessa época que o jovem oficial francês Gabriel De Clieu, que passara longos anos na guarnição da Martinica, chegou a París. Teve a surpresa de constatar que na capital tôda a gente tomava café... café árabe, vindo do Egito, e, sobretudo, café holandês, importado das Indias Orientais. Ora, o capitão De Clieu sabia que as Indias e as Antilhas eram parecidíssimas. Tinham o mesmo clima, o solo de consistência igual e a

mesma vegetação tropical. Por que não tentaria plantar nas Antilhas, que pertenciam à França, um tipo de café capaz de rivalizar com o holandês? Secretamente, e com o auxílio do médico do rei, De Clieu arranjou um pequeno cafèeiro.

Por uma bela manhã de maio do ano de 1723, embarcou em Nantes com destino às Antilhas, trazendo consigo uma caixa de vidro, que não perdia de vista um instante siquer.

Era a estufa improvisada do cafèeiro.

Realmente, o capitão Gabriel de Clieu fez o impossível para que a frágil planta chegasse sã e salva ao seu destino.

Agüentava o sol ardente sôbre a ponte do pequeno navio, porque o calor intenso fazia bem ao cafèeiro.

Vigiava continuamente o emissário holandês que, partido junto com êle, procurava por todos os meios apoderar-se do arbusto. Mal deixaram a ilha da Madeira e o misterioso holandês, que nela desembarcou, o navio foi atacado por piratas da Tunísia.

Os franceses defenderam-se a tiros de canhão e finalmente repeliram os piratas. Mas, durante o combate, a estufa se quebrou. Preocupado com a sua planta, De Clieu armou-lhe outro abrigo, agora contra os ventos furiosos que anunciavam tempestade em alto mar.

Esta segunda estufa, porém, não resistiu ao furor das ondas, que a quebraram, banhando o cafèeiro em água salgada.

Depois veio a calmaria...

Para um navio a vela, talvez seja tão temível quanto a tempestade. O ar, pesadíssimo, parecia carregado de chumbo. Lentamente, o navio continuava sua rota, enquanto a bordo a água potável se fazia dia a dia mais escassa.

De Clieu repartia a sua última ração de água com o cafèeiro.

O desespêro apoderou-se da tripulação...

Morreriam de sêde, sem chegar ao fim da viagem?

Foi então que, numa noite de lua cheia, apareceram os primeiros sinais de terra.

Terra! Eram as Antilhas, e o cafèeiro estava salvo.

Foi assim, meus sobrinhos, que o café foi introduzido nas Américas.

Tio Carlos terminou a sua narrativa e aprontou-se para tomar o seu café, que, entrementes, esfriara um pouco.

DESENHOS DE EDMUNDO

(1) *Pronuncie-se Cliê*

CURIOSIDADES

DA VIDA DE ALGUNS ANIMAIS

Ouve-se dizer algumas vezes que uma criancinha, desde os primeiros anos de vida, mostra o que será mais tarde: amável, se sorri, combativa se é irritada, empreendedora se é ousada, etc. Não discutiremos se isto é verdade ou não para os meninos, mas bem podemos dizer que é também quase sempre o contrário, o que se passa entre os animais.

Você nunca viu nada de mais mesquinho, de mais miserável, de mais incapaz de se defender do que um tigrezinho ou de um leãozinho. E' uma pequena bola de carne que tem apenas a fôrça para se arrastar a uma distância de um metro ou dois para ir juntar-se, gemendo, à sua mamãe quando, por acaso, dela está separado. Nem mesmo se pode pôr de pé sôbre as pernas. E embora, ao contrário dos pequenos gatos, que ao nascer têm os olhos fechados, este animalzinho nasça com os olhos abertos, o resultado é praticamente o

mesmo porque aqueles olhos azulados e como que cobertos de um véu, parecem nada ver. As coisas se passam assim para todos os animais carnívoros. Um pequeno lobo, um pequeno urso não são, na aparência, melhores defendidos para a vida, e não têm, para os proteger, senão seus pais.

Ao contrário disso, uma pequena corça, um cordeirinho, um pequeno cabrito, ao fim de vinte quatro horas, apenas, são capazes de ir a trote como o pai e a mãe, e se você correr atrás para os agarrar não os consegue alcançar.

Assim também acontece no mundo dos pássaros. Uma águia logo que nasce não tem mais que o ar de um pobre bichinho doente.

Um pintainho, entretanto, ainda ainda meio pegado à casca do ovo, corre já atrás das moscas e é também capaz de se desvencilhar sozinho E, todavia, em algumas semanas a primeira será a rainha dos ares e o outro não passará de uma ave doméstica...

Por aí se vê, portanto, a verdade do que foi dito sôbre o destino e o modo de vida dos animais, ao contrário do que se dá com o homem.

Quando queremos falar de alguém que não se deixa emocionar por algum sentimento de ternura, de doçura, ou de piedade, dizemos que tem um coração de crocodilo.

E' verdade: perde seu tempo, sem resultado, quem se quer fazer amigo de um dêsses sáurios. Entretanto, aquele coração de pedra se enche de ternura quando bate por seus filhos. Podemos constatar isso, observando um representante da família, na pessoa ou um aligator americano. Enquanto que a maior parte dos outros crocodilos confia os ovos à areia quente, as fêmeas desta espécie tomam muito mais precaução, vigiando-os.

Elas começam por cortar com os dentes grossos tufos de gravetos que acumulam sôbre a úmida areia antes de aí depositar os ovos. Assim que termina essa operação, começa a segunda fase, na qual cobre todo o ninho, não só para esconder, como também para que as ervas úmidas, expostas ao sol tropical, não tardando a se decompôr e fermentar, exalem assim um forte calor que auxiliará a eclosão

Até que isto se dê, a mãe aligator vela incessantemente perto do ninho. Esta solicitude redobra quando os filhotes saem dos ovos, rompendo a casca.

Ela os conduz, então, a um pântano próximo para que fiquem ao abrigo dos possíveis inimigos; aí os deixa entrar na água, sob sua guarda ,até que chegue a hora da refeição. Um naturalista americano, Schommbruck, tendo um dia, descoberto os pequenos aligatores, separados da mãe, acreditou que pudesse se acercar de um dêles e êste se pôs a protestar à sua maneira, dando pequenos gritos. A êste apêlo, um tumulto horroroso se elevou do riacho vizinho.

Todos os aligatores da região se puseram a gritar, chamando os mais velhos. Mas o mais terrivel foi a própria mãe que, alertada, acorreu a tôda pressa. E como o explorador entrasse em sua piroga e se afastasse com o filhote capturado, ela nadou e o atacou furiosamente, espadanando água

SEMPRE NO CARTAZ!
UM DOCE
SABOROSO E
DE ALTO VALOR
NUTRITIVO
GOIABADA
GOIABADA MARCA PEIXE
CARLOS DE BRITO & CIA. - FABRICAS em RECIFE -
BEZERROS - AREIAS - PESQUEIRA - RIO - SÃO PAULO

Quero-queros

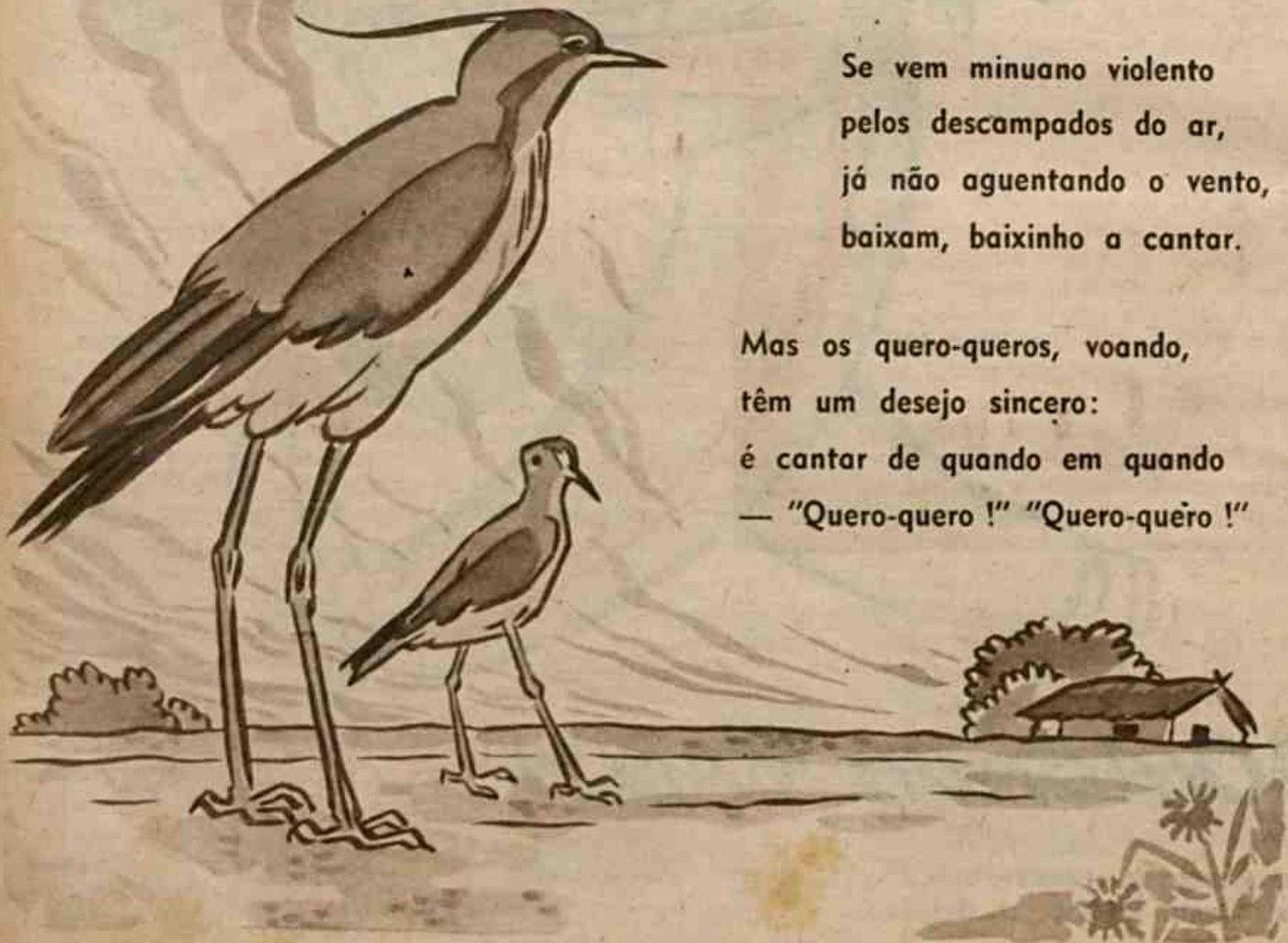
HORMINO LYRA

QUERO-QUEROS são pequenas
gaivotas nêgras do sul.
No alvor do dia às dezenas
batem asas do paul.

E vêm, despertando a gente,
um bando mais outro bando.
Voando, intempestivamente,
"quero-quero" vão cantando.

Cantando de madrugada,
vôam bandos a toda a hora.
Vôam e cantam a toada:
"quero-quero". E vão-se embora.

Se vem minuano violento
pelos descampados do ar,
já não aguentando o vento,
baixam, baixinho a cantar.

Mas os quero-queros, voando,
têm um desejo sincero:
é cantar de quando em quando
— "Quero-quero!" "Quero-quero!"

FOI ACUSADO DE FEITIÇARIA

O PRIMEIRO IMPRESSOR

Faustus

A tradição quer que seja Gutemberg, quem inventou a imprensa. Contudo é provável que sua invenção não teria alcançado o desenvolvimento que hoje conhece, sem um impressor alemão de nome Faustus. Seu nome tem sido frequentemente designado sob o título de "Doutor" e confundido com o do mágico cuja história forneceu o tema para uma célebre ópera — Fausto.

Malgrado as acusações de bruxaria levantadas contra êle, Faustus não era mais que um simples impressor alemão desejoso de ganhar o que lhe assegurasse a subsistência. Começou por emprestar a Gutemberg o dinheiro, auxiliando-o a terminar sua invenção.

Desejoso, em seguida, de receber o dinheiro emprestado e mesmo de conseguir lucros, êle se pôs a vender Biblias, e assim fêz conhecer ao mundo a futurosa invenção.

Ao que pretende a lenda, Faustus teria sido o primeiro a vender Biblias impressas. Naquela época distante elas se assemelhavam, a ponto de levar a enganos, aos textos manuscritos de copistas e monges. O impressor alemão, realizando um lucro respeitável, vendia seus livros a sessenta corôas, enquanto que os mesmos, penosamente copiados à mão pelos monges, valiam cinco centavos.

A uniformidade da escrita das Biblias de Faustus, a facilidade, a rapidez com que êle fornecia os livros que lhes eram encomendados, e sobretudo o prêço excessivamente baixo, provocaram imenso reboliço entre os literatos, sobretudo entre os monges, que se inquietavam com tal concorrência.

Faustus foi logo acusado de magia.

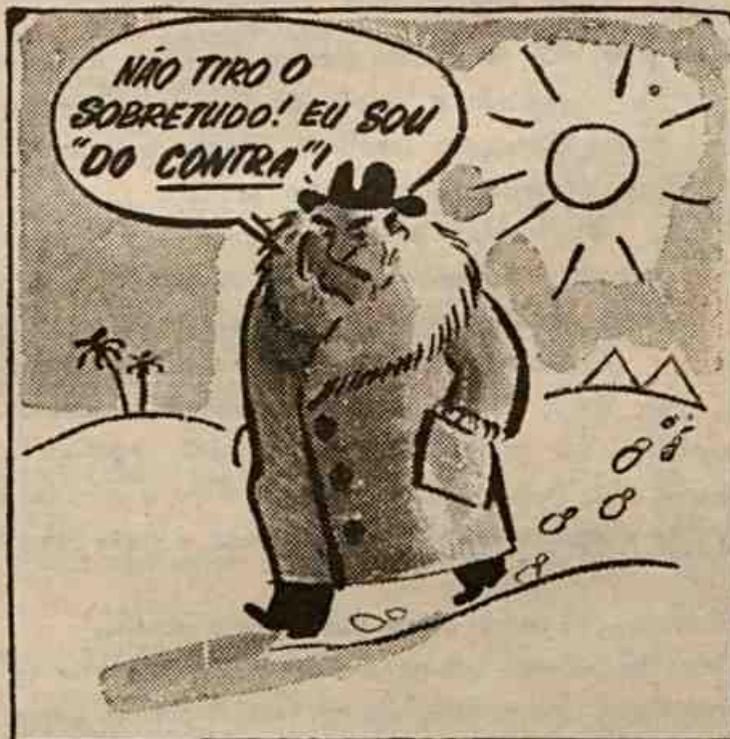
Pretendiam que a espléndida tinta vermelha, de que eram ornados seus livros, não era era mais que seu próprio sangue.

Mais grave anda, naquela época em que vivia, era a suspeita de que fizera um pacto com o diabo.

Detido, por ordem dos monges, não tardou a ser julgado e condenado a morrer queimado.

Pensando mais em sua vida, que corria perigo, e em suas moedas de ouro, do que na promessa feita, sob juramento, a Gutemberg, de nunca falar da invenção êle fêz uma confissão integral no Parlamento de Paris.

Foi assim que o mundo soube como era possivel reproduzir indefinida e ràpidamente um texto qualquer.

Estremecemos ainda hoje no pensamento de que, se fôsse menos avaro, Faustus teria sido queimado e, com êle, teria desaparecido, sem dúvida, durante muito tempo, o segrêdo da invenção de Gutemberg.

As decorações da igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, foram feitas por Zeferino da Costa.

*

Longfellow, poeta norte-americano, foi convidado por Salvador de Mendonça, em nome de D. Pedro II, para vir passar uma estação de inverno no Rio de Janeiro.

*

A Bandeira de Antonio Raposo, organizada em São Paulo, compunha-se de perto de três mil homens, entre os quais novecentos mamelucos.

*

O brasileiro que aceitar comissão ou emprego remunerado de país estrangeiro, sem licença do presidente da República, perde, além dos direitos políticos, a própria nacionalidade.

*

Foi em 1763 que o Rio de Janeiro foi elevado à categoria de Capital do Brasil.

*

A Câmara dos Escabinos era o Conselho de Intendentes com que governou o Brasil holandês Maurício de Nassau.

*

Segundo o abade Moreaux a Terra pesa 5 quintilhões, 957 quatrilhões e 930 trilhões de toneladas.

A Verdade

VIVEU, há muitos séculos, na India, um homem chamado Amrud, que, descendo a escala da dignidade humana chegara aos últimos degráus. Começara mentindo. Mentia a torto e a direito, às vezes mesmo sem necessidade, por mero prazer.

Da mentira passou à fraude e à desonestidade, enveredando pelos caminhos do roubo, fazendo dêsse feio vício seu meio de vida e contando, como amigos, malfeitores da pior espécie.

Entretanto, algo havia no fundo da alma de Amrud que permanecia limpo e puro e sua consciência o reprovava todos os dias pela má vida que levava e que poderia ter um fim muito triste. Inquieto, perturbado, sentindo remorsos pelo que fazia, foi, um dia, procurar o sábio Dalhi para lhe pedir consêlho, o qual lhe declarou simplesmente:

— Renuncia à mentira, dize sempre a verdade, só a verdade, e verás como tudo irá bem e terás uma existência feliz.

— Mas — interrompeu Amrud — há outras coisas piores que a mentira.

— Isso acreditas tu, — mas fica sabendo que na mentira reside a origem de todos os males e hás de comprovar o que digo se recordares alguns fatos da tua vida. Repito: se queres a paz da tua alma terás que dizer sempre a verdade. Quando comprovares os resultados, convencer-te-ás de que tenho razão.

Despediu-se Amrud do sábio Dalhi, prometendo que, a partir daquele dia, diria sempre a verdade e nem uma mentira siquer mancharia seus lábios.

Naquela mesma noite se dispôs a ir roubar o palácio do Rajá, coisa que havia planejado desde muito antes, sem que os companheiros soubessem. Atraiam-lhe, principalmente, os ricos objetos de arte e as joias riquíssimas.

Quando se dirigia ao palácio, encontrou no caminho um homem que era, precisamente, o Rajá, que se costumava disfarçar para observar melhor o que se passava na cidade.

— Aonde vais? — perguntou a Amrud o desconhecido.

E êste, fiel à promessa que havia feito a Dalhi, e sentindo-se incapaz de mentir, respondeu com firmeza:

— Vou assaltar o palácio do Rajá. E' um plano que trago comigo há muito tempo.

— Pois se quiseres eu te acompanharei — disse o Rajá — saboreando antecipadamente a aventura, uma das mais estranhas que lhe tinham sucedido.

— Com todo gôsto ! — disse Amrud. — O que eu puder furtar, será repartido igualmente entre nós e assim não haverá discussões nem aborrecimentos. Acredito que desta vez ficaremos ricos, pois, segundo afirmam, as joias do Rajá são valiosíssimas.

— Também já ouvi dizer isso... — concordou o Rajá.

Amrud, com a sua prática e experiência, conseguiu fàcilmente entrar no palácio, sem ser visto, e deixou o companheiro vigiando.

O ladrão, uma vez lá dentro, encontrou um cofrezinho com três joias caríssimas e, para evitar discussões ao repartir, resolveu só apanhar duas, deixando a terceira no cofre.

Em seguida saíu e entregou uma das joias ao rajá e ficou com a outra, dizendo que tinha deixado a terceira onde estava.

O soberano anotou em seu livro o endereço de Amrud e, no dia seguinte, chamou seu tesoureiro e lhe disse:

— Disseram-me que a noite passada entrou um ladrão aqui. Vai ver se êle levou as joias que deixei no cofrezinho de sândalo que está sôbre a mesa de marfim do meu quarto.

— Imediatamente irei verificar o que me manda, senhor — disse o tesoureiro, inclinando-se com o maior respeito diante do soberano.

Quando, porém, abriu o cofre alí encontrou uma das joias. — Ótimo ! — exclamou, contente. — Esta, guardarei eu ! Bem tôlo foi o ladrão ao deixá-la. Sem dúvida, enquanto roubava, foi surpreendido. Levarei esta para mim e todos pensarão que êle a levou também...

Apresentou-se, a seguir, diante do Rajá e disse:

— Senhor, tôdas as joias foram roubadas !

O Rajá, que sabia, pelo próprio Amrud, que tinha ficado uma, compreendeu que o tesoureiro o e s t a v a enganando. Mandou, então, revistá-lo e a joia foi encontrada.

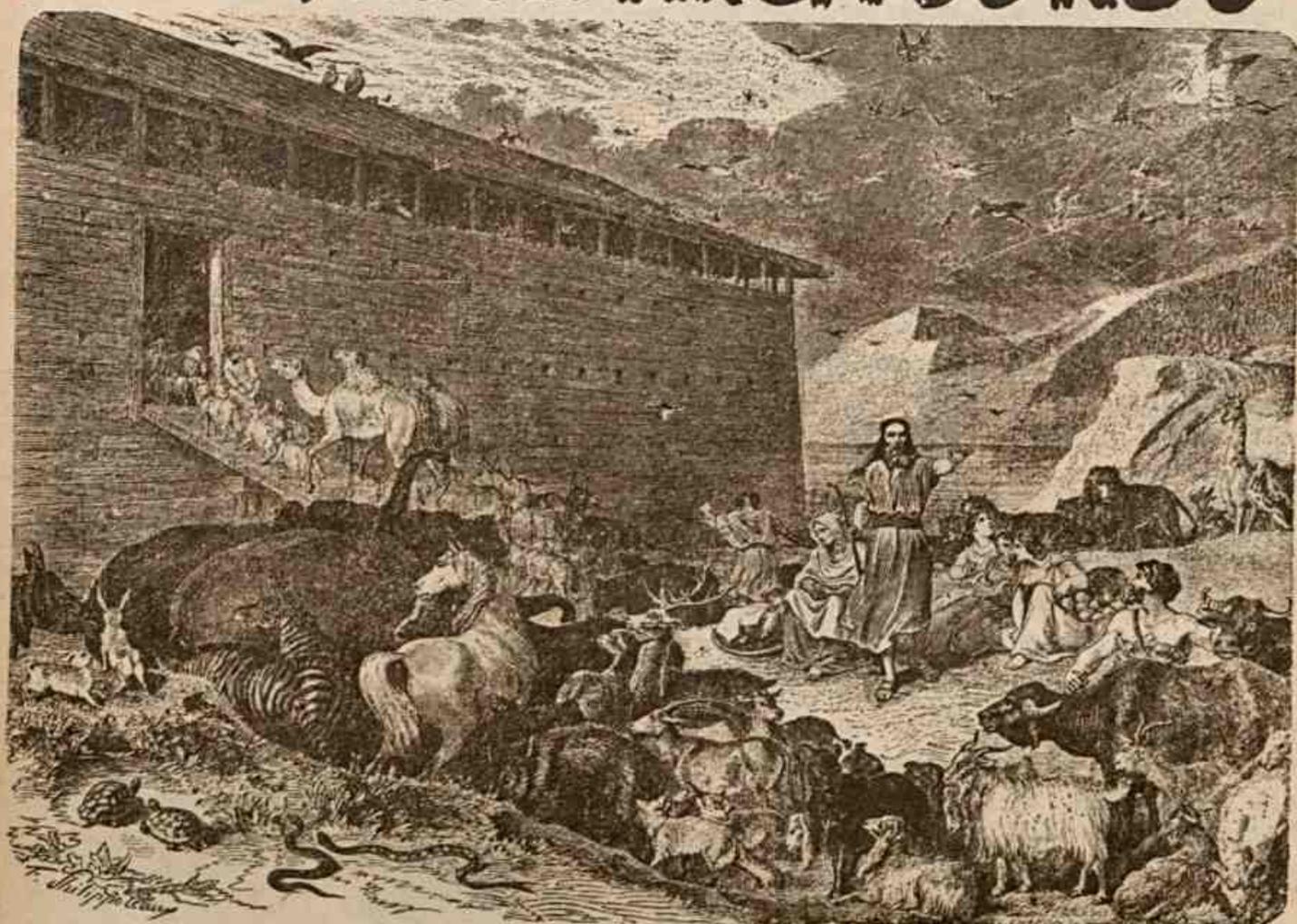
O tesoureiro foi imediatamente destituido e prêso, e o Rajá ordenou que chamassem Amrud e lhe disse.

— Fui eu quem te acompanhou, quando entraste aqui, ôntem, para roubar...

Amrud, ouvindo isto, quase morreu de susto, porém o Rajá continuou: — Não temas. E's um homem que diz a verdade, e por isso pode-se confiar em ti. Estás nomeado, a partir dêste momento, meu tesoureiro, no lugar daquele mentiroso. Aceitas ?

Amrud, é claro, aceitou, contentissimo, e o Rajá jamais se arrependeu daquela nomeação, pois êle foi o mais leal de todos os seus servidores, abandonando completamente os maus costumes de mentir e furtar, e tornando-se um homem honrado e fiel.

Tinha, pois, razão, o sábio, quando lhe dera aquele consêlho: a mentira é a mãe de todos os demais pecados e vícios !

A aventura da ARCA DE NOÉ

Os seres multiplicavam-se na Terra e a maldade propagava-se como doença contagiosa.

Então resolveu Deus destruir tudo que havia na Terra, com vida.

Apenas Noé, homem crente, bondoso e justo, foi contemplado com a graça divina.

Deus chamou-o e disse-lhe:

— Como a Terra está cheia de iniquidades que os homens têm cometido, vou destruir todos os seres, mas como tu és bom, quero salvar-te e aos teus. Faze para ti uma arca de madeira, tôda betumada. Farás nessa arca uma janela e uma porta. Quando estiver pronta, entrarás nela com tua mulher, teus filhos e tuas noras. Meterás dentro da arca um casal de todos os animais, aves e répteis. Transportarás também para a arca comida para servir de sustento a ti, aos teus e a todos os animais. Eu derramarei as águas do Dilúvio sobre a Terra para fazer morrer tôda a carne que tem respiração de vida debaixo do céu.

Durante anos, enquanto os outros homens continuavam procedendo mal, Noé foi construindo a arca, conforme o Senhor lhe ordenara.

Quando concluiu o trabalho, meteu na arca um casal de cada espécie de animais, de aves e de todos os répteis, e então entrou na arca com a mulher, filhos e noras.

Sete dias depois abriram-se as cataratas do céu e o dilúvio caiu sôbre a terra, durante quarenta dias e quarenta noites, matando tudo que tinha respiração de vida na Terra; inundando os campos, subindo sempre, engrossando prodigiosamente, galgando os montes, cobrindo até as mais altas montanhas, levando sempre a boiar a arca que guardava a vida de Noé e das pessoas da sua família, e a vida de todos os animais que lá estavam.

Pararam finalmente as chuchuvas torrenciais, fecharam-se as cataratas do céu e começou a soprar um vento forte, que, agitando as águas, lhes foi diminuindo o volume.

Durante cento e cinqüenta dias a Terra esteve coberta pelas

águas. Passados estes dias, só então começaram a aparecer os píncaros das serras.

Decorreram mais quarenta dias, e, então, Noé, abrindo a janela, soltou um corvo. Como esta ave é carnívora, Noé pensou que, sendo uma ave de rapina, se encontrasse cadáveres não voltaria à arca.

E assim saberia que as águas

tinham diminuído. Noé pensara bem: o corvo não voltou mais.

Então, para confirmação, soltou uma pomba, que, não tendo onde ficar, voltou para a arca. Noé estendeu-lhe a mão, onde ela veio pousar, e recolheu-a.

Passaram-se mais sete dias e de novo Noé soltou a pomba, que só voltou à tarde, trazendo no bico um raminho de oliveira, com folhas verdes.

As águas já não cobriam a Terra! Contudo, Noé esperou ainda mais sete dias e soltou novamente a pomba, que não voltou.

Então Noé abriu o teto da arca e, vendo que a Terra estava enxuta, saiu mais a mulher, os filhos, as noras e todos os animais, aves e répteis.

Depois de edificar um altar, o que ainda levou algum tempo, rendeu graças ao Senhor e retomou a vida que dantes levava.

Os filhos, Sem, Cã e Japhet, com as respectivas mulheres, multiplicaram o gênero humano sôbre a Terra.

O HOTELEIRO ENGANADO

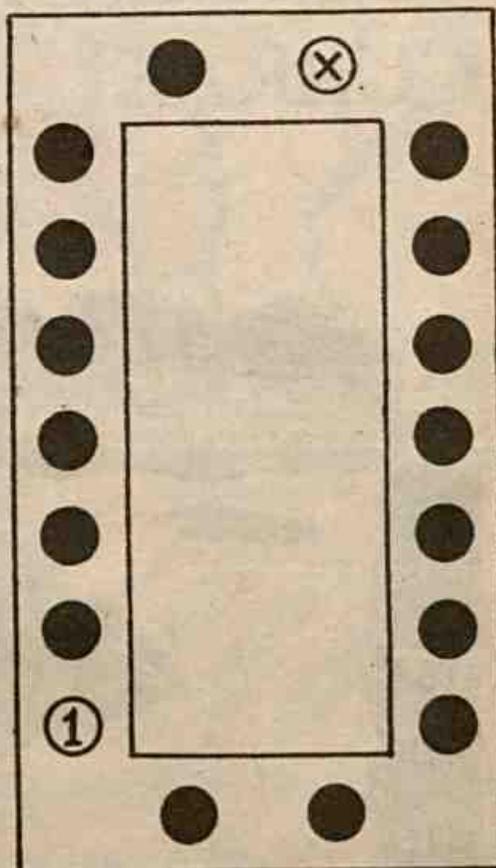
Dezessete estudantes resolveram pregar uma peça ao dono do hotel onde se achavam hospedados.

Encomendaram-lhe um jantar e convidaram-no para nele tomar parte. Quanto ao pagamento das despesas, ficou resolvido que seria feito por aquele que fosse eleito por meio do seguinte jogo: terminado o jantar, contariam um a um os comensais, até chegar a 7; aquele a quem tocasse êsse número se retiraria da mesa, e assim sucessivamente até ficar sòmente um, que seria o "pagante":

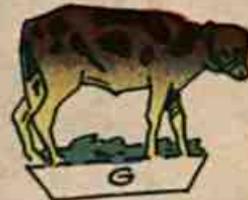
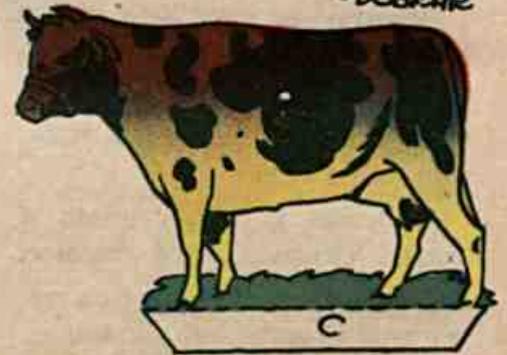
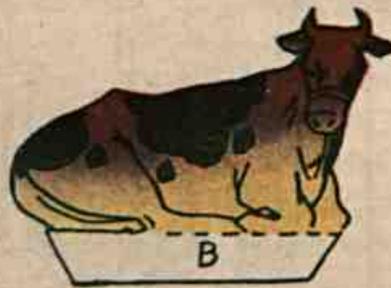
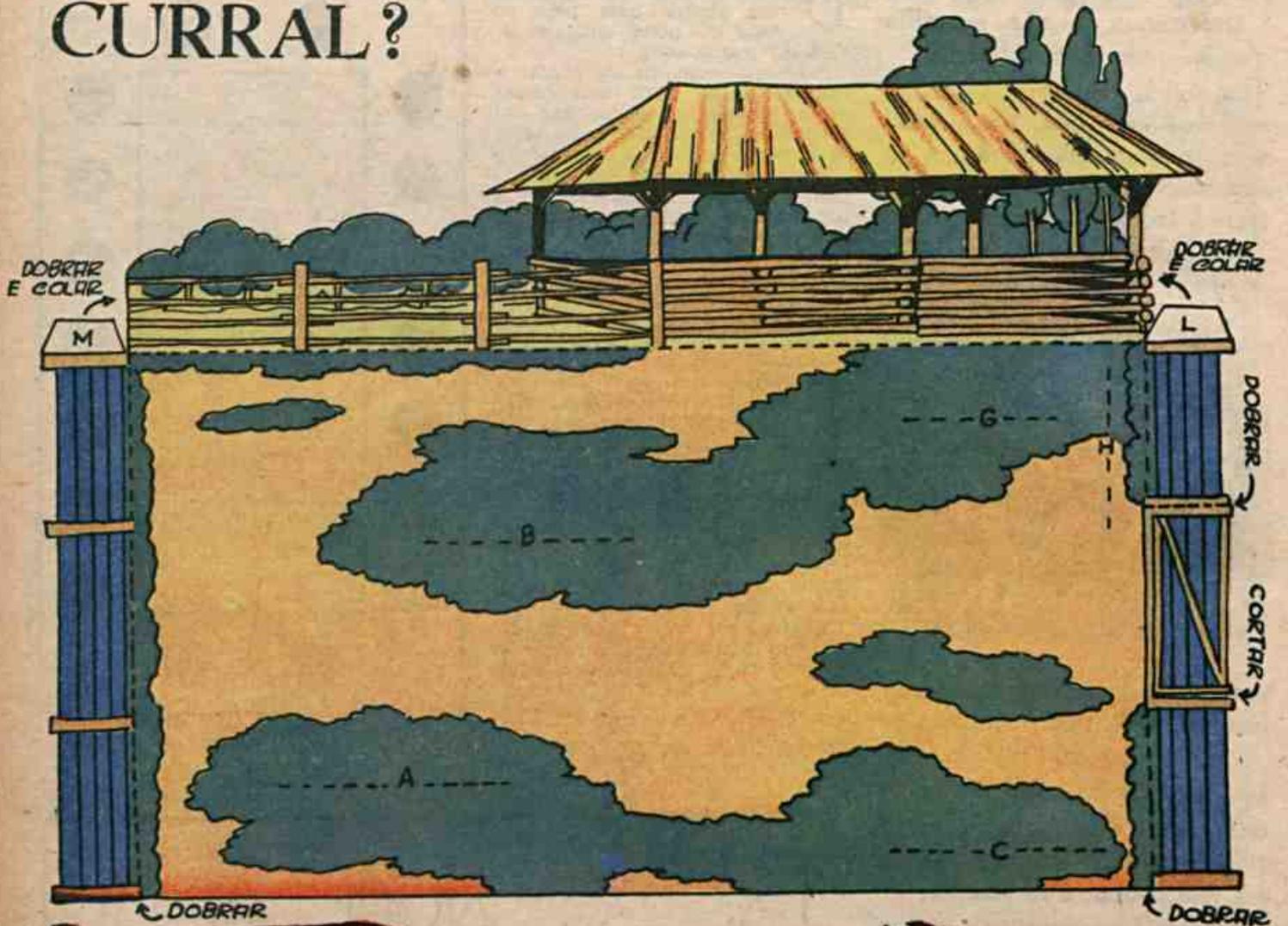
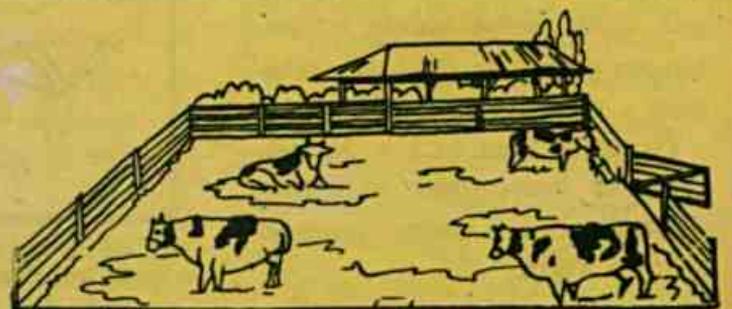
O hoteleiro aceitou sem nenhum receio ou desconfiança e os estudantes tiveram a precaução de começar a contagem pelo conviva que antecedia de oito lugares o hoteleiro, ou seja, pelo número 1 da figura, contando no sentido do movimento dos ponteiros dos relógios (destrógiro).

Assim sendo, os estudantes foram eliminados um a um, para ficar só na mesa o hoteleiro... que teve de arcar com os gastos do jantar, sem poder protestar, pois tudo se fez corretamente.

Querem ver como foi? Experimentem a contagem, começando do número 1, eliminando sempre os que caírem no 7, até o final.

O hoteleiro é o círculo com o *X*.

CAVACOS DO OFÍCIO

— Alô! E' você, Marcelina? Não me espere para jantar, não, que vou ter um serão trabalhoso, hoje . . .

VAMOS ARMAR ÊSTE LINDO CURRAL?

Cole em cartolina esta página. Recorte as figuras. Onde está indicado para dobrar, dobre pelas linhas pontuadas. Cole MeL por trás da cerca. Cada uma das figuras deve ser colada no lugar que lhe corresponde pela letra escrita na aleta. Com isso feito, você terá um lindo curral com as rezes presas.

UM BOM NATAL? CLARO!
O NATAL SERÁ MAIS DO QUE BOM, SERÁ ÓTIMO PARA AS CRIANÇAS QUE GANHAREM O MAIS BONITO, O MAIS DESEJADO, QUE É O
ALMANAQUE DE TiQUiNHO
PREÇO: CR$ 30,00
150 PÁGINAS COLORIDAS E ATRAENTES
S. A. "O MALHO" — R. Senador Dantas, 15-5.º — Rio
ATENDEMOS A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

— *Se é homem, venha cá fóra e repita isso!*

CONFUSÃO

Um vagabundo aproximou-se duma casa rica, e pediu esmola.

— Pode me dar alguma coisa de comer, minha senhora?

— Quer que chame o cachorro?

— Muito obrigado, minha senhora, mas, de cachorro eu não gosto...

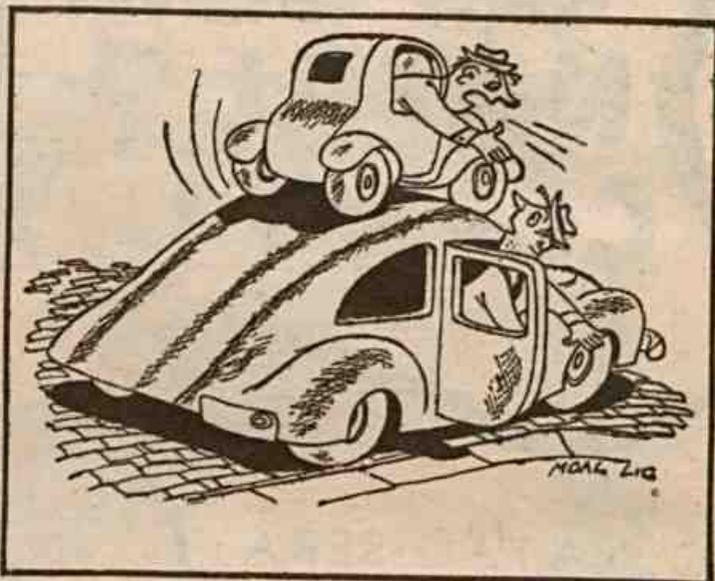
O homem prepara-se para saborear um enorme bife. O amigo pergunta espantado:

— Vais comê-lo sozinho?

— Não. Com batatas, salada e arroz.

Um velhote entra numa farmácia e logo, é atendido por um rapaz.

— Você é muito criança para ocupar este lugar. Tem diploma?

— Não senhor, mas temos um preparado muito melhor!

— *A mania de vocês travarem de repente!!*

RAIZ CÚBICA

À saida da Escola, por brincadeira, gritou um estudante:

— Viva a raiz cúbica!

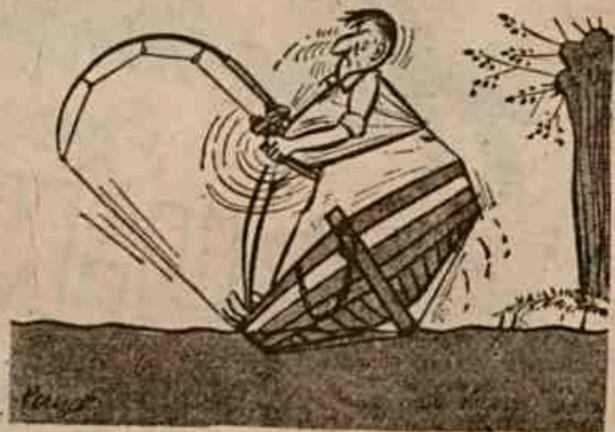
Um policia, que o ouviu, prendeu-o imediatamente e levou-o para a delegacia, onde participou a ocorrência ao respectivo delegado.

— *Capiturei* este *indevido* por soltar um grito *insubversivo*.

— Ora essa! Eu não soltei grito algum subversivo: dei um viva à raiz cúbica, — disse o estudante.

— Desculpe vossa *inselência* a estupidez do guarda: esta gente não sabe nada de *botânica*... — disse o delegado.

E, voltando-se para o guarda, acrescentou:

— Você não sabe, seu bruto, que a raiz cúbica são os *peses* que as *árvres* têm enterrados no chão, para se poderem manter *imprumadas* pro ar?!

PESCADOR AFLITO

QUAL A ORIGEM

...de Hollywood ?

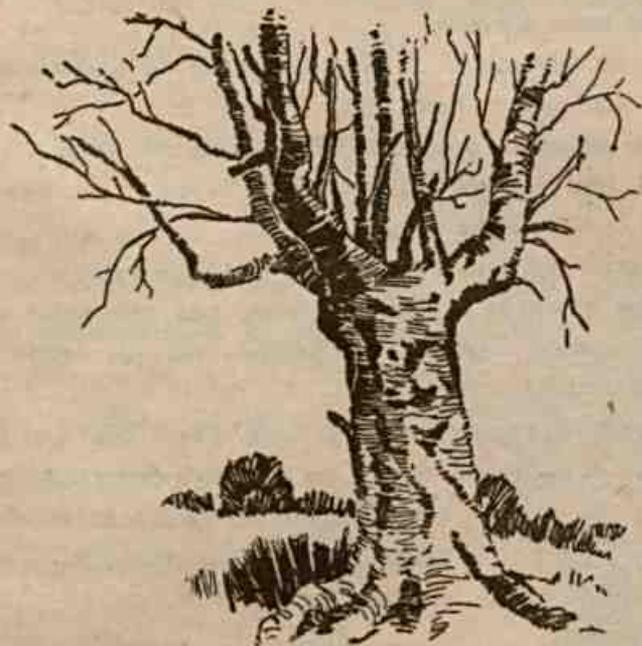
A palavra significa em inglês: bosque de visco. Foi num bosque dêsses que um colono solitário instalou, em 1860, um pequeno rancho (herdade especialmente dedicada à criação de gado).

Em 1810 chegou ao local um operador cinematográfico que se propôs fazer ali um filme. Seduzido pela doçura do clima, pela pureza do ar e limpidez da atmosfera, organizou ali um posto de tomadas de vista. O seu exemplo foi dentro em pouco seguido por outras firmas cinematográficas.

Assim nasceu, nos arredores de Los Angeles, a capital do cinema — a famosa Hollywood.

. . . de "bombordo" e "estibordo" ?

O primeiro dêstes termos é de origem holandeza "backboord", que significa lado esquerdo do navio, visto da popa à proa. "Estibordo" deriva do dinamarquês "stybord", e significa lado direito.

Estas duas palavras foram outrora empregadas pelos capitães para dirigirem as manobras dos marinheiros. A semelhança eufônica da sua terminação provocava ,porém, confusões por vezes arreliadoras. Em consequência disso esses termos foram abandonados para o efeito de comandos, mas conservaram-se para indicar o lado dos navios e a localização dos objetos embarcados.

A ÁRVORE

ARISTEU SEIXAS

ARVORE bela e secular, nascida
Ao deshumano látego do vento,
Fôra do vento ao látego crescida
Para a tortura e para o sofrimento.

Deu paz, deu sombra, deu amor, deu vida,
No destêrro fatal do esquecimento
Aos que lhe foram suplicar guarida
E um lenitivo para o seu tormento.

Mas hoje, descarnadas as raizes,
Folhas ao vento, galhos mutilados,
Geme e soluça pelas cicatrizes...

Arvore ! envelheceste sem pecados,
Boa e piedosa para os infelizes,
Piedosa e boa para os desgraçados !

O Ninho

— NÃO se afastem muito daqui — recomendava uma senhora ao seu filho e sobrinha. — Cuidado. Não se debrucem muito no lago.

— Sim, mamãe.

— Sim, titia.

Era domingo e Lilí tinha ido passar o dia em casa do seu primo Aloísio. Ela gosta muito de ir lá porque há um jardim grande, com flores, árvores frondosas e um bonito lago artificial, onde nadam cisnes brancos.

— Aonde vamos? — perguntou Lilí. — Ver as amendoeiras? Eu já as vi no ano passado. Mostra-me alguma coisa nova.

— Queres, então, ver os pintinhos da galinha preta?

— Não! — respondeu a menina. — Estou farta de ver pintinhos. Perto da casa em que moro há uma senhora que tem muitos pintos. De tôdas as côres.

— Queres, então, ver os gatinhos da Mimi? São tão bonitinhos!...

— Não gosto de gatos — retrucou Lilí. — Sempre arranham a gente, quando ficam zangados. Não, não... Já disse que quero ver alguma coisa diferente.

— Coisa diferente? Já viste um ninho de passarinho por dentro? — indagou o primo.

— Um ninho? — perguntou Lilí. — Com ovinhos dentro? Não! Isto eu nunca vi! Só os vejo lá em cima. Por dentro, nunca! — E decidiu logo:

— Vamos ver, pois, o ninho... Quero saber como é.

— Nas árvores do jardim há diversos, mas nem todos estão ao nosso alcance. Teremos que procurar um que esteja num ramo mais baixo.

E saíram os dois em busca de uma árvore que tivesse ninho. Afinal encontraram uma. Com um pouco de esfôrço êle começou a subir. Lilí tem mais dificuldade, porque não está acostumada a essas coisas.

— Cuidado! — recomenda o menino.

— Não te preocupes. Não cairei.

— Segura-te bem! Já estamos perto. Pronto! Olha! Não é lindo?! — exclamou o menino.

— Como é belo! Gostaria de levá-lo para casa. — disse Lilí.

— Para que?

— Para mostrá-lo à mamãe e guardá-lo depois.

— E os passarinhos ficavam sem a sua casa?

— Que façam outra.

— Oh! Lilí!! Não sabes o trabalho que dá para fazer um ninho destes. Os passarinhos passam dias e dias carregando palhas, fibras, fios de algodão, percorrendo distâncias enormes com tais materiais no bico; carregam também um pouco de barro para unir as palhinhas e vão dando forma ao ninho, e há alguns até que arrancam peninhas do próprio corpo para forrar o ninho, a fim de que fique mais macio e aquecido. Fazem tudo isso para proteger os seus filhinhos.

— E' assim? Dá tanto trabalho?

— Sim, Lilí.

— Eu não sabia...

— Os ninhos, — continuou Aloísio — não devem ser tocados. E muito menos apanhados. Gostarias que alguem levasse a tua casa? E que não tivesses onde dormir nem onde te resguardares do frio e da chuva, de repente? Que fosses procurar tua casa e não a encontrasses mais?

— Não!

— Imagina a tristeza e a dôr desses pobrezinhos quando vêem todo o seu trabalho perdido! Os ninhos duram muito tempo, quando um malvado não o derruba. Há pássaros que levam o seu capricho ao ponto de forrar o ninho com pedaços de sêda, para que fique mais bonito para a sua companheira. Nunca os viste trabalhar, por isto não sabes o esforço que representa construir um ninho. Parece pequeno, quase insignificante e no entanto é uma construção admirável.

— Gostei do que me ensinaste. Nunca imaginei que fosse tão importante um ninho de passarinho. E de agora em diante hei de evitar que alguém destrua um ninho. — E continuou:

— Pobres passarinhos! E pensar que há meninos que se divertem caçando-os com estilingues. Eu, isto, não faria nunca, porque êles não nos fazem mal e, ao contrario, até nos alegram com seus cantos.

— Então, deixemos o ninho onde está e guarda na memoria o que disse um grande escritor:

"Um ninho é um lar cheio de encanto e deve ser respeitado".

HÁ 50 ANOS PASSADOS

O PAPA NÃO DEVIA CONSULTAR RELÓGIO

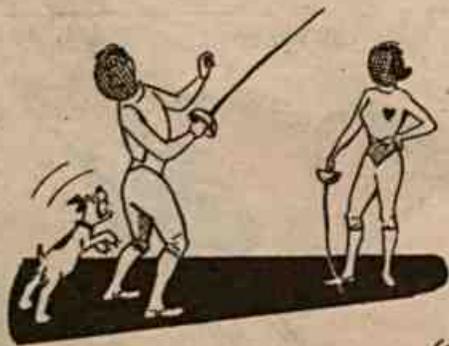
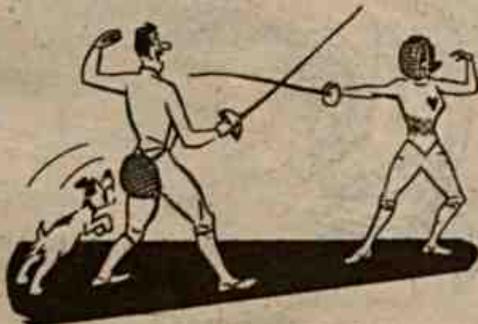
A pontualidade é a polidez dos reis. A verdade dêste provérbio, muitas vezes citado, não seria aceitável se não se soubesse que o conhecimento da hora, tornado hoje em dia tão banal que nos parece a coisa mais natural do mundo, constituiu outróra fato excepcional, uma prerrogativa quase real.

Na antiguidade os soberanos — cuja existência era regulamentada por minuciosa etiqueta — tinham a seu serviço funcionários cuja única ocupação consistia em controlar a marcha do sol por meio de observações constantes.

O hábito se perpetuou mesmo depois da invenção dos aparêlhos de relojoaria e póde-se dizer que subsistiu ainda, pelo menos, em Roma, no comêço do século XX.

Convém notar que nêsses recuados tempos os relógios existentes não podiam ser deslocados dos seus lugares. Eram presos às paredes ou colocados em caixas especiais extremamente pesadas.

Até o ano de 1903 a etiqueta observada no Vaticano interditava ao Papa o direito de consultar um relógio, ou pêndulo. O Papa Leão XIII, quando queria saber a hora, devia perguntar a um camareiro especial. Coube a Pio X — agora santificado — decidir que não havia inconveniente e nenhuma incompatibilidade entre o estado de Sumo Pontífice e o porte de um relógio.

Hoje, o uso do relógio está generalizado e o reis, que são tão poucos, carregam os seus nos pulsos, como qualquer mortal.

O ESPERANTO

O Dr. Zamenhof, o inventor do Esperanto, pretendeu aniquilar a velha lenda de Babel, pela qual Deus, irado de tanto orgulho humano, teria feito com que os homens não se entendessem tão fàcilmente entre si.

Com a energia dum verdadeiro apóstolo ,Zamenhof pôs mãos à obra e criou verdadeiros prosélitos da sua ideia, realmente magnifica. O número de sociedades esperantistas é já considerável e os adeptos do esperanto, disseminados pelo mundo, vão fazendo a sua propaganda, a ponto de já haver transações comerciais tratadas nessa língua do futuro. Não é só na Europa que êsse movimento se produz. No Japão há já adeptos do ídioma universal. Há árabes esperantistas e em Madagáscar há tribos que falam o Esperanto. Têm-se realizado vários congressos, todos tendentes a procurar os meios mais rápidos de propagar a linguagem e também para todos a pronunciarem da mesma maneira.

PERGUNTAS ENIGMÁTICAS

P. — Onde se pode ver qualquer pessoa sem ela lá estar nem poder estar nunca ?

R. — Num espelho.

P. — Qual é a coisa que mais se parece com metade da lua ?

R. — A outra metade.

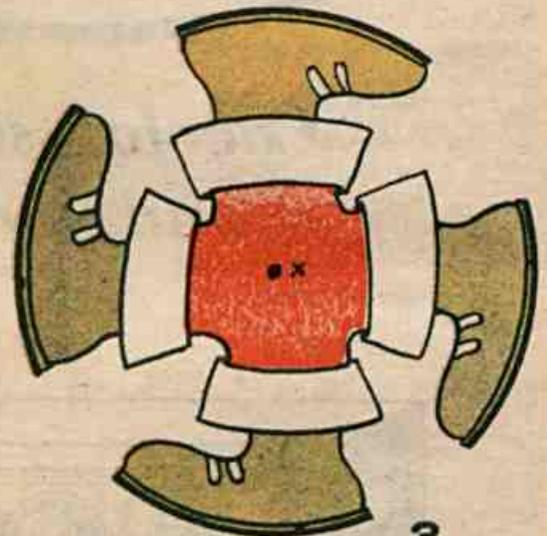
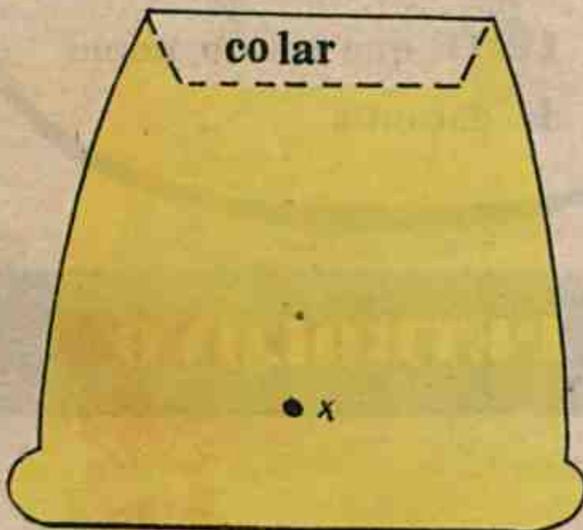
ÓLEO DE OVO

Marca Registrada

Cabelos sedosos e ondulados

Exija o legítimo de CARLOS BARBOSA LEITE que traz o nome de garantia

PETROLOVO

Papai Noel *passeador*

COLADAS as peças 1, 2 e 3 em papelão, furam-se com uma agulha os pontos marcados com um X.

Cola-se 2 por trás de 1, de modo que os dois furos coincidam.

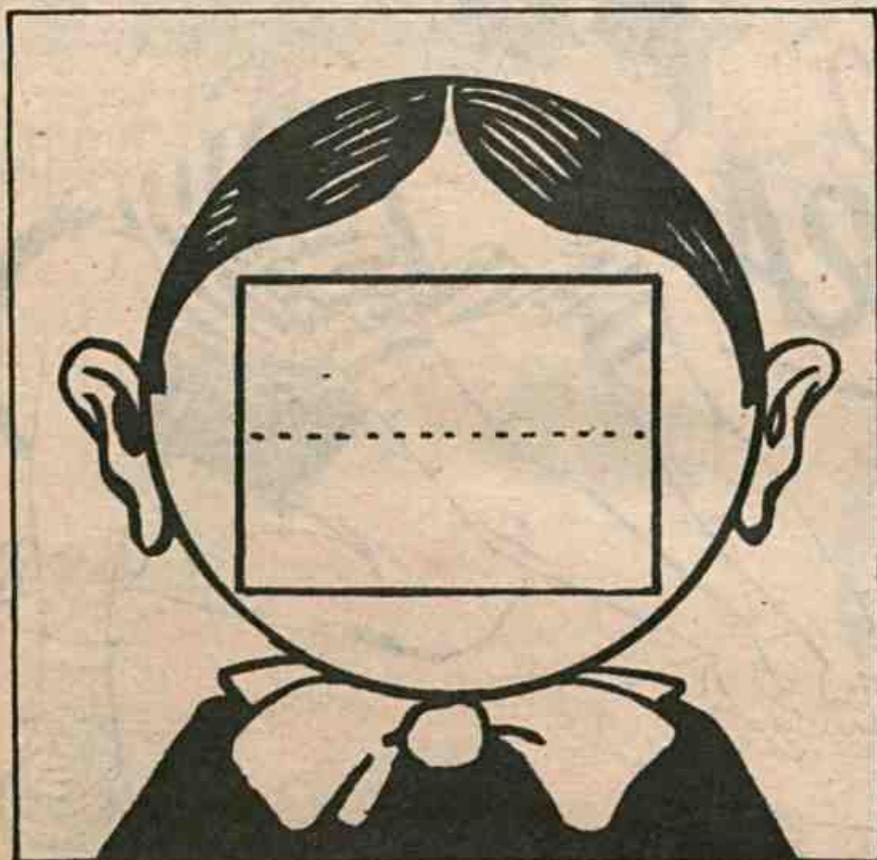
Cola-se apenas a zona em branco, onde está escrito **colar**. Enfia-se a peça 3 entre as duas, coincidindo os 3 furos, pelos quais se passa um barbante, dando nós de um lado e outro. Depois, fazendo 3 girar, na mesa, Papai Noel caminhará.

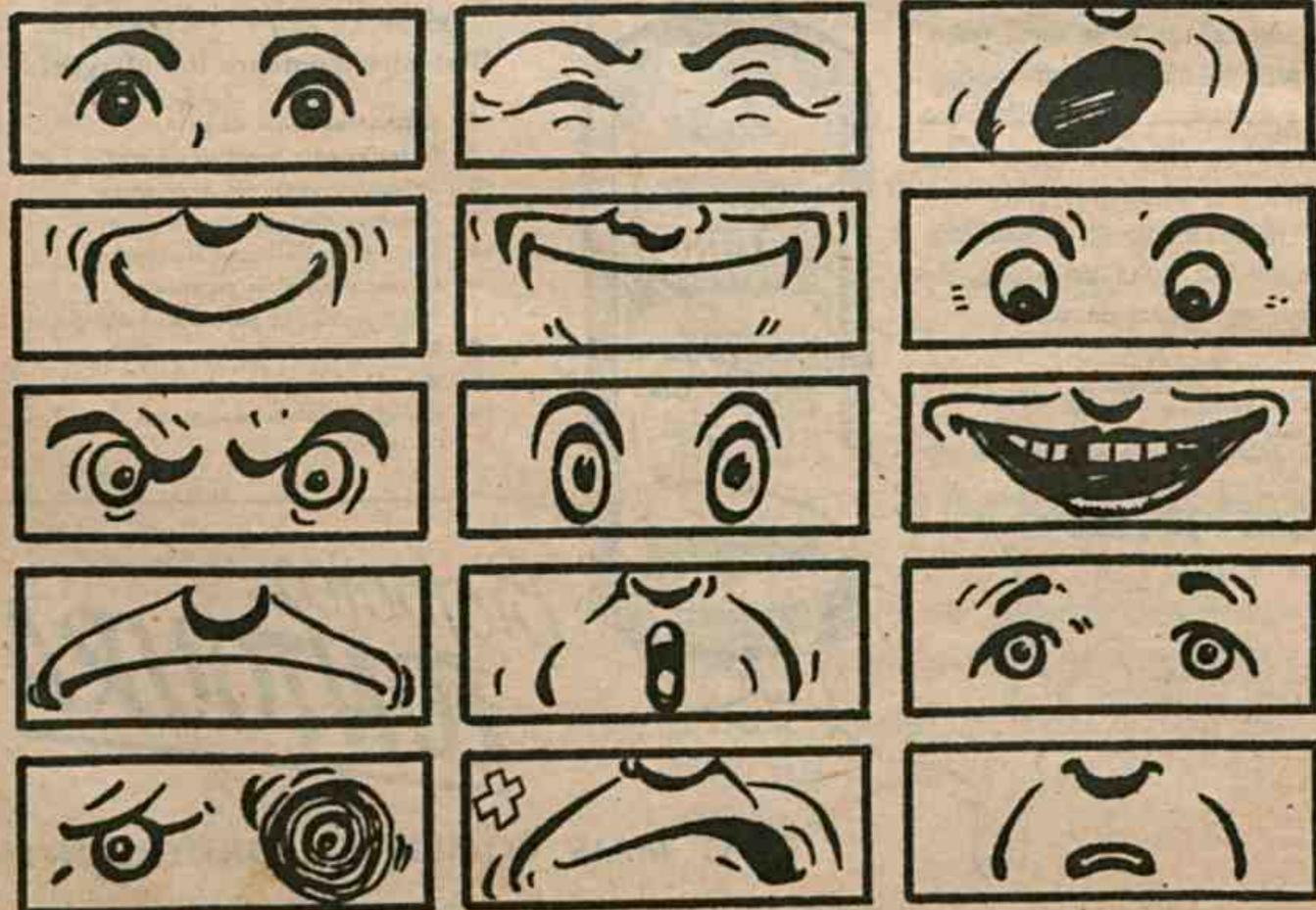
colar

2

x

MILHÕES DE CONVALESCENTES E ANÊMICOS...
têm sido beneficiados pelo
Biotonico FONTOURA
Qual a sua idade? Qual o sexo? Não importa! Se V. se sente fraco, abatido, sem apetite, sem energia, sem entusiasmo, use o Biotonico Fontoura, que já restaurou as fôrças a milhões de brasileiros. Recomendado pelos médicos, o Biotonico Fontoura é a volta da saúde, da energia, da alegria de viver!
Prefira o tamanho gigante, onde cada dose custa menos, e que vem acompanhado do folheto "Jéca-Tatuzinho" de Monteiro Lobato. Peça-o ainda hoje, à sua farmácia... porta aberta para a saúde do povo!
BIOTONICO FONTOURA
Êstes são os 10 pontos vitais que Biotonico Fontoura lhe oferece...
1. Sensivel aumento de pêso
2. Levantamento geral das fôrças
3. Desaparecimento do nervosismo
4. Aumento dos glóbulos sanguíneos
5. Eliminação da depressão nervosa
6. Fortalecimento do organismo
7. Maior resistência para o trabalho físico
8. Melhor disposição para o trabalho mental
9. Agradável sensação de bem-estar
10. Rápido restabelecimento nas convalescenças
Biotonico FONTOURA
— O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE.

CARAS, CARINHAS, CARETAS...

RECORTE os pequenos quadrinhos com bôcas e olhos. E faça, com êles, depois de colados em cartão, combinações variadas, colocando-os nos espaços, da figura maior.

Você vai rir tanto, tanto!!

A ALAVANCA DE ARQUIMEDES

UM dia, durante o cêrco de Siracusa, Arquimedes, famoso cientista, a certa pergunta do rei Híeron respondeu convictamente:

— Não é só possível remover as galeras do adversário, como tenho a certeza de até se remover a própria Terra.

— Não percebo... — replicou o soberano.

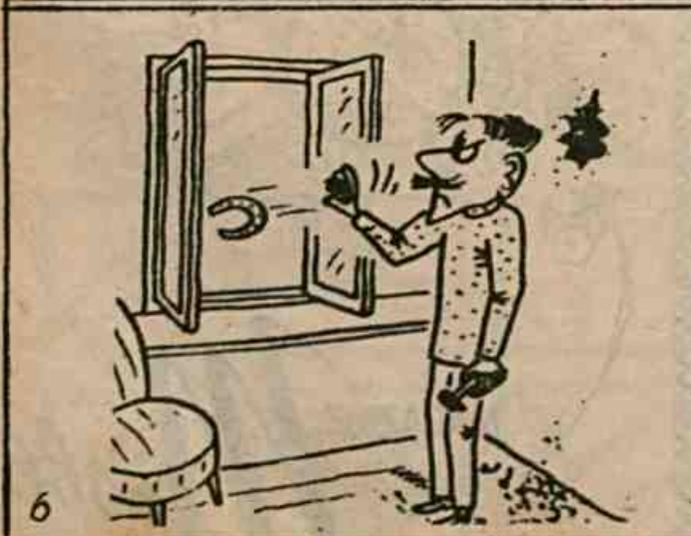
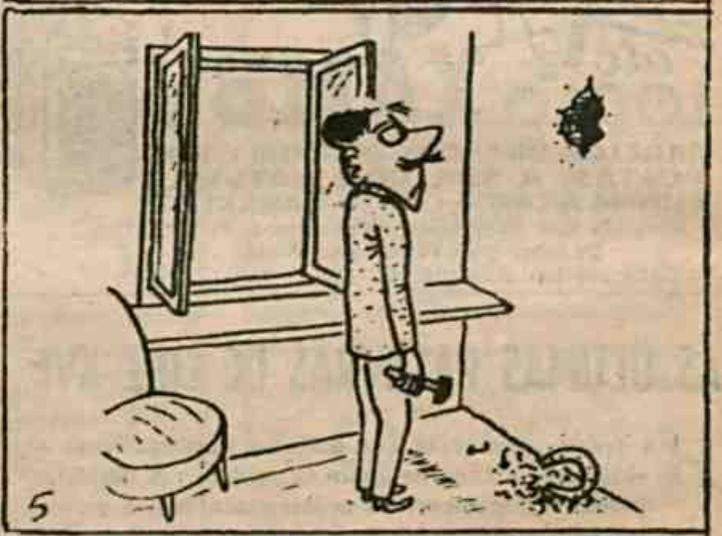
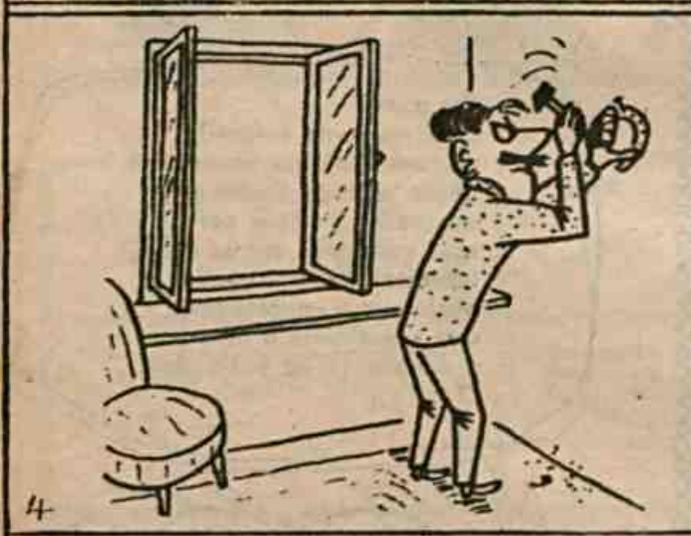
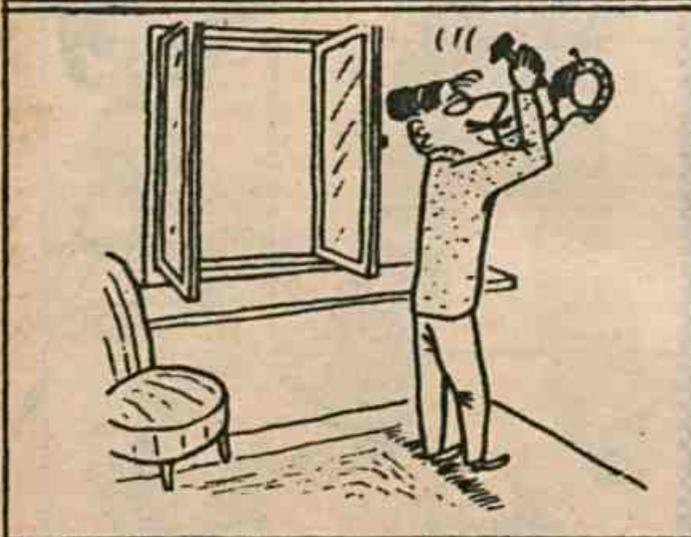
— Reparai bem: se houvesse um lugar, fora do nosso Mundo, onde eu pudesse pousar os pés, conseguiria desviar a Terra do seu curso...

E Hieron, extasiado, ouviu o sábio explicar a teoria que construíra sôbre as alavancas e roldanas, teoria que, posta em prática, permitiria mover pesos enormes com mínimo esfôrço. E, para convencer o Rei, construiu uma roldana múltipla, com a qual as mãos frágeis do poderoso monarca ergueram, mantendo-o depois suspenso no ar, um grande navio siracusano. A Hieron, para obter este milagre, bastou-lhe apenas puxar uma simples corda...

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE LUIZ XVI

HA frases e palavras que definem imediatamente o carácter e a alma de quem as profere. A História, grande "pregoeira" dos acontecimentos e a verdadeira escola da vida, regista-as sempre, para que elas sirvam de lição.

Luiz XVI, Rei de França, apesar de defendido na Convenção por Tronchet, Malesherbes e Deséze, foi, no dia 17 de Janeiro de 1793, condenado à morte "como réu de conspiração contra a liberdade nacional e de atentado contra a segurança geral". Já na guilhotina (21-1-1793), o infeliz monarca quís falar ao povo, mas os tambores abafaram-lhe a voz. As pessoas que estavam próximas ouviram as suas derradeiras palavras: "Estou inocente dos crimes de que me acusam, e peço a Deus que o meu sangue não caia sôbre a França".

E ENTÃO? FERRADURA DÁ SORTE?

• •

PEDRO I — O proclamador da independência do Brasil foi mandado para cá, pelo govêrno português, aos nove anos de idade, com o título de condestável, pouco antes da invasão de Junot e a consequente fuga da família real. Tinha vinte e quatro anos incompletos, quando do "grito do Ipiranga", pois nascera a 12 de outubro de 1798. Era o segundo filho varão de D. João VI e D. Carlota Joaquina. Como D. Pedro IV, foi vigésimo oitavo rei de Portugal, a partir de 1826, quando herdou a corôa, abdicando em favor de sua filha Maria da Glória. Renunciou, assim, a duas corôas.

•

• •

IPIRANGA — o nome do famoso ribeirão, à cuja margem foi proclamada a independência do Brasil, significa, em língua tupi, "água vermelha". Fica êle hoje dentro da própria cidade de São Paulo, no bairro dêsse mesmo nome, ao qual se vai até de bonde. É um pequenino afluente do Tietê.

*

O antigo povo egípcio já tomava cerveja de cevada.

*

Afirmam que a batata é menos nutritiva que a banana.

*

A maior ilha fluvial do Brasil é a do Bananal, no rio Araguaia.

*

Liszt morreu dizendo: "Adeus, meu piano adorado"!

*

Foi o visconde de Mauá o introdutor da iluminação a gás no Brasil.

*

Heliópolis era a cidade egípcia onde se cultuava o deus Sol.

*

Foi Olavo Bilac quem escreveu os versos do Hino à Bandeira.

*

O primeiro nome do filosofo Montaigne era Michel.

*

A esposa de Ulisses chamava-se Penélope.

*

O estreito de Gibraltar tem a largura de 14 quilômetros.

*

No Mar Negro há poucos peixes em virtude da carência de oxigenio.

*

Desde 1898 o palacio do Itamarati é sede da chancelaria brasileira.

*

O nome que se dá aos fazendeiros holandêses que colonizaram a África do Sul é "boers".

*

Niterói já teve o nome de Vila Real da Praia Grande.

*

O imposto de consumo foi instituído no govêrno de Campos Sales.

*

Afirmam os cientistas que ainda hoje se ignora o que regula a pulsação do coração.

O DOMINÓ DO CARNAVAL

Na Idade-Média e durante os séculos XV e XVI os frades usavam, quando em viagem, um gabão preto, largo, com um capuz. Era êste também o vestuário dos padres, quando fazia frio. O referido gabão chamava-se, em latim, "domino", embora não se saiba por que. Dizem alguns que isso deve ter relação com alguma frase, como a de "benedicamus Domino", que há na liturgia, ou simplesmente o "dominus (senhor")", porque o gabão era usado pelos padres por cima da sobrepeliz branca, quando saiam à rua para levar o Viático.

Usavam também êsse vestuário as pessoas que queriam viajar protegidas pelo seu aspecto de eclesiásticos. Por isso, talvez, começaram a usá-lo como disfarce algumas pessoas nas aventuras do Carnaval. Mudou o pano, porém o nome ficou o mesmo. Diz-se que o seu uso começou em Veneza. Depois, principiou a ser usado em França, e tornou-se muito popular, nos bailes de máscaras, durante a Regência.

ASSIM PENSAVA:

O MARQUÊS DE MARICÁ

Queixamo-nos da fortuna para desculpar a nossa preguiça.

•

A ignorância, exagerando a nossa pouca ciência, promove a nossa grande vaidade.

•

A ignorância e a preguiça a ninguem enriquecem.

•

As virtudes se harmonizam, os vicios discordam entre si.

•

Quem muito nos festeja alguma coisa de nós deseja.

O ESPIRRO

Històricamente, o espirro deve ter aparecido no Paraíso, com Adão e Eva, e, depois, continuou pelo tempo fora até a época atual, e o Futuro abrir-lhe-á tôdas as suas portas e janelas. O espirro do homem das cavernas seria, sem dúvida, muito parecido com o trovão, enquanto o espirro moderno tem menos ruído, porque se afidalgou como a própria brandura dos últimos séculos.

Hoje é fácil classificar os espirros, que se reduzem, conforme as circuntâncias, a três categorias: o "espirro violento", tão estrondoso que irrita quem o escuta; o "espirro moderado", que, à semelhança das coisas banais, passa quase despercebido; e o "espirro manso", que possui comedimento e delicadeza a ponto de provocar, por vezes, o riso galhofeiro. O povo, ironista adorável, que sabe filosofar e gracejar quando é preciso, se ouve alguém espirrar logo exclama uma palavra ou frase de saudação alegre e animadora: — Viva!; Deus o ajude; Sinal de bom tempo!"

Ao espirro infantil pertence outra simpática saudação: "Deus te crie para bem!"

Que é o espirro? Que dizem os médicos?

Os médicos ensinam que esta expiração ruidosa de ar é um ato involuntário e espasmódico, que tem a sua origem na mucosa nasal. Trata-se duma irritação desta mucosa pela presença de qualquer corpo estranho. O espirro, se livra as fossas nasais de agentes nocivos, também prejudica a saúde quando produz hemorragias nasais ou a formação de hérnias. Mais duma vez tem causado o rompimento de aneurismas. Se estala súbito, espalha um batalhão de salpicos de saliva, que podem transmitir, através dos micróbios, doenças graves.

BRASILEIROS ILUSTRES:

José Bonifácio de Andrada e Silva

Nasceu em Santos. Feitos os primeiros estudos na sua terra natal, dedicou-se em São Paulo à retórica e à filosofia.

Na Universidade de Coimbra, onde se formou em direito e em ciências naturais, adquiriu tanta fama, que o Duque de Lafões o fez logo entrar para a Academia Geral das Ciências em Lisboa.

Sob a proposta desta sábia associação foi em 1791 escolhido para viajar pela Europa como naturalista e metalurgista. Em 1819 regressa ao Brasil.

Recolheu-se então ao seu sítio chamado dos "Outerinhos", onde se ocupou em coordenar os seus manuscritos. Em 1830 foi Vice-presidente da Junta governativa de São Paulo; ministro de Pedro I a 16 de Janeiro de 1822; deportado para a França em Novembro de 1823. Em 1829 volta, perde na viagem a sua consorte, retira-se para a ilha de Paquetá; tutor da família imperial em 1831; deputado à câmara temporária; demitido, preso em Paquetá, faleceu depois no bairro de S. Domingos em Niterói. Em 1872 inauguraram a sua estátua no Rio de Janeiro. Também em São Paulo lhe ergueram uma estátua.

O construtor do Labirinto de Creta foi Dédalo.

*

Algumas alcunhas notáveis: Cervantes, o manco de Lapanto; Shakespeare, o cisne de Avon; Napoleão, o grande corso; Edison, o mago de Menlo Park; Atila, o flagelo de Deus; Joana D'Arc, a donzela de Orleans; Soror Joana Inês de la Cruz, a décima musa; Castro Alves, o condoreiro; Cruz e Souza, o cisne negro do simbolismo, e Floriano Peixoto, o marechal de Ferro.

*

Enrico Caruso, o famoso tenor italiano, cujo repertório se compunha de 50 óperas, faleceu em 1921.

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

PREÇO Cr$ 30,00

(48.º ano de publicação)

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DA S. A. "O MALHO"

Diretor

Antonio A. de Souza e Silva

Rua Senador Dantas, 15

5.º andar

Tel. 22-9675

RIO DE JANEIRO

OS ÊRROS DO DESENHISTA

(Solução da página 49)

1 — falta uma dobradiça na porta da esquerda; 2 — há uma dobradiça em local errado da outra porta; 3 — há uma vidraça em baixo outra em cima; 4 — falta um degrau na escada; 5 — o cão é maior que a porta da sua casinhola; 6 — um lado da escada é maior que o outro; 7 — as argolas para um dos cadeados não "casam".

VOCÊ É ESPERTO?

(Solução da página 49)

— Terá as duas que tirou, naturalmente.

— Não adianta mais correr. Já terá perdido o trem no primeiro quilômetro.

— No fim de 59 minutos. Se a cesta estava cheia no fim de 1 hora é porque estava meio cheia no fim de 59 minutos.

— Com nove.

— Nunca. O navio e a escada tambem subirão com a maré.

DE QUE TERRAS ELES SÃO?

(Solução da página 71)

1 — Escossês; 2 — Tirolês; 3 — Norte Americano; 4 Japonêsa; 5 — Chinês; 6 — Cossaco russo; 7 — Toureiro espanhol; 8 — Dansarina hindu; 9 — Libanês (béduino).

O PROBLEMA DAS MEIAS

(Solução da página 49)

Três. A segunda mesa talvez combine com a primeira, e a terceira certamente será de mesma côr que a primeira ou a segunda.

O PREGUIÇOSO

(Conclusão da página 32)

— Pobre rapaz! — disse-lhe Samuel. — Você chegou demasiado tarde!

Como única resposta, Henrique inclinou a cabeça.

A experiencia ensinou Henrique a viver. Agora compreendia o valor da exatidão, e para demonstrar aos pais que se corrigia, empregou-se em uma Companhia de Estrada de ferro, tornando-se mais tarde chefe de seção. E costumava dizer:

— Um atraso de poucos minutos basta para que se choquem dois trens ou para que perca a vida uma pessoa. Nunca digam: — "Tem tempo..."

O PICA-PAU

(Conclusão da página 87)

De cada galho, de cada buraco, de todos os lados, voando, correndo, aflitos, pressurosos vinham chegando bichos atraz da carroça, onde às bicadas em toque-toque do pica-pau dava uma furada, saia, o repuxo que, escorrendo fazia filetes dagua que representavam alegria e vida. Parecia ter havido uma combinação prévia, pois num relâmpago apareceram carregadores de copos, canecas, chaleiras, baldes, boiões, moringas, vasilhames, para carregarem o produto da astúcia do pica-pau. Esqueciam as censuras e ingratidões para só se aproveitarem do trabalho alheio...

E todos corriam, pulavam, voavam na ânsia de apanhar água. E enchiam caçambas e panelas. E o pica-pau furando a pipa.

Era o auxílio e a redenção. A água daria para uma temporada enquanto as chuvas não chegassem.

E refeitos do susto da mudança, todos já abastecidos, com as caixas cheias, foram para as janelas e portas esperar o susto que levaria o velho Tibério quando chegasse ao sitio e não encontrasse água na pipa...

Estavam de barriga cheia de tanta água que tinham bebido e riam e falavam alto, mas ninguém se lembrou de agradecer ao pica-pau, que fôra o único que, repudiado pelo barulho, tinha, com o bico fino e forte, salvo a bicharada!...

E ignoravam também que o velho Tibério bem que sabia da coisa, e deixara "o barco correr", com pena deles, por camaradagem...

QUANTAS PESSOAS VOCÊ VÊ?

(Solução da página 29)

Visiveis, 5 — Parcialmente visiveis, 12 — Indicadas, 7. Total: 24 pessoas.

COLEÇÃO "SETH"

PARA CRIANÇAS E JOVENS

LIVROS E ALBUNS QUE ENSINAM POR MEIO DO DESENHO

NOSSO MUNDO

Um lindo volume de 46 páginas, com ensinamentos sôbre Geografia elementar. Sétima edição. Noções seguras de Cosmografia, Geografia humana, produções, divisão política da Terra. Várias páginas sôbre o Brasil. PREÇO CR $10,00.

MEU BRASIL

Album fartamente ilustrado focalizando homens e fatos de nossa Pátria. Resumo dos principais eventos históricos, do Descobrimento até os dias atuais. 9a. Edição. PREÇO CR$12,00.

PRIMEIRAS LETRAS

Cartilha para principiante, com 300 desenhos, método altamente prático e elucidativo para ensinar a lêr. 19a. edição. PREÇO CR$10,00.

JOÃO E MARIA

Primeiro livro de leitura gradativa, cheio de interêsse para a criança. Fartamente ilustrado, com sólida encadernação. PREÇO CR$6,00.

PRIMEIROS TRAÇOS

Ensino racional e prático do desenho, com orientação no texto. Otimo auxiliar para as escolas profissionais. Desenho decorativo e ornamental. 14a. edição. PREÇO CR$6,00.

PRIMEIRAS REGRAS DO DESENHO

Um conjunto de conselhos práticos, sôbre a arte de desenhar, aos iniciantes do curso secundário e aos jovens com pendor especial para arte. 2a. edição. Farto texto explicativo e numerosos exemplos práticos. PREÇO CR$ 8,00.

FIGURAS GEOMÉTRICAS

Noções elementares de Geometria prática, com resolução dos problemas gráficos mais importantes : divisão de linhas, da circunferencia, traçado de curvas, etc. 4a. edição. PREÇO CR$ 6,00.

PRIMEIROS CÁLCULOS

Rudimentos de Aritmética ministrados por meio de figuras, com as Taboadas das quatro operações fundamentais. 8a. edição. PREÇO CR$ 5,00.

DISTRIBUIDORES

S. A. "O MALHO"

RUA SENADOR DANTAS, 15 — 5.º andar — RIO

ATENDEMOS A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

A S crianças gostam e os adultos preferem o Sabonete Dorly, que é o melhor pelo preço e pela excelência de sua qualidade !

SABONETE DORLY

Preço por preço é o melhor!

ÊSTE É O PRESENTE PREDILETO!
O "ANUÁRIO DAS SENHORAS", que continua a ser o mais completo tesouro de utilidades para o lar, é o presente que mais agrada e satisfaz.
A mamãe ficará radiante, porque é êste o presente mais útil e bonito que poderá receber como prova de carinho!
A VENDA EM TODO O BRASIL
PREÇO DO EXEMPLAR 30 CRUZEIROS
ANUÁRIO das SENHORAS
S. A. "O MALHO" — R. Senador Dantas, 15-5.º — Rio
ATENDEMOS A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

A MELHOR ESCÔLHA!
AVEN
CH
UMA COLEÇÃO DE LIVROS DA BIBLIOTECA INFANTIL d' "O TICO-TICO"
CADA ESTOJO CONTÉM ÊSTES 8 VOLUMES:
O BICHO DO CIRCO — Josué Montello
A MULETA DE OURO — Leonor Posada
RECO-RECO, BOLÃO E AZEITONA — Luiz Sá
MINHA BABÁ — J. Carlos
AVENTURAS DE CHIQUINHO — Paulo Afonso
PINGA-FOGO, O DETETIVE ERRADO — Luiz Sá
O CIRCO DOS ANIMAIS — Gaspar Coelho
NO PAÍS DA FANTASIA — Carlos Manhães.
ESTOJO COM OS OITO VOLUMES, CR$ 45,00.
VOLUME AVULSO CR$ 5,00
PEDIDOS A S.A. "O MALHO" — Senador Dantas, 15-5.º andar — Rio.
ATENDEMOS A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL.

Gráfica Pimenta de Mello S. A. — RIO.